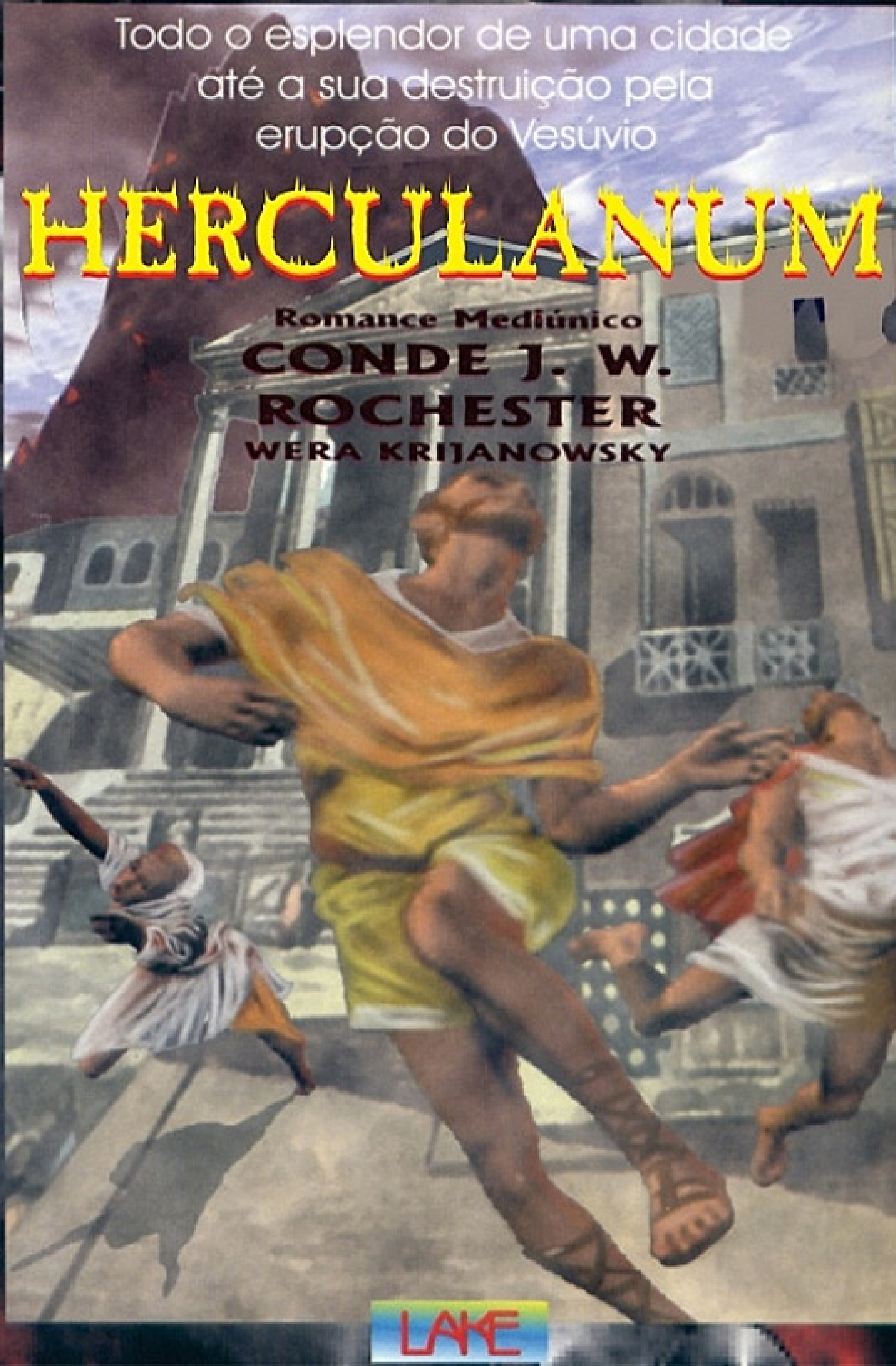

Todo o esplendor de uma cidade
até a sua destruição pela
erupção do Vesúvio
HERCULANUM
Romance Mediúnico
CONDE J. W.
ROCHESTER
WERA KRIJANOWSKY
LAKE

HERCULÂNUM

HERCULÂNUM

(Época Romana)

ROMANCE MEDIÚNICO

DITADO PELO ESPÍRITO
CONDE J. ROCHESTER

Obtido pela Srª. W. KRIJANOWSKY
(Médium mecânica)

DEFERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
DEPARTAMENTO EDITORIAL
Rua Souza Valente, 17 — CEP – 20941
e Avenida Passos, 30 — CEP – 20051
Rio, RJ — Brasil

7ª edição

Do 41º ao 52º milheiro

Tradução de
M. QUINTÃO

Capa de CECCONI

NRBN

431-AA; 000.21-O; 12/1982

Reprodução fotomecânica e impressão offset das
Oficinas do Departamento Gráfico da FEB
Rua Souza Valente, 17
20941 — Rio, RJ — Brasil
C.G.C. nº 33.644.857/0002-84 *I.E. nº 81.600.503*

Impresso no Brasil
PRESITA EN BRAZILO

PRIMEIRA PARTE

I

A visita

Era uma radiosa manhã primaveril, do ano da graça de 79 (832 de Roma).

O Sol, já comburente, punha coalhos de luz nas ruas movimentadas da pequena e risonha cidade de Herculânum, encravada, qual pérola entre esmeraldas, no meio de jardins e pomares espessos, a perder de vista, até as faldas do Vesúvio.

Certo, o mundo elegante da cidade de Hércules ainda dormia àquela hora; mas, sem embargo, notava-se em todas as ruas um certo movimento.

Aqui, mercadores de frutas, de louças, de flores, atroavam os ares com os seus pregões; ali, campônios regressavam procurando as portas da cidade, com os cestos já vazios; além, magistrados, funcionários, escravos, cruzavam em todas as direções.

Através dessa multidão azafamada, distinguia-se, balouçante aos ombros de oito capadocianos, uma liteira riquíssima, de lindas incrustações.

As cortinas suspensas deixavam entrever no interior, reclinada em custosas almofadas, uma formosa mulher dos seus vinte e tantos anos. Bela, realmente, de beleza pouco comum: o rosto oval de cútis mate tinha a emoldurá-lo basta cabeleira de ébano, e a vivificá-lo um par de olhos grandes, calmos e ao mesmo tempo severos.

Entretanto, a comissura dos lábios, o nariz fino e reto, de narinas móveis, traíam na aparência tranqüila a concomitância de paixões ardentes, tanto quanto desmedido orgulho.

Simplesmente trajada de branco, da cabeça lhe pendia o longo véu característico das patrícias romanas.

Ao dobrar uma rua menos movimentada, a liteira parou defronte de uma casa de melhor porte.

Na soleira da porta entreaberta, lia-se gravada esta legenda hospitaleira: *Salve!*

Um velhote de cabelos grisalhos, cujas vestes indiciavam o serviçal de confiança, discutia com algumas floristas que lhe exibiam cestas bizarras e policromas.

Ao perceber a recém-vinda, precipitou-se para a liteira, exclamando em atitude reverente:

— Benvinda sejas, nobre Metela, e que a bênção dos deuses te consagre todos os passos.

— Bom dia Scopeliânus — replicou por sua vez a jovem patrícia com benevolência. — Dize-me: a patroa já está de pé?

— O patrão saiu, mas a nobre Virgília deve estar no vestiário, pois há talvez meia hora que lhe serviram o almoço. Permites que te acompanhe até lá?

— Não é preciso. Cuida das tuas ocupações, subirei sozinha. E quanto a vocês — acrescentou, voltando-se para os carregadores —, esperem-me aqui.

Lépida, atravessou o vestíbulo e o corredor, galgando a escadaria de acesso ao andar superior, onde havia vários quartos pequenos e grande sala de banho ornamentada de muitas estátuas. Duas escravas moças ali se entretinham na arrumação de roupas e frascos de perfumes.

Em avistando a visitante, logo correram a beijar-lhe as vestes e, depois, arrepanhando um rico reposteiro, deram-lhe entrada na alcova de Virgília.

Esse cômodo, ricamente ornamentado, comunicava com pequeno terraço de cobertura horizontal, ornado de plantas raras e, ao demais, ensombrado pela ramagem de grandes árvores montantes do jardim. Nessa espécie de latada umbrosa e odorante,

estava assentada junto de pequena mesa atulhada de estojos, frascos e utensílios outros de toucador, uma linda criatura rodeada de escravas.

A poucos passos, uma negrinha acocorada, sobre um tapete de lã, brincava com uma criancinha de meses.

— Bom dia, querida Metela — exclamou a dona da casa, correndo ao encontro da recém-vinda para abraçá-la com efusão. — Que feliz lembrança a tua! Estou só, como vês; Fábius foi ao mercado de escravos, pois temos necessidade de alguns. Mas... assenta-te e vamos conversando enquanto acabo de me vestir.

Chegaram-lhe a poltrona de vime, puseram-lhe aos pés o escabelo e ofereceram-lhe uma taça de vinho, na qual a gentil visitante mal humedeceu os lábios.

Nesse comenos, Virgília retomava lugar no toucador e toda se remirava ao espelho de metal, sustentado por uma escrava, enquanto outra lhe calçava as douradas sandálias.

Era também uma deliciosa criatura essa Virgília, tão franzina e delicada que lhe não dariam mais de catorze a dezesseis anos.

Semblante fresco e rosado, de linhas por assim dizer infantis, ressumbrava alegria e candura; entretanto, os olhos, redondos como duas contas azuis, reluziam brilhantes de inteligência e malícia, para comprovação de uma alma inquieta e sonhadora.

Os cabelos eram louros, mas desse louro ruivo, tão bem cotado entre as damas romanas. Naquele instante, duas aias mal se aviam por destrinçá-los, a fim de penteá-los.

— Que boa estrela te trouxe à cidade esta manhã... E como vai Fabrícius Agripa? — disse — enquanto escolhia e fixava ao dedo um rico anel.

— Meu marido vai bem e te saúda; quanto a mim, precisando madrugar para assistir à ginástica dos pequenos, aproveitei a frescura da manhã para dar um passeio e vir pessoalmente convidar-te a tomar parte em nossa reunião desta noite. Dá-nos o prazer da tua presença com Márcus Fábius. Reunião muito íntima, ao demais: — o senador Vérus com a mulher, Semprônius e o filho, Flávia Secunda e alguns outros, que Fabrícius convidou em homenagem ao seu amigo Serapião, que acaba de chegar de Roma trazendo consigo o jovem Cláudius, insigne harpista e cantor.

Este também lá estará e nós teremos o ensejo de ouvir o que há de mais moderno na capital, em matéria de música e poesia.

— Um encanto! — exclamou Virgília esfregando as mãos de contente. — E olha que me rejubilo de poder conversar com Cáius. Ele é tão espirituoso... E tem um aprumo que até faz lembrar aquela cabeça de Apoio que lá se ostenta no teu “átrium”. Depois, Cáius é sempre um artista consumado, um gentilhomem, quer tangendo a lira, quer tramando epigramas. No ano passado, quando da sua viagem a Roma, tirou o prêmio da corrida de bigas e por sinal que, dizem, Semprônius muito se contrariou com isso.

— É verdade — atalhou Metela —, Cáius é dos homens mais belos que podemos imaginar, mas a verdade é que também revela alguns pendores extravagantes. Tomá-lo-iam antes por um gladiador do que por filho do opulento patrício Semprônius. Haja vista, por exemplo, aquele pátio que mandou fazer e no qual se entretém agora a domar e lutar com um tigre e um leopardo.

Presentemente, dizem, quer comprar também um leão para melhor cultivar a sua ostensiva coragem. E como se tudo isso não bastara, ainda agora sacode a cidade com o escândalo de uma paixão insensata por essa tal Dafné, a ponto de querer esposá-la.

— É exato. Ainda ontem aqui esteve Sextila, que mora defronte da loja deTúlia, e me contou que Cáius ali passa metade do dia á cortejar essa mulher! É deveras esquisito... querer desposar uma plebéia pobre e obscura, quando podia escolher entre filhas de senadores... Somente — acrescentou com certa vivacidade — espero que

Semprônius não anuirá, jamais, a semelhante aventura, a despeito do fraco de sua afeição pelo filho.

— Veremos — obtemperou a outra sorridente... — Seja, porém, como for, tu és a única culpada do risco que corre o doudivanas. Porque não acedeste ao desejo do velho quando pediu a Fabrícius a tua mão para o filho? Como tua segunda mãe, também te aconselhei e tu te obstinaste em recusá-lo.

Virgília voltou-se tão bruscamente que o espelho e os pentes caíram no chão. De faces incendidas, revidou sem demora:

— Como podes falar dessa maneira? Estarás gracejando?

O malicioso sorriso da outra espicaçava-a.

— Acreditas que haja no mundo um homem comparável a Márcus Fábius? Bom quanto belo, indulgente quão generoso, o seu amor reaquece e fortifica, qual os raios do sol nascente. O amor de Cáius, impetuoso, selvagem como ele mesmo, deve asfixiar e queimar como as tempestades do deserto...

De costas para a porta, as duas senhoras não haviam notado que, já de alguns minutos, o reposteiro se retraíra e um rapaz de esbelto porte ali se detivera a ouvir-lhes a palestra, com um sorriso à flor dos lábios. Aquele rosto fino e regular transpirava nobreza e lealdade. Cabelos castanhos, anelados, ornavam-lhe a linda cabeça, e os grandes olhos velutíneos se fixavam na esposa com indefinível ternura.

— Bravos! querida Metela... Vejo com gáudio a inutilidade do teu esforço em roubar-me o coração de Virgília, a prol de Cáius Lucílius... Mas, toma cuidado: olha que, qualquer intriga pode inclinar-me à vingança e, nesse caso, comunicarei a Fabrícius Agripa que a loura Lívia se julga inditosa com o lhe haver ele preferido certa patrícia morena, das minhas relações.

— Vejam só como Fábius quer ser mau e rancoroso! E eu que o supunha incapaz de matar um mosquito sem chorar...

Disse-o, apertando cordialmente a mão do jovem patrício.

Este assentou-se ao lado da esposa, abraçou-a e respondeu igualmente a sorrir:

— Desengana-te, pois, da minha bondade: incapaz de matar um mosquito inutilmente, não se me daria de estrangular um rival a sangue frio.

— Então — aparteou Metela — é conveniente não exacerbar os teus ciúmes e considerarmos os motivos da minha visita, isto é, convidá-los para o sarau desta noite. Serapião nos trouxe Cláudius e Cláudius nos trará música, o que não deixa de ser interessante para um amador do teu quilate.

— Como te arranjaste lá pelo mercado? — perguntou a petulante Virgília interrompendo o marido, que agradecia e aceitava o convite — sempre encontraste os escravos de que necessitas?

— Sim, comprei espécimes vigorosos, adequados ao serviço da lavoura; mas, por outro lado, também me deixei enternecer por um rapazola dos seus doze anos e acabei comprando-o a resto de barato, porque o seu aspecto taciturno, sua maldade e teimosia fizeram-no repelido e odiado de todo o mundo. Quando me dispus a interrogá-lo, recusou-se responder e então começaram a vergastá-lo tão barbaramente que acabei por comover-me e adquiri-o. De caminho, na sua algaravia de bárbaro, ele me revelou ser de origem germânica, filho de um chefe de tribo qualquer. Chama-se Gundicar e talvez possas aproveitá-lo para pequenos serviços caseiros.

— Eu já devia estar longe — disse Metela —, mas o que acabo de ouvir desperta-me curiosidade e, já agora, desejo ver esse rapaz. Manda que o tragam até aqui a fim de nos certificarmos se de fato poderá ser aproveitado nos misteres domésticos.

— É para já — respondeu Fábius; e voltando-se para uma das aias: — Vá dizer a Próculus que traga aqui o pequeno escravo vindo no lote do mercado.

A rapariga partiu apressada e a conversa prosseguiu, ferindo novidades da Corte e da cidade.

Pouco depois, um rumor de passos e o vozeirão de um homem atraíram todos os olhares para a porta. A cortina abriu-se e Próculus, o abegão, surgiu agarrando pela gola, apesar de toda a resistência, um meninote pálido e franzino. Acabou aplicando-lhe vigoroso pontapé, gritando:

— De joelhos, animal! De joelhos diante dos teus benfeitores.

Dirigindo-se a Fábius:

— Perdoa a ousadia de te apresentar um escravo tão rebelde, mas fica descansado que dentro de poucos dias lhe terei amolecido a espinha e desentupido os ouvidos.

O rapaz mantinha-se de pé, braços cruzados, a medir o ambiente e os circunstantes com um olhar sombrio e arrogante. Não era feio: basta cabeleira loura lhe amoldurava o rosto descarnado mas de linhas regulares; os grandes olhos fúlgidos revelavam energia e coragem, prontos a tudo enfrentar e vencer.

À vista daquele desgraçadinho, Virgília empalidecera subitamente.

— Não! absolutamente não — exclamou estremecendo —, não o quero a meu lado, a sua presença me repugna; mas, onde foi, ó deuses caros, que eu já vi esses olhos?!

— É, na verdade, um olhar singularíssimo — acrescentou Metela — e também a mim me parece já o ter surpreendido no rosto de alguma estátua. Contudo — ajuntou, compassiva — ele parece estar completamente exausto. Vejam que palidez profunda! É preciso alimentá-lo bem e trocar desde já em roupa esses molambos.

Tomou um copo de vinho, ofereceu-lho. Gundicar pegou no copo e, silenciosamente, depositou-o na mesa, perto de Virgília, ao mesmo tempo que a encarava com um misto de ódio e admiração.

— Por Júpiter! — exclamou, rindo-se, Márcus Fábius; — dir-se-ia que este brutinho deseja que Virgília lhe ofereça o vinho... Não se dirá que tenha mau gosto, mas, apenas, que não sabe apreciar tua beleza, ó Metela!

— E a mim não me resta senão consolar-me com o insucesso da conquista — respondeu ela em tom humorístico, enquanto Virgília, já prazenteira e risonha, apresentava o copo ao pequeno selvagem que, toda a envolvendo num olhar de gratidão, esvaziou-o de um trago.

Houve uma gargalhada geral.

— Leva-o, Próculus, dá-lhe roupa, concede-lhe alguns dias de repouso, não quero que o maltratem.

— O rapaz promete e hás-de ver que fizeste uma bela aquisição — terminou por dizer Metela ao despedir-se.

II

Pai e filho, mãe e filha

Em pequena quanto elegante sala de banho, um homem alto, magro e musculoso, estendia-se no amplo diva, enquanto um escravo acocorado lhe enxugava os pés, para os calçar de seguida com altas botas de atacar, de couro marron.

Outro escravo, de pé, sustentava em pequena salva prateada uma taça de vinho aromatizado que, já por vezes, oferecera ao senhor sem que este, absorto em profundas cogitações, lhe notasse os gestos insistentes.

Essa personagem de fisionomia carrancuda, cuja boca e olhar severo indiciavam um caráter firme e resoluto até ao despotismo, era Títus Bálbus Semprônius, rico patrício e magistrado aposentado, residente em Herculânum, onde possuía muitas terras e benfeitorias consideráveis.

Evidentemente, naquele momento, qualquer angustiosa idéia o preocupava.

Franzindo o sobrolho, alisou os grisalhos cabelos cortados à escovinha e, com voz impaciente, ordenou que o vestissem depressa.

Daí a dez minutos deixava o banheiro e passeava de um lado para outro, a passos cadenciados, numa galeria de colunatas.

Um serviçal dali o foi arrancar às suas cogitações, anunciando que a refeição estava pronta.

Sem dizer palavra, encaminhou-se ao refeitório, onde rica mesa se ostentava, provida de fina baixela e com lugar para dois comensais.

O velho patrício reclinou-se no divã, atrás do qual se postaram o copeiro e outro escravo, enquanto o mordomo se encarregava de apresentar os pratos, cortar as carnes e servir o amo.

Um rapazinho, ajoelhado junto ao divã, sustinha a bacia de prata e o guardanapo rendado. Semprônius mergulhava os dedos engordurados na água perfumada e logo os esticava para que o jovem escravo os enxugasse solícito.

— Chamaram Cáius Lucílius? — perguntou de repente, ao fixar o lugar vago do filho.

— Ele está lá no pátio, entretido com as feras — respondeu o mordomo.

Flácus bem que o chamou três vezes, mas parece que lhe não deu atenção.

O repasto continuou silenciosamente. O patrício comeu bem, bebeu melhor, e por fim, levantando-se, encaminhou-se a passo firme e lesto ainda, para as dependências confinantes com o jardim. Abrindo pesada porta, entrou num pátio de altos muros e na extremidade do qual assentavam duas jaulas grandes e fortes, contendo respectivamente um tigre e um leopardo. No centro do pátio erguia-se um quadrante solar, e estátuas de pedra vermelha, representando gladiadores célebres, ornavam-lhe os ângulos.

Defronte das jaulas, numa reentrância do muro, havia um banco de mármore e ao lado jorrava, da guela de um leão para uma piscina, um jacto d'água cantante e cristalina.

Naquele banco, assentado em atitude bizarra, com ares displicentes, deparava-se um jovem de túnica branca.

Ao avistá-lo, toda a raiva e severidade do velho Semprônius se transformaram num misto de indulgência e orgulho paternais.

De resto, a aparência exterior, verdadeiramente sedutora de Cáius Lucílius não deixaria de justificar, até certo ponto, a comovida ternura do austero ancião.

Tipo clássico de linhas perfeitas, qual estátua de Apoio, o peito largo e os braços musculosos indicavam força hercúlea. A cabeça, de contornos nítidos como entalhes de

um camafeu, ornava-se de cabelos negros e crespos; mas, sem embargo de prendas que tais, dos olhos vivos e profundos, tanto quanto da comissura dos lábios, inferiam-se temperamento fogoso e audácia capazes de raiar por temeridade.

Tanto que avistou o pai, voltou-se amuado e disse-lhe:

— Disseste que me não querias ver até que eu mudasse de pensar... Eis porque não fui ao teu encontro nem voltei a procurar-te.

Semprônius assentou-se ao lado do filho.

— Vim, não para te repreender, mas para falar-te com a voz da razão. Sempre tiveste em mim um pai indulgente e exclusivamente preocupado com a tua felicidade. Como podes acreditar quisesse eu, por mero capricho, ou por orgulho, contrariar-te nos teus desejos? Estou convencido de que uma tal mulher só poderá fazer a tua desgraça, não por ser plebéia — pois certo é que o homem enobrece e eleva a mulher ao seu nível social —, mas porque essa Dafné é frívola, rústica e bronca, filha bem digna, enfim, da megera que a gerou e educou.

Esta, mal podes sabê-lo, é uma criatura pérfida, de antecedentes obscuros, tenebrosos mesmo. A vida que levou em Roma, ninguém a conhece. E é essa mulher que insinua à filha que te imponha o casamento, no intuito de mesclar-se à nossa velha e nobre estirpe.

Olha: eu quero crer que Dafné te ame realmente, mas, vaidosa e leviana qual a conheço, também creio que anuiria de bom grado em fazer-se tua amante, desde que lhe desses dinheiro, jóias, carruagens, criados... E com isso também eu concordaria desde logo. Túlia, porém, quer excitar a tua paixão e forçar-te, finalmente, a cometer uma loucura.

— Talvez te enganes, pai. Então essa plebéia não poderá possuir as rígidas virtudes de qualquer virtuosa patrícia? Porquê? Casos conhecemos, de mulheres do povo que preferem matar-se antes que ceder a um amor ignominioso. Não; de modo algum; se me amas, como dizes, hás-de dar-me autorização para casar com Dafné.

O velho ergueu-se de cenho carregado:

— Não queres ouvir meus conselhos... Neste caso, a teu benefício, recuso a autorização; mas (pousando-lhe a mão no ombro), conheço o filho que tenho, sei que não me desobedecerá, nem algo fará que possa manchar as tradições da família. Esses amores, filho, são passageiros como o calor diuturno, a que sucede, invariável, a frescura das noites. Conhecendo Túlia, tu não te ligarás a Dafné. Imagem fiel da mãe, ela é rapace, falsa, intrigante e não te adora senão pela impossibilidade de te possuir.

Agora, vai almoçar e repousar, se é que não queres ficar magro e... feio. Esta noite temos um convite para a casa de Fabrícius Agripa e isso te distrairá. Prepara-te para me acompanhares logo à tarde. E até logo....

— Vais sair agora? — perguntou Cáius sempre irritado.

— Não, mas preciso receber alguns feitores que acabam de chegar dos nossos campos de plantação e pastagem. Há que os ouvir e examinar a produção. A propósito: esta manhã vieram oferecer-me quatro magníficos cavalos e eu os comprei para ti. Queres acompanhar-me até às cocheiras e lá examiná-los?

— É para já e depressa — exclamou o jovem Cáius subitamente transformado. — Bela idéia, meu pai! Poderemos hoje mesmo experimentar esses animais, atrelando-os ao meu carro para irmos a casa de Agripa. Tu irás comigo, pois sempre é mais agradável que andar de liteira, a passo de lesma.

Um leve sorriso assomou aos lábios de Semprônius quando viu o filho calar os cuidados do namoro, tanto que ouviu falar de cavalos.

Atravessaram longo pátio ladeado de cavalariças e estábulos, de onde partiam mugidos e relinchos do rebanho recém-chegado, e foram parar no extremo, perto de um

bebedouro, onde uma vintena de escravos se ocupavam em descarregar os carretões pejados de sacos de aveia.

A presença dos senhores paralisou o trabalho.

— Depressa, Mômus, manda que tragam aqui os cavalos comprados esta manhã — disse Cáius ao capataz da tropa.

A um sinal do homem que apontava em tabuinhas a medição da safra, alguns escravos se precipitaram para as cavalariças e, dentro em pouco, regressavam puxando quatro soberbos cavalos, tão fogosos que mal os continham dois homens ao cabresto.

— Esplêndido! — diz o moço aproximando-se de um cavalo de pêlo branco-prateado, narinas róseas e se-dosa crina. O animal resfolgante relinchava e escarvava o solo. — Há-de chamar-se Dafné, disse, acariciando o dorso luzidio do nobre animal. — Obrigado, pai; muitíssimo obrigado!

Voltou-se para Semprônius, beijou-o nas faces. O velho sorriu, inclinou-se ao ouvido do filho e sussurrou:

— Contenta-te com este Dafné de quatro pés e nós ficaremos bons amiguinhos... — E logo, em voz alta: — agora, deixo-te, os feitores lá estão à minha espera.

Saudou o filho com um gesto carinhoso e foi-se.

Horas depois dessa entrevista, numa rua deserta, duas mulheres permaneciam assentadas à soleira de pequena loja de perfumaria e flores.

Pela porta entreaberta, divisavam-se estantes carregadas de frascos, vasos e boiões de líquidos e pomadas, bem como, pelo chão, grandes ânforas de óleos e resinas. Ao fundo da loja, pequena porta que dava para o interior.

A mais idosa das mulheres aparentava uns quarenta anos: semblante descorado, vulgar, trazia à cabeça e preso ao queixo um lenço de lã. Vestia um traje marrom, simples, porém limpo. Ocupava-se em atilhar pequenos pacotes de plantas aromáticas, à medida que as retirava de uma cesta ao lado.

A outra era na verdade uma jovem de radiante formosura, magnífica cabeleira loura, tez alabastrina, lábios rubros e dois olhos azuis, transparentes de ousadia.

Também sustinha nos joelhos uma cesta de plantas, mas, ao invés de trabalhar, entretinha-se a remirar um rico bracelete de ouro e rubis que lhe enfeitava o braço.

Sem embargo de um tal enlevo, transparecia-lhe do rosto profundo aborrecimento, tanto que, nervosamente, mordicava os lábios.

— Tua ridícula vigilância começa a irritar-me — disse com voz metálica —; não me deixas um minuto a sós com Cáius Lucílius, não permites que o abrace, nem mesmo a título de gratidão por um presente como este... Precisas compreender que não sou nenhuma criança e que, amando-o, apraz-me com ele conversar sem testemunhas. Depois, é claro que na tua presença ele nunca se poderá explicar com franqueza, dizer-me tudo quanto sente e deseja.

— Tolinha — respondeu a outra —; justamente por te conhecer a leviandade é que fiscalizo os teus colóquios. Se me descuidasse um minuto, estou certa de que o casamento iria por água abaixo. Tu és o vitelo faminto que divisa a erva tenra e quer devorá-la de qualquer forma; mas, deixa-me agir e verás como daqui hás-de sair legítima esposa de Cáius. Então, já não terás de empacotar ervinhas, e as altivas patrícias que ora contemplas com inveja, refesteladas em douradas liteiras, hão-de de ser íntimas, como iguais. O rapaz está louco de paixão, precisamente por não poder abraçar-te nem ficar a sós contigo. Abrasado nesse amor, ele há-de empalidecer e definhar, até o dia em que o orgulhoso Semprônius dobre a cerviz e me venha pedir-te em casamento. Só então, reconhecerás o fruto bom da minha prudência. E agora que conheces a razão da minha conduta, acaba de vez com as recriminações, precavendo-te em não perderes c pomo de ouro antes de o haver colhido.

Dafné calou-se. Lábios contraídos, continuou namorando o bracelete. Por fim, levantando a cabeça, disse:

— Aí vem Cláudius...

— Tira, então, o bracelete e retoma o teu trabalho. Abstém-te, também, de rir e gracejar com ele... Este músico está-se tornando muito assíduo; desconfio que tu lhe agradas e nisso não vai mal algum, mas com ele importa ser sempre discreta.

— É também patrício e um guapo rapaz — disse Dafné com aquele espírito de contradição que lhe era peculiar.

— É exato, mas... sem cheta; um pobre diabo que vive dos acordes da sua harpa. Tu amas o luxo, a riqueza, portanto não penses em dar a Cáius um rival. Deixa que Cláudius me arraste a asa... Que diabo! também não sou assim tão velha e não é a toa que lá diz o rifão: — "conquista-se a filha corrompendo-se a mãe".

Tirou o lenço da cabeça, alisou os cabelos e, tomando da prateleira uma caixinha, tirou dela, e cingiu ao pescoço, um colar de pérolas.

A esse tempo, já um moço louro, de porte insinuan-te, acompanhado de um escravo a carregar uma harpa enfeitada de flores, transpunha a passos lépidos os umbrais da loja.

— Bom dia, Túlia! bom dia, Dafné! Vamos, depressa, dêem-me perfumes bem fortes. Passei por aqui apenas para me perfumar um tantinho.

— Dize o que prefere — sublinhou a moça com um sorriso encantador... — Õleo de rosa para o cabelo? Essência de jasmim para as roupas, um pouco de car-mim para o rosto e os lábios?

— Para o rosto? É boa! — graças aos deuses, minhas faces são tão coradas quanto as tuas... Nada disso: — dá-me apenas qualquer essência para as roupas e amanhã cá estarei para comprar todo o resto que já me vai faltando. Olha, conta também com uma caixinha de doces, pois a mim me parece que esses teus dentinhos de rato precisam roer boas coisinhas...

Aproximou-se do espelho colgado à parede, ajeitou com elegância o rico colchete de ametista que lhe prendia a toga e retirou-se saudando-as com galanteria.

— Aonde irá ele assim formalizado? Alguma festa, talvez... — resmungou Túlia.

— Ora... aonde vai. Vai à reunião em casa de Fabrícius Agripa. Quem me disse foi a Foebé, a criada da opulenta Sextila, que teve o seu convite, bem como Cláudius e outros patrícios. Felizardos! Vão deleitar-se, ouvir música, comer, beber, brincar... Quando poderei fazer o mesmo? Mãe, tu tens razão, eu preciso mesmo casar com Cáius para poder compartilhar dessas festas, ter escravas e camarote no circo, em vez de ficar confundida na massa anônima, que detesto.

Impaciente, deu umas voltas pela loja e parou, bam-boleante, defronte da mãe.

— Vou deitar-me e ver se durmo um pouco para matar o tempo. Não me conformo que estejam lá a se divertirem, enquanto aqui morro de tédio.

E sem esperar resposta, dirigiu-se para o fundo da loja, desaparecendo no interior da casa.

Túlia ficou debruçada à mesa, toda engolfada nos pensamentos que lhe trabalhavam o cérebro.

Não tardou que aquele semblante vulgar, aparentemente calmo, se transfigurasse num ríctus de requintada maldade. Os olhos, habitualmente mortiços, chispavam fagulhas aceradas, venenosas, qual os das serpentes.

É que, no plenário da consciência, desdobravam-se-lhe os quadros de um passado distante, quando ela própria sonhava tornar-se patrícia e Semprônius lhe destruiu o belo sonho.

— Fica sabendo, orgulhoso déspota — rugiu surdamente —, que o momento da desforra chegou, afinal... Foi longa a espera, foi; mas Túlia é paciente e nada esquece.

Fizeste tudo para que teu irmão Drúsus não se casasse com a plebéia, mas agora a filha da plebéia há-de ser tua nora, para quebrar o teu orgulho.

Oh! sim... conheço bem a filha que tenho... ela é que vai cobrar a tua velha dívida para comigo...

III

A festa

Defronte da casa de Semprônius, alguns escravos a custo mantinham atrelados ao carro dois fogosos ginetes impacientes, a relinchar e a escarvar o solo.

Acompanhado do filho, o velho patrício surgiu afinal e lançou um olhar suspeitoso à parelha inquieta.

— Vê lá o que vais fazer, Cáius... olha que te podes sair mal com estes bichinhos. Já providenciei para que nos sigam dois homens, pois sempre é melhor prevenir que remediar.

O rapaz acarinhou o sedoso pêlo das alimárias, deu-lhes palmadinhas no pescoço e, saltando à boleia, empunhou as rédeas.

— Não confias neste pulso? Pois olha que, para mim, o domínio destes poldros é brincadeira de criança. Arredem-se daí, vamos!

Os escravos largaram as bridas enquanto o moço retesava as guias, com os músculos e braçais intumecidos, encordoados, e mãos que pareciam de ferro. Os animais fremiram, os arreios ringiram, mas ficaram estacados.

— Suba sem medo, pai; confie em mim. Semprônius aboletou-se e o rapaz afrouxou as rédeas.

Partiram. Atravessaram vertiginosamente as ruas da cidade, mas a firmeza do condutor era tal que evitava a tempo encontros e acidentes comuns, como se estivesse dirigindo a mais pacífica atrelagem. Depressa transpuseram uma porta da cidade e deslizaram pela estrada que levava à vi venda de Agripa, situada no campo.

— Sobretudo, vê se estacas precisamente na porta de entrada, dado que lá estejam os amigos à nossa espera — disse Semprônius.

— Não te incomodes — respondeu, enveredando por um caminho de través, ao fim do qual se divisavam as construções da vasta quinta rodeada de parques e jardins.

O velho Semprônius não se enganara. Diante do portão de bronze que dava para um pátio ensombrado de árvores seculares, estava um grupo de pessoas a conversar e a sondar a estrada.

— Lá vêm eles! mas, reparem: que raio de cavalos são aqueles!

Essa, a exclamação de um belo patrício de cabelos cortados rente, aparentando uns trinta e cinco anos e cujo porte e maneiras denunciavam-lhe a hierarquia militar.

Efetivamente, Fabrícius Agripa — pois era ele — tinha feito o seu tempo no exército, mas, gravemente ferido em campanha, dera baixa para só se dedicar à gestão da sua, aliás, opulenta fortuna.

Naquele instante, seu rosto regular, de grandes olhos penetrantes, exprimia a mais franca cordialidade e admiração, diante da súbita estacada do carro que antes parecia voar pela estrada empedrada, como se ali fora detido e encravado no solo por dois pulsos de aço.

Estrugiram aplausos, todas as mãos se estenderam aos recém-vindos, que apearam sorridentes, expansivos.

— Parabéns, Cáius! na verdade tens um pulso de Hércules — disse Agripa apertando-lhe a mão. — Ainda ontem essa parelha me foi oferecida e recusei-a por me parecer ariscado confiar em tais alimárias... Contudo, vejo que os levas como mosquitos presos por uma linha.

Franquearam a casa, reuniram-se a outros convidados. Agripa fê-los atravessar o soberbo “átrium”, pintado a cores vivas e todo pavimentado de jaspe e ágata vermelhos.

Dali passaram ao salão de recepções e seguidamente ao amplo terraço de colunas em hemiciclo.

Diante desse terraço desdobrava-se um prado florido, ao centro do qual uma fonte esguichava a linfa prateada, que recaía em gotículas multicores na piscina de mármore. Grupavam-se ali algumas mulheres ricamente vestidas e uma dezena de homens que, todos, aplaudiam e agradeciam a Cláudius pela audição musical que acabava de lhes proporcionar. Com a entrada dos novos convidados, todos os olhos se voltaram para eles. Quando a Cáius lhe chegou a vez de cumprimentar Metela, esta o acolheu como pessoa de casa, dizendo:

— Assenta-te aqui a meu lado, vou mandar que te sirvam um refresco, pois vejo-te muito encalorado.

E passando-lhe o lenço pelo rosto suarento:

— Mas, a verdade é que nos esqueceste! — há muito que não nos vemos e as crianças estão sempre a perguntar pelo seu grande amiguinho.

O rapaz instalou-se comodamente numa cadeira de bronze cinzelado e, voltando-se para a üiterlocutora, disse-lhe risonho e malicioso:

— Será que o belo sexo de Herculânum se tenha tornado mudo e discreto? Contudo, estou a ler nesses olhos algo que me diz não ignorares os motivos da minha falta com os amigos... E o que me admira é que as damas, ainda as mais belas e nobres, se mostrem implacáveis quando se trata de satisfazer à sua curiosidade, ao ponto de meterem o dedinho nas chagas alheias...

Um escravo surgiu com os refrescos, enquanto outro aproximava pequena mesa e, tirando de uma cesta linda grinalda de rosas, com ela cingiu a fronte do moço patrício.

— Ah! — disse ele com um olhar enternecido: — porque não me guardaste antes uma coroa de espinhos? Assim, ao menos, veria que compartilhas os meus pesares.

Metela levou ao rosto do mancebo o leque etrusco, de penas de pavão, com o qual brincava, e disse com um olhar significativo:

— Mandarei tecer, para ofertar-te, uma coroa de espinhos, mas, quando desposares aquela que toda a cidade propala ser tua noiva.

— Pérfida que és, Metela! — tudo sabes e ainda me perguntas, com revoltante ingenuidade, qual a causa da minha ausência e do meu abatimento! Estivesse eu louco e fora possível ver-te assim, tão jovial e, ao mesmo tempo, preocupada com um.mistério de consciência?

A nobre senhora puxou o manto num gesto brusco e revidou:

— Se devêramos avaliar teu desgosto pelo colorido da face, meu querido Cáius, era o caso de. nos inquietarmos, antes pelo rubor que pelo palor... Dar-se-á que té hajas carminado? Mas, se assim for, a causa dos teus desgostos seria mesmo, qual propalam, uma fonte de artifícios...

Tanta ironia desconcertava-o; levantou-se, amuado, dirigindo-se a Virgília, que, de vestido azul bordado a rosas, cabeleira salpicada de pérolas, risonha, acabava de galgar os degraus do terraço.

Nesse ínterim, o austero Semprônius se rodeava de convivas como ele idosos e graves, a conversarem política e negócios. Contudo, aquele velho amigo, que era o senador Vérus, não perdera uma brecha favorável para perguntar, confidencialmente, quem era a tal Dafné que a voz pública assoalhava haver-lhe enfeitiçado o filho.

— Frioleiras, nada mais que frioleiras e boatério. — E logo à surdina: — é verdade que o rapaz está pelo beicinho, mas há contar com o meu embargo. Há-de espernear, e enquanto esperneia vou-lhe comprando cavalos para que se distraia; em último caso, mandá-lo-ei a Roma por dois ou três meses, posto que a separação me seja penosa.

Nessa altura, alguém chamou a atenção do senador. Semprônius ficou meditativo um instante e logo, avistando Cláudius recostado, sozinho, na sacada, teve uma idéia súbita. Aproximou-se do musicista, travou-lhe do braço e encaminharam-se ao jardim.

— Caro Cláudius, sempre notei que o teu gênio alegre, folgazão, reage favoravelmente sobre Cáius, cuja paixão insensata pela plebéia não ignoras, certamente. Quererás utilizar esse ascendente para convencer o maluquinho de que o amor é nuvem passageira? Prova-lhe com o teu exemplo que se pode amar a todas as mulheres, mas nem todas podem convir para esposas... Um rapaz, como tu, não deixará de ter tido muitas paixões e conquistas amorosas, conquanto não te sobejem ainda os recursos para casar...

Um sorriso velhaco aflorou aos lábios do rapaz.

— Aceito a vida qual se me oferece... As mulheres bem sabem que não as posso instalar na minha harpa e contentam-se com o meu amor, mesmo sem himeneu... Nada obstante, se julgares que posso ser útil ao Cáius, dispõe de mim com franqueza.

— Muito bem, obrigadíssimo. A partir de amanhã, irás residir conosco e Cáius vai exultar com a convivência de um rapaz da sua idade. O que eu quero é que o distraias. Podes engendrar as diversões que bem te prouverem, contanto que o arredes daquela sirigaita. Escusado é falar-te de minha gratidão.

— Mas, a mim é que compete provar o meu reconhecimento, e acredita que aprecio devidamente a tua generosidade. Tudo farei para auxiliar o nosso Cáius.

Um aperto de mão selou o pacto. Separaram-se. Semprônius juntou-se de novo ao Senador, que o convocara em altas vozes para uma partida de dados.

Cláudius, por sua vez, encaminhou-se para o jardim, onde, à sombra de espessa fronde de plátanos e loureiros, se erguia um pequeno templo consagrado aos deuses lares.

Quem quer que, naquele momento, observasse a fisionomia calma e ao mesmo tempo cínica daquele rosto corado como as rosas que lhe ornavam a fronte; aqueles olhos castanhos cheios de suavidade, suporia que os seus pensamentos todos se concentravam em qualquer nova canção, ou futilidade equivalente. Entretanto, bem falho seria um tal juízo. É que, sob as aparências discretas e modestas daquele jovem artista, latejavam pendores de refinado libertino. Era a paixão do fausto, do jogo, das mulheres. E como lhe faltassem recursos para saciar essa paixão, vivia de expedientes, sempre endividado.

Sem embargo, era bem acolhido em toda parte, graças aos seus talentos e habilidades. Sabe Deus, porém, a ginástica que se lhe impunha nessa vida de ociosidade opulenta, quando, para ser recebido nas rodas patrícias, por direito de nascença, precisava assegurar um camarote no teatro e no circo, uma evidência social, em suma.

Aquele convite de Semprônius chegava-lhe a talho de foice... Casa riquíssima, nela viveria folgado, nada mais carecendo para prover necessidades materiais.

Mas, não era sentimento de gratidão o que lhe martelava o cérebro; era todo um plano de domínio, para explorar a generosidade moça e a inexperiência coniiada de Cáius Lucílius, incapaz de com ele lutar e vencer, num plano de intrigas premeditadas.

Nessa personagem de caráter tão dúpiice, tão hábil na improvisação de uma existência faustosa, com recursos medíocres, os leitores hão-de reconhecer a personalidade ricamente dotada, mas enfraquecida pelos vícios,, que (na época da narrativa — O episódio da vida de Tibério) fora Marcus, o médico do imperador, e que haveria de reencarnar como Vilibald de Lanau, o cavaleiro arruinado e intrigante, já descrita em obra anteriormente publicada.

Suas maquinações foram subitamente cortadas por Cáius Lucílius, que, jucundo, o interpelava:

— Em que pensas? olha que até te tomei por uma estátua... É na florista Balbila? Buscava-te para propor uma bela coisa. Agripa me permitiu tomar aqui um banho e eu estou mesmo morto de calor. Queres fazer-me companhia? Um mergulho na piscina é quanto basta para refrescar, e dentro de meia hora voltaremos ao salão sem que possam dar pela nossa ausência.

Quando, uma hora mais tarde, eles reapareceram, já os convivas se dispunham a passar ao triclínio, onde lauto banquete haveria de os reter até alta madrugada.

Uma bela tarde, quinze dias depois dessa reunião, os dois rapazes achavam-se juntos num pequeno terraço em casa de Semprônius. Estirado no diva, rodeado de almofadas, permanecia Cáius cujo aspecto era deveras impressionante, a denotar profundo abatimento físico. Do outro lado da mesinha que se interpunha, Cláudius, negligentemente recostado a uma poltrona, sorvia, a pequenos goles, uma taça de falerno, ao mesmo tempo que provava, retirando de uma cesta dourada, doces finos e frutos secos.

— Ouve, Cáius — disse por fim, rompendo o silêncio —, teu pai está alarmado e ainda hoje me falou a teu respeito. Dize-me: estás efetivamente enfermo, ou finges apenas para quebrar-lhe a teimosia? Se assim for, o momento torna-se oportuno, porque Semprônius está convicto de que essa paixão acabará por te comprometer a saúde.

Cáius perfilou-se, olhos incendidos:

— Que juízo fazes de mim? Acreditas-me, então, capaz de emagrecer e definhar por causa de uma mulher? Não, nunca! É bem verdade que amo Dafné e sinto o efeito da insatisfação dos meus desejos, tanto mais quanto, habituaram-me a realizar todos os meus caprichos e fantasias. Mas, por outro lado, jamais algo faria no intuito de iludir meu pai.

Nada mais verdadeiro. Desde o berço, o filho dileto de Semprônius sempre tivera todos os mimos e vontades. Se a mãe o adorava, a avó (mãe de Semprônius, ausente no momento) tinha por ele verdadeira loucura, e tanto escravos como fâmulos sabiam que os seus desejos eram ordens consumadas.

— Também não posso dizer que tenha qualquer enfermidade — prosseguiu deixando-se cair nas almofadas —, mas o fato é que experimento uma fraqueza, um cansaço irresistível, incapaz de qualquer exercício a pé, de carro, ou a cavalo. E isto, a partir daquela festa em casa de Metela.

— Hum! — resmungou Cláudius enchendo mais uma taça. Dar-se-á que Dafné, ou a velha, te haja propinado alguma droga enfeitiçada para apressar o casamento? São casos comuns, infelizmente...

— Não, absolutamente, mesmo porque nada me lembro de haver lá bebido. Ao demais, a pobre rapariga deve estar desolada, pois há doze dias que não nos vemos. Ante-ontem mandei-lhe uma cesta de flores, mas isso que adianta? Quererás tu fazer-me um obséquio?

— Como não?

— Vai até lá, dize-lhe que estou doente, não posso sair, e entrega-lhe esta caixinha. É urna corrente de ouro e um amuleto que ela me pediu. E mais estas tabuinhas com algumas palavras de ofertório. Ela não sabe ler, mas a mãe lhas lerá.

Cláudius esvaziou a taça e levantou-se.

— Vou já cumprir tuas ordens e só peço me permitas fazer aqui mesmo a “toilette”, para não ter o trabalho e a demora de chegar ao meu quarto.

— Isso mesmo ia propor-te e, de resto, faze-me por tua vez o favor de escolher, entre os objetos comprados esta manhã, algo que possa agradar à tua Balbília, pois a mim me palpita que não deixarás de lhe passar à porta. E dou-te parabéns, porque a

florista é deveras feiticeira, tem uns olhos soberbos e o bom gosto de admirar o teu talento musical, tanto quanto os teus cabelos louros...

— Obrigadinho e... até logo. Dentro de duas horas aqui te trarei notícias.

De passagem pelo quarto contíguo ao terraço, o emissário despertou um molecote que lá dormitava numa esteira junto à porta, e supriu-se de um espelho e alguns perfumes.

Enquanto os dois rapazes assim conversavam, um cortejo composto de liteira, cinco mulas cargueiras e alguns homens de escolta franqueavam o grande pátio da herdade.

Aos primeiros rumores da comitiva, o próprio Semprônius correra a amparar uma respeitável matrona, que procurava descer da liteira. Depois de o abraçar cordialmente, a velha toda aflita circunvagou o olhar e perguntou logo:

— Cáius, onde está? porque não veio esperar-me?

— Simplesmente porque ignora a tua chegada, minha mãe. Não lhe comuniquei o teu aviso. Há uns doze dias que anda adoentado e nós temos, a respeito, muito que conversar. Fica, porém, para depois, quando tiveres repousado da viagem.

O semblante da velha toldou-se de melancolia, pois tinha pelo neto verdadeira adoração.

— Segue-me ao meu quarto, filho, conta-me tudo o que se passa, pois, de outro modo, sabes, não poderia ter qualquer descanso.

Silenciosos, mãe e filho atravessaram pequeno pátio interno e dirigiram-se para a ala do edifício destinado às mulheres e localizada no ângulo oposto. Ao atingirem uma ante-sala ricamente decorada, Fábia recostou-se em ampla poltrona. Apesar da sua idade avançada, via-se-lhe ainda os vestígios de uma beleza admirável: estatura mais que regular, mantinha-se inflexível ao peso dos anos. Cabelos brancos, sedosos, olhos grandes e negros, deixava em tudo transpirar, da sua personalidade, aquele sutil encantamento que só uma existência ilibada pode dar.

— Obrigada, meu filho — disse ao receber-lhe das mãos alguns refrescos. — Manda sair essa gente e, enquanto aqui descanso, conta-me o que se passa com o nosso Cáius, pois, como que estou a ler nos teus olhos, algo de grave ocorre.

Semprônius tomou de uma cadeira e passou a expor sucintamente os amores de Cáius, o projeto de casamento e, por fim, aquela inexplicável moléstia que fazia do rapaz ativo e folgazão um ser apático e indiferente, mesmo para os seus divertimentos favoritos.

— Quando te escrevi sobre esse namoro com a plebéia, não quis alarmar o teu espírito, acrescentando que esta Dafné é filha de Túlia, a miserável, a vilíssima Túlia que suspeitamos causadora da cegueira de Drúsus. Há muitos anos perdemo-la de vista e agora, há poucos meses, ei-la que surge aqui, estabelecida com uma perfumaria no prédio de M. Mônius.

A velha matrona ergueu-se, branca de cera:

— E é a filha dessa mulher que ele ama? Mas, isto é outro caso, nós não podemos consentir, jamais. É bem verdade que não tivemos a prova do crime, mas quem, a não ser Túlia, poderia ter trocado aquela pomada?

— Não te deixes empolgar por estas recordações, minha mãe... Antes do mais, precisamos pensar no rapaz. Visando a distraí-lo, arranjei, para lhe fazer companhia, um jovem que deves conhecer por tê-lo visto em casa de Drúsus, quando estiveste em Roma: — é o harpista Cláudius.

— Ah! sim; eu queria mesmo falar-te dele, pois fêz reiteradas visitas a teu irmão, que, aliás, o estima. Mas, o pior é que ele teve artes de conquistar o coração de Drusila e desejaria esposá-la... Ora, Drúsus que, bem sabes, nada tem de orgulhoso e nas suas horas de profunda melancolia sói deleitar-se com a música de Cláudius, parece que lhe

favorece o plano; mas eu, por mim, me oponho, pois, embora seja Cláudius um homem honrado, não é partido para uma jovem rica e de nobre estirpe, qual a tua sobrinha. A ela fiz ver tudo isso e prometeu atender-me, sob a só condição de lhe não im-pormos outro noivo e deixá-la ficar junto do pai, a quem, pela natureza do seu mal, ela se torna indispensável.

— Drusila é uma excelente criatura e havemos de cogitar do seu futuro — disse Semprônius. — Mas, minha mãe, não achas que estás sendo muito severa? Cláudius é patrício e de uma família que goza de excelente conceito. Quanto ao mais, filho terceiro de família arruinada, não podia deixar de fazer o que fêz, isto é, ganhar a vida de qualquer forma.

— Voltaremos ao assunto e, por agora, o que urge é cuidarmos de Cáius. Vai-te, deixa-me assentar um pouco as idéias. Irei ter com ele e, depois de lhe falar de coração aberto, dar-te-ei minha opinião e meu conselho.

IV

Um passado

Pouco depois dessa entrevista, a velha matrona atravessava apressadamente os aposentos do neto e detinha-se na soleira do terraço.

Ele lá estava deitado, cabeça enterrada no travesseiro, como que profundamente adormecido.

Uma nuvem de tristeza sombreou o semblante de Fábia ao contemplar o rosto desfigurado do seu ídolo.

Aproximou-se de mansinho, inclinou-se e ficou a contemplá-lo com infinita ternura.

Depois, carinhosa, passou-lhe a mão pelos cabelos anelados e murmurou baixinho: — preguiçoso...

O rapaz abriu os olhos e, reconhecendo-a, atirou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-lhe a face de beijos.

— Tu, aqui? Mas, como é isso? papai nada me disse; do contrário, teria ido ao teu encontro.

Insistiu para que se assentasse e, colocando-lhe uma almofada aos pés, curvou-se, beijou-lhe as mãos enternecido.

A matrona por sua vez o cingiu com ternura e perguntou:

— Mas, porque venho encontrar-te assim desfigurado e abatido? Semprônius já me falou a teu respeito e agora, meu filho, espero me abras o coração para que te possa consolar e aconselhar no transe que tanto perturba e prejudica a tua saúde e mocidade.

Ele permanecia cabisbaixo, incapaz de fixar os grandes olhos lúcidos e penetrantes, da avó. Sabia perfeitamente que a mulher da sua paixão não podia convir à sua família e duvidava, outrossim, que a sua eleita rústica, rebelde, caprichosa, pudesse manter-se convenientemente no solar dirigido por aquela figura veneranda, que ele considerava símbolo da mãe-de-família e glória da sua estirpe.

Nada, entretanto, neste mundo o levaria a confessar que algumas alusões indiretas de Túlia lhe vergastavam, por vezes, o coração orgulhoso, como se foram látegos candentes. “Eu sei” — dissera-lhe certa feita — “què te deixas dominar por teu pai e tua avó; que não tens vontade própria e só farás o que te permitirem... e eis porque te rogo nos visites o menos possível, malucando-me a pobre da filha”...

Posto soubesse quanto era querido dos seus, que lhe satisfaziam todos os caprichos, a idéia de que pudesse alguém considerá-lo um nulo, um autômato, exacerbava-o e mais o emperrava nos seus desígnios. À luz daquele olhar bondoso e terno, que lhe deitava a avó, teve pejo de si mesmo; e reclinando a cabeça no seu regaço, sem ousar fitá-la, titubeou recalcitrante:

— Bem sei que Dafné não é mulher que convenha à nossa linhagem, como pessoa da família. Já deixei de visitá-la e não peço mais a papai o seu consentimento para que nos casemos; mas, a verdade é que a amo acima de tudo e prometi esposá-la. Para conjurar esta fraqueza e melancolia, nada posso fazer, não está na minha vontade. Somente o que desejo é que não acredites seja eu capaz de fingir-me doente por causa de uma mulher, seja qual for. Para mim, não há mulher merecedora de atitudes que tais, indignas de um homem-homem...

— Tranquiliza-te, filho: — tua avó jamais presumiria em ti, e de ti, algo menos decoroso e eu me prontifico a reeducar essa moça para que se torne digna da posição que lhe reservas. Antes, porém, de uma resolução definitiva, permite que te exponha a biografia de Túlia, que, a meu ver, representou um papel infame na vida do teu desventurado tio. E eu tenho um pressentimento de que a filha dessa mulher ser-te-á

funesta; mas, se depois de me ouvires não quiseres ou não pu-deres desistir, comprometo-me a convencer teu pai, visto como a tua vida e saúde valem para nós mais que todos os preconceitos deste mundo.

O rapaz ajeitou as almofadas para que a avó melhor se acomodasse, meteu-lhe aos pés um escabelo e, retomando o seu lugar, concentrou-se todo ouvidos:

— Há cerca de vinte anos — começou ela dizendo — Túlia era uma esplêndida mulher, esbelta, elegante mesmo, de alva cútis e bastos cabelos louros.

Para mim, contudo, aqueles olhos azuis tornavam-se repulsivos, por traiçoeiros e frios que se me afiguravam. Morava ela aqui em Herculânum com o pai, velho negociante de tecidos, chamado Túlius Enceládus.

A esse tempo, teu pai já estava casado em segundas núpcias e tinhas tu dois anos apenas; mas, teu tio Drúsus era solteiro e morava em nossa companhia. Certa feita, procurando adquirir grande partida de fazendas para a rouparia dos escravos e nossa, Drúsus teve ensejo de ver Túlia e apaixonar-se por ela. Qual a natureza das relações que entretiveram, foi coisa que jamais procurei averiguar, pois Drúsus sempre se mostrou reservado a tal respeito. Somente um dia, explodiu... estava resolvido a casar-se! Teu pai, que nutria pela rapariga uma aversão irresistível, perdeu a cabeça; e, como tivesse grande ascendente sobre o irmão, tratou logo de o dissuadir.

Além disso, o gênio impulsivo de Semprônius levou-o logo a cortar o mal pela raiz. Foi a casa de Túlia exigindo-lhe a desistência dessa união desproporcionada, que só lhe poderia ser fatídica e assegurando-lhe que jamais seria bem acolhida nas rodas patrícias e, mesmo ele, não a reconheceria por sua cunhada. Apesar de tudo, argumentos e ameaças, Túlia revelou-se de uma tenacidade incrível, declarando que nada haveria no mundo capaz de a demover. Teu pai foi ao auge da indignação e, valendo-se do forte ascendente sobre o irmão, exigiu que ele o acompanhasse a Roma, em viagem projetada para breve. Drúsus esquivou-se, ficou, mas não falou mais em casamento. Teu pai houve de partir sozinho, quase de relações cortadas com teu tio. Foi uma fase bem dolorosa essa, da nossa vida, para mim e para tua mãe. De um lado, a profunda tristeza de teu tio; de outro o gênio irascível de teu pai... Este, escreveu -me de Roma dizendo que seu amigo Flávius Sabínus era obrigado a partir, em viagem de negócios e, tendo-lhe falecido a mulher, pedia-me que guardasse a filha única em minha casa, por alguns meses. Acedi com prazer e pouco depois regressou teu pai acompanhado da jovem Sabina, que era, realmente, uma das mais lindas e meigas criaturas que tenho conhecido. Em casa, todos lhe queriam bem e mesmo teu tio se comprazia em conversar com ela, pois Sabina não só era fascinadora quanto instruída. Tais palestras se tornaram dia a dia mais longas, mais freqüentes, mais íntimas, à proporção que rareavam as visitas a Túlia, até que uma noite, fui surpreender o jovem par lá no terraço, ambos emocionados ainda pela presumida declaração que se fizeram, tendo ela a cabecinha reclinada no ombro dele. Drúsus corou logo que me viu, e tomando a jovem pela mão encaminhou-se para meu lado, dizendo: — "Mamãezinha, aqui te apresento uma filha que, estou certo, acolherás com alegria." Por única resposta, concheguei-os ao coração.

Felizes, radiantes de alegria, apressámos o enxoval de casamento, após o qual deveriam os nubentes seguir para Roma, a fim de lá viverem na companhia de Flávius Sabínus, que, não tendo filhos, pretendia cometer a Drúsus a administração dos seus bens.

Não sei o que Túlia pensava de tudo isso; mas, a verdade é que todos a supúnhamos conformada, ao menos na aparência. Realizaram-se as bodas ruidosas, pomposamente, mas logo no dia seguinte fomos feridos pela desgraça.

Nesta altura, preciso dizer que, havia pouco, Drúsus padecera de uma conjuntivite que lhe depilara parte dos cílios e o médico receitara uma pomada para fricção das

pálpebras. Pois bem: no dia imediato ao casamento, achando-se Drúsus no vestiário, ouvimos um grito horrível e Sabina e Semprônius, que foram os primeiros a acudi-lo, encontraram-no caído ao chão e desmaiado! Um velho escravo do seu serviço particular, todo trêmulo, tentava expertá-lo e nada soube dizer do acontecido. Voltando a si, Drúsus explicou que havia, como de hábito, friccionado as pupilas, quando, instantes depois, sentira uma dor atroz, qual se um dardo de fogo lhe perfurasse os olhos e o cérebro. De nada mais se recordava. E a verdade é que estava cego. Chamado o médico, verificou-se que a pomada havia sido trocada por outra de aparência absolutamente semelhante, mas contendo um tóxico violento e corrosivo bastante para destruir Irremediavelmente a vista do meu pobre Drúsus.

Imagina o nosso desespero... Mil conjeturas se fizeram sobre a autoria do crime, tanto mais inconcebível, quanto teu tio era benquisto e estimado de toda a gente.

Túlia, só ela, podia alimentar contra ele sentimentos de vingança.

A suspeita era geral, era unânime, mas, infelizmente, não havia provas.

Mal conformado com tamanha desventura. Drúsus seguiu para Roma acompanhado da jovem esposa, que lhe foi verdadeiro anjo tutelar na dedicação, no carinho, na bondade. Alguns meses depois, Túlia casou com um perfumista e mudou-se daqui. Depois, muito mais tarde, soubemos que estava morando em Roma.

Apesar da cegueira, o meu pobre Drúsus ainda poderia ser relativamente feliz, se uma também estranha morte misteriosa não lhe houvesse arrebatado a esposa.

Acabava ela de ter Drusila quando, certa manhã, a encontraram morta! E picada por uma serpe! De onde poderia ter vindo aquela serpe? Quem poderia tê-la intrometido no quarto da parturiente? Eis o que ficou envolto nas dobras do mistério... Mas a verdade é que uma certa mulher recomendada a Sabina para assisti-la durante a gestação, dizendo excelente parteira, acabou por desaparecer sem deixar traço de paradeiro... E a mim ninguém me convence de que Túlia não compartilhasse deste segundo atentado, por vingar-se do infortunado Drúsus, que, cego e abandonado, deveria, ao seu pensar, acabar louco.

Foi uma parenta afastada de Sabínus quem se encarregou de criar a òrfãzinha, já que não podia, por minha vez, abandonar-te também recentemente orfanado.

Suspirou longa e profundamente.

Cáius Lucílius tudo ouvira com vivacidade e interesse. Depois de breve silêncio, disse:

— Mas, apesar de tudo, não há uma prova concreta da culpabilidade de Túlia. E admitindo mesmo que ela tivesse assim procedido, seria uma razão a mais para arrebatar Dafné a uma influência maternal tão funesta. Ela conta apenas dezoito anos e não é crível já esteja empeçonhada do vírus materno. Outra coisa, vovòzinha: não deveremos temer que a minha falta de palavra também redunde em cegueira? A mão hábil que destruiu a vista do tio, pode também encontrar o roteiro dos meus olhos...

Fábia estremeceu e, num gesto de ternura e comoção, tapou com as mãos os olhos do neto.

— Que os deuses nos preservem de semelhante desgraça... Olha, vou conversar com teu pai. Até logo, filho...

*

*   *

Ao sair da casa de Semprônius trauteando uma canção, Cláudius encaminhou-se por uma rua das que desembocam no mercado. Diante de um alpendre resguardado por um

toldo de lona, parou. Ali, entre plantas raras, ramos e cestas floridas, uma bela rapariga entretinha-se a confeccionar uma guirlanda, toda absorvida na sua tarefa.

— Bom dia. Balbília... Com quem e com que sonhas, assim mergulhada entre as tuas irmãs rosas?

Ruborizada e comovida, a bela florista saltou do escabelo.

— Até que enfim, seu demônio! Há dois dias que gasto os olhos a espiar a rua deserta... Pensei que me houvesses esquecido, ingrato...

— Espero que te hás-de arrepender, já-já, destas suspeitas — disse ele a rir-se —, mas, olha, não podepiamos conversar um pouco mais à vontade? Bem vêa quo aqui, assim, ficamos mal acomodados.

— Vem cá...

Abriu uma portinha encravada no muro e fê-lo atravessar dois compartimentos escuros e estreitos, depois iiMI corredor que dava para o pátio interno, todo murado. Estrados e canteiros ornados de plantas e flores ocupavam todo o centro, onde, de uma bacia de pedra, osguichava um fio d'água.

— Assenta-te aqui, meu maroto — disse a moça conduzindo-o para debaixo de uma latada espessa, junto à parede da casa —, isto enquanto despacho Agra para o mercado, e volto a trazer-te uns belos refrescos... Depois... conversaremos à vontade, porque o papai foi ao grande horto e não estará de volta antes da noite.

Foi-se e de fato logo voltou trazendo uma bilha de vinho, uma copa de alabastro e um cestinho de bolos. Depositando a merenda na mesinha ao lado, encheu a copa e disse prazenteira:

— Bebe! é a melhor pinga que o pai reserva para os amigos... Eu cá, sei como substituí-lo no tonel, por outro menos precioso, sem que um e outros dêem pela coisa.

O musicista cingiu-a pela cintura, ergueu a copa:

— À tua saúde e ao nosso amor, Balbília!

— Oh! — respondeu ela suspirando, a brincar com as trancas louras — quando é que os deuses consagrarão o nosso amor e te facultarão os meios de esposar-me? Tivesse eu coragem para tudo confessar ao papai e talvez tudo se arranjasse, pois sei que ele é muito rico e eu sou filha única... Mas, também sei que haveria de enfurecer-se, dar por paus e por pedras, de vez que odeia os patrícios, chama-lhes cambada de orgulhosos e afirma que fugir de negócios com eles é o mesmo que fugir de ser tratado como cão. Além disso, pensa em casar-me com Públius, o jovem jardineiro do parque, a quem estima como filho.

Cláudius mostrava-se contrafeito com a loquela.

— Porque te preocupas assim de coisas tristes? — e logo insidioso: — é só teres paciência, calar o nosso amor, por enquanto, e tudo mais se há-de arranjar... Agora, veja o que aqui te trouxe.

Tirou de sob o manto um embrulho envolto no lenço de seda e depositpu-o no regaço da moça, que logo o abriu curiosa e sôfrega:

— Ah! que beleza! — exclamou, tirando umas sandálias douradas, um espelho de metal ricamente emoldurado e um frasco de prata cinzelado e cravejado de turquezas, pendente de um cordão de ouro.

— Obrigada, querido Cláudius... — E esfregava as mãos de contente.

Depois, lançando-se-lhe ao pescoço:

— Como podes falar em pobreza, quando me compras presentes assim tão caros?

Ele sorriu constrangido, e retrucou:

— Se te afirmo que sou pobre, deves compreender que se trata de uma pobreza relativa, isto é: que para um homem da minha condição não basta o que possuo, o que não quer dizer que me não sobre o suficiente para obsequiar a minha Balbiliazinha...

Seria lá capaz de confessar que aqueles preciosos dixes lhe provinham da generosidade de Cáius Lucílius? Ou não tivesse ele caráter assaz mesquinho para gozar, perante aquela ingênua criatura, da reputação de homem desprendido e superior à própria condição.

Meia hora mais de banal conversa, levantou-se:

— Agora, não há remédio senão deixar-te, pois ainda me resta uma tarefa a cumprir. É que Cáius está enfermo e pediu-me levasse a Dafné alguns mimos e um rico ramalhete de flores, que me vai fornecer.

Passaram-se à loja, Balbília escolheu um ramalhete de rosas vermelhas, presas por um rubi de cambiâncias áuri-rubras.

— Eis aqui: rubi e rosas rubras como a paixão do belo Cáius — disse ela sorrindo. — E, penso, podes pagar-me dobrado, porque o herdeiro do opulento Semprônius não há-de ser cainho nestas coisas de amor...

— Mas, certamente — respondeu Cláudius, enquanto depositava na escudela uma moeda de ouro.

Saudou a jovem e partiu. De caminho, enrolando aos lábios um sutil sorriso, cínico e zombeteiro, ia mur-iNiii,mdo: néscia criatura... está mesmo convencida de quo sou capaz de casar com ela... Não digo que me não conviesse para... amante, mas... como mulher do patrício Cláudius, lá isso é que não, nunca! Isso é papa-fina, que reservo para a herdeira do riquíssimo Drúsus, dado que as infernais divindades não me estraguem os planos.

Absorto nesses projetos de futuro, chegou a ir além da perfumaria.

Ao dar pela distração, virou nos calcanhares, montou os degraus da loja e espiou para dentro. Túlia lá estava, só, preocupada, a contar e empilhar moedas. E tinha uma tal expressão de ferocidade, que o mancebo não deixou de ficar surpreendido.

— Bom dia — exclamou, detendo-se à porta. A mulher ergueu-se de supetão.

— Sê benvindo e dize que ventos aqui te trazem.

— Venho da parte de Cáius. Onde está Dafné?

— Olha, vem cá e vê se lhe podes dar um tanto de juízo — disse, abrindo a porta dos fundos.

Dafné estava deitada num sofá, de rosto voltado para a parede. Tremia e soluçava, convulsivamente; com as mãos crispadas arrancava os cabelos, esperneava, era um perfeito animal enfurecido.

— Louquinha, não maltrates assim o teu piloso tesouro — gritou-lhe a mãe. — Olha quem aí está é Cláudius, e traz notícias de Cáius... Ele não te esqueceu, ouviste? Está doente, apenas.

Em tal coisa ouvindo, a moça acalmou-se. O vestido em desalinho descobria-lhe os seios; os cabelos des-grenhados a caírem-lhe pelo rosto, antes pareciam a juba de um leão; os olhos túmidos deixavam correr pelas faces algumas pérolas da sua cólera.

— Besta! que bem te faria agora uma boa tunda de chicote — conjeturou Cláudius, ao contemplar com enfado aquela amostra de estupidez amorosa.

Contudo, bastante prudente para calar uma opinião que poderia prejudicá-lo de futuro, caso Cáius viesse a esposar aquela fúria, limitou-se a exclamar com fingida quão afetuosa compaixão:

— Pobre Dafné, enxuga essas lágrimas, consola-te; ele está doente, é verdade, mas enviou-me a saudar-te e trazer-te estas tabuinhas escritas de próprio punho: mais, ainda, este estojo com um miolo de regalo.

Ela atirou-se ao embrulho, desfê-lo em três tempos e retirou o conteúdo, idêntico ao de Balbília. Depois, tomou de um espelho e pôs-se a remirar nele, com o cordão já cingido ao pescoço. Alisou os cabelos e disse, voltando-se para Túlia:

— Tenho a garganta seca, dá-me um refresco. Mal a porta se fechou atrás de Túlia, lançou-se de olhos acesos ao jovem músico, que se assentara no escabelo.

— Obrigada pelas boas-novas. Pensei que tudo estivesse acabado, mas, agora, estou radiante, como vês.

Isto, dizia, abraçando e beijando frenèticamente, nos lábios, o moço patrício.

Nada obstante uma fugaz surpresa, Cláudius era bastante depravado para deixar de repelir as investidas de uma bela mulher. Carícia por carícia, correspondeu-lhe aos transportes, efusivo também.

— Espero Dafné, que, ao te tomares rica e patrícia, ao demais, não me recusarás os teus carinhos, pois só o amor te poderia inspirar este gesto de reconhecimento pelo meu trabalho.

— Pois então? também me agradas e hei-de ajudar-te, desde que disponha da bolsa de Cáius, esse pa-lerma que se deixa governar por todo o mundo. Tivesse ele um pouco de energia e há muito estaríamos casados, em vez de me fazer alvo da chacota dos vizinhos... Ah! mas também te asseguro que ele não perde por esperar.

E cerrava os punhos à guisa de ameaças. Ouviram-se passos, ela desprendeu-se dos braços de Cláudius e dissimulou como se examinasse um frasco.

— As tabuinhas? — perguntou Túlia, passando à filha uma taça, logo esvaziada com avidez.

Cláudius entregou-lhas e ela leu: "Cáius Lucílius, à Dafné, envia uma terna saudação e roga a Eros que a proteja e conserve de boa saúde, para maior glória do seu amor."

— Mas, é muito gentil o que ele escreve! Que pena tenho de não saber ler... Mas hei-de guardar bem esta mensagem.

Túlia ponderou que o analfabetismo era coisa secundária e o essencial seria guardar bem aquela lembrança, ao mesmo tempo que a encerrava na caixinha..

Cláudius levantou-sé.

— Que queres que eu diga ao Cáius? — e sublinhando a frase com sorridente ironia: — Quererás que lhe transmita um beijo ardente?

Ela enrubesceu e a mãe interveio meneando a cabeça:

— Isso não tem cabimento... Olha, toma uma rosa daquele ramalhete, beija-a e manda-lha em sinal do teu...

Um forte rumor na loja não lhe permitiu concluir. Saiu apressada.

Dafné fêz como lhe dissera, tomou de uma rosa, beijou-a e, entregando-a ao músico, disse com olhos expressivos:

— Volta breve, meu gentil mensageiro de Eros, e acredita que serás sempre bem recebido...

Cláudius apertou-lhe a mão e sussurrou-lhe no ouvido:

— Olha, o ramalhete é meu... guarda segredo.

V

O noivo

Quinze minutos após a saída de Cláudius, um grito vindo da loja interrompeu Dafné toda embevecida a contemplar e experimentar os presentes agora espalhados na pequena mesa ao lado.

— Mamãe está discutindo com alguém cuja voz não me é estranha... quem será? — Levantou-se, curiosa, entreabriu a portinha e soltou um grito abafado.

De pé, na loja, deparava-se um rapaz alto e magro, fisionomia dura, enérgica. Depositara numa cadeira um grande embrulho e falava acaloradamente com sua mãe, que, conturbada e aflita, mal podia disfarçar o seu enfado.

— Rutuba! descobriste-nos afinal — exclamou caminhando para ele.

— Sim. Mas o que eu estranho é que tua mãe viesse sem me comunicar. Vocês poderiam, suponho, aguardar o meu regresso, poupando-me esta ausência de mais de um ano. Isto porém, agora, pouco importa. Meu tio faleceu legando-me uma bela granja vinhateira. Agora, já tenho de sobra com que viver e venho apenas reclamar a mão de esposa que teus pais me prometeram há três anos. Quanto a ti, Dafné, sei que não te esqueceste.

— Tudo isso é verdade, meu caro Rutuba — disse Túlia em tom meloso —, a tua fidelidade só te pode honrar; entretanto, depois que nos separámos ocorreram graves acontecimentos que modificaram radicalmente os nossos projetos. Acompanha-me lá dentro para que melhor nos expliquemos e tu, Dafné, fica aqui para atender a freguesia.

Pálido, carrancudo, sem algo objetar, o rapaz passou-se ao compartimento interior. Seu primeiro olhar incidiu naquela mesinha atulhada de preciosas bugigangas, dixes inúteis, provocando-lhe um sorriso amargamente sarcástico. Túlia, assaz contrafeita, tirou do armário um botijão de vinho, pão e carne, que depositou na mesa, depois de enfurnar atabalhoadamente na canastra aqueles objetos comprometedores.

— Deves estar fatigado da viagem — continuou, fingindo-se amável —, e enquanto comes vou contar-te o que sucede, como quem se confessa a um amigo...

Rutuba enguliu um trago da pinga e, sem tocar no resto, encostou-se à mesa, fixando a interlocutora com olhos severos e penetrantes.

— Já prevejo que não me queres mais para teu genro. É intuitivo, não precisas dizer-mo. O que resta, somente, é inteirar-me dos motivos dessa resolução...

Ela bateu-lhe no ombro afàvelmente.

— Meu caro Rutuba, é uma fortuna imprevista que desponta para o futuro da minha Dafné: imagina que Cáius Lucílius, sobrinho daquele opulento Drúsus que tu conheces, está apaixonado por minha filha e promete desposá-la. Ele próprio me disse que apenas aguarda c consentimento paterno.

— E não perderá por esperá-lo — disse Rutuba ironicamente —, pois eu conheço o altivo Semprônius e sei que ele jamais consentirá um enxerto plebeu na sua estirpe, a menos que tenha mudado, isto é, que já não seja aquele mesmo homem que impediu a ligação de Drúsus com uma plebéia igualmente ávida de fortuna e grandeza.

Os olhos da florista fusilaram de ódio.

— Ainda não te disse que Cáius é, sem dúvida, o mais belo dos homens de Herculânum e que Dafné o ama loucamente.

Esverdeado livor cobriu as faces do jovem romano, acendendo-lhe o olhar de fulgurações estranhas.

— Dafné ama-o? e eu que acreditava fosse a tua louca ambição o móvel único de tudo isso! Mas, nesse caso, nada me resta fazer aqui. É claro que não posso impedir tua filha de casar-se com um patrício.

Mas, porque voltar tão depressa? Acalma-te...

Não tenciono voltar a Roma, que não quero que La se riam de mim, por me verem sem a mulher prometida. Hei-de conseguir colocar-me por aqui mesmo, para contemplar, ainda que de longe, a nobre patrícia Dafné.

Em ouvindo essas palavras, a moça que espreitava atrás da porta experimentou uma viva inquietação. Seria pressentimento de que o noivo repudiado pudesse comprometê-la perante Cáius Lucílius?

Ela bem conhecia o caráter enérgico do rapaz, cujo olhar lhe estancara mais de um daqueles seus acessos de raiva. Leviana e cúpida, sempre se deixara cortejar com os presentes que Rutuba lhe ofertava e correspondia-lhe como a qualquer homem de boa aparência que se lhe deparasse. Mas, tanto que pressentiu nele um marido autoritário, arrefeceu-se-lhe o entusiasmo. Ao demais, tendo já experimentado o corrosivo efeito da muni-ficência de Cáius, só desprezo e indiferença lhe causava o que outrora motivo fora de alegria.

Rutuba, por sua vez e muito mais do que ela poderia presumir, tinha-lhe estudado o caráter; conhecia-lhe o feroz egoísmo, a leviandade, a cupidez; sabia que aquela boca de lábios rubros estava sempre pronta para morder a mão que pretendia acarinhá-la. Ainda assim, amava a sua beleza de linhas impecáveis, aquela cabeleira de ouro fulvo, aqueles olhos vivos e profundos... Sonhava, desejava possuí-la, ao mesmo tempo que esperava dominar-lhe a tigrina maldade a chicote, quando lhe falhassem os recursos de influência moral.

Dafné não deixava de ter razão temendo a vingança possível daquele homem duplamente ofendido, no seu amor próprio e na sua paixão.

Foi por isso que, dando à fisionomia expressão de viva mágoa, entrou no aposento e, contorcionando as mãos, exclamou lamentosa:

— Rutuba, meu querido e fiel amigo! choro a tua perda, crê; e nunca como neste momento experimentei a realidade do nosso amor. A nenhum homem poderei amar como te amo, mas... que fazer? Mamãe assim o quer. Em compensação, quando eu for poderosa e rica, hei-do cumular-te de ouro e presentes outros...

Mie fitou-a firme e friamente; depois, segurando-lhe o braço, sacudiu-a:

— Não mintas, não te rebaixes em arrancar lágrimas de olhos secos. Eu te conheço e sei o que em ti me despertou amor: foi a tua beleza plástica e não a tua alma hipócrita e ingrata, só capaz de amar as pessoas pelos bens que possuem. Os presentes, que ainda há pouco aqui vi, deveriam mesmo tornar-me supérfluo... Neste momento, tremes supondo-me capaz de ir à presença de Cáius Lucílius e denunciar-lhe as prendas do teu caráter. Tranquiliza-te, porém, porque desmanchar este teu plano seria, para mim, apenas um mínimo de vingança... Olha, casa-te com o filho de Semprônius, mas guarda-te bem de lhe revelares o fundo da tua alma naquelas crises de raiva em que te rebolcas e desgrenhas corno louca, rasgando as roupas e mordendo, furiosa, aquela pobre e velha escrava, único ser que até hoje os deuses te permitiram atormentar...

Vai-te qual és, rude, vulgar, impulsiva; imiscui-te na família do austero Semprônius e da impoluta Fábia... mas, não te esqueças que essa gente tem melindres de honra diferentes dos nossos. Sei eu, minha casta Dafné, quanto gostas de abraçar o primeiro rapaz que o acaso te depara, tanto que o possas. Pois lá, essas coisas não se toleram jamais, e no dia em que Cáius Lucílius te descobrir qualquer vilania, serás expulsa a chicote. E será essa, então, a minha única vingança, vingança que há-de vir, que virá

fatalmente, porque tu não és capaz de dominar as paixões viciosas que te corroem a alma.

Lívidas, mudas, estupefatas, as duas mulheres tudo ouviram sem protesto. Rutuba mediu-as de alto a baixo, enojado:

— Estão admiradas com o conhecimento que tenho da minha ex-noiva? Se assim é, também eu espero que ela ainda terá ensejo de admirar a minha sagacidade, até o momento em que haja de arrepender-se por não haver aceitado o marido plebeu que a conhecia e acolhia tal como era...

Gargalhou e saiu impetuoso, estrondando com a porta.

Túlia levantou a cabeça e, procurando os olhos da filha, ainda confusa e consternada, disse gravemente:

— Este homem é um inimigo perigoso, astuto quanto ousado; portanto, toma cuidado, trata de ser prudente e fiel, deixa essa coisa de namorar a todo mundo. Cáius Lucílius é belo e generoso, mas também lhe tenho surpreendido no olhar relâmpagos que indiciam nele um impulsivo, capaz de, na desafronta dos seus brios ofendidos, tornar-se cruel como as feras que ele tanto se compraz em amansar. Os homens violentos gostam das mulheres calmas e ele sempre conviveu entre patrícias ciosas da sua dignidade, quais Fábia, Metela, Virgília, etc. Não te reveles a ele senão como capaz de te tomares uma esposa bondosa, obediente.

Por mim, digo que o casamento é viável, mas a ti compete assegurar-lhe as vantagens, mantendo-te na posição conquistada sem dar razão a Rutuba, que, aliás, não deixa de tê-la. A tua identificação, a comunhão doméstica com Cáius é tão problemática e arriscada que eu mesma embargaria o lance, se com ele não me prou-vera vingar a velha ofensa de Drúsus e de Semprônius...

— Ah! — exclamou a moça — queres, então, imolar-me à tua vingança e ainda por cima envenenar meus prazeres e meus sonhos de futuro?

Entrou a soluçar, atirou-se na cama a esgadanhar-se, a vomitar contra a mãe uma torrente de impropérios e recriminações.

VI

O camafeu de Tibério

Num pequeno pátio interno da casa de Márcus Fábius, que comunicava com o corredor junto da escada, reboavam gritos e clamores.

Um magote de escravos premia-se em torno do feitor, que segurava pelo gasnete o pequeno Gundicar, ao mesmo tempo que uma mulher de mãos à ilharga gritava com voz estentórica:

— Canalha! gatuno precoce, desaforado! É preciso enforcá-lo ou dar-lhe de rijo, até matar. Ontem de manhã, a patroa tirou do estojo o camafeu e colocou-o sobre o toucador. Tinha-o na mão quando este patife foi ao terraço levando um recado do patrão, e eu não deixei de notar a avidez do seu olhar, fixando a jóia. Hoje, o camafeu não aparece: já remexi, já revolvi tudo, gavetas, escaninhos e... nada!

— Confessa, animal, onde puseste o roubo ou eu te esgano aqui mesmo — disse o feitor, a sacudir violentamente o rapazelho.

Testa franzida, lábios cerrados, cadavèricamente lívido, o adolescente deixava-se bater e maltratar sem um gemido.

— Desgraçado! ninguém, senão tu, podia ter furtado a jóia... Calas-te? Pois bem: vou desatar-te a língua...

O chicote serpenteou no ar e estalou nas costas do pequeno em lambadas frenéticas, violentíssimas. Ele se acocorava cruzando os braços, mas, sempre mudo. A cada vergastada tingia-se-lhe de sangue a camiseta e o feitor como que mais se exarcerbava, repetindo:

— Confessa, maldito, ou mato-te.

Nesse comenos, Virgília assomou à porta do corredor. Regressava do habitual passeio acompanhada da ama e do filhinho, quando foi atraída pelo alarido. Ao deparar com aquele espetáculo e notando o pequeno ensangüentado, empalideceu e perguntou:

— Que fêz ele para ser assim castigado?

— Senhora — exclamou a criada —, sumiu-se o camafeu, e ontem, quando a senhora o tinha em mão, Gun-dicar foi ao terraço e lá o viu... Juro que foi ele quem o furtou e agora não quer dizer onde o escondeu.

Virgília afastou-se sem articular palavra, subiu as escadas de cenho carregado. Outro qualquer escravo assim cruentamente flagelado ter-lhe-ia despertado comiseração e indulto; aquele rapaz, porém, era-lhe odioso pela voz, pelo olhar, por tudo enfim, que ela sentia, mas não podia definir.

Quanto ao camafeu de Tibério, detestava-o igualmente, embora fosse uma relíquia preciosa que a imperatriz Plantia Urgalanila dera a avó de Márcus Fábius. A pedra admirável, que representava o belo e altivo porte de Tibério quando moço, cercada de soberbos rubis e pendente de um cordão de ouro, constituía um medalhão, apenas desbotado de um lado, como se houvesse sofrido a ação do fogo. A respeito da origem dessa jóia que, diziam, o tirano jamais deixava de levar consigo, corriam desencontradas versões: afirmavam uns, em tom de zombaria, que era por excesso de autolatria; outros que por superstição, e finalmente os que estimavam no imperial fetichismo uma simples lembrança de mulher muito amada.

Verídicas ou não, tais lendas haviam suscitado em Virgília uma profunda ojeriza pelo precioso medalhão, a ponto de jamais o ter usado.

Mal dera costas ao deprimente e bárbaro espetáculo, quando, na outra extremidade do pátio, uma porta se abriu para dar passagem a Márcus Fábius.

O nobre patrício estacou surpreso, ruborizado e exclamou:

— Que é isto? Que fêz o rapaz para ser assim castigado? Tu, Próculus, bem sabes que nenhum escravo pode ser punido sem minha ordem.

Ao timbre daquela voz veemente e sonora ao mesmo tempo, todos recuaram estarrecidos. O patrício correu para Gundiear sempre encolhido, e, pousando-lhe a mão nos cabelos emaranhados, perguntou compassivo:

— Que fizeste? fala sem receio...

O rapaz ergueu os olhos, atônito, mas, incapacitado de falar, tombou desfalecido no lajedo e, ao descruzar os braços, deixou à mostra, sobre o peito, a corrente com o camafeu.

— Ladrão! roubou! vejam — exclamaram simultaneamente a criada e o feitor, apontando a jóia.

Fábius teve para o pequeno ensangüentado um olhar de profunda compaixão.

— Deveriam ter-me comunicado o delito e aguardar minha decisão. Próculus, vai transmitir o teu cargo a Grácus, já que me não convém feitores que mandem mais do que eu; e quanto a ti, Rufila, para outra vez não leves denúncias aos feitores antes de ouvir tua senhora. E vocês, que aí estão, levem o rapaz e digam a Scopelânius que mande dar-lhe um banho e uma boa cama, enquanto eu vou cuidar do resto. Rufila, a patroa já voltou?

— Sim senhor — adiantou Próculus —, a senhora aqui esteve, quis saber o que havia e não sustou o castigo...

Isso, disse-o com expressão desconsolada, já acovardado com a sentença da sua destituição.

Diante daquela informação, o moço patrício corou e empalideceu sucessivamente. Tomou o camafeu que um escravo lhe apresentava e, retirando-se bruscamente, galgou apressado os aposentos de Virgília.

Ao atravessar a alcova, atirou à mesa o malsinado objeto e rompeu no terraço para debruçar-se à balaustrada sem fitar a esposa reclinada no diva.

Ela ergueu-se inquieta. Se o marido assim procedia, é que estava contrariado. Era evidente, conhecia-lhe o gênio.

— Fábius, vem cá...

E ele, mudo, imóvel!

Ficou vermelha, fitou-o agastada e surpresa. Disse-lhe então Márcus Fábius, calmo, mas sem lhe voltar o rosto:

— De passagem pelo pátio, tive ocasião de ver o bárbaro castigo infligido ao pequeno Gundicar e lá me disseram que a “senhora” também a ele assistira e não sobrestara a iníqua execução... Que juízo poderei fazer do teu coração? Tu, jovem, sensível; tu que és mãe deverias, a meu ver, abominar toda e qualquer crueldade; no entanto, assistes ao suplício de uma criatura imbele e sem defesa, contemplas uma criança lanhada, sangrada por haver furtado um reles objeto provindo de um indigno tirano, e segues tranqüilamente o teu caminho, sem nada dizeres, sem nada impedires! Confesso, jamais esperava de ti um tal procedimento...

Virgília assentou-se no diva, olhos brilhantes, rosto esfogueado, e disse:

— Detesto esse rapaz e penso, simplesmente, que ele mereceu o castigo, pois o que me pertence não pode ser furtado, seja o que for e qual for a sua origem e natureza.

Márcus Fábius voltou e caminhou para ela.

— Pois tu não te envergonhas de odiar um ser tão desgraçado, sem família, sem posição, sem liberdade? Amado e acarinhado entre os seus, tanto quanto os nossos filhinhos entre nós, os asares da guerra o fizeram prisioneiro e, só por isso, há-de ser tratado pior que um animal?

Eu por mim sempre considerei uma indignidade o odiar e desprezar criaturas sujeitas ao meu domínio. Desprezo e ódio devemos reservá-los para os da nossa condição. Certo, essa criança fêz jus a castigo, que podia ser, por exemplo, prendê-lo a pão e água, ou dar-lhe serviço dobrado, mas nunca surrá-lo assim, a ponto de lhe fazer do corpo uma chaga viva! E agora, Virgília, vais buscar o bálsamo e algum cordial refrigerante, a fim de pensares, tu mesma, em pessoa, as chagas daquele pobre infeliz.

Ela percebeu-lhe a intenção: reparar o seu ato desumano, tanto que, um tique de teimosia e despeito lhe transpareceu no semblante.

— Rufila! — chamou, sem arredar pé. A criada apareceu.

— Vai buscar ataduras, o pote de bálsamo e aquela ânfora que está no armário, e depois vai cuidar das feridas de Gundicar.

Enquanto a serva juntava os aprestos, Fábius manteve-se calado; depois, arrebatando-lhe as ataduras e os remédios, disse-lhe:

— Acompanha-me, eu mesmo vou pensar o ferido.

Saiu rapidamente.

Virgília ficou surpreendida e como que hesitante, mas logo saltou da cadeira e foi alcançar o marido a caminho.

Segurou-o pelo braço e disse: — Como é isso? queres rebaixar-me perante os fâmulos avocando a ti o que só compete a uma mulher, ou melhor, a uma escrava?

Ele encarou-a com serenidade e firmeza:

— Devo fazê-lo, uma vez que te recusas e não quero constranger-te. Deixa-me, contudo, dizer-te que os atos caritativos não são, não podem, não devem ser exclusivamente atribuídos aos escravos. As mãos mais aristocráticas podem e devem pensar feridas. Permitir que as façam a chicote no corpo de uma criança é o que pode e deve considerar-se próprio de escravos.

Carrancuda, lábios frementes, ela arrancou das mãos do marido as ataduras e afastou-se ligeira, acompanhada de Rufila igualmente afobada.

Precedida por Grácus, o novo feitor, encaminhou-se ao alojamento dos escravos e penetrou num quartinho muito limpo e arejado, cuja janela abria para a horta. Gundicar ali estava estendido na enxerga, de olhos cerrados, imóvel. Junto dele uma preta se ocupava em molhar numa bacia os panos ensangüentados. Ao avistar a senhora, veio humildemente beijar-lhe a fímbria do manto.

— Como vai o rapaz? — aproximou-se um tanto indecisa.

— Ele nem se mexe, minha senhora.

Rufila retirou as cobertas e Virgília deu um grito abafado ao contemplar aquele corpo crivado de chagas, farrapos de peles soltas e placas arroxeadas.

— Ah! está bem castigado e com certeza nunca mais cairá noutra — disse Rufila, dirigindo-se a Virgília.

— Mas, a senhora está muito nervosa, deixe tudo a meu cuidado. Vamos Hela, corre a buscar mais ataduras e água bem quente.

A patrícia afastou-se e assentou-se junto de uma mesinha, em atitude meditativa. Arfava-lhe o seio, tinha vontade de chorar... Por causa daquele mísero rapaz, Fábius se agastara, disse-lhe frases amargas e ela ali estava. Pois bem: haveria de guardar-lhe, acrescido talvez, o mesmo incoercível rancor. Nem jamais esqueceria tão detestável episódio.

Gemidos abafados do pequeno, que se estorcia ao mais leve contacto, despertaram-lhe novamente a atenção. Intimamente, lastimava a sina daquele desgraçado, sem poder explicar-se o porquê daquela inelutável, instintiva aversão.

Levantou-se, encheu uma taça da poção sedativa e aproximou-se.

O semblante desfigurado e sofredor do jovem se-viciado iluminou-se de tênue sorriso e seus olhos fixaram os de Virgília com aquele misto de admiração e ódio que lhe eram habituais.

— Bebe — disse, inclinando-se e apresentando-lhe a taça, que logo esvaziou com avidez. — Agora, trata de dormir: logo mais hás-de ter vinho e frutas. Tirou da cintura um lio de rosas, entregou-lho e retirou-se fazendo um benévolo aceno de mão.

Da parte de fora, Próculus estava à sua espera e rojou-se-lhe aos pés suplicando obtivesse o seu perdão.

Disse-lhe que sim, que o faria, mas que evitasse, por enquanto, aparecer ao patrão irritado.

Um pequenote a correr, esbaforido, anunciou:

— O nobre Cáius Lucílius acaba de chegar e espera-te para o almoço.

Dirigiu-se para o átrium, onde dois homens passeavam conversando. Trocadas as saudações, passaram-se ao triclínio, onde ela tomou lugar à mesa, enquanto os dois homens se estendiam nos divas.

Virgília guardava obstinado silêncio e Márcus Fábius mostrava-se apreensivo. Cáius, que os observava de soslaio, disse, enfim, com um sorriso de comicidade:

— Amigos, estou a farejar por aqui algo do que me aguarda, se algum dia tiver a fortuna de me casar. Há neste ambiente rufos e arrufos, uma coisa assim parecida a céu conjugal pejado de nuvens... Será que não possa eu representar o gênio da paz para vos reconciliar? Sei de antemão que tu, Virgília, estás inocente e que o bárbaro Fábius quer encarnar o papel de tirano.

— Pois eu desejo, Cáius, que, quando tiveres uma esposa, seja-te ela uma doce medianeira entre ti e as rudes realidades da vida, de maneira que te poupe qualquer dissabor, para que os porventura aflorantes no santuário doméstico só a ti sejam devidos.

— Que mais desejas saber? — disse Virgília corando. — Fábius te dá a entender bem claramente quem é o responsável único pelo nosso desentendimento, e que eu só procuro causar-lhes dissabores...

Fábius deitou-lhe um olhar repreensivo e expôs sucintamente os acontecimentos daquela manhã.

Cáius, que tudo ouvira a chupar uma asa de caça, respondeu displicente:

— Acho que te incomodas muito por coisas de so-menos, pois a mim me parece justo que batessem no brutinho até confessar o delito. Com escravos não há proceder de outro modo. Meu pai, sabes, é muito bom para os seus: dá-lhes bom e farto alimento, trabalho moderado, mas não deixa de os castigar sempre que merecem. Não corre um ano que não sucumbam cinco ou seis sob a vergasta, mas, nem por isso, papai se aborrece... Morrem uns, compram-se outros; é o que ele diz e... faz. Quanto a vovó, o caso è outro: não se conforma absolutamente, e sempre que haja um flagício lá vai com os seus bálsamos e cataplasmas em socorro dos “pobrezinhos”, que é como os qualifica. Cá por mim, penso que não vale a pena castigar tais brutos para ter de os socorrer logo após.

— Não te posso dar razão — redarguiu Fábius —, mas, em todo caso, a atitude de Fábia — a veneranda, confirma o meu conceito de que uma mulher nobre não pode presenciar atos tais de crueldade sem procurar impedi-los ou, pelo menos, atenuar as conseqüências.

— Hum! — resmungou Cáius — compreendo... Depois, como para mudar de assunto, transmitiu

ao casal um convite de Fábia e Semprônius para aquela noite.

Aceito o convite, prosseguiu:

— Tenho ainda um pedido a fazer-te: quisera proporcionar a Virgília um passeio de carro, a fim de experimentar meus novos corcéis. Quererás confiar-me a companheira da minha infância nessa aventura? Escusado é dizer que serei prudente e iremos diretos a casa, onde nos aguardarás, depois de um giro fora da cidade.

Márcus Fábius estendeu-lhe a mão e disse cordialmente:

— Agradeço-te a idéia de proporcionar esse recreio à minha mulher, sobretudo se me prometeres prudência... Confio-te — como não? — a minha caprichosa bonequinha, mesmo para que ela desanuvie a fronte com a fresca aragem dos campos. Daqui, vamo-nos ao terraço e lá beberemos um trago de vinho, que é mesmo uma ambrosia. Isto, enquanto Virgília vai preparar-se. Depois, vocês partirão e eu seguirei de liteira para os receber lá em tua casa.

Horas depois, o carro de Cáius Lucílius reentrava na cidade pela porta mais próxima da casa de Semprônius.

A parelha resfolegante, coberta de espuma, atestava uma linda carreira. Virgília, corada e risonha, parecia ter dissipado todas as mágoas e mantinha com o companheiro um diálogo animado.

Deslizando à tarde, absorvidos na palestra, não chegaram a notar Túlia e Dafné, que, embuçadas em mantos escuros, passavam de regresso à loja.

— Que mulher será aquela — murmurou a moça, premendo o braço da mãe.

— Não faças caso: aquela é Virgília, esposa de Márcus Fábius e companheira de infância de Cáius.

— Mas... a mim é que lhe competia ostentar no seu carro e não a mulher de outrem. E que tal? Tão embevecido que nem nos viu! Veja como se riem, como se olham...

Crispava as mãos, contraía a face, parecia o demônio do ciúme.

— Vamos, anda daí — disse Túlia —, pois temos lá em casa alguém à nossa espera.

— Vai tu. Eu quero observá-los — respondeu Dafné. Mal a mãe dobrou a esquina, ei-la a correr por uma

rua transversal; e, antecipando-se ao carro, encolheu-se num desvão da muralha. Chamejavam-lhe os olhos como os de um felino selvagem, enquanto amarfanhava nas mãos o lenço branco, que retirara do pescoço.

Era justo no momento em que apontavam de través as cabeças dos cavalos. Dafné não trepidou, atirou com o lenço embolado nos olhos de um deles. Antes que Cáius pudesse perceber a ocorrência, a moça recuou e se encolheu no ângulo escuro da muralha.

Os corcéis espantados empinavam-se furiosos; o len-.ço prendera-se ao grampo da barbela e tremulava aos olhos de um deles, que entrou a corcovear como se houvesse enlouquecido. Virgília deu um grito lancinante e agarrou-se instintivamente à cintura de Cáius que, rubro, num esforço inaudito dos músculos intumescidos, procurava dominar a situação perigosíssima daquele transe. E, certo, tê-lo-ia conseguido mercê da sua força hercúlea (ainda porque o lenço, com os pinchos do cavalo, se desprendera), se por fatalidade não se houvera também partido uma das guias, o que permitiu a arrancada livre da frágil viatura na iminência de esfrangalhar-se de encontro às paredes, ou mesmo nos pedrouços das ruas e betesgas.

No peristilo da casa de Semprônius, o austero patrício, em companhia de Fábia e Márcus Fábius, palestrava esperando o retorno dos passeantes, quando enorme alarido lhes despertou atenção.

Imagine o espanto, quando reconheceram no carro em disparada e já um tanto desconjuntado, a figura de Cáius tentando suster numa só mão as rédeas que lhes restavam, enquanto com a outra amparava Virgília, que, encolhida e nele colada, parecia resistir milagrosamente aos violentos embates e solavancos da pileca.

À visão de um tal quadro, Fábia caiu de joelhos e, braços erguidos ao céu, obsecrou a misericórdia dos deuses.

Semprônius e Fábius, terrificados, lívidos, berravam as mais contraditórias ordens.

Houve, enfim, um verdadeiro tumulto; escravos que se projetavam à frente da equipagem, a fim de esbarrarem-na. Um deles foi logo colhido e esmagado; outros, machucados, repelidos como plumas. Na obstante, esse relativo movimento de parada foi como que providencial, ensejando a que um homem que até então perseguia a carruagem, correndo a bom correr, se plantasse à frente da parelha.

Ergueu o punho forte, qual massa de ferro, e descarregou-o na testa de um dos animais, que tombou logo.

Com a outra mão, grifou as narinas do outro e o carro não se mexeu mais.

Num golpe de vista, Márcus Fábius ergueu Virgília desacordada e transportou-a para o interior.

Cáius Lucílius levado ao colo, como se fora uma criança, foi conduzido ao peristilo para cair ali nos braços do pai, que o abraçou delirante.

Mas, tanto que se deáprendeu dos braços paternos, o moço correu a levantar Fábia ainda genuflexa, para cobrir-lhe a face de beijos.

Fosse, porém, a intensidade da emoção, ou fosse esgotamento oriundo do sobre-humano esforço despendido, o fato é que também ele empalideceu subitamente e tombou desfalecido numa cadeira.

VII

O salvador

Enquanto procuravam acudir a Cáius Lucílius fazendo chamar um médico, Semprônius buscava acercar-se daquele indivíduo que todos, transeuntes e vizinhos, aclamavam como — "o salvador".

Ele lá estava ainda, junto do carro, a enxugar a fronte banhada de suor.

— Diga-me como se chama para que eu possa agradecer-lhe o serviço inestimável que acaba de me prestar; e depois, diga-me em quê e como poderei provar-lhe minha gratidão.

— Nobre Semprônius, chamo-me Rutuba, natural de Roma. Se me queres fazer a vontade, dá-me serviço em tua casa e podes contar com minha absoluta fidelidade.

— Estás atendido: a partir deste momento, podes instalar-te nesta casa e descansar até que me seja possível determinar teus encargos. De qualquer forma, ficas sabendo, desde já, que tenciôno colocar-te junto de meu filho, cuja vida galhardamente salvaste. Sem embargo, aceita esta lembrança como penhor do meu reconhecimento.

E entregou-lhe um broche magnífico.

Trocou, a seguir, cumprimentos com alguns vizinhos pelo feliz desfecho do perigoso incidente, deu ordens concernentes aos cavalos e ao carro avariado e encaminhou-se para o quarto do filho.

Fábia, que lá o precedera, tinha lavado as mãos do rapaz, escalavradas pelas rédeas, ao mesmo tempo que um velho esculápio lhe humedecia as têmporas.

Mal o patrício entrava e Cáius se levantava com um suspiro de alívio.

— Que é isto? — perguntou, admirado.

Depois, como que recobrando subitamente a memória, saltou a pés juntos e gritou:

— Desmaiar... eu? mas é simplesmente imbecil! E agora estou a ver que vos preguei grande susto tanto os vejo alarmados...

Com um sorriso de candura quase infantil, juntou as mãos do pai e da avó, levou-as aos lábios:

— Perdoem-me... Aqueles diabos de cavalos ficaram loucos, mas, também, quem poderia ter tido a funesta idéia de lhes atirar à cabeça com este lenço?

— Como?! Pois houve alguém que espantasse os cavalos por maldade? — perguntou Semprônius, de olhar já inflamado. — Vou já examinar os freios e cabeções e talvez que ainda lá encontre algum frangalho. Falarei também ao teu salvador, Rutuba, e, se lograr qualquer intício de prova, ai do miserável!...

Afastou-se apressado, mas Cáius logo o alcançou para dizer:

— Se o meu salvador ainda aí estiver, manda-o até cá. Quisera ir contigo, mas ainda tenho a cabeça um pouco zonza.

— Pois sim. Ao demais, Rutuba ficará conosco, pois eu lhe dei um lugar em nossa casa.

Dentro em pouco, abria-se a porta e o novo serviçal perfilava-se na ombreira. Seu olhar de lince parecia querer devassar algo no rosto do jovem e belo patrício. Tanto que o avistou, Cáius lhe estendeu a mão e falou com aquela amenidade e franqueza que, a despeito de todos os caprichos e fantasias, lhe granjeavam afeição de todo o mundo.

— Obrigado, Rutuba; só um bravo pode arriscar a vida por quem não conhece; vamos, dá-me um abraço, já que estes serviços não há dinheiro que os pague...

Admirado, mas igualmente cativo, o plebeu aproximou-se e beijou o patrício na espádua.

— É muita honra que me concedes, ó nobre Cáius Lucílius!

E Cáius prosseguia com vivacidade:

— Meu pai disse que desejavas ficar conosco e tu ficarás desde logo ao meu serviço particular.

Tirou do dedo um anel cravejado de esmeraldas e deu-lho, acrescentando:

— Guarda como recordação deste momento.

O romano agradeceu e retirou-se monologando: — E é a um homem deste quilate que haveria de se destinar aquela besta? Ah! é impossível possa ele amá-la por muito tempo. E será mesmo que lhe possa ter amor, ele? Não?... não creio. Começará por aborrecer-se e dia virá em que a odeie... Nesse dia estarei vingado.

*

*   *

Vendo desaparecer o carro naquela carreira vertiginosa, Dafné retomou apressada o caminho de casa e, sem trocar palavra com a mãe, enfurnou-se no quarto.

O primeiro ímpeto de raiva lhe passara e, agora, toda se engolfava num turbilhão de pensamentos tumultuosos.

Acreditava-se bem segura e livre de que alguém lhe tivesse visto o criminoso gesto. E, contudo, havia duas testemunhas que ela mal poderia imaginar: a primeira, sabemo-lo já, era Rutuba que, da porta de uma tasca, vendo passar-lhe rente um vulto bem conhecido e, suspeitando quem fosse, rápido se lançou no encalço do carro e, a segunda, era Cláudius que, desembocando de uma rua transversal, chegara no momento justo em que os cavalos começavam a corcovear. Seu olhar agudo logo distingiu o perfil feminino a esgueirar-se da rua sombria.

Entretanto, colado ao muro, não fizera qualquer movimento para socorrer aquele a quem chamava — *seu amigo!*

Depois, apanhou o trapo branco que vira flutuar um instante na cabeça do animal, e certificou-se de que era um lenço de seda franjado a ouro, com um dos cantos dilacerado. Pelos lábios lhe passou então um leve sorriso de cruel satisfação e guardou, cuidadoso, o precioso achado...

Alguém que chegara, discutia na loja e Dafné interrompeu as reflexões.

— De volta? e que pretendes mais, aqui? Era o que dizia Túlia em tom irritadíssimo.

— Essa é boa! se aqui volto é que precisei voltar... Onde está Dafné?

Aquela voz fêz estremecer a rapariga, que logo viu entrar o ex-noivo munido de uma lanterna.

Depositou-a na mesa, aproximou-se da moça que se levantara e cujo rosto pálido ainda refletia as emoções da criminosa aventura.

Cruzou os braços perfilados, altivo, exclamou sarcástico:

— Cáius Lucílius está são e salvo e fui eu quem o salvou... Este broche e este anel que aqui vês, são penhores de gratidão do pai e do filho. Agora, quero saber o que me vais dar pelo meu silêncio, isto é, para que te não denuncie...

Ela deu um grito e caiu de joelhos, mãos postas, diante do ex-noivo.

— Não me desgraces! não impeças o casamento e conta comigo de corpo e alma, em troca do teu silêncio. Aceita a mulher de Cáius Lucílius como prêmio maior que ela te pode ofertar.

Um clarão de ódio lampejou nos olhos do romano. Recuou um passo e disse com desprezo:

— Seria um prêmio ignóbil, porque te odeio, não somente, mas, porque toda mulher que se oferece perde o encanto. Ao demais, porque haveria Cáius — ele que tão

generoso se mostrou apertando-me a mão de igual a igual — de pagar com a sua dignidade o meu silêncio? Não; jamais lhe direi coisa alguma do que se passa, da infâmia a que te arrastou teu bestial ciúme, mesmo porque, isso o levaria simplesmente a repudiar-te, quando o meu fito é que ele te odeie e te aniquile... Toma cuidado, portanto, em não me insultares, jamais, lá em casa de Semprônius, onde permanecerei de qualquer forma. Bem assim, não penses sequer em trair Cáius Lucílius... Se com ele chegares a casar, fica a meu cuidado o espreitar o advento oportuno da minha vingança.

Deu-lhe as costas e saiu.

Túlia entrou logo como um furacão:

— Imbecil, estúpida, azêmola, que fizeste? Que atentado é esse que assim te entrega amarrada de pés e mãos a este homem?

E caiu-lhe em cima, aos sopapos. A moça cabriolou em fúria e travaram uma verdadeira pugna. Terminada a chuva de taponas e impropérios, Túlia retirou-se para a loja a murmurar raiventa:

— *Infame, ingrata, não fosse meu desejo de vingança...*

Depois, um tanto mais calma, entrou a fazer arrumações na loja, quando ao de leve ouviu baterem na porta.

— Quem é? — perguntou já desconfiada.

— Sou eu, Cláudius — respondeu uma voz aflautada —, quero dizer a Dafné apenas duas palavras.

Atirou o manto numa cadeira, enquanto Túlia lhe apontava o cômodo interior.

— Mais uma testemunha que vem mercadejar o seu silêncio... E eu começo a vaticinar que vais, filha ingrata, arriscar a vida nesta aventura.

Com a entrada de Cláudius, Dafné se estendera no diva, de rosto voltado à parede. Cabelos em desordem, via-se-lhe pelo rasgão do corpete um trato da espádua alabastrina. O rapaz esboçou um sorriso cínico. Depois, aproximando-se, pousou a mão naquela carne desnuda.

Dafné se recompôs, mas, dando com aquele olhar ousado e ardente, estremeceu e levantou-se de um salto.

— Que queres, Cláudius?

— Apenas mostrar-te este lenço, que foi pendurado na testa de um cavalo em disparada... Achei-o na rua e penso que te pertence, simplesmente.

Ela deu um gemido abafado e pôs as mãos na cabeça.

— Não te apavores desse jeito, minha riqueza; eu não te farei mal... Quero, apenas, que me prometas de futuro o teu amor e uma parte do dinheiro que Cáius te possa dar para os alfinetes. Bem vês que, assim, não embargarei a tua e tu farás a minha fortuna... Concordas?

— Sim, farei tudo o que quiseres — respondeu lívida e contrafeita.

Sentia-se tolhida, enrodilháda qual mosca em teia de aranha. Ainda se considerava ninguém e já se via manietada, comprometida: de um lado, o terrível Rutuba a prelibar a sua vingança; de outro o melífluo Cláudius a exigir-lhe o dinheiro e a própria honra.

— Neste caso, ficamos amiguinhos e... adeus. O lenço eu o guardo para prevenir qualquer lacuna da sua memória.

Lançou-lhe um olhar significativo, traçou o manto e saiu. Naquele instante, transfigurava-se-lhe o rosto na expressão de uma alegria torpe. Diluía-se a máscara da franqueza e lealdade, que habitualmente afivelava. Que partida iria jogar, agora, com aquele Cáius Lucílius a quem intimamente odiava, não só pela sua beleza e dotes espirituais, como pela fortuna que o felicitava?

Favorito dos deuses e das mulheres, era-lhe grato o poder corromper-lhe a esposa e possuí-la quase, por assim dizer, sob as suas vistas, no seu próprio tálamo...

— Ah! se a sorte também me entregasse Virgília! — murmurou entre dentes.

A verdade é que odiava a mulher de Márcus Fábius pela displicência com que o tratava. No seu íntimo, refervia sempre que ela entretecia uma coroa e divertia-se em ajustá-la às suas melenas louras, ou ainda quando, segurando uma bandejinha de confeitos, fazia com que os comesse às colheradas, dizendo-lhe — "é para adoçar a voz"...

Precisamente por não existir como homem, no con-ceito_ daquela faceira criatura, é que lhe votava uma paixão esquisita e tenaz, misto de amor e ódio.

Na casa de Semprônius festejava-se com um banquete a salvação de Cáius Lucílius e da sua amiguinha de infância. Ao rever a moça pela primeira vez, depois daquele seu. desmaio, Cáius, com o arrebatamento que lhe era peculiar, abraçou-a, beijou-lhe as faces, felicitou-a por sua coragem e sangue frio.

— És uma heroína, Virgilinha! Que mulher outra, entre cem mulheres, em circunstâncias idênticas, deixaria de embaraçar-me com os seus gritos e quiçá entravar-me os movimentos com o chilique? Tu, entretanto, ficaste impassível, agarrada à minha cintura e me dei-xaste livres os braços.

Todos beberam à saúde e à coragem de Virgília. E quando o jovem casal regressava a penates, Márcus Fábius, amoroso, abraçando a mulher, perguntou-lhe:

— Estás ainda zangadinha por te haver constrangido a seres caridosa com um imbele e vencido?

Ela corou e mergulhou o rosto no peito do marido, confessando:

— Fábia me disse que não procedi bem; que o dever da mulher é compadecer-se de todos os infortunados, socorrer todos os desgraçados. Por isso, logo que cheguemos, irei ver Gundicar... Perdoa a minha teimosia, pois me punge a idéia de que poderia ter morrido em desacordo contigo.

— Amanhã — acudiu Fábius beijando-lhe a sedosa cabeleira •— iremos ao templo para louvar os deuses por todos os benefícios que recebemos hoje.

E enquanto marido e mulher assim se reconciliavam, Semprônius dizia ao filho quando este lhe pedia permissão para recolher-se ao dormitório:

— Querido Cáius: não duvido de que os imortais deixando-me entrever, hoje, a possibilidade de te perder, quiseram com isso abrandar meu coração: assim, tenho resolvido consentir que esposes a mulher que elegeste. Oxalá possas ser feliz e jamais me exprobrares esta minha condescendência.

Radiante de alegria, o rapaz agradeceu, confessando que todo o seu ideal estava satisfeito, nada mais ambicionava no mundo.

— Amanhã — acrescentou o velho patrício — irei. pessoalmente a casa de Túlia para decidi-la a acabar com a loja, cujo preço lhe embolsarei, bem como a retirar-se de Herculânum.

VIII

Semprônius em casa de Túlia

Na manhã seguinte àquele dia memorável, achava-se Túlia sozinha na loja, quando viu aproximar-se e parar-lhe à porta uma rica liteira.

E quando viu apear-se o nobre Semprônius, iluminou-se-lhe o semblante de satisfeita ironia.

— Quanta honra para a minha modesta loja! Que posso oferecer ao ilustre Semprônius, que seja digno da sua escolha e preferência?

Disse-o com fingida e reverente humildade, inclinando-se diante do austero ancião.

Ele fitava-a, severo e impassível como sempre, como que procurando reconhecer naquela criatura encarquilhada e emagrecida a mesma donzela de sedutora beleza com quem altercara vinte anos antes, por causa do irmão. Pela mente nunca lhe passara a hipótese de vir um dia pedir-lhe a mão da filha, para fazer, desta, sua nora. Ao seu olhar arguto não escapara, contudo, a fades de ironia vitoriosa que Túlia mal tentava dissimular. Amarrou-lhe a cara e foi dizendo:

— Nada de comédias... Apesar dos anos decorridos, nós continuamos a nos conhecermos mutuamente: teu despeito e teu ódio não estão mortos para mim.

Qual leoa mal ferida, ela ergueu-se e, concentrando no olhar toda a ferocidade da sua alma, disse-lhe:

— Estás enganado: teu desprezo e teus esforços para desligar-me de Drúsus acabaram por me restituir a razão. E não só isso, como também a facilidade com que ele me esqueceu... Ao mudar-me desta cidade, encontrei a ventura na afeição de um marido e no amor de uma filha. A perda do marido e os asares da sorte me obrigaram a voltar e abrir esta loja, em garantia do pão cotidiano. Entretanto, acredite-me, eu odeio os patrícios e peço aos deuses me livrem de negócios com eles. É que, de sobra, lhes conheço a soberbia, que os faz recalcar todos os sentimentos de verdade e justiça, por simples preconceitos de berço e de casta. Mas... que tolice a minha em estar relembrando coisas passadas, que longe vão! Aqui vens, decerto, comprar alguma coisa e, portanto, manda o que quiseres, que eu estou às tuas ordens.

O patrício tudo ouvira de má catadura e, acercando-se mais, mediu-a de alto a baixo num olhar depressivo:

— Não mintas, astuciosa e vingativa pantera; tu nunca esqueceste o teu ódio, o teu despeito por não te haveres casado com meu irmão. Sabem os deuses quem lhe roubou a vista e quem matou Sabina. A necessidade, dizes, obrigou-te a regressar aqui; mas eu também percebi, logo de passagem pela tua porta e vendo tua insolente alegria, que só vieras para executar o mesmíssimo plano falhado com a tua pessoa. Insinuaste tua filha a seduzir o meu Cáius e sabes, perfeitamente, que não vim fazer compra alguma e sim dizer-te, sumariamente, que autorizo o casamento.

Agora, se de fato odiasses os patrícios e repelisses toda e qualquer ligação com eles, qual o dizes hipocritamente, já me terias interrompido a palavra com uma repulsa formal. Mas, a verdade é que te calas e baixas o olhar, visto que aspiras, a todo o transe e com todas as energias da tua alma cúpida, a esta aliança com a família ilustre que sempre te repeliu obstinada e justamente. É que tu, com este casamento, esperas, não apenas criar valiosas relações, mas, possivelmente, aproximares-te do meu pobre irmão.

Enganas-te, porém: eu vim participar-te as minhas decisões, tão inflexíveis quanto o juramento do soberano dos deuses. Digo-te, pois, que aceito tua filha como membro de minha família, mas a ti, nunca!

Nessa altura, a voz do patrício tornou-se mais enérgica e seu olhar vibrou, pesado de chumbo, no rosto desfigurado da plebéia.

— Tu, a quem pesa e cabe a suspeição de um duplo crime, jamais transporás a soleira da minha porta. Quero saber, apenas, quanto queres por esta quitanda e pelo teu afastamento desta cidade. Pagar-te-ei integral e imediamente, mas deves renunciar desde já ao teu comércio, pronta a partires logo que mandemos buscar Dafné.

À medida que ele falava, cadavérico livor se espalhava pelo rosto de Túlia. Tremia-lhe o corpo. Surpresa e raiva, ao mesmo tempo, embargavam-lhe a voz. Separar-se da filha e ser escorraçada, repelida da nova parentela; renunciar para sempre à esperança de rever Drúsus — causa motriz de todos os seus projetos; fazer de Dafné uma patrícia e mergulhar-se ela própria na obscuridade? Teve ímpetos de estrangular Semprônius...

Contudo, diante daquele velho vigoroso, cujos traços revelavam energia e tenacidade a raiarem pelo despotismo, intimidou-se.

O patrício, que não lhe perdia o mínimo gesto, acrescentou calmamente:

— Devo prevenir-te de que os sentimentos de meu filho em relação à tua filha em nada modificarão as minhas resoluções. Tens cinco minutos para resolver e escusado será dizer que aqui não voltarei.

Túlia tentou algo responder, mas sentiu que lhe faltava a respiração. Levando as mãos ao rosto, saiu arrebatada. Atrás da porta esbarrou com a filha, que ajustava à pressa o seu vestido dos dias solenes — um vestido de lã, branco, guarnecido de grega azul.

Pela sua agitação e pelo olhar, adivinhava-se que tudo ouvira.

— Cumpre-me aparecer e agradecer a Semprônius — disse baixinho, ao mesmo tempo que alisava os cabelos em desalinho. — Sim! amo muito a Cáius Lucílius para não discutir condições!

— Insensata! — retorquiu Túlia com voz mal abafada, em cólera, agarrando-a pelo braço — é a mim, não a ti que compete decidir.

— Pensas?

Desprendeu-se com um safanão e esboçou um risi-nho de mofa:

— Pois olha que, se bem entendi o discurso de Semprônius, é justamente a mim que cabe a decisão, pois a ti nem te quer ver. E tem razão, porque, na verdade, que figura farias tu naquela casa aristocrática, quando nunca passaste de uma reles quitandeira? Comigo, a coisa é outra: estou moça e facilmente me adaptarei aos costumes da nobreza patrícia. Ainda assim, para te provar que não sou ingrata e que não esqueço a parte que tomaste na minha fortunosa empresa, comprometo-me a dar-te novas de Drúsus.

Esgueirou-se da mãe estatelada diante de tanta insolência e irrompeu na loja.

Cabeça baixa, mãos cruzadas no peito simulando timidez e pudicícia virginais, aproximou-se de Semprônius, mas, erguendo para ele o olhar de pomba assustadiça, deu com os olhos dele frios, penetrantes, cravados nela, e um rubor — esse não fingido — purpureou-lhe as faces.

— Aproxima-te — disse-lhe Semprônius com tal ou qual bonomia —, se fores tão boa quanto és bela, terás em mim um amigo indulgente. Agora, dize-me: estás de acordo com a separação de tua mãe e com a renúncia de toda e qualquer relação incompatível com o teu novo estado social?

Foi com um gesto de graciosa humildade que ela se ajoelhou para beijar-lhe a mão, dizendo:

— Desde que o pai do meu querido Cáius me aceita como sua filha, não existe para mim outra família senão a do meu futuro marido.

Ligeiro sorriso desanuviou a fronte do austero patrício. Para ele era muito natural que, pelo seu Cáius, tudo mais se abandonasse neste mundo.

— Vejo, filha, que grande e sincero é o teu amor... Felicito-te, e, se assim te mantiveres, hás-de ser feliz.

Túlia rompeu como uma fúria, Semprônius interpôs-se:

— Já estamos entendidos e, quanto a ti, qual o preço que estipulas?

— Nenhum: fico com a minha loja, ninguém me pode obrigar a vendê-la. E quanto a esta filha ingrata (num gesto incontido ergueu a mão), leva-a contigo, já, já, pois que eu a renego e abomino. Leva-a qual víbora que é, aquece-a no teu seio, até o dia em que te morda...

Trêmula e consternada, Dafné esboçou um gesto de súplica à sua mãe, pensando estivesse tudo desfeito, caso ela permanecesse em Herculanum.

Túlia, porém, desabafou com aspereza:

— Vai, miserável! em minha casa não há mais lugar para ti... Fora, rua, já! some-te da minha vista!

Semprônius, de permeio, interveio:

— Tu te esqueces, Túlia, que há vinte anos me pro-puseste tu mesma, espontaneamente, abandonar os teus se eu te aceitasse por minha cunhada... Hoje repeles, impiedosa, tua filha única, só porque ama incondicionalmente e não te consentem compartilhar dos seus privilégios. Expulsando-a, quebras por ti mesma os laços de sangue e parentesco. Enganas-te, porém, se pensas em aqui ficar para me contrariar, visto que, desligada de Dafné, serás para mim pessoa estranha e ficas livre para comerciar onde bem te pareça. E quanto a ti, minha filha, tomo-te sob minha proteção, a partir deste momento.

Sem olhar'para Túlia, desdobrou o manto sobre a moça, conduziu-a à liteira. Dafné obedecia-lhe tímida, muda, automaticamente.

Aquele olhar de aço, aquele semblante soberbo, aquela voz severa, infudiam-lhe medo.

*
*   *

A liteira parou defronte da casa de Márcus Fábius. Semprônius desceu com a moça pelo braço e foram logo recebidos pelo dono da casa, aliás muito surpreso.

Desculpou-se da ausência de Virgília, que saíra de visita a Metela e só regressaria mais tarde.

— Lamento não poder falar à sua mulher para pedir-lhe acolhimento, proteção e amizade para a noiva de meu filho, que aqui trago a este teto hospitaleiro. — E contou, a traços rápidos, quanto ocorrera em casa de Túlia.

Com aquela bondade toda sua, Márcus Fábius assegurou desde logo que Dafné seria acolhida fraternalmente e manifestou desejo de que Cáius viesse visitá-la o mais breve possível, já que decerto ela deveria estar intimidada e perturbada com aquela mudança de situação.

Semprônius tudo agradeceu e após breve palestra retirou-se seguido de Márcus, que fêz questão de o reconduzir à liteira.

Tanto que se viu só, livre do olhar de Semprônius, Dafné tomou fôlego e entrou a examinar curiosamente o luxuoso mobiliário do salão, a tocar e palpar estofos, tapetes e sanefas.

Um rumor de passos que se aproximavam deteve-lhe a inspeção. Era Márcus Fábius, que regressava e gentilmente a convidava a passar-se ao terraço, onde se assentou a seu lado e procurava distraí-la, persuadindo-a de que o amor haveria de lhe suavizar as contrariedades do momento e, uma vez casada, tudo correria admiravel-mente, pois

Cáius, belo quão bondoso, saberia indenizá-la de todas as afeições perdidas. Que, de resto, encontraria na venerável matrona, que era Fábia, a mais indulgente e carinhosa das mães.

Em ouvindo distraidamente aquelas palavras do jovem patrício, Dafné examinava-o com a maior atenção, intimamente cotejando os dotes físicos do noivo com os do marido daquela loura Virgília, que ela por si detestava, como causadora do brutal atentado a que fora arrastada pelo ciúme e que lhe dera, ao mesmo tempo, dois senhores implacáveis. Ninguém o dissera, porque não seria presumível, mas a verdade é que, daquele confronto, a impressão resultante foi toda favorável a Márcus Fábius! Sim: suas formas mais delicadas, as maneiras mais discretas, aqueles olhos profundos e sonhadores e até o metal de voz melodiosa e pausada, tudo lhe pareceu mais belo que o vigor exuberante, o olhar ardente e a palavra colorida e impetuosa do noivo.

Uma nova espécie de ciúme insinuou-se-lhe na alma frivola e luxuriosa, e de si para consigo pensou despeitada: — "maldito asar! a gata ruiva arrebatou-me o melhor"...

Nesse momento, uma voz de cristal timbrou na sala vizinha e Virgília apareceu à entrada do terraço. Fábius foi ao seu encontro:

— Querida Virgília, aqui temos Dafné, a noiva do nosso Cáius, que, por motivos que depois te direi, necessita de um asilo temporário. O próprio Semprônius nô-la trouxe e pediu para ela a tua proteção e boa amizade.

Uma ruga levíssima franziu a testa da récem-chegada.

Essa ruga tudo poderia significar, menos amizade...

É que, todo o seu orgulho patrício se insurgia com a contingência de receber no seu lar, para tratar como igual, aquela criatura bolônia, que a estulta fantasia de Cáius Lucílius fora arrancar da lama e que, no entanto, a sociedade limpa não podia rejeitar, uma vez que o nobre Semprônius sancionava o casamento.

Por deferência ao velho amigo e vencida, em parte, pelo olhar terno do marido que lhe estava como que adivinhando a íntima revolta, avançou para a outra e estendeu-lhe não os braços, mas a mão, dizendo:

— Benvinda sejas, Dafné: é com prazer que te peço aqui fiques, até o dia do casamento.

— E eu espero — atalhou Fábius procurando atenuar o efeito da glacial recepção — que vocês mais se estimem, à proporção que mais se forem familiarizando.

E logo se afastou, no intuito de as deixar em liberdade. Um longo silêncio pesou sobre as duas mulheres. Face a face, mudas, elas como que se autopsiavam reciprocamente ,

Dafné contemplava, um tanto despeitada, o vestuário distinto da patrícia, assim como o seu porte esbelto, as mãos cetíneas e pequeninas, dedos brancos e atilados como lírios: e Virgília lhe pagava o exame com olhos verrumantes, a fixar-lhe as formas opulentas, o rosto belo sem dúvida, mas destituído de nobreza; aqueles olhos azuis, brilhantes e ousados, mas sem expressão qualquer de candura e bondade.

Semprônius poderia ter-se iludido com aquela aparência humilde, mas o faro feminino de Virgília, de pronto lhe revelou um temperamento frívolo, impulsivo e sensual.

E, como de propósito a confirmar o conceito, Dafné, carregando o cenho, exclamou despeitada e arrogante:

— Porque me olhas desse jeito? desagrada-te a minha presença? De fato, não posso compreender porque Semprônius me conduziu a uma casa estranha, em vez de me levar para a sua casa.

— Estás muito enganada em supores-te em casa estranha — respondeu Virgília através de um malicioso, indefinível sorriso. — Mas, é natural que estranhos te pareçam

quantos, de hoje em diante, se te _ aproximarem... A verdade, contudo, é que foi no intuito de poupar-te uma tremenda humilhação, qual a de entrares em casa do teu noivo como criatura sem teto e sem família, qual rebotalho das ruas, em suma, que Semprônius aqui te toruxe.

Se Márcus Fábius ao receber-te disse que nossa proteção te seria assegurada até o dia do consórcio, podes ficar descansada e certa de que esta casa é das que nobilitam os que a ela se acolhem como amigos.

— Mas, eu quis apenas dizer que Semprônius tem meios de me sustentar, e que é pouco lisonjeiro para a noiva de Cáius Lucílius o ter de mendigar um asilo.

Um leve rubor tingiu as faces de Virgília, ao mesmo tempo que no olhar lhe transluziu um lampejo de orgulhoso desdém.

— Permite dizer que a tua advertência só prova a tua completa ignorância das formalidades sociais que vigem para o ambiente no qual, a partir de hoje, és chamada a viver. Para ti, entrevisto lá da loja que vens de abandonar, Cáius parece muito rico. Tuas palavras poderiam, talvez, impressionar e convencer, por sua arrogância, alguma camponesa ou qualquer quitandeiro das tuas relações. Mas "para nós", Cáius não passa de um igual, e, se aqui te recebemos, é só por amizade à sua família, e jamais cogitando da sua fortuna, de que aliás não carecemos. Devo dizer-te mais, que, se quiseres bem viver entre aristocratas, deves prender a língua e modificar essas atitudes vulgares e insolentes. Cáius Lucílius pode, sem dúvida, dar-te um título de patrícia, mas não a educação peculiar da sua, da nossa casta.

Isto te digo para teu bem, pois em ti só quero ver a noiva do meu companheiro de infância. Nem toda a gente, porém, estima Cáius qual o estimamos, para tolerar de bom grado as grosserias da sua mulher.

Dafné mostrava-se furiosa e consternada ao mesmo-tempo, de vez que lhe sobrava perspicácia bastante para compreender que a outra tinha razão e que ela, Dafné, acabava de dar uma patada, uma prova evidente do seu plebeísmo, da sua fatuidade, enfim.

Penoso silêncio reinou no ambiente e foi para ambas um alívio quando um escravo anunciou que a biga de Cáius Lucílius estava à porta.

— Não quero perturbar tua primeira entrevista nup-cial — disse Virgília erguendo-se e desaparecendo por outra porta.

IX

Os noivos

Indolente, lábios frouxos, Dafné deixou-se ficar assentada, mas, quando viu entrar o noivo sorridente e acompanhado de um escravo sobraçando grande cesta, súbita reviravolta se operou em sua atitude.

Naquele coração sempre volúvel, reacendeu-se a chama de uma paixão devoradora e foi assim que, de um salto, lançou-se ao pescoço do rapaz, ao mesmo tempo que lhe colava os lábios num beijo quase brutal.

O moço patrício foi o primeiro a desenvencilhar-se daquele assalto mudo e ardente e, resvalando o olhar pelo semblante esfogueado da noiva, disse-lhe:

— Sossega, minha querida Dafné: — todos os nossos anelos estão a termo de resolução e não tarda o momento em que te farás a companheira de toda a minha vida. O coração transborda-me de reconhecimento ao bondoso pai, que, para me fazer feliz, a si mesmo se impôs o sacrifício do seu amor próprio! Sabes o que ele me disse? — que tu lhe causaste boa impressão e que tua mãe te tratou com revoltante bruteza. Mas, não te amotines, porque eu hei-de compensar-te de todos estes dissabores.

— E tua avó também me receberá de bom grado?

— Minha avó é a personificação da justiça e da bondade, não há quem a conheça que o não diga e não a estime; e eu tenho certeza que serás por ela recebida de braços abertos.

Mas, a propósito, quero que me prometas uma coisa, em testemunho do teu amor. É claro que, lá em casa, velarei para que sejas respeitada e servida como dona;

que tuas ordens sejam obedecidas, tanto quanto as minhas; mas, em relação àquela veneranda matrona, eu exijo de ti o mais profundo respeito e uma obediência absoluta. Meu pai, que é meu pai, jamais deixou de concordar com a vovó e de seguir-lhe os conselhos, e eu por mim considero-me feliz em obedecer-lhe sempre.

Falava com entusiasmo, convictamente, enquanto de olhos baixos a noiva mal disfarçava o seu descontentamento.

— Então, pelo que vejo, continuas a ser considerado em casa de teu pai assim como um grã-bebé... E Semprônius, que tem um gênio tão altaneiro e umas atitudes tão enérgicas, não teve ainda a coragem de emancipar-se da tutela de uma velha, que pode ser muito bondosa, mas não pode ter a mesma experiência que ele tem na vida? Pois eu, cá por mim, confesso que essa perspectiva de nada fazer à revelia da tua vovòzinha afigura-se-me bem desagradável.

— É que esqueces — volveu ele já de olhar carregado — que essa velha não só é mãe de meu pai, 'como foi quem me criou e educou, substituindo a mãe que cedo perdi. Seu domínio outro não é, portanto, senão o que deriva de uma afeição pura, e pelo que, obediência e transigência, jamais nos foram difíceis, nem penosas. Contudo, não me custa perdoar esse teu julgamento, considerando que não conheces Fábia. De resto, espero não mais ouvir de teus lábios palavras tão irreverentes.

Vendo que ela baixava a cabeça, silenciosamente, beijou-lhe a fronte e disse expansivo:

— Que é isso? fita-me com esses belos olhos e vai examinar aqueles estofos e jóias que lá estão naquela cesta. Além disso, trouxe-te também duas escravas para teu serviço particular, enquanto aqui permaneceres. Quanto ao mais, Virgília to guiará. Sei que vocês já se falaram, Fábius mo disse. E que tal? não te parece que Virgília é admiràvelmente bela?

— Não me pode agradar mulher alguma que te pareça bela — disse, arrebatando a mão que até ali conservara entre as de Cáius, dando expansão à sua cólera —, quando se ama sinceramente a uma mulher não se lhe pergunta se ela atenta na beleza de outras mulheres! Em todo o caso, também me parece que Márcus Fábius é o mais belo homem que tenho visto...

— Dafné!

Corou e sorriu, ao mesmo tempo, mas um sorriso que o analista menos arguto poderia julgar contrafeito.

— Convenho em que Márcus Fábius seja mais atraente do que eu, tanto que Virgília me preteriu por ele (e pelo que aliás não lhe guardo o mínimo ressentimento); mas, aos teus olhos quero e espero parecer o mais belo dos homens. O que eu disse de Virgília não é de molde a provocar ciúmes, pois em Herculânum há muitas mulheres formosas e não é possível colar nossos olhos de homem, mesmo casado, para que deixem de as contemplar e gabar.

Tirou da cesta um belo colar de pérolas e cingiu com ele o colo da noiva:

— Então? não sejas màzinha; olha para mim que te quero e admiro, exclusivamente.

À vista do régio presente, ela asserenou-se, deu-lhe um abraço e pôs-se com vivacidade a remexer o conteúdo da cesta.

— No seu propósito de discrição, os nossos amáveis hospedeiros até parece que se esqueceram de nós — disse Cáius, levantando-se, mas, quase no mesmo instante, Márcus Fábius levantou um reposteiro e disse a sorrir:

— Desculpem incomodá-los, mas há muito que a mesa está posta e Virgília os espera... Ao demais, após tantas tribulações, a nossa Dafné deve sentir-se fatigada e com bom apetite.

Passaram à sala de jantar. Virgília convidou a moça a sentar-se a seu lado, enquanto os homens ocupavam os divas. Jamais Dafné (criada na pocilga de Túlia, cuja sórdida avareza não permitia sequer um modesto bem-estar) assistira a tão opulento repasto.

Glutona e rústica, extasiava-se a cada prato, comendo e bebendo com voracidade escandalosa para os

Incomodadíssimo, Fábius ensaiava prevenir-lhe os ímpetos, tanto que a via fixar alguma iguaria. Ela, porém, inteiramente empolgada, nada via nem atendia.

Virgília, essa, mal continha o riso e Cáius Lucílius corava a cada nova esturdície da noiva, que mastigava ruidosamente, ora besuntando os dedos, ora enxugando no vestido as mãos engorduradas, ou passando-as nos cabelos em momices de símio, sem dar tempo a que os criados lhe apresentassem guardanapos.

Quando, finalmente, terminou aquele bizarro- repas-to, os maliciosos olhos de Virgília notaram que Dafné tinha o mento e as faces luzidias, sujo o vestido, feições avinhadas e o cabelo em gaforinha, como se houvera saído não de um jantar, mas de uma arena de circo.

— Não queres tomar um banho e trocar de roupa? — perguntou-lhe Virgília.

— Quero, pois não: mas, que diabo de vestido hei-de mudar, se outro não tenho aqui? Olha, dá-me um vestido como esse teu, cujo padrão e enfeites me agradam.

— Trouxe-te fazendas e as duas escravas que também trouxe vão confeccionar teus vestidos — atalhou Cáius, aflito.

— Ah! é verdade, tinha-me esquecido e vou ordenar a essas mulheres que tratem disso agora mesmo; mas, a verdade é que neste momento estou sem roupa e agora é que me lembro, preciso ir lá em casa buscar dois lindos vestidos, um verde e outro azul-celeste, pin-talgado de estrelinhas vermelhas, que me deu (ia dizer Rutuba, mas conteve-se a tempo e concluiu) minha mãe.

— Queres ir em casa de tua mãe? mas olha que ela correu contigo — disse Virgília estupefata.

— Ela tem que me entregar os vestidos, queira ou não queira, olaré! mesmo porque, sabes? ela conhece a força destes pulsos... — E berrava, fechando os punhos e agitando os braços em meneios agressivos.

— Deixa-me lá ir, Virgília, preciso ir. Nem pode uma mulher do meu porte, mulher de verdade, envergar as tuas vestes de boneca...

Cáius, de um salto, manietou-lhe os braços:

— Antes de tudo, abre essas mãos, porque as esposas patrícias nunca as utilizam dessa forma... E portanto, que eu as não veja, nunca mais, nessa postura... Depois, tu não irás a casa de tua mãe, porque sou eu quem não quer. Comprarei, e farás quantos vestidos quiseres e precisares.

Ela negaceou, de mão nos quadris:

— Penso que não me queres tratar como tua escrava. Resolvi lá ir em casa e irei mesmo, pois não quero perder os vestidos nem outras coisas que lá ficaram.

Cáius estava lívido, os olhos lhe fulguravam estranhamente.

— Não irás — acabou por dizer — e, se fores, podes lá ficar, porque deixarás de ser minha noiva.

Enquanto se desenrolava esta cena, Fábius e Virgília trocavam olhares admirativos. Dafné cobriu o rosto com as mãos e disparou a soluçar.

Fosse que Cáius quisesse acabar com o incidente desagradável, ou fosse que se lhe tornasse penível o ver assim chorar a mulher amada, o certo é que se aproximou e, tomando-lhe da mão, falou com brandura:

— Acalma-te, acompanha Virgília; precisas ouvir-Ihe os conselhos e dominar esses ímpetos, considerando que aquilo que se desculpa nas mulheres do povo não se pode tolerar em nosso ambiente social, onde serias impiedosamente ridiculizada, visto que nem todos são in-dulgentes qual Fábius e sua mulher. Agora, enxuga essas lágrimas, dá-me um abraço e vai trocar de vestuário, que lá está, já à tua espera e muito a teu gosto, crê.

Atirou-se ao pescoço do noivo com violência, mas, diante do seu aspecto reservado e frio, os braços lhe penderam inertes e, de cabeça baixa, lá seguiu atrás de Virgília.

Quando elas desapareceram, Cáius Lucílius deixou-se cair numa cadeira e espetou o queixo nas mãos. Márcus Fábius teve para o amigo um olhar compassivo e, tocan-do-lhe no ombro, falou:

— Não te amotines assim, não desesperes por algumas estúrdias que devias ter previsto: trata-se de uma criatura rústica, educada por uma mulher brutal e cuja educação precisamos refazer. Descansa, tudo haveremos de conseguir. Enquanto ela aqui ficar, procuraremos, na medida do possível, sequestrá-la a olhos estranhos e, quando vocês se casarem, já ela saberá como conduzir-se num banquete em nossos meios sociais. Cáius suspirou mais desafogado.

— Acreditas que não venha a envergonhar-me diante dos nossos iguais? — perguntou, levantando os grandes olhos negros. — Certo, amo-a: mas, ao vê-la ainda agora de punhos fechados, confesso que desanimei, pois nunca a supus tão selvagem...

— O que se infere é que a mãe lhe batia e a obrigava a defender-se assim, a pulso; mas, agora, tratada com delicadeza e bondade, conto que há-de perder a rusticidade que tanto te impressiona.

*
*   *

Uma tarde, cerca de cinco semanas após o episódio que acabámos de narrar, Virgília em visitando Metela, com esta permanecia no recanto favorito que era, por sinal, um grande salão amplamente aberto em colunatas do lado do jardim, ao qual se descia por dois degraus de cantaria, precedidos de pequeno terraço de plantas raras e ensombrado de grandes árvores. Entre colunas, presos de canas douradas por argolões de corrediça, estendia-se o "velárium" de pesado estofo e ricamente bordado. Suspenso esse "velárium", o vento penetrava no salão em rajadas frescas, a saturá-lo das fragrâncias do jardim.

Metela, assentada junto de pequena mesa bronzeada, entretinha-se a confeccionar um trabalho feminino, ao mesmo passo que observava dois meninos de sete e oito anos, os quais, sob a guarda de uma preta velha, brincavam com um grande cão atrelado a um carrinho.

Defronte de Metela, Virgília se mantinha meio recostada a um diva, a beliscar frutas e doces ali postos na mesinha, ao alcance da mão.

Animadíssima a conversação:

— Pois é como te digo: estou gratíssima a Semprônius por me haver poupado esse honroso encargo de arvorar Dafné em patrícia, e penso que também tu o pensarias de bom grado — disse Metela casquinando.

Virgília jogou fora a romã que trincava e respondeu, franzindo os supercílios:

— Não fora a velha amizade que tenho a Semprônius e ao meu companheiro de infância, aquela sujeitinha não me ficaria lá em casa nem uma hora... Admitindo que Cáius a conquistasse como presa de guerra proveniente de uma nação bárbara, eu não me espantaria; mas, tratando-se de uma mulher romana, ainda que plebéia, é coisa inconcebível! É atrevidaça, cúpida e ao mesmo tempo caprichosa e tirânica. As duas escravas que lhe deu Cáius, padecem verdadeiros martírios, não lhes dá repouso noite e dia, castigando-as pelo mínimo descuido.

— E já notaste — obtemperou Metela — como Cáius se mostra às vezes apreensivo? Para mim, tenho que já está farto da noiva... Contudo, também penso que não dará o braço a torcer e acabará casando por teimosia, mesmo porque, meteu-se num beco sem saída e não quererá incorrer na pecha de covardia, repudiando a rapariga depois de escorraçada da casa materna e recebida pelo próprio Semprônius em penhor de casamento.

— Não penso como você, Metela: para mim, nunca é tarde par corrigir um erro. O que suponho é que Cáius talvez a ame, a despeito de tudo.

— Entretanto, convenhamos: bela, mas de uma beleza vulgar, desprovida de atrativos outros, não há que lhe augurar longo ascendente sobre o nosso bondoso Cáius, que tem na fidelidade a menor das suas virtudes. Mas, afinal, ainda não me disseste qual a opinião de Fábia.

— Ora, tu bem sabes que Fábia a ninguém condena de primeira vista; mas a verdade é que ainda um dia destes ela me disse com tristeza: "não quero julgar a pobrezinha que teve para educá-la uma mãe desnaturada e gostaria de apelar para o futuro, se lhe surpreendesse um olhar menos frio, mais sincero; mas, a verdade é que aquela fingida humildade, suas lisonjas e carícias hipócritas me repugnam". E tu compreendes Metela, que, na boca indulgente de Fábia, estes conceitos valem por uma condenação. De resto, pensas bem: ainda temos muito que ver, o.pobre Cáius vai ter pano para mangas. Ciumenta, mas de um ciúme beduíno, a bicha odeia e maltrata a toda e qualquer mulher a quem Cáius dispensa uma palavra ou um sorriso mais afável.

Sacudindo-se na cadeira, Metela riu-se a bandeiras despregadas.

— Oh! a pantera é ciumenta, mas, não apenas do noivo... Isto não te diria eu, se Fábius não fosse quem é...

Virgília corou e os olhos lhe coriscavam: — Então, também notaste que essa lesma apenas mal saída do charco assedia meu marido quando o noivo está ausente? Mas... que graça achas nisso? — ajuntou, despeitada, ao ver que a amiga continuava a rir.

— Não. Tais investidas são ridículas — disse Metela, e logo tornando-se séria —, mas o que tem graça é que o teu excelente marido não se ilude com o culto fervoroso que inspira, faz que não entende e continua a tratá-la com espírito de fraternidade, que não admite segundas intenções. Ao demais, podes ficar tranqüila, porque mulheres da marca Dafné jamais conquistarão teu marido.

— Tens razão, Metela, pois sempre que nos encontramos a sós, ele me fala compungido daquela selvajaria e termina por dizer que jamais pudera imaginar Cáius capaz de tal escolha.

Logo fazendo uma careta: — "tens razão; depois de mim, só eu mesma"...

— Também eu não acreditaria que uma criatura qual Dafné pudesse inspirar a um homem como Cáius outro sentimento que não piedade; mas, enfim, é bom que o casório se realize daqui a dez dias e fiques desse modo livre de uma tal prebenda. E por falar nisto: quando é que chega Drúsus com a filha?

— Dizem que nestes quatro ou cinco dias... E não é que me ia esquecendo esta novidade? Quem ma deu foi a própria Dafné. Essa tagarela nada pode guardar do que ouve ou lhe dizem, e, como não tem outra confidente, conta-me todas as particularidades que o noivo lhe confia. Foi assim que eu soube que Nero, o irmão de Cáius, também está sendo esperado. Somente não sabem se virá só, ou em companhia de Drúsus.

— Nero, o filho do primeiro matrimônio? Ele vem aqui? — perguntou Metela arregalando os grandes olhos. — Mas é extraordinário! Não posso conceber que Semprônius tivesse uma tal lembrança... Logo que ele se casou com Lívia, seu primeiro cuidado foi banir do lar os três filhos do primeiro matrimônio, enviando-os a uma das suas herdades mais longínquas e depois nunca mais procurou vê-los.

— Hum!.— murmurou Virgília mostrando-se impressionada — não se pode dizer que Semprônius andasse acertado. Mas, também porque o pai dele haveria de obrigá-lo a renunciar à mulher amada, a fim de o casar com a tal Júlia, que ele detestava? Materialmente, é certo que nada faltava aos filhos, aliás todos bem colocados hoje. O mais velho, Bálbus Antônio, fêz magnífico casamento e lá se encontra nas suas terras da Ümbria; Nero já está feito tribuno militar, servindo em uma legião pretoriana e, dizem, com a carreira garantida...

Pelo concernente à sua vinda agora, eis o que me contou Dafné: — parece que Drúsus concebeu o projeto de casar Nero com a filha, possuidora de grande fortuna, pelo lado materno. Ficando Nero desse modo pinguemente dotado, a Semprônius, liberto por suavez de cuidados ulteriores quanto ao patrimônio desse filho, sorriu-lhe o plano e deixou-se convencer por Fábia, que deveria convidar os dois filhos exilados a assistirem ao casamento de Cáius. Ontem, finalmente, receberam carta de Drúsus comunicando o dia da chegada e que provavelmente Nero o acompanharia.

Metela abaixou-se um instante e fixou com amoroso enlevo os dois petizes a traquinarem lá no jardim.

Seguiu-se longo silêncio.

— Não compreendo — disse enfim, como que despertando do seu enlevo — possa alguém banir do coração um filho para favorecer outro... Coitado do Semprônius! não lhe invejo a sorte e a situação perante Nero, e, ou muito me engano, ou Fábia não andou bem suscitando e patrocinando esta visita do neto exilado. O fato é que, privado do amor e aconchego paternos, ele bem pode sentir o espículo do ciúme e tornar-se inimigo de Cáius, que, afinal, nenhuma culpa tem no cartório.

— Ora essa!? você, Metela, vê sempre as coisas pelo lado pior: Nero nem terá tempo de enciumar-se, envolvido no turbilhão de tantas festas... Teremos, primeiro, o casamento de Cáius, depois o dele com Drusila..; Oh! vai ser um regalo e até já estou pensando na tristeza do ponto final. Que pena não poder casar também o meu Fàbiozinho!...

— Não te aflijas, espera um bocadinho; o meu Agri-pinha é mais velho oito anos e haveremos de o casar, antes, com a tua futura filha...

— Mas, isto no caso de Agripinha estar pelos autos e não se embelecar por alguma bolônia — disse Virgília sorridente. — Mas, que digo eu? talvez que a epidemia exótica não passe da família Semprônius... Agora, por exemplo, imagina a cara de Drúsus quando souber que Dafné é a filha daquela mesma Túlia que, dizem, ele muito amou outrora. Quem sabe se, ao reencontrá-la agora, não se lhe reacenderá o fogo da mocidade?

— Hum! não creio: já lá se vão vinte anos e também dizem que sua mulher, Sabina, era bela como Af rodite.

As crianças em alvoroço gritaram: — aí vem papai! As duas senhoras interromperam a conversa e foram ao encontro de Fabrícius e Márcus, já próximos do terraço.

X

Os dois irmãos

Era o dia aprazado para a chegada dos hóspedes que vinham de Roma.

Em casa de Semprônius reinava animação; os escravos, sob as vistas da velha mordoma, davam as últimas demãos no arranjo dos quartos destinados aos convidados.

Enflorava-se o "triclínium", improvisavam-se mesas para a recepção de boas-vindas.

Uma hora antes, Cáius Lucílius se dirigira para o porto, acompanhado de Cláudius e levando uma liteira, um carro, animais e fâmulos destinados ao transporte da comitiva e bagagens.

Isolado no meio de toda aquela balbúrdia, só o anfitrião parecia estranho ao festivo advento. Após desordenado passeio pelo pequeno terraço que comunicava com o seu quarto, Semprônius acabara por debruçar-se à ba-laustrada. A fisionomia fechada e a prega dos lábios eram de molde a indicar que os seus pensamentos não deviam ser agradáveis.

Ele ia, finalmente, rever Nero, aquele filho exilado havia vinte quatro anos, criado longe dele e tornado, assim, um estranho cujos traços não podia, dessarte, reconstituir. Começava já a arrepender-se de haver facilitado aquela aproximação, cuja expectativa lhe proporcionava saudades de um passado longínquo. E à medida que episódios e emoções há muito esquecidos lhe assomavam à retina espiritual, as rugas da fronte se tornavam fundas, e mais sombrios os reflexos do seu olhar.

Terríveis foram, na verdade, as cenas desenroladas entre ele e seu pai, violento e tirânico como ele mesmo, quando lhe impusera a renúncia da mulher amada, a fim de o casar com Júlia, filha de um companheiro de armas que morrera por lhe salvar a vida e a quem jurara fazer dela, sua nora.

Drúsus, mais novo dez anos, não passava então de menino; e com os seus catorze anos não poderia ser, conseguintemente, a vítima propiciatória.

De resto, o capricho obstinado do velho militar havia escolhido o primogênito para lhe resgatar o compromisso de honra, e foi debalde que ele se dirigiu à própria Júlia pleiteando a sua desistência em troca de vultoso dote, para que ela pudesse eleger outro marido.

Fosse porque a moça, durante a sua permanência no seio da família, se afeiçoasse a Semprônius, ou fosse que ambicionasse o brilhante partido da família, o caso é que se recusou contrariar os desejos do velho Antônius Bálbus.

Descoroçoado por fim, e vencido pelos rogos e lágrimas de Fábia, acabou capitulando, mas, rancorosa e magoadamente.

Naquele instante, ele revia esbatido em lúgubre claridade a penosa hora na qual, fremente de ódio e cólera impotentes, se havia ligado àquela mulher indesejável.

Os três filhos que lhe deu, foram-lhe abomináveis desde o berço: fugia de os ver, sempre que possível; e quando Júlia faleceu, após nove anos de conjugal inferneira, seu primeiro pensamento voou para Lívia, a noiva que fora obrigado a preterir e que, sem embargo, lhe ficara fiel.

Já agora, dispunha de vontade própria, morrera-lhe o pai e Lívia de boamente consentiu em reatar a cadeia de um afeto só quebrada pela violência.

Uma só condição impunha: — que os filhos da rival (dois meninos de 4 e 8, e uma menina de 6 anos) se afastassem do lar, antes que ela nele ingressasse.

Semprônius concordara, sem relutar, e dera parte a Fábia da resolução tomada, isto é: mandar os filhos para bem longe.

A nobre senhora abanara a cabeça negativa e desconsoladamente, dizendo:

— Não posso impedir que afastes as crianças, mas, a fim de lhes poupar uma existência penosa entre o pai irritado e a madrasta que lhes vota preconcebida aversão, eu as seguirei à nossa casa lá de Capua, onde reside tua tia desde que enviuvou, e, com o auxílio dela, acabarei de as criar e educar.

De uma coisa, somente, quero advertir-te: é que este ato de iniqüidade para com criaturas imbeles, que não têm culpa de haver nascido de uma mulher desa-mada, há-de preparar-te, no futuro, remorsos e situações possivelmente dificultosas. Essas crianças, mais tarde, no uso da razão, hão-de ver-te não como pai, mas como algoz. Exigir o banimento desses inocentes é ato de crueldade e cego egoísmo, que também não pode fazer a felicidade de Lívia.

Eis como Fábia se exilara com os netinhos e Lívia, altaneira e jubilosa, se instalara em casa do marido, que lhe satisfazia todas as vontades e caprichos, reconhecido à sua constância e fidelidade.

Desse amor, assim egoísta e tenaz, nasceu Cáius Lucílius. Esse advento foi acolhido alviçareiramente como um favor dos deuses.

E Semprônius sempre tão indiferente no que tocava aos filhos do primeiro matrimônio, deixou-se embevecer e cativar pelo seu caçula, cumulando-o de carinhos e cuidados, que mal se poderiam presumir num homem da sua tempera, austero e violento.

Todavia, aquela maternidade serôdia fora bastante para que Lívia jamais gozasse saúde. Um ano após o parto, seus males se agravaram de tal forma que Semprônius teve de escrever a Fábia pedindo-lhe que viesse cuidar do neto e dirigir a casa.

A velha matrona não tivera como fugir ao apelo e regressou ao lar do filho, deixando os três banidos aos cuidados de uma sua irmã.

Depois, quando pela primeira vez viu o último netinho e ele pacificamente lhe estendeu os bracinhos a sorrir-lhe como se fossem velhos conhecidos, deixou-se escravizar por uma afeição profunda, irresistível.

Lívia ainda penou catorze meses, para finar-se com quatro anos de casada, deixando o marido desolado e aturdido. Valeu-lhe, nesse transe, o ascendente materno e pouco a pouco, lentamente, o amor do filho adorado o revocou à vida, para viver por ele e para ele.

E o filho cresceu belo como um deus, inteligente e afetuoso, mas, igualmente, obstinado e violento qual o pai, que, tanto quanto Fábia, procurava adivinhar, para satisfazer, os seus menores caprichos.

Destarte, os filhos do primeiro matrimônio ficaram mais desamparados do que nunca.

Provendo-os farta e materialmente de tudo que pudessem necessitar, Semprônius não mais os quisera rever, e a aversão que outrora inspiraram se transformara em completa indiferença.

Assim que, quando soube que sua filha Semprônia fugira com um liberto de seu pai, mal completara os quinze anos e levando todas as jóias que pudera arrepanhar, apenas se mostrou ofendido do seu orgulho. Fora de si, acabou proibindo quaisquer diligências para capturar a fugitiva, e que jamais lhe pronunciassem o nome diante dele.

A irmã de Fábia, espírito bondoso mas tímido, enfermara de paixão e Drúsus acabou interessando-se pelo futuro dos dois sobrinhos.

Nero devia-lhe o cargo que ocupava no exército e quanto a Antônius Bálbus, caráter melancólico e orgulhoso, tratara de colocar-se por si mesmo, mantendo-se afastado dos parentes.

Todas estas peripécias redomoinhavam agora no cérebro de Semprônius, enquanto algo de remorso lhe picava o embotado coração. Parecia-lhe que o vaticínio de sua mãe

se havia realizado. Aquele filho que agora, depois de 24 anos, lhe entrava no lar, não era mais uma criança; era um homem de 28 anos, que se reconhecia alheio ao coração paterno, que talvez o odiasse, tanto que jamais procurava vê-lo, nem ter com ele qualquer entendimento.

Foi só então, nesse momento, que lhe ocorreu à memória o fato de haver Nero se ausentado de Roma para a casa do irmão, enquanto lá estivera Cáius Lucílius.

Mera coincidência ou demonstração de hostilidade, quem o poderia dizer?

O velho patrício mostrava-se muitíssimo apreensivo. Que dificultosa posição lhe estava agora reservada, em face daqueles dois filhos com iguais direitos de afeição, mas que impossível lhe fora tratar do mesmo modo.

E, se em atenção a Nero demonstrasse maior indiferença por Cáius, que haveria este de pensar? Suspirou, passando a mão na testa, como se quisesse afugentar aqueles maus pensamentos, quando um leve toque no braço lhe fêz voltar-se e deparar Fábia. Assentaram-se.

— Porque estás tão acabrunhado — perguntou fixando-o com aquele olhar profundo e calmo —, é o casamento de Cáius que assim te preocupa?

— Não, minha mãe: de qualquer forma, penso que sempre haverá meios de dominar Dafné. Outro é o pensamento que agora me obsidia: é o meu procedimento, o meu arrependimento, assim uma espécie de remorso, ao ter de enfrentar...

— Nero, o exilado, não é assim? — concluiu Fábia com amargura. — Assim é, filho, que uma ação má traz consigo a punição. Agora é preciso, pelo menos, procurar reparar o mal da melhor forma possível e receber o rapaz com o carinho e a amizade a que ele tem direito. Nero, em criança, era taciturno, tímido e muito vingativo; enciumava-se por qualquer agrado feito aos irmãos, considerava os meus afagos seu exclusivo privilégio. Sei que nunca me perdoou a nossa separação, e conquanto dissimulasse o seu ressentimento, na intimidade, bem o adivinhei na maneira por que se me esquivava, quando da minha última estada em Roma. Eis porque fiquei satisfeita quando soube que resolveu esta viagem. Trata, por conseguinte, de lhe não despertar ciúmes e melindres, mostrando qualquer predileção por Cáius.

— Mas, eu não posso, não sei aparentar o que não sinto, só para lhe ser agradável — respondeu mal humorado. — De resto, que lhe tem faltado? Minha assistência e meus cuidados? E saberia ele apreciá-los? A verdade é que sempre o provi de tudo o que precisava e desde que entrou para o exército lhe arbitrei uma mesada, que lhe permite destacar-se entre os colegas. Agora, só há esperar que o seu casamento com alguma mulher bonita e moça lhe faça esquecer as velhas mágoas. A matrona levantou a cabeça:

— Sei que esse projeto te sorri, tanto quanto ao próprio Drúsus; entretanto, não lhe auguro êxito, visto que Drusila ama a Cládius e Nero não ama a "ninguém". Mas, deixemos isto de parte, agora, pois outra coisa aqui me trouxe: é que recebi ontem, à noite, a resposta de Antônius, que, não só repele, como repele acrimoniosamente o teu convite. Não só recusa toda e qualquer oportunidade para avistar-se contigo, como declara não ter pai, tanto que desiste de heranças para só considerar parentes os da família de sua mulher.

Fulo de raiva, Semprônius ergueu-se empertigado na ponta dos pés:

— Atrevido! cachorro! pois teve esse topete?

A velha Fábia abanou com a cabeça em sinal de reproche.

— Não te exaltes, sejamos razoáveis, pois a verdade é que apenas estás recolhendo o fruto do que plantaste. Antônius sempre se revelou um menino ge-nioso e rancoroso em excesso. Hoje, tem trinta anos, já é pai também, e senhor dos seus atos. Certo, é

lamentável que tenha um coração tão duro; mas, por outro lado, nunca chegou a ter conosco maior intimidade, também não teremos de lastimar a sua ausência.

Semprônius tudo ouvira de cenho carregado e, retomando a cadeira, disse com amargura:

— Os três rebentos de Júlia em nada se parecem com Cáius: pérfidos, arrelientos e agressivos, qual sua mãe, jamais poderiam conquistar minha afeição. Quem não verá em Semprônia, a fugir com um escravo liberto, o "fac simile" da mulher sem pundonor, que, sabendo-se preterida por outra, ainda assim, me recusou a liberdade?

— Não pretendo inocentar Júlia — volveu Fábia —, mas, os filhos não tinham culpa e a própria Lívia não deixa de ter grande quinhão de responsabilidade nos distúrbios e desgostos que agora te apoquentam. A rival falecera e os inocentinhos faziam jus ao lar, por se beneficiarem do teu amor.

Talvez Semprônia não procedesse tão mal se tivesse nosso amparo e vigilância constantes. Minha irmã, sabes, era boa, porém tímida; e a educação dos próprios filhos não serviu senão para evidenciá-la incapaz de retificar e dirigir tais caracteres. Entretanto, estou a pensar que os hóspedes estão a rebentar por aí e quero ainda lançar uma vista de olhos nos arranjos da casa.

Enquanto mãe e filho assim conversavam, Cáius e Cláudius passeavam ao longo do cais, aguardando a galera já entrevista ao largo.

Absortos em si mesmos, os dois rapazes pouco falavam. Todos os pensamentos do primeiro convergiam para a pessoa daquele irmão desconhecido, cuja existência só presumia de outiva. O nome de Nero chegava-lhe aos ouvidos rara e vagamente, sempre, e só poucos dias antes o pai lhe dissera que o irmão viria às bodas. Na infância, é certo que se admirava, por vezes, de não ver o irmão compartilhar dos seus folguedos; mas isso eram impressões de criança, efêmeras. Passaram... Agora, porém, esperava-o com impaciência e alegria. E, para isso, ali trouxera um dos seus mais belos corséis sober-bamente e ajaezado, a fim de lho ofertar em testemunho de boas-vindas. Ele não poderia imaginar, por instantes sequer, acostumado a só recolher afetos de todo o mundo, que o irmão deixasse de o estimar, ainda mais recebendo um tão lindo presente...

Chegou, finalmente, o navio. Lançada a prancha, logo Drúsus, apoiado ao braço da filha e seguido de um jovem oficial, desceu ao cais. Depois de trocar com o tio e a prima cordiais saudações de boas-vindas, da parte de Semprônius e de Fábia, Cáius voltou-se e, enquanto Drusilia corando trocava com Cláudius um furtivo aperto de mão, aproximou-se do irmão que estacara a distância, pálido, olhos baixos e mão apoiada ao copo da espada. Envolveu-o num grande olhar curioso e franco...

Cáius Semprônius Nero, o filho tanto tempo banida do lar paterno, era um rapaz de mediana estatura, es-belto e bem apessoado. O rosto fresco e regular enquadrava-se em cabeleira castanha, animado por dois olhos vivos, da mesma cor. Essa aparência agradável era, ao demais, realçada pela farda militar. Contudo, aquela expressão taciturna e o olhar suspeitoso, que às vezes lhe alteravam a fisionomia, deixavam presumir paixões violentas e habilmente dissimuladas.

Cáius, ao demais, não atentou senão no exterior quando estendeu a mão e falou em tom cordial:

— Aceita nossas boas-vindas. Por mim, ignoro o motivo que te reteve tão longo tempo afastado de nós; mas uma vez que aqui estás, finalmente, espero me estimes quanto desejo estimar-te. Nosso pai te cumprimenta e me incumbiu dizer-te que muito se rejubila com a tua presença.

— Sim?! — respondeu Nero esboçando um sorriso indefinível.

E com olhos percucientes fixou o semblante franco e leal, do irmão.

Com aquela resposta equívoca, Cáius Lucílius ficou por momentos interdito, mas não teve tempo de formular qualquer pergunta, chamado que foi por Drúsus, a fim de lhe apresentar outra personagem, que se conservava discretamente distanciada.

— Querido Cáius, trouxe comigo este rapaz, que desejo recomendar à tua benevolência, bem como à de Semprônius. Apolônius é um artista de talento, ao qual já devo inestimáveis trabalhos. Ele tem aqui um parente, a quem desejava visitar e eu aproveitei o ensejo para encarregá-lo de esculpir os bustos de tua avó, o teu e o de tua futura mulher.

Cáius cumprimentou, cortês, e, ajudando o tio e a prima a tomarem a liteira, volveu-se para Nero:

— Apolônius irá no carro de Cláudius e, quanto a ti, pensei que havias de preferir fazer-me companhia a cavalo.

E designava-lhe dois magníficos corséis, que os escravos mantinham pelas rédeas.

— Este cavalo preto chama-se "Águia" e fui eu mesmo que o amansei: peço-te que o aceites como lembrança de chegada. Quanto a égua branca, é a minha montaria predileta e tem o nome da minha noiva — "Dafné". Era a maior distinção que lhe poderia conceder.

Nero agradeceu friamente e montou: a comitiva se pôs em marcha.

Despreocupado e alegre, Cáius fazia caracolar sua montada, trocando ora uma saudação com os transeuntes, ora uma frase com Cláudius e o escultor.

Nero ia silencioso, a olhar o irmão de soslaio, ao mesmo tempo que profundo vinco lhe franzia a testa. Era, então, aquele o irmão causador do exílio "deles", o único com direito ao amor do pai e da avó e a quem todo o mundo cantava loas por sua elegância, inteligência e destreza em todos os jogos? Era ele, sim, quem lhe envenenara o coração desde que lhe ouvira o nome...

E quanto mais atentava naquela figura distinta e ao mesmo tempo exuberante de força e alegria; naquela cabeça digna de um escopro genial; naqueles olhos fascinantes, mais seu olhar se carregava de ódio, mais se lhe apertava o coração.

Cáius acabara, finalmente, por notar a preocupação e o ar enigmático do irmão, mas, sempre bondoso e jovial; desde que o não molestassem, encostou a montaria e falou em tom amistoso e natural:

— Nero, meu irmão, desanuvia a fronte, já que vens ao nosso lar onde te aguardam o pai, a vovó e corações amigos. Lá teremos diversões e prazeres... Noto que estás aborrecido... Porque? Saudades de alguém?

Amado e mimado de todo mundo, Cáius só havia, até então, experimentado uma contrariedade na vida, que fora a oposição paterna aos seus projetos de casamento como Dafné. Na sua inexperiência do mundo, não podia suspeitar da natureza dos pensamentos que torturavam o irmão. Nero fitou-o como que surpreso e abanou a cabeça:

— Que idéia a tua! Não tenho amores, a ninguém amo, e, falando em tese, nem mesmo sei o que seja amor, visto que também jamais fui amado de alguém.

— Ninguém te amou, jamais? — repetiu Cáius, ao mesmo tempo que esboçava um momo de incredulidade. — E nosso pai? e nossa avó?

— Nosso pai — respondeu com um leve sorriso, mas num tom de voz cuja acerba vibração timbrara desagradavelmente os tímpanos do irmão... — pois tu acreditas nisso? Ou dize-lo só por delicadeza? Mas... não: eu bem vejo, pelo teu olhar, que és sincero... Todavia, não te amofines, meu irmão, o tempo tudo te revelará. Agora, dize-me: — qual o dia fixado para o casamento, se tua noiva é bela, quais as vossas relações e se tendes por aqui bons gladiadores...

— Tudo encontrarás, aqui nada te há-de faltar: nosso circo está luxuosamente instalado e eu mesmo tenho um tigre, um leopardo e um leão, que o pai ultimamente me comprou. Luto com eles e apraz-me a sensação da minha superioridade, que os rende submissos ac meu olhar. Entretanto, de tempos a esta parte, os bichos se têm tornado indolentes, talvez por excesso de alimento. Quanto a Dafné, vais vê-la: é uma bela criatura, loura e fresca como Hebé. Mas, na verdade, tu me confundes, oh! Nero... como se pode deixar de amar as belas mulheres? Eu, cá por mim, confesso, elas me apaixonam, mais ainda que os cavalos.

— Mas eu não disse que não amava as mulheres e sim que não tenho preferência por mulher alguma. E tu, com certeza, possuis muitos cavalos, não? Se gostas tanto deles...

— Penso que sim. Hei-de mostrar-te tudo o que tenho e havemos de dar esplêndidos passeios. Entre outros exemplares, tenho dois magníficos cavalos que estão agora quase curados de um acidente. Um malfeitor lembrou-se de os espantar, eles dispararam e, por um triz, não fomos vitimados eu e Virgília, amiguinha de infância que tu vais conhecer. Presentemente, ela se encontra adoentada e não sai de casa, mas hás-de vê-la nas bodas.

Ah! Virgília é uma criatura adorável, clara, olhos azuis e cabelos de ouro! E não obstante tão franzina, tão delicada, é uma verdadeira dourada borboleta, como lhe chamam. Antes de me apaixonar por Dafné, estive louco por ela, mas a verdade é que recusou o meu culto e acabou preferindo Márcus Fábius — concluiu careteando:

Agora, conta-me por tua vez o que fazes lá em Roma, dize-me da vida palaciana, do serviço do Imperador...

O jovem oficial encolheu os ombros:

— Trabalho é sempre trabalho, quer sejamos escravos do destino ou do dever. De qualquer modo, aqui, como lá, arrisca-se a vida sob o jugo de outrem e sempre é mais agradável viver em nossa casa, sem outro senhor que o nosso capricho... Todavia, tais encargos são bons para os que não têm um lar paterno e não sabem onde pousar.

Tocado pela amargura mal disfarçada daquela resposta, Cáius Lucílius calou-se, apreensivo. Tudo daria, no momento, para saber dos motivos de tanta mágoa e rancor concentrados em Nero. Sabia que nunca lhe faltara coisa alguma, nem dinheiro nem gozos; mas, quanto ao seu isolamento e ao ciúme de filho excluído do lar, isso não podia conjeturar.

Continuou calado e completamente absorto, sem mesmo notar que passavam pela rua em que morava Túlia. Esta, sempre informada do que ocorria em casa de Semprônius, sabia da chegada da comitiva e postara-se à espreita, de modo a ser vista.

Ansiosa, ofegante, esperava a passagem do cortejo, e quando, finalmente, o viu defrontar a porta, nervosa, pôs-se a tremer como varas verdes.

Mãos ao peito, olhos incendidos, nada mais enxergou que o rosto pálido, abatido e os grandes olhos ternos daquele homem que, recostado na liteira, tinha ao lado a imagem fiel da loura mulher que lhe acarretara o desprezo e o abandono.

Como se houvera sentido o fluido magnético daquele olhar persistente, o cego agitou-se nas almofadas e passou a mão na testa, como para escorraçar penosas lembranças. Perguntou se ainda estavam longe... Um momento e já o cortejo dobrava na esquina. Túlia aferrolhou a porta. Ninguém mais deveria transpô-la naquele dia. Depois, ajoelhando-se, enterrou a face nas mãos e tentou reprimir os soluços que toda a sacudiam. É que todo o passado ali lhe ressurgira de chofre. Viu aquele mesmo Drúsus jovem, garboso, cujos olhos doces lhe falavam de um amor ardente; viu, depois, a mesma mulher a quem ela Túlia, habilmente disfarçada, havia levado a serpente que matara a rival.

Enceguecida pelo ciúme, acreditara por instantes haver lobrigado essa mesma rival junto de Drúsus, lá na liteira, esquecendo que Sabina já não existia e que a visão só poderia ser a filha.

Dafné, o casamento, tudo, tudo se evanescera no instante em que se deixara empolgar por uma paixão tumultuosa... E era ela, aquela mulher cruel e hipócrita, que sabia como ninguém mascarar os sentimentos com aparências de humildade e beatitude! "É mentira! o coração não envelhece nunca, o olvido não existe, as úlceras da alma jamais cicatrizam" — monologava...

Quando a comitiva parou à porta de Semprônius, o ancião já lá estava firme, à espera dos hóspedes. Correu, ele próprio, a amparar o irmão para apeá-lo da liteira, e logo o abraçou silenciosa e demoradamente.

Depois, esquecendo Drusila, voltou-se para alguém que vira chegar e a quem estendia a mão, como que hesitando em abraçá-lo...

Nero estava desfigurado, tremiam-lhe os lábios quase imperceptivelmente.. De olhos baixos, colocou a mão sobre a do pai, que, afinal, o cingiu e beijou na testa, sem trocarem palavra.

Cáius Lucílius observara aquela cena muda, cheio de curiosidade. Ele como que pressentia que as coisas não corriam naturalmente, mas, aquele mutismo recíproco não deixou de lhe causar grande estranheza.

Ignorava o que ambos evocavam no momento, isto é: o pai, o frio beijo que tantos anos antes dera- na fronte do pequenino ser que partia, exilado do seu lar e do seu coração; o filho, o instante em que aquele mesmo homem de semblante austero e olhar temível o alçara e depositara ao colo de Fábia, na liteira da proscrição.

Ele não sabia, então, que caminhava para o exílio e que os seus pequeninos pés não cruzariam, por muitos e longos anos, os umbrais da casa paterna, onde não havia mais lugar para ele e onde a nova senhoria preferiria encontrar reptis venenosos, antes que os filhos da que lhe fora rival.

Nesse comenos, Fábia apareceu no vestíbulo, com um sorriso que lhe diluía no rosto venerável um halo de quase juventude.

Com a delicadeza de sentimentos que lhe era peculiar, avançou de braços abertos para o moço, em cuja fisionomia ela entrevia as mais desencontradas emoções.

— Filho querido — disse —, sê mil vezes benvindo, e que os deuses abençoem esta hora de aproximação.

Depois, notando-lhe a respiração opressa e o tremor dos lábios, apertou-o de encontro ao peito, beijou-lhe a face e a testa cobertos de suor.

— Acalma-te, filho querido, e acredita que todos estamos desejosos de reparar o passado... A mim, bem sabes, foste sempre tão caro quanto Cáius e teu pai também há-de estimar-te, estou certa, desde que melhor te vá conhecendo.

Aquela voz carinhosa e aquele olhar transparente de maternal afeição reagiram beneficamente no coração ul-cerado do jovem Nero, que recobrou o domínio de si mesmo e acompanhou o pai ao interior da vivenda.

XI

As núpcias

Uma semana após a chegada de Drúsus, a residência de Márcus Fábius engalanava-se e esplendia de luzes e flores.

Muito antes da hora aprazada para a vinda do cortejo que deveria tomar a noiva e conduzi-la aos penates, já a rua borborinhava repleta de curiosos, que se premiam e afobavam chalaceando, rindo, bisbilhotando com os escravos, que se apressavam em acender as últimas lâmpadas.

No vestiário de Virgília, profusamente iluminado, Dafné permanecia assentada, de rosto afogueado, mal podendo conter-se no seu lugar.

Uma dezena de escravas ali se moviam no afã de vesti-la, sob a direção solícita da nobre Virgília.

Dado o último retoque, ela própria ajustou à fronte da noiva a flórea capela e o véu nupcial encarnado. Depois, recuando alguns passos, examinou o vestuário de conjunto e disse:

— Agora, estás pronta. Contudo, tinhas tanta pressa que ainda vais esperar pelo cortejo... Olha, vai até o terraço e procura refrescar-te, pois tens o rosto muito abrasado. Eu também vou preparar-me.

Dafné levantou-se e, depois de mais uma vez namorar-se ao espelho, alçou a cabeça e saiu altivamente, como que ufana e convencida da sua beleza.

O terraço estava deserto, Dafné encostou-se à balaustrada e aspirava com volúpia a fragrância dos jardins; mas, tão logo caiu em si, o rosto se lhe demudou com expressão de cólera e despeito.

Seria que pensasse no noivo? Ai dela! aquele coração volúvel, insaciável, ardia naquele momento por outro homem, cuja serenidade e fria indiferença lhe haviam potencializado todas as paixões. Márcus Fábius jamais lhe dera a perceber que a admirava, sequer... E, no entanto, que é o que não tentara para seduzi-lo? Em vão esgotara todos os recursos de astúcia e galanteria... Quebrara lanças por lhe despertar ciúmes, a jogar com a pessoa do noivo... Tudo baldado. O nobre patrício conservava-se invariavelmente impassível, amável sempre, e sempre invulnerável...

Um rumor de passos lhe cortou aquele estranho devaneio. Voltou-se e avistou Márcus Fábius, que, já preparado para a festa, ali se detivera algo surpreso.

— A jovem noiva já está paramentada? — disse esboçando benévolo sorriso — pois não terá de esperar muito, visto que o impaciente Cáius a esta hora deve estar apressando os amigos, a fim de lhe conduzirem a doce amada do seu coração.

Ela baixou a cabeça.

— Pois cá por mim, agora não tenho pressa de deixar esta casa, onde desejaria ficar para sempre.

Um relâmpago fuzilou nos olhos do patrício, que deu um passo atrás e se encostou à porta.

— Agradeço-te uma tão alta prova de apreço à nossa hospitalidade: contudo, duvido muito dessa preferência, porque, de fato, onde melhor poderá julgar-se a mulher que ama do que no lar do esposo amado?

Ela calou-se. Depois, aproximando-se de súbito, disse erguendo os olhos atrevidos e ardentes, de expressividade inconfundível.

— Preferiria um outro... Cáius é tão violento... tão exigente... Pensei que o amava, sim, mas agora vejo que me iludi.

Diante de um ataque assim direto, um profundo sentimento de ironia e compaixão se desenhou no semblante do jovem patrício, que, perfilando-se com austeridade, revidou:

— És tu mesma que me obrigas a dizer-te que o homem que te agrada, agora, não é cego nem é livre, e mais: — que ama a sua mulher com um amor tão puro e tão profundo, que não há para ele, no mundo, outra mulher. Assim, tu investes em vão para esse homem. Além disso, esse homem é bastante honesto para não trair um amigo, e bastante conhecedor do coração humano para não crer nos sentimentos de uma mulher pouco ciosa da própria dignidade,-a ponto de se confessar desiludida uma hra antes do seu consórcio.

Não calques aos pés, assim, a grande ventura que os deuses te concederam; procura devotar-te a teu marido, de todo o coração. De outro modo, os deuses te punirão cruelmente. Cáius é mais que digno do teu amor e da tua gratidão, visto que, belo quão generoso, desprezou preconceitos de casta e nascimento, e do lodo da vulgaridade te elevou até ele. Virgília chama-me, vou deixar-te... Uma só coisa posso e quero dizer ainda: é que não facilites com Cáius Lucílius, porque isso te pode custar simplesmente a vida.

Deu-lhe as costas num ímpeto e saiu. Dafné ficou aturdida. Como? Ele tudo percebera, e, neste caso, a indiferença só podia provir da repugnância que lhe inspirava?! A cólera lhe refervia por dentro, desejaria poder estraçalhar aquelas vestes, rolar ali naqueles lajedos. Entretanto, uns restos de raciocínio lhe fizeram ver que, se o motivo de tais furores se divulgasse, o casamento estaria frustrado. Dominou-se, então, pela primeira vez na vida e limitou-se a crispar os dedos, percorrendo o terraço qual fera enjaulada.

De fora, um rumor confuso e cânticos acompanhados de flautas vieram desvanecer-lhe aqueles pensamentos. Era o cortejo que chegava. Passando as mãos pelo rosto congesto, procurou recompor a fisionomia, e, minutos após, surgiu tímida, olhos baixos diante do noivo e dos seus amigos, entre os quais Nero, Cláudius e Apolônius. Os dois últimos não podiam dissimular admiração pela noiva. Quanto a Nero, estava como que fascinado pela silhueta de Virgília, que só agora conhecera e o acolhia com especial atenção. Não lhe foi dado, porém, prolongar o êxtase, porque o seu lugar era junto da noiva. Seguido de cânticos, música e vivas da multidão, o cortejo retomou a marcha, precedido de crianças que juncavam a estrada de flores.

Em casa de Semprônius a alegria atingira o apogeu. Profusão de flores, de vasos, de lâmpadas policromas, e cânticos, e música, que se alternavam na portaria, nas salas, nos corredores. Uma verdadeira colmeia em ebulição! De um lado para outro, febris, escravos que distribuíam bebidas e guloseimas, esmolas e flores.

No salão de honra, as mesas suntuosas reverbera-vam, tapetadas de riquíssimas baixelas. Vinhos capitosos servidos em taças de ouro, toda uma culinária refinada, a provocar elogios e aclamações.

Semprônius, o anfitrião, nada poupara nem esquecera, aliás contra os seus hábitos de parcimônia e frugalidade, para dar uma demonstração da sua opulência. Nero achou jeito de assentar-se ao lado de Virgília e não se cansava de contemplar a linda criatura que, cintilante de espiritualidade, procurava palestrar com os vizinhos. É que, antes mesmo de tê-la conhecido, ela lhe despertara tal ou qual interesse, como namorada que fora do irmão e superior às seduções que o caracterizavam, preterindo-o por outrem.

Sua primeira impressão fora profunda e, assim, com admiração crescente, ia acompanhando todos os gestos e frases da elegante Virgília, que, de resto, estava num dos seus dias mais felizes. Envergando uma túnica branca com guarnições prateadas, cingia-lhe a cintura um colar de esmeraldas.

Colo e braços de nácar, ostentavam adereços idênticos e prendia-lhe a cabeleira negra um soberbo diadema à moda grega, aurifulgindo à luz intensa dos candelabros.

Cáius lhe pusera o apelido de “dourada borboleta”, e ela, pela esbelteza do talhe, quanto pela gracilidade dos gestos, bem o merecia. “Como pudera o irmão trocar uma criatura assim adorável por aqueloutra de formas exuberantes e vulgar beleza?” — pensava Nero a mais e mais mergulhado no seu embevecimento. ,

Quanto a Dafné, essa, era-lhe positivamente antipática.

Virgília, no entanto, mal suspeitava da profunda e perigosa impressão que a sua pessoa produzia no ânimo daquele rapaz misantropo e taciturno, que só lhe merecia profunda e sincera compaixão. Sabia, por Fábia, que o filho exilado de Semprônius tinha levado uma existência solitária e vazia de afetos e que ali estava, agora, na casa paterna quase como estranho, e, portanto, constrangido. Ainda na véspera Metela lhe contara que, apresentado pelo irmão em sua casa, Nero havia lá voltado muitas vezes e passava depois o resto do dia na cidade. E mais: que tanto a ela, como a Agripa, não passaram despercebidos o ciúme e a amargura que lhe transbordavam do coração, mercê de uma injusta predileção por Cáius.

Chegou mesmo a lhe insinuar que procurasse distrair o rapaz dispensando-lhe carinhosa afabilidade, mesmo porque, ele era muito sensível a quaisquer demonstrações afetuosas.

Um olhar de Metela, assentada ali defronte, estava como que a lembrar-lhe aquele pedido. Voltou-se logo para o jovem oficial, a dizer-lhe num, sedutor sorriso:

— Sempre triste e pensativo... Metela tem razão quando afirma que é preciso pirraçar-te para que desem-buches. Pois fica sabendo que tens de te avir comigo. Eu, cá, por mim, gosto de gracejar e rir, muito mais do que ela, tão bonza que até discute ciência e política com os homens, ajuda o marido a resolver negócios, e ainda por cima assiste às aulas que o filósofo Flamínius vai dar aos petizes. Pois eu detesto esses assuntos magnos e gravebundos, gosto de me divertir, prefiro sempre uma carreira de biga tirada por fogosos cavalos, a todos os filósofos do mundo. E tu gostas de circo? Dizem que Roma é que apresenta os melhores gladiadores... oh! feliz quem, como tu, pode lá viver. Basta ser a capital do país. Mas, também um dia hei-de ir a Roma.

— A vida militar não faculta grandes lazeres para nos divertirmos, mas, ainda assim, posso dar-te do circo e de outros divertimentos romanos as informações que desejares — respondeu Nero que acompanhava de olhos incendidos a loquacidade da jovem interlocutora.

— Obrigada! mas, antes de tudo, vai visitar-nos, mesmo porque, o filho do nosso querido Semprônius só poderá ser considerado hóspede duplamente precioso.

O olhar transparente do rapaz logo se anuviou.

— Se me deixas entrever em teu lar um acolhimento amistoso, eu só posso atribuí-lo à benevolência devida a um forasteiro, mísero pássaro de arribação, que apenas sabe ter deixado o berço sob este teto. Expulso do seu ninho e abandonado ao seu destino durante longos anos, o filho exilado não pode fazer jus à amizade dos amigos de seu pai, de vez que sempre foi para eles um desconhecido, um ignorado.

As últimas palavras foram pronunciadas em tom áspero e agressivo. Virgília, surpreendida e ao mesmo tempo penalizada, inclinou-se para ele e murmurou:

— Que dizes, Nero?! Porque hás-de toldar a nossa festa com palavras e conceitos tão cruéis quanto injustos? A verdade é que, para todos os amigos de teu pai, tu serás sempre seu filho, tanto quanto Cáius. Esses amigos poderão deplorar a circunstância de te não haverem conhecido mais cedo, mas, desde que aqui te encontras, eles não só te estendem a mão como te abrem o coração. Fica certo de que acharás amizades sinceras

entre nós e não te deixes levar por essa disposição de ânimo pessimista, que tudo obscurece e envenena. Eu não posso admitir que Semprônius não seja teu amigo.

— Oh! mas eu não disse tal coisa — redarguiu ele com sorriso contrafeito —, meu pai é muito amável e trata-me com todas as atenções da pragmática; nem seria por falta de polidez da sua parte que me haveria de sentir melhor lá em casa de Metela, na tua ou na de Vérus, onde quer que seja, em suma, do que no recesso do lar paterno... Não! o que daqui me afugenta é a convicção da minha superfluidade, transparente em cada olhar, em cada gesto desse pai, como a dizerem-me que ele só tem um filho e que, se a fortuna pertence a dois, o coração só pulsa por um...

Seu olhar, naquele momento, percuciente e glacial, desviou para Semprônius que, entusiástico, erguia a taça propondo um brinde aos nubentes.

Cáius Lucílius correspondeu ao olhar afetuoso do pai, fitando nele os seus grandes olhos ternos. Ergueu-se, por sua vez, jubiloso e radiante, propôs à saúde do melhor dos pais presentes, passados e futuros.

O diálogo de Nero e Virgília, travado em surdina, ninguém o percebera.

Segundo a direção do olhar do jovem oficial, a moça fitou por instantes o rosto expressivo e formoso do noivo. Depois, disse com mal dissimulada admiração, como para justificar a afeição exclusivista de Semprônius:

— Cáius é tão sedutor que empolga todos os corações...

Nero inclinou-se para a frente, como que pretendendo ocultar o despeito que lhe ruborizava as faces.

— Agradeço-te, Virgília — disse com ironia acerada —, o me haveres advertido tão clara e prontamente quem é o feio ao lado daquele Apoio, para que desista de ser como ele querido, mesmo de seu pai. Ditoso Cáius, que tem para advogar-lhe a causa, e justificar o infortúnio de um filho enjeitado, os seus dotes de beleza!

Vermelha nuvem passou pela retina de Virgília.

— És injusto e mau — disse, levando a mão ao rosto enrubescido —, mau, sim, e neste momento eu não te posso dar a merecida resposta. Vai, pois, a nossa casa depois de amanhã. Convidarei Metela, sempre sensata e justiceira, e conversaremos então, como bons amigos, sobre essa prevenção contra teu pai. É possível que ele não seja tão culpado como julgas, eu quero mesmo crer que ignoras muitos precedentes causais da sua atitude e acabarás por te convenceres da tua injustiça. Quanto a Cáius é uma boníssima e afetuosa criatura, desde que o não irritem, pelo que só merece a tua afeição.

Uma pergunta inopinada interrompeu a conversação, que se generalizou e não mais lhe deu aso de reatar o assunto.

Levantaram-se as mesas e os convivas dispersaram-se em grupos pelas salas, terraços e jardins.

Tocaiando a noiva, espreitando ensejo de lhe falar à sorrelfa, tanto que o pôde, Cláudius se aproximou e disse-lhe entre amável e ansioso.

— Estás deslumbrante, Dafné! há muito que aguardava brecha para me aproximar e, não só exprimir-te a minha admiração, como fazer-te um pedido: — sabes que tenho dívidas... e como Cáius já mandou lá para a tua alcova uma caixeta de moedas destinadas aos teus alfinetes, espero que deitarás uma parte desse dinheiro num lenço branco que me proponho trazer-te... E se a isso juntares um... beijo, dar-me-ei por feliz e bem compensado.

A moça corou e respondeu:

— Bem, podes lá ir buscar o dinheiro quando quiseres... O momento oportuno de o fazeres, ninguém melhor que tu mesmo poderá sabê-lo, uma vez que és de Cáius o maior amigo.

Cláudius inclinou-se galantemente, com ares de quem recitasse uma poesia de tomo, mas, de sob as pupilas dardejava um olhar de aço bem expressivo e de molde a convencer Dafné que tinha diante dela um senhor, com o qual seria arriscado tergiversar ou divertir-se.

— Estás enganada, bela patrícia: à mulher e não ao homem é que compete dar as senhas... Às vezes, é perigoso o desejo de esmagar-se alguém, e, a propósito, devo lembrar-te de que um pedaço de lenço ficou preso à barbela do animal... Semprônius guarda ciosamente esse retalho de lenço que tu bem conheces... Se os credores me apertarem, ver-me-ei obrigado a dar o frangalho a um tal Rutuba, que, por motivos ainda obscuros para mim, anda atrás dele como verdadeiro lebréu.

As mãos de Dafné crisparam-se de raiva.

— Dir-te-ei a hora em que poderás buscar o dinheiro.

— E quanto ao beijo? Bela és tu, bem o sabes, para que eu dele não desista...

Ela virou-lhe as costas com um olhar desdenhoso...

Sentindo necessidade de acalmar-se, encaminhou-se a um dos quartos desocupados, mas, qual não foi seu espanto, quando deu de cara com Cáius, que transmitia algumas ordens a Rutuba.

— Desejas alguma coisa, querida Dafné? — disse com desvelo.

— Estava, à tua procura — respondeu com encantador sorriso — e já que te encontro em companhia do teu salvador, dá-me licença de oferecer-lhe uma lembrança deste dia venturoso.

Destacando do braço um dos braceletes:

— Aqui tens, Rutuba, e quando possuíres uma noiva, dá-lhe esta jóia em memória do instante em que salvaste a vida de meu marido.

O jovem romano recebeu a dádiva com profunda reverência.

— Nobre senhora, só poderei testemunhar meu reconhecimento com um voto de fidelidade ao serviço de ambos. Crêde-me, velarei qual cão de fila, não só pelo amo, como por sua esposa, que eu considero o maior tesouro do seu lar.

O olhar que acompanhou tais palavras e o tom em que as pronunciou fizeram estremecer Dafné.

Cáius nada percebeu e, satisfeito com o que via e reputava uma demonstração de amor, enlaçou-a nos braços e conduziu-a ao salão.

XII

A queda

Transcorreram quinze dias.

No pátio das cavalariças, rodeado de amigos, Cáius Lucílius mostrava-lhes, satisfeito e orgulhoso de os possuir, os seus magníficos cavalos.

Viam-se num grupo Cláudius, Apolônius e Nero. Este último, sempre retraído e sorumbático, mantinha-se a certa distância, não se imiscuindo na conversa, senão por apartes tendentes a provar que também entendia do assunto.

Os escravos já tinham feito desfilar os melhores e mais lindos corséis, quando Cáius exclamou entusiasmado:

— Agora vão ver o mais belo, mas, também, o mais bravo dos meus cavalos. É «Furacão», nome que lhe dei porque não tolera outro cavaleiro que não eu. Isto digo, embora o tenha repassado uma única vez em que tive, por sinal, de empregar toda a minha força e habilidade, para não beijar o solo.

Quatro escravos procuravam, no momento, puxar o soberbo animal, que provocava geral admiração.

Era um potro de pêlo negro e luzidio como a asa do corvo, com reflexos azulados; as pernas finas, nervosas, pareciam obra de escultura; mas, os olhos sangüíneos e ariscos, tanto quanto a respiração ofegante, denotavam impetuosidade e rebeldia. Alçando a cabeça inquieta, sacudindo a crina farta, relinchando forte e raspando na terra os cascos, era como se ali estivesse desafiando os cavaleiros.

Nero também se acercou do animal, afagou-o no pescoço e disse, esboçando um sorriso de ironia:

— Dizes então, Cáius, que ele não tolera outro peão?

— Sim. E disse também que só o cavalguei uma vez, convicto do risco que corri. Todos os outros que o tentaram, até agora, têm sido cuspidos, e a um escravo, excelente picador, chegou até a escoucinhá-lo depois do tombo.

— É que era um banana — disse Nero com acrimonia... — Está-se a ver que não és militar, pois de outro modo não temerias equíneas diabruras. Com certeza, o que se dá é que não sabes dirigi-lo... E vais consentir que to prove... Medo? é coisa que nunca tive, nem posso ter deste teu «Furacão».

Cáius mordicou os lábios e corou ligeiramente.

— Creio ter demonstrado bastas vezes que não sou nenhum poltrão e nenhum de vocês, aqui presentes, poderá arguir-me de pusilanimidade. O que eu tenho procurado é evitar riscos inúteis, montando um animal chucro e extraordinariamente vigoroso.

— Bem sei.... só utilizas aqueles que o pai considera inofensivos. O que me admira é que tenhas gasto fama de um quase centauro. Entretanto, repito: por mais indômito que seja, deixa-me montá-lo e verás para quanto presta este meu pulso.

— Tu? — e mediu o irmão de alto a baixo — pois tu te julgas mais forte do que eu?

E o outro, já irritado:

— Volume de ossos nunca foi atestado de destreza...

— Não discutamos mais — volveu Cáius de lábios frementes —, experimentemos os ossos do que tiver maior destreza. Montarei primeiro e irei até a casa de Márcus Fábius, de lá trazendo, como prova do percurso, um ramalhete de flores para a vovó; depois, farás tu a mesma coisa. Mas, olha, Nero, trata de ganhar a partida, mesmo porque, de outro modo, não pássaras de um simples fanfarrão... Olá, abram vocês o portão...

Aproximou-se do animal, agarrou-lhe na crina e montou, lépido, de um salto. O cavalo vergou o dorso ao peso do jovem atleta, que parecia atarrachar-se-lhe ao lombo, fêz alguns corcoveios e, já premido pelos joelhos possantes do cavaleiro, largou num trote largo, obediente à mão de ferro que o guiava.

Nero baixou a cabeça, cenho carregado, e encostado à parede manteve-se calado e alheio aos comentários provocados pelas qualidades de resistência do cavalo e pela agilidade e vigor do cavaleiro.

Apenas decorridos dez minutos, já se ouvia o tro-pel da montaria, que se avizinhava a todo o galope. Cáius Lucílius, de rosto afogueado, reapareceu inteiramente senhor do seu papel e do animal que, escumante, caracolava em meneios caprichosos, para estacar finalmente a um simples esbarro de mão.

Dois escravos se precipitaram e seguraram o animal, enquanto o cavaleiro tomava pé com a mesma elegância e agilidade com que montara. Apenas o suor que lhe camarinhava a fronte, poderia indicar o esforço despendido.

— Aqui está — exclamou alegremente, ao mesmo tempo que agitava nas mãos um «bouquet» de rosas e um lenço branco. — O «bouquet» é para vovó e o lenço é para ser restituído a Virgília, que lá te espera em companhia de Fábius.

Nero não se fêz rogado, montou com destreza, mas, tanto que o animal percebeu a mudança de cavaleiro, entrou a escoucear e a pinotear furioso, relinchando.

O rosto do oficial purpurizou-se e as veias das mãos, finas e bem cuidadas, se intumesceram... Todavia, depois de luta breve, o animal obedeceu.

Os circunstantes gruparam-se em torno de Cáius, a rir e a conversar; mas, um quarto de hora, meia hora escoou, assim, e... nada de Nero! Um dos patrícios presentes, aventou:

— Com certeza janta por lá com Virgília, para demonstrar que um passeio no «Furacão» é pura brincadeira aperitiva.

— Pois eu antes aceito a hipótese de um acidente — exclamou o escultor. — É que, para dominar aquele animal, só uma musculatura como a tua, Cáius, que eu peço licença para fixar em mármore. Há muito que afago a idéia de esculpir um grupo representando o centauro Cheron a ensinar equitação a Aquiles. Os modelos, porém, me têm faltado. Agora, se te quiseres prestar a isso, montando o «Furacão», penso que terei feito a minha fortuna e te seria infinitamente grato...

— Por mim, não haja dúvida; e se te posso ser útil, conta desde já comigo, mesmo porque, honroso me será representar Aquiles, esse herói de Homero, morto na flor dos anos, coberto de glória...

— Olha! não é Grácus, o servo de Márcus Fábius, que lá vem correndo?

— Que há? — gritou Cáius marchando ao seu encontro.

— Uma desgraça, meu senhor! seu irmão chegou ao pátio lá de casa, mas, quando quis sofrear o cavalo para cumprimentar meus amos, o raio do animal, que bufava como um touro, pinoteou de banda e deu em terra com o pobre do rapaz. E parece que o tombo foi desastrado, porque ele deu com a cabeça num degrau da escada e, quando o colhemos, estava desacordado e coberto de sangue. Corri a comunicar-te, e, quanto ao cavalo, aí vem de caminho, trazido por dois escravos.

— Preparem já a liteira — disse Cáius empalide-cendo ligeiramente.

E voltando-se para os amigos, acrescentou:

— Vou comunicar à vovó a lamentável ocorrência e também a papai se ele cá estiver, se bem que Nero teve o que merecia: provocou-me sem motivo, levou-me a arriscar a minha e a sua vida... Joguei a sorte; mas, notem, não é a primeira vez que ele me demonstra a sua aversão e procura magoar-me.

— Aliás, isso era de prever — comentou o escultor —, visto que Nero não possui uma força mais que medíocre. Mas, que querem vocês se o rapaz é mesmo presunçoso?

Ao transpor o vestíbulo, defrontando Cláudius, Cáius lhe comunicou em poucas palavras o acontecido.

— Será lamentável se ele morrer desta queda, depois de uma ausência de vinte e quatro anos — resmungou o músico abanando a cabeça.

— Explica-te melhor... vamos: não sei o que queres dizer com isso. Ninguém obrigou Nero a cavalgar o "Furacão". Portanto, o que sucedeu é resultado da sua própria teimosia e prosápia. Mas diga-me: — papai está em casa?

— Não.

— Neste caso, incumbo-te de lhe prevenires logo que chegue e depois falaremos sobre a tua singular advertência.

Afastou-se, agastado, dirigiu-se aos aposentos da mulher.

Dafné estava no vestiário, rodeada de roupas, flores e jóias, enquanto algumas escravas pálidas e aflitas se entretinham a paramentá-la. Duas penteavam-lhe e cinzavam-lhe os cabelos, enquanto uma terceira lhe carminava as faces e lábios já de si naturalmente coralinos.

Cáius deteve-se à porta, desagradàvelmente surpreendido.

— Querida Dafné, meu irmão acaba de sofrer um desastre lamentável; caiu do cavalo e feriu-se gravemente, sendo recolhido a casa de Fábius. Vim prevenir-te de que vou até lá e não voltarei, provavelmente, antes da noite. Agora, dize-me: porque hás-de profanar assim os dons da natureza, trocando o róseo frescor das facse mimosas e o rubro-cereja dos teus lábios por esse reles carmim que te não faz mais bela? Eu bem sei que isso faz parte da "toilette" patrícia; mas, uma mulher jovem e formosa bem podia deixar esses emboços às quarentonas em declínio.

— Nero morreu? — perguntou displicente, ao repelir com a mão a escrava, apontando-lhe outro frasco. A rapariga tomou logo um pincelzinho e começou a tingir-lhe de preto as sobrancelhas.

Cáius não pôde conter um gesto de mau humor.

— Então acreditas que, se Nero tivesse morrido, eu estaria aqui a conversar contigo? Mas, olha que essas sobrancelhas que assim fabricas são simplesmente abomináveis...

Dafné encarou-o e esboçou o mais amável dos sorrisos...

— Pois foi o escultor que, ao modelar-me o busto, disse que as sobrancelhas negras me quadravam maravilhosamente. Bem vês, é opinião de artista...

— Pois eu me lisonjeio de ser a mim e não ao escultor que deves agradar... Essas sobrancelhas — acrescentou sorrindo — não me satisfazem e quando aqui voltar não quero vê-las. E agora, até logo...

Inclinou-se, beijou-lhe a espádua de jaspe, saiu.

Ela fêz uma careta, espreguiçou-se indolentemente e disse: — estou fatigada, não há tempo a perder; o "senhor" foi-se e Fábia provavelmente vai com ele; Semprônius está no Fórum... Olá! levem-me vinho e doces lá para o terraço e podem retirar-se, exceto Etra, que lá deverá ficar para me abanar.

As ordens foram executadas e dentro em pouco lá estava ela no terraço, a sós com a serva designada, uma núbia de fisionomia atrevida e cujos olhos vivos e redondos indicavam astúcia e duplicidade.

— Etra — disse-lhe, empunhando um colar de coral —, estou muito contente com a tua dedicação e assistência vigilante: continua a servir-me com fidelidade e conta com a minha recompensa... Agora, corre depressa e vai prevenir a Cláudius que eu o espero, logo que Cáius tenha realmente saído.

Depois, fica tu de guarda, de maneira que ninguém nos venha perturbar... Compreendes?

A negra rojou-se-lhe aos pés, beijou-lhe as mãos com exclamações de alegria e, depois de haver jurado dedicação até à morte, correu à galeria onde Cláudius errava de um lado para outro, a ler um pergaminho.

Fingindo procurar qualquer objeto, a negra astuciosa passou-lhe rente e segredou que a patroa esperava-o no terraço, logo que a liteira do amo tivesse saído.

Ele inclinou-se e continuou a passear, mas, logo dez minutos depois, desceu ao jardim e se embrenhou numa aleia espessa. Depois, insinuando-se através de moitas e tufos, atingiu uma janela e galgou-a de um salto para logo se encontrar na saleta contígua ao terraço.

Dafné lá estava, reclinada indolentemente na espreguiçadeira, e estendia-lhe as mãos, sorrindo:

— Aqui, juntinhos, meu belo músico, já que afinal sempre nos dão algumas horas de liberdade...

Cláudius assentou-se num tamborete, enlaçou-a, beijou-a na boca... Incendida em volúpia, ela correspondeu-lhe às carícias e, alisando-lhe a loura e anelada cabeleira, murmurava:

— Amo-te...

Não podiam suspeitar houvesse alguém surpreendido Cláudius quando se esgueirava pelo jardim, e que, naquele mesmo instante, dois olhos de fogo ali mergulhavam através das cortinas.

— Pobre Cáius! — murmurava Rutuba, indignado quanto enojado — casado apenas há três semanas e já miseravelmente traído! Ainda bem que me não iludia... O patife aproveitou-se da sua ausência... Mas, deixa estar, cadela! que ainda não esgotaste de todo a paciência de teu marido... Antevejo, porém, que a hora da vingança se aproxima...

*
*   *

Nero, completamente desacordado, foi recolhido em casa de Virgília, que, pessoalmente, tratou de pensar-lhe o extenso ferimento que sangrava copiosamente.

— Deuses poderosos! — clamava a todo o instante — parece que está morto... — E fixava horrorizada o semblante do ferido.

— Não — dizia-lhe o marido que amparava nas mãos a cabeça exânime —, o coração ainda pulsa e penso mesmo que ele não tardará a recuperar os sentidos. Precisamos é humedecer-lhe os lábios e as têmporas. Mas, estou a ver que a emoção te perturba, deixa isto a meu cargo...

— Pensei que estivesse morto, mas de vez que garantes o contrário, também faço empenho em auxiliar-te...

Graças a esses cuidados o rapaz não tardou, de fato, a abrir os olhos.

— Onde estou?

E sondava o ambiente com um olhar triste e fati-gado.

— Em casa amiga — respondeu Fábius erguendo-lhe a cabeça, enquanto Virgília lhe chegava a taça aos lábios e acrescentava, risonha:

— Bebe, descansa e tudo mais irá bem.

— Obrigado, Virgília... Ah! como a gente se sente bem aqui... Oxalá pudesse aqui ficar muito tempo... sempre...

Essas palavras, desabafou-as num profundo suspiro.

Márcus Fábius, a quem a mulher contara aquela conversação das bodas, que tão claro traduzia a recôndita mágoa do mal-aventurado rapaz, obtemperou logo com um aperto de mãos:

— Alegra-te então, meu caro, porque daqui só hás-de sair completamente restabelecido. E agora, minha Virgília, vai-te porque é tempo de o acomodarmos melhor, até que chegue o médico, que também não pode tardar.

Uma hora depois, o ferido estava pensado e mador-nava febril, quando um rumor à cabeceira lhe fêz en-treabrir os olhos para contemplar diante de si o venerando semblante de Fábia, tendo ao lado Cáius Lucílius muito pálido e ofegante.

A boa senhora tinha os olhos mareados de lágrimas. Violento tremor logo se apoderou do ferido: rosto congesto, respiração opressa, falou com voz entrecortada:

— Não chore vovó, a culpa foi toda minha, a culpa é sempre minha, pois a natureza não me deu beleza nem destreza, nem vigor, nem afeições sequer, e é justo que só eu sofra as conseqüências do meu infortúnio. Se eu morrer, o papai não deixará de viver mais nem pior por isso; acho mesmo que não derramará uma lágrima, desde que lhe reste o seu ídolo, são e salvo...

O meigo, profundo olhar da matrona pareceu querer sondar por um instante o semblante conturbado do neto.

Pediu a Cáius, que tudo via e ouvia consternado, se afastasse, deixando-a a sós com o irmão.

Depois, assentou-se à borda do leito e, atraindo-o a si, disse-lhe com toda a meiguice:

— Vejo que as lágrimas te sufocam: chora, pois, meu filho querido, deixa que o pranto te lave as chagas do coração; desabafa, enfim, para que a tua palavra se expurgue do fel que trazes na alma. Será isso um como bálsamo refrigerante para teu espírito atribulado. O silêncio é, muitas vezes, superior às nossas forças. Não te envergonhes dessas lágrimas que têm só a mim por testemunha, eu compreendo as tuas amarguras e ainda que o teu estado exija absoluto repouso, prefiro que desabafes, que me digas tudo o que te fêz qual te revelas. Depois, espero que também me escutes com mais paciência.

A íntima agitação que, desde a sua chegada, exacerbava os nervos do mancebo; o traumatismo da queda e a hemorragia conseqüente; tudo isso reunido lhe tirava no momento o domínio de si mesmo. Então, tudo quanto de longos anos trazia recalcado, no coração, lhe desbordou dos olhos em torrentes de lágrimas. Fábia, mãos carinhosas, enxugava aquelas lágrimas, até que os singultos se acalmaram e ele pôde, enfim, falar:

— Não sabes nem podes imaginar quanto sofri, o que tenho amargurado neste meu isolamento de longos anos: na infância, nem um carinho, nem uma palavra de afeição! A tia, bem sabes, nunca foi amorosa conosco, sempre absorvida com as suas orações e sacrifícios; aborrecia-nos, escorraçava-nos, e, quando nos favorecia e procurava agradar, fazia-o por pirraça a um em benefício doutro, sempre arbitrária, sempre caprichosa... Quantas e quantas vezes lhe ouvimos dizer: "desgraçados, dêem-se por felizes em ter ainda um pai que os sustenta, porque a verdade é que são vergônteas de um tronco odiado e, como tais, repulsivos a ele". Até os escravos sabiam disso e nos maltratavam impunemente. Depois, entre colegas, como dizer dos acúleos com que me picavam quando se referiam a suas famílias e indagavam da minha, admirados do meu isolamento? Queriam saber quem eram meus pais e eu que mal pudera reconstituir-lhes os traços... Oh! mas eu preciso, eu quero, eu devo dizer-te:

— se a despeito de tudo isso aqui estou, é porque ainda alimentava uma vaga esperança de poder conquistar a afeição paterna. Agora, porém, vejo que fui um louco... No coração do pai só há lugar para um filho e esse pai nem mesmo procura dissimular essa predileção injusta e odiosa. Tu mesma, vovó, tu também estás fascinada por esse favorito dos deuses, que sabe cativar a quantos dele se aproximam. Por mim, sei que

sou feio, desajeitado, antipático; mofino em confronto com o belo Cáius, a quem tudo parece sorrir na vida e, daí, a compreender a razão da preferência, ou antes e melhor — do meu repúdio. Tu, com toda a bondade, procuras dissimular, atenuar a situação deplorável, tratas-me com ternura, mas, vovó, ninguém pode iludir o coração. Eu vejo, quando Cáius nos aparece, os olhos profundos que papai lhe deita e vejo a muda adoração com que tu lhe escutas a voz... E quanto a mim... sofro. Que mais dizer-te? E também para quê?

Calou-se, recaiu exausto nas almofadas. Fábia beijou-o na testa.

Para ela, tudo aquilo era o fruto da resolução e procedimento insólito de Semprônius. A injustiça feita aos filhos envenenara-lhes o coração, ao mesmo passo que engendrara para o filho dileto inimigos implacáveis. Compreendia que um abismo profundo se cavara entre os dois irmãos e o seu coração se premia de amargura. Apertou a mão febril do neto, quis dizer-lhe alguma coisa, mas não teve tempo de o fazer, porque, ao mesmo instante, se abria a porta e Semprônius entrava. Olhar aquilino, fixou-o no leito do filho, mas no rosto não deixou transparecer o mínimo de emoção.

Aproximou-se lesto e, inclinando-se para o paciente, disse:

— Não estivesses ferido e eu começaria por te censurar... Como admitir que, por simples fatuidade, arriscasses a própria vida e a vida do teu irmão? És o mais velho e sempre te supus mais ajuizado.

Um lampejo de ódio, que o pai não reparou, reful-giu no olhar do filho:

— A tua censura só podia ter cabimento se o ferido fosse Cáius Lucílius... Mas, sendo eu a vítima, espero que te não hajas de afligir muito. Ao demais nao e esta a primeira vez que adoeço, e nós sempre devemos estar preparados para encrar a morte de um soldado. Eu não passo de um... soldado.

XIII

O músico hábil

Decorridos alguns dias sobre os episódios do precedente capítulo, vamos encontrar, reunidos no terraço, Drúsus, sua filha Drusila e Cáius.

O cego cochilava num sofá, junto do qual uma escrava movia um grande espanador, para afugentar as moscas.

Drusila, jovem formosíssima, um tanto pálida, estava sentada junto da balaustrada, sustendo nos joelhos uma tijela de grãos, que se entretinha a jogar a um bando de pombos, dos quais alguns, mais atrevidos, vinham bicá-los na palma da sua mão.

Sentado a seus pés, num tamborete, estava o jovem Cláudius todo embonecado e perfumado, como sempre.

Dedilhando pequena harpa dourada, cantava uma das árias prediletas, com voz bem timbrada de melancolia. Ao terminar, põe de lado o instrumento e, inclinando-se para a moça, disse, dando aos olhos uma expressão de ternura na qual um observador arguto teria adivinhado calculada intenção:

— Drusila, há muito que não ouço de teus lábios um madrigal... Acaso terás banido da memória aquela noite da minha partida de Roma e a carta que me enviaste pelo mensageiro de Fábia? Não tomes por ofensa o recordar um tempo tão ditoso para mim...

Ela corou:

— Que dizes, Cláudius? Como poderia esquecer uma das horas mais gratas da minha vida? Amo-te ainda, como sempre, mas, a verdade é que tanto papai como a vovó se opõem ao nosso casamento. Aliados ao tio, querem ligar-me a Nero e por mim te confesso que não tenho ânimo para desobedecer-lhes. É possível que de todo me não faltasse esse ânimo, se, porventura, não tivesse surpreendido uma conversa de Nero com papai. “Meu tio”, dizia ele, “acato de bom grado o seu projeto e serei feliz em satisfazer aos seus desejos, que são também os de meu pai, acautelando a sua enorme fortuna em favor de um consanguíneo de Semprônius; entretanto, tenho o dever de lhe ser franco e dizer que não amo Drusila, apesar da sua incontestável beleza. Preferiria que assim não fosse, mesmo porque, estimo nela os dotes morais, o amor filial que lhe dedica e que me faz persuadir que há-de ser esposa modelar. Nada obstante, não tenho coração para vibrar esse amor decantado pelos poetas e, destarte, se Drusila se contentar com a só estima e admiração do marido, poderá ter em mim apenas um esposo indulgente e um amigo fiel e dedicado.”

— Pois bem, Cláudius — prosseguiu baixando os olhos —, essas palavras de Nero e a discreta delicadeza com que me tem tratado, levaram-me a concluir que, a ter de renunciar ao homem a quem amo, devo preferir um marido que me não exija o que jamais lhe poderia dar.

Cláudius afastou-se silencioso e apoiou a cabeça no rebordo da harpa... Batia-lhe, violento, o coração. Decepção e raiva ao mesmo tempo. Pois seria lá possível que Drusila se deixasse empolgar por Nero e procurasse dissimular os seus pendores a pretexto de falsa obediência? A mulher a quem arrebatam o homem eleito não pode falar assim com tanta calma...

Dominando-se por um esforço de vontade, respondeu em voz baixa:

— Só me cabe fazer justiça aos teus intuitos e respeitar os teus desejos, conformando-te em receberes o escolhido dos teus parentes, na esperança de que não reivindiquem, entre si, mais que um simples elo de estima respeitosa; contudo, penso que te iludes quando supões teu primo indene de uma paixão violenta. Duvido mesmo, agora, que ele ainda queira esposar-te, ou, dado que o faça (sorriu amargamente), terão

de jogar o mesmo jogo, isto é: — tu o acolherás por seres obrigada a renunciar ao que te agrada e ele te aceitará para afogar a desvairada paixão que o empolgou inteiramente.

A moça ergueu os olhos, admirada, mas nenhuma emoção lhe alterava a voz melodiosa, ao perguntar:

— Mas, quem supões tu que Nero ama? Ele, tão frio, tão reservado... Até parece impossível! Em todo o caso, peço que te expliques, porque o assunto é grave.

O músico sobressaltou-se: se aquela novidade fora recebida com frieza, então, era evidente que ela não amava o primo.

— Sei o que digo e porque o digo: — ontem, como sabes, fomos eu e Cáius visitar Nero, que vai passando melhor. Encontramo-lo no terraço dos seus amáveis hospedeiros, comodamente instalado e por eles assistido. Ao nos despedirmos, Márcus fêz questão de nos mostrar um camafeu comprado de manhã, e, enquanto passámos à sala vizinha, Virgília ficou junto do convalescente e eu vi que, a seu pedido, ela lhe chegou a bilha aos lábios, enquanto lhe sustentava a cabeça com o mais encantador dos sorrisos. Nisto, creio que chamada pela ama, saiu deixando o véu no tamborete, perto do leito. Nero, ao ver-se só, tomou o véu, beijou-o apaixonadamente e, logo que pressentiu passos, o deixou para recair nas almofadas, dando um longo suspiro. De resto, observa por ti mesma a expressão com que ele acompanha os olhos de Márcus Fábius e ficarás convencida do que te digo.

— Pobre Nero! — murmurou Drusila com uma com-passividade tão natural, tão isenta de ciúme, que Cláudius não teve a menor dúvida.

— A ele, bem se vê que o não ama... E a mim, muito menos, é claro.

Em aqui chegando, ela ainda me deu mostras de amor e eu bem vi nos seus olhos que não mentia. Mas, valha-me Plutão e todas as divindades! — quem poderia ter-me destronado em poucas semanas?

Passou em revista mental todos os rapazes que podiam com ele rivalizar e acabou concluindo displicente:

— Sim, Virgília é bem sedutora e os seus cachos, ruivos de fogo já atearam mais de um incêndio, além do que, faz as suas conquistas como quem não as percebe, a sorrir, sorrindo sempre. Certo, também não ignoras que Cáius está louco por ela e eu penso que, ainda hoje, estima-a muito mais do que a tal Dafné, que não há-de o prender por muito tempo. Entretanto, Virgília o preteriu por Márcus Fábius...

— Cáius amou Virgília?! — glosou Drusila já possuída de estranha emoção, enquanto o olhar arguto de Cláudius também lhe notava a palidez da face e o ligeiro tremor dos lábios.

— Ah! — murmurou para dentro, furioso •— é ele? Depressa levantei a lebre... Pois hás-de ver, mulher volúvel, que, por fas ou por nefas, hás-de ser minha e pa-garás com juro dobrado a tua leviandade. Quanto ao afastamento de Nero, esse fica por minha conta...

Levantou-se, fingindo grande emoção:

— Desculpa, mas, preciso de solidão.

Drusila sinceramente convencida de que a sua confidencia calara no coração do jovem músico, apertou.-lhe a mão.

— Pobre Cláudius — murmurou de si para si, acom-panhando-o com os olhos húmidos — se não me amasses, seria mais franca contigo...

*

*   *

Dias após esta entrevista, visitante assíduo que se fizera do solar de Márous Fábius, vamos ali encontrar Cláudius naquele mesmo terraço, lugar predileto de Nero.

O casal patrício estava ausente, de visita a Metela, e Cáius acompanhara-os. O músico teimara em ficar, pretextando fazer companhia ao convalescente.

Conversavam:

— Então, como vais passando? — perguntou.

— Tão bem quanto permite a natureza do mal. E tu e todos lá em casa como vão? O tio, a minha cara Drusila?

— Sabendo-te livre de perigo, todos estão alegres e satisfeitos, e apenas Drusila me parece um tanto melancólica e apreensiva...

A tais palavras, o enfermo esboçou um leve sorriso.

O tolo! — considerou Cláudius — pensa que é por causa dele...

Mal podendo suspeitar-lhe a insídia, Nero passou a mão pela testa e disse, suspiroso:

— Ainda não sabes, meu amigo, que meu pai e o tio Drúsus desejam casar-me com a bela priminha e eu suponho que, na verdade, esse arranjo me convém. Já é tempo de constituir o meu lar; esta minha vida é instável, trabalhosa e não enseja, quase nunca, a realização integral de tudo quanto almejamos. Contudo, Drusila, amável e carinhosa, há-de ser uma esposa dedicada e fiel. Até hoje, pelo menos, não lhe notei outras preferências, de sorte que, penso, poderei conquistar-lhe uma afeição legítima. Tenciono também abandonar o serviço militar e adquirir aquela esplêndida herdade que confina com a de Fabrícius Agripa, pois quero conviver com as pessoas de minhas novas relações. É um plano este que meu tio não deixará de aprovar, mesmo porque, sei que ele também deseja permanecer junto de Fábia, cujas viagens a Roma se vão tornando, pela sua idade, mais penosas e cada vez mais difíceis.

Cláudius, que tudo ouvira com particular interesse, apertou-lhe a mão e disse:

— Essa tua espontânea confissão me coloca em situação assaz embaraçosa, pois vejo que tudo ignoras e vais cometer grande imprudência, instalando-te aqui em Herculânum, depois de casado. Contudo, o dever de amigo manda falar com franqueza e poupar ao amigo futuros desgostos. Sempre é melhor prevenir que remediar...

Nero franziu o sobrolho e disse asperamente:

— Fala...

— Por mim, julgo que melhor farias vivendo com tua mulher lá em Roma, visto que a palidez e melancolia de Drusila mais não significam do que a conseqüência da louca paixão que lhe inspira teu irmão Cáius, esse Eros ao qual não há mulher que resista.

O semblante pálido do enfermo cobriu-se de vivo rubor.

— Dizes que Drusila o ama loucamente?! Mas, como podes sabê-lo? que acaso te favoreceu para falares com essa convicção?

— Ora! pois tu não sabes que nós, os poetas e musicistas somos os eternos confidentes dos corações femininos? Se possuímos o dom de cantar e exprimir em versos harmoniosos o que lhes vai na alma, em segredo... Ouve lá, pois, como pude desvendar o mistério: Há cerca de quinze dias, logo pela manhã, fui chamado aos aposentos de Drúsus, que se sentia indisposto. Conheces a paixão do cego pela música. Tratei de executar uma das árias que ele mais aprecia, enquanto Drusila se divertia com os seus pombos. Logo que o pressenti adormecido, parei de cantar e comecei a conversar com Drusila, ser-razinando na sua tristeza. Ela começou por defender-se, mas acabou revelando o projeto de casamento contigo, acrescentando que se conformava, apenas por convicta de que eras uma criatura indiferente e incapaz de lhe exigir o que jamais te poderia conceder, para só considerares nessa união um caso de pura conveniência econômica e familiar. Em suma: de todo o palavreado o que pude extrair,

em substância, é que ela estava apaixonada por outrem. Mas — conjeturei — quem seria o felizardo? Procurava adivinhá-lo, quando ela própria me deu o fio da meada. Como? simplesmente quando, de olhos baixos, meio confusa, indagou se Cáius Lucílius se apaixonara pela rústica Dafné há muito tempo. Respondi que a meu ver aquele amor de Cáius não passava de simples capricho de rapaz doudivanas e amimalhado em excesso. Acostumado a ver satisfeitas todas as suas vontades, a oposição de Semprônius alterou-lhe a saúde e todos acabaram por se conformar com esse casamento exótico e absurdo. De resto, não é segredo para ninguém, o amor delirante de Fábia e Semprônius, pelo seu "ídolo".

Frisando as palavras do seu discurso, o astucioso Cláudius observava, maldosamente satisfeito, a transformação por que passava a fisionomia do outro.

— Se visses qual vi aquele episódio do carro aos boléus, com os cavalos enfurecidos... Cáius e Virgília periclitavam de morte, era evidente que a tipóia se espatifava... O velho Semprônius, diante do quadro, estava como que petrificado! Era uma estátua de mármore! Depois, a voz entrecortada, num desespero que jamais lhe poderia atribuir, prometia uma fortuna a quem conseguisse deter a parelha desabalada.

E Fábia então? — essa caíra de joelhos, mãos súplices, lavada em pranto, obsecrando aos deuses que lhe poupassem o querido neto. Entretanto, Cáius não tinha olhos senão para Virgília, que, para lhe não tolher os movimentos, toda se curvara e deixara enlaçar pela cintura. Nada obstante, e ainda assim, quando as rédeas se partiram, ele alçou a jovem e sustentou-a de encontro ao coração, numa atitude de quem parecia dizer: — "morrer assim unidos é uma ventura!"

Virgília, por sua vez, estava radiante em meio de toda a sua angústia: seus grandes olhos cravaram-se nos do companheiro, como se ele fora, naquele momento, a âncora da salvação. Cabelos soltos em ondas flavas, pareciam querer envolvê-lo num halo de ouro. Foi nesse transe que se me desvaneceu toda e qualquer dúvida: — a paixão de Cáius pela "dourada borboleta" não se extinguira, jamais, e ela, a "borboleta", também o amava talvez mais do que supunha, o que afinal não é também lá muito lisonjeiro para a tranqüilidade do nobre e confiado Márcus Fábius... Agora, para melhor convencer-te da realidade, quero que me jures absoluto sigilo.

À proporção que o músico discorria, Nero tornava-se mais lívido e desfigurado. A respiração opressa e o fulgor das pupilas indiciavam a tormenta que lhe açoitava o espírito.

— Juro-te que guardarei absoluto segredo... '

— Ora bem — continuou Cláudius como quem se não dava por achado —, Dafné avistou Cáius com Virgília, quando regressavam daquele passeio... Naturalmente, eles trocavam-se madrigais e certo não lhe foi difícil, a ela Dafné, compreender que o par se amava. Possessa, então, desvairada pelo ciúme, atirou com o lenço à frente dos cavalos e foi a conta... Aqui, porém, devo voltar a

Drusila: — quando, em resposta à sua pergunta, eu lhe disse o que pensava dos amores de Cáius com Dafné (sem referir, claro, o que acabo de te revelar), a impressão causada por minhas palavras e o gesto que fêz, comprimindo o coração, deram-me a chave do enigma. Certo, nada te diria neste particular, se não fosses o primeiro a falar dos teus planos de casamento. Pareceu-me, então, que faltaria a um dever de lealdade se calasse o que sabia.

Fêz-se entre os dois um silêncio prolongado. Nero foi o primeiro a quebrá-lo, dizendo com voz cavernosa:

— Agradeço a prova de amizade que acabas de me testemunhar; quanto a Drusila está muito enganada se pensa casar-se comigo. Não, absolutamente! De fato, não me faz conta a mulher que, loucamente apaixonada por outro, ainda me julga capaz de

renunciar ao seu amor de esposo... É o que te digo, e, agora, peço-te me deixes ficar sozinho, pois estou sentindo que o esforço desta longa entrevista me esgotou as forças e requer maior repouso.

Cláudius logo se despediu, amável, mas, tanto que se viu na rua, ei-lo a monologar sarcástico: "sempre fiz um alto negócio; este pascácio do Nero não me há-de escamotear, assim de cara, o dote de Drusila. Ela também não há-de o querer mais, e vão ver que ainda me virão pedir em casamento para essa delambida... Agora, só me resta procurar Dafné e incutir-lhe o ciúme por Drusila, para que o "amiguinho" Cáius possa ter a sua conta na partilha".

Os frutos dessa boa semente não haveriam de tardar.

*

*   *

Certa manhã, ao regressar de um passeio de biga com Drusila, que tinha paixão por esse esporte, Cáius Lucílius encaminhava-se para o aposento de sua mulher quando uma escrava toda atarantada e chorosa lhe comunicou que a senhora tinha despachado toda a gente, a pretexto de repouso. Admirado e presumindo qualquer enfermidade da jovem esposa, ele apenas perguntou:

— Onde está ela?

— No gabinete de vestir — respondeu a escrava. Caminhou, apressado, levantou o reposteiro mas, logo ao primeiro golpe de vista, estacou surpreso! O assoalho estava juncado de quadros, vidros e preciosos utensílios quebrados! Tudo em pandarecos e no sofá, estendida, Dafné esmolambada, desgrenhada, com a cabeça enterrada nos travesseiros.

Ignorando que a mulher acabava de sofrer uma daquelas crises de raiva que ele nunca presenciara e menos pudera suspeitar, inclinou-se para o sofá:

— Que é isso? que tens? estás doente?

Mas, logo recuou, porque a moça se ergueu qual fúria de mãos crispadas, seminua, pupilas acesas a re-brilharem através dos cabelos caídos pela testa...

Positivamente horrorosa!

— Patife, infame, traidor! enquanto aqui me deixas, encarcerada, qual vil escrava, andas lá por fora a exibir as tuas amantes! Que juízo fazes de mim? Pensas que sou alguma cega e que hei-de calar este martírio? Oh! minha mãe querida, agora vejo que tinhas razão quando dizias que eu havia de ser desprezada e maltratada... Louca, louca que fui em não te acreditar. Agora, porém, não suporto mais: sai, sai da minha frente, miserável, não quero mais ver-te...

No mesmo instante, arremessou-lhe um grande pote de creme, que o rapaz mal pôde desviar.

A esse ataque inopinado, foi-se-lhe também a calma e de um salto agarrou-a pelos pulsos.

— Idiota, a quem aludes?

Tinha os olhos em brasa, ao mesmo tempo que a constringia como se quisesse esmagar-lhe os ossos.

— Monstro! — urrava ela — queres massacrar-me depois de me haveres torpemente mentido? A quem aludo? A Drusila, tua amante, a quem passeias no teu carro enquanto aqui me deixas abandonada, certo para que toda a cidade saiba do meu opróbrio. Larga-me, bandido; larga-me que já não posso mais...

Não conseguindo desprender-se das mãos de ferro que a constringiam, abaixou-se num gesto brusco e mordeu-lhe o braço.

O rapaz deu um grito de dor e, petrificado diante do sangue que escorria da profunda dentada, explodiu:

— Sua besta!

Lívido, a espumar de raiva, com a sinistra agarrou-a pelos cabelos e rojou-a ao solo, enquanto com a destra tirou da cinta o chicote. Ela debatia-se em vão, rolava e uivava qual leoa mal ferida, à proporção que as lambadas lhe vincavam o tronco seminu.

Apesar da barulheira infernal, nem uma escrava ousou penetrar no quarto: apenas a cavilosa Etra, que tudo espreitara dentre as dobras do reposteiro, correu a prevenir Fábia do que se estava passando. A matrona não tardou a aparecer, e ao contemplar o seu querido Cáius fulo de raiva, de chicote em punho e Dafné a sangrar, deu um grito e colocou-se-lhes de permeio.

— Cáius, que é isso? — e arrebatou-lhe o chicote. Ao timbre daquela voz, o moço estarreceu-se. Estava

descorado e vacilante como se fosse um moribundo. Sem articular palavra, deixou-se conduzir ao quarto da avó e ali tombou numa cadeira, a tremer e a suar copiosa-mente.

Drusila, que conversava com a avó quando a escrava ali acorrera, retirara-se a um canto e fitava o primo, comovida quanto espantada.

— Depressa, filha — disse-lhe Fábia —, vai buscar um pouco de vinho, água e pensos, e dá ordem para que ninguém aqui penetre.

Rápida qual relâmpago, a moça voltava a breve trecho e as duas curavam, silenciosamente, a mordedura no rapaz, que, imóvel, de olhos parados, parecia nada ver nem entender. A velha acabou por enxugar-lhe a fronte, e, toda trêmula, aproximou-lhe dos lábios a taça de vinho:

— Bebe, filho do coração, reconforta-te...

Ele estremeceu e deu um profundo suspiro, deixando pender a cabeça no seio da boa senhora. Esta, fazendo sinal à moça para que se retirasse, pousou as mãos na cabeleira anelada do neto e ficou assim, muito tempo, calada. Ela bem sabia que, após tais crises, sempre sucedia uma reação natural e sedativa. Absteve-se, portanto, de intervir, até que os soluços do rapaz e o pranto que lhe borbulhavam os olhos viessem comprovar a esperada reação.

Pouco a pouco se acalmou e levou, ele mesmo, a veneranda patrícia a sentar-se na sua poltrona, assentando-se, por sua vez, aos pés dela para dizer-lhe:

— Perdoa-me esta hora angustiosa que te proporcionei... — beijou-lhe as mãos níveas e mergulhou a fronte nos seus joelhos.

A nobre matrona compreendeu aquele olhar que continha, não apenas uma desculpa, mas a muda confissão tio seu reto juízo, quando suspeitava daquela criatura rústica, educada por uma mulher relaxada, criminosa e que, não por força da sua condição plebéia, mas do ambiente em que crescera, se tornava indigna de casar com ele.

— Pobre filho, levanta a fronte e não desanimes dessa forma. Desta feita tu não tens razão; perdeste a cabeça a ponto de bater em tua mulher, o que se não justifica num homem da tua classe. Que dirá teu pai de tudo isso?

— Nada lhe digas — suplicou, lançando-lhe os grandes olhos ainda húmidos. — Irias envergonhar-me ainda mais, visto que razão lhe assistia quando se opunha ao casamento: Ah! É que ele compreendia, melhor do que eu mesmo, a minha felicidade. Tu não imaginas, vovó, quanto sofro desde o dia em que me casei: essa mulher é perversa, não me ama, absolutamente, e até se compraz em espicaçar-me o ciúme... Hoje, reconheço que o que ela queria e prezava em mim era o patriciado e a fortuna. Entretanto, veja, eu amo-a com sinceridade e tudo tenho feito para lhe ser agradável. Tudo, porém, se faz inútil; ela persevera na sua ingênita maldade e, ainda paracúmulo do meu desespero, odeia-te a ti, tanto quanto a meu pai.

— Não me dizes novidade, filho; todavia, uma vez casados, cumpre seres bondoso e paciente, a fim de facetar o caráter defeituoso dessa criatura, que é hoje tua mulher. Não te assiste direito de repúdio pelo fato de se revelar tal como é e nunca deixou de ser, posto que não tivesses tido ensejo de observar e presumir. Não quiseste admitir que, arrancando das camadas plebéias essa infeliz, cuja mãe só visava elevá-la ao nosso nível social, terias de enfrentar situações e acidentes que a tua educação não poderia conceber. Era isso justamente — lembras-te? — o que eu temia quando aludia à diferença de nível social, que havias, então, por mero preconceito. Casada com qualquer soldado ou taverneiro, Dafné seria uma esposa suportável: um ou outro, não teria meias medidas para lhe chegar a roupa ao pêlo e lá se arranjariam de qualquer forma, lé com lé. Tu, porém, meu pobre filho, não podes suportar impunemente essas anomalias.

Mas, também te digo: não desesperes, ela é ainda criança e talvez se possa corrigir. Quero crer fosse o amor que te vota o que a levou a tais extremos de ciúme e, se um dia ela chegar a compreender a improcedência de suas suspeitas, há-de envergonhar-se de as haver agasalhado.

E agora, meu filho, procura descansar, vê se consegues dormir um bocadinho, mesmo porque tens de comparecer à nossa refeição e não há necessidade que os escravos e serviçais te suponham desconsolado por have-res castigado tua mulher. Deixa-me o encargo de acomodar as coisas de maneira a poupar-te perguntas irritantes e indiscretas. A Semprônius nada posso nem devo ocultar, mas fá-lo-ei de modo que te não faça ele, jamais, qualquer alusão.

Cedendo à insistência carinhosa da avó, o rapaz deitou-se depois de tomar algumas gotas calmantes e logo mergulhou em sono profundo, mas agitado.

Fábia beijou-lhe a testa febril e saiu.

No átrio, encontrou Semprônius, que, por sua vez, andava procurando-a, aliás, agitadíssimo.

— Que há? Cláudius e Apolônius acabam de me contar vagamente que houve uma briga entre Cáius e Dafné... Que mistérios são estes?

— Calma, filho — respondeu atraindo-o para o terraço, onde passou a fazer o relato minucioso dos lamentáveis acontecimentos.

Semprônius, encostado à varanda, tudo ouvia atento e de quando a quando cortava-lhe o discurso com exclamações violentas.

— Dafné tem grande culpa — acabou por dizer a matrona —, mas Cáius também se deixou arrebatar e meteu-lhe o chicote de sangrar, de sorte que, agora, lá está arrependido, envergonhado, tanto que me suplicou nada te dissesse e eu quero que te abstenhas, ao menos por hoje, de lhe tocar no assunto.

De mãos cruzadas às costas, o patrício começou a andar de um lado para outro:

— Desprezível criatura, digna filha de Túlia, que não teria ela feito para levar o meu Cáius a semelhantes extremos? Eu bem previ que essa sujeitinha não lhe faria a felicidade e sempre me opus ao casamento... Mas, afinal, somos ambos culpados...

Parou diante de Fábia, nervoso:

— Devíamos considerar que caprichos são coisa de criança e que um rapaz de vinte e dois anos nada pode discernir em matéria de conveniências conjugais. Aos parentes, portanto, impõe-se-lhes o dever de impedir semelhantes loucuras. Infelizmente, minha mãe, ninguém morre de fracassos amorosos e eu estou a ver que a nossa condescendência insensata ainda nos vai acarretar profundos dissabores.

No fim do repasto, que decorreu silencioso e tristemente, Semprônius estendeu ao filho uma taça de vinho e falou-lhe com um olhar significativamente confortador:

— Bebe, filho: o vinho sempre nos alegra a alma e eu estou notando que estás um tanto melancólico. Olha, vou mandar atrelar o carro e iremos até Pompeia, onde se

representa hoje um espetáculo interessante. Cláudius e Apolônius irão conosco e todos nos divertiremos.

Depois que os dois rapazes se afastaram para trocar de roupa e na sala só ficou Drusila, até então de olhos baixos, a chupar uma fruta, Cáius acercou-se mais do pai, e, pondo no olhar a expressão de um profundo reconhecimento, beijou-lhe a mão.

— Está bem, filho, estamos entendidos. — E atendo-lhe no ombro: — desamarra-me essa cara de poucos amigos e tudo mais se há-de arranjar...

*
*   *

Uma tarde belíssima, na qual ao calor do Sol sucedera uma viração macia e redolente, vamos encontrar Cáius Lucílius no pequeno terraço onde o vimos a palestrar com Cláudius, antes do casamento, enviar uma carta e outros mimos a Dafné. Desta vez o nosso homem está só.

Vinho e frutas sobre pequena mesa ao lado, conservavam-se intactos enquanto que profunda ruga lhe vincava a testa, ao mesmo passo que o rosto móbil refletia angustiosa preocupação de espírito.

Há doze dias não via Dafné, que, depois do castigo exemplar, pretextara doença e se tornara retraída, invisível, recolhida aos aposentos.

Só Fábia procurara visitá-la, uma única vez, no intuito de acalmá-la e orientá-la. Voltou, porém, indignada e a ninguém ousou contar o resultado da entrevista. Não queria soubessem que encontrara Dafné inteiramente revoltada, a lançar contra o marido uma torrente de injúrias, num calão inconcebível, que a fizera corar. Aquele silêncio da avó reagira penosamente no ânimo do moço patrício, que, pouco a pouco, ia compreendendo melhor e nitidamente a extensão da sua loucura em esposar aquela mulher pérfida quanto ingrata que, num tempo tão curto, já lhe tornava a existência assim amarga. Sabia, porque ela não lho ocultara, do seu ódio a essa avó, que valia ao seu conceito por um símbolo de virtude e dignidade. O olhar límpido e profundo da veneranda senhora penetrava e lia no coração da mulher dúplice e leviana, que era Dafné, os seus pendores quando, na ausência do esposo, procurava trocar olhares expressivos com o escultor quando este trabalhava em modelar-lhe o busto...

Certo, ela não confessava os secretos motivos dessa aversão por Fábia, cuja vigilância era embargo aos seus impulsos; mas, a verdade é que o seu gênio irascível e violento não lhe permitia dissimular totalmente os desígnios que lhe trabalhavam nalma.

Semprônius, igualmente, era-lhe antipático. Homem brusco e altaneiro, não trepidava em dar-lhe a entender que só o acaso lhe dera um nome na sociedade; e sempre que ela praticava qualquer ato menos decoroso, ou simplesmente evocativo do seu passado ínfimo, fazia-lhe sentir, sem rodeios, que agora estava num solar patrício e não numa taverna.

Cáius Lucílius sofria cruelmente com essa hostilidade da mulher amada aos dois entes que mais estimava neste mundo. Aquele pai áspero, violento, tirânico com todos, tinha sido sempre bom e terno para ele. Amava-o, assim, de todo o coração. E quanto à avó, espírito meigo e indulgente, venerada por todos e em cujos braços se criara, essa, tinha-a como ídolo sagrado e modelo de todas as virtudes. Eis como, ralado de amarguras, a si mesmo perguntava se, odiando aos dois seres que ele mais estremecia e venerava no mundo, poderia Dafné amá-lo a ele. Verdade é que ela lhe prodigalizava nomes os mais ternos, demonstrando, por vezes, uma paixão desordenada; mas, pressentia que algo de extraordinário se interpunha, algo que lhe segredava, lá dos

arcanos da consciência, que, uma vez extinta a chama do amor delirante, saciado o instinto, nem um traço de afinidade poderia ligá-los no futuro.

Vieram-lhe então à mente as horas tormentosas que aquela mulher já lhe havia proporcionado nesses dois meses de casados, ora exigindo carícias exageradas em requintes de volúpia insaciada, ora torturando-o com o seu ciúme brutal, a querer como que lhe devassar o coração, autopsiar-lhe o passado, senhoreá-lo em suma, até ameaçando suicidar-se, caso ele não renunciasse ao pai e à avó. E como se tudo isso não bastasse, ainda se mostrava escandalizada por qualquer amabilidade, um simples sorriso dirigido a outra mulher!

Incrível a versatilidade do seu gênio, que passava de inopino dos arroubos mais calorosos à mais fria indiferença; que o crivava de suspeitas e acusações; que procurava exaltar nele o ciúme e chegava a exigir o abandono da casa paterna (julgada mesquinha) para se instalarem faustosamente em Roma. Aquela luta sem tréguas, com alternativas de ardor e frieza, ultrapassava as forças do jovem atleta, que definhava a olhos vistos e, de comunicativo e jovial, tornara-se reservado e irritadiço.

Aquela prolongada contensão nervosa explodira, finalmente, na memorável manhã que o levara, louco de raiva, a descarregar a vergasta na víbora que lhe trincara o braço, depois de lhe haver envenenado o coração.

Todos estes pensamentos agitavam naquele momento o coração ulcerado de Cáius, arrancando-lhe do peito um doloroso suspiro.

Apesar de tudo, aquela alma violenta, mas generosa, se devotara a Dafné. Sim: amava-a a despeito da sua maldade, e por isso não deixava de sofrer com aquele prolongado afastamento. Contudo, não queria ser o primeiro a procurá-la, para não demonstrar arrependimento ou fraqueza.

De repente, entreabriu-se um reposteiro e mansamente surgiu Dafné! Parou um instante, como que indecisa. Trajava com simplicidade intencional um vestido branco, de lã, apertado na cinta por um cordão de ouro e trazia presa aos louros cabelos desnastrados uma flor de romeira.

Muda, contemplou com os olhos meio-repreensivos, meio-apaixonados, o belo rapaz engolfado nas suas cogitações; e depois, deslizando qual sombra até junto dele, ajoelhou-se, tomou-lhe as mãos:

— Cáius, meu amor, perdoa-me... — murmurou com voz melíflua, já entrecortada de lágrimas.

Ele estremeceu, levantou a cabeça, mas, encontrando os olhos húmidos e súplices da mulher genuflectida, sentiu que toda a cólera se esvanecia e, atraindo-a ao peito sem articular palavra, premiu-lhe os lábios num longo e terno beijo.

— O' como me julgo feliz! Acreditei que morreria se a tua ausência durasse mais tempo — repetia, enrolando os braços, como duas serpentes brancas, no pescoço do marido, abraçando-o com efusão.

E contudo, enquanto dos lábios lhe turturinavam essas palavras amorosas, outras lhe refluíam ao truculento coração, a dizer de si para si: — deixa-te estar meu verdugo, que ainda hás-de pagar as chicotadas e a humilhação deste momento, tão depressa eu me descarte de Fábia e de Semprônius.

— Dafné, minha querida, que esta hora de reconciliação nos faça esquecer todos os contra-tempos passados. Procura confiar em mim e não te deixes cegar por infundados ciúmes. Assim, haveremos de ser felizes.

Era a palavra de perdão generoso, leal, franco, como a alma que o ditava.

Não havia restrições mentais, não havia condições possíveis. As palavras de Fábia ainda lhe timbravam nos ouvidos: “Só com paciência e bondade devia corrigir e nobilitar aquela criatura imperfeita e infeliz”.

Pobre Cáius, mal podia suspeitar que todo aquele arrependimento fingido era obra de Túlia. É que, na sua estúpida obstinação de revide, Dafné, por si, teria prolongado o isolamento; mas, justamente na véspera, quando mais angustiada e raivosa se sentia, veio-lhe uma idéia súbita: embrulhou alguns objetos de somenos, envolveu-se num manto escuro e ausentou-se de casa, depois de recomendar a Etra que vigiasse, a fim de que ninguém pudesse dar pela sua ausência.

Sem perda de um minuto, encaminhou-se à loja materna, batendo na porta já fechada. Ao reconhecê-la, Túlia recuara surpresa, mas não a repeliu, antes procurou ouvir-lhe o depoimento, aliás feito com lágrimas de revolta e acessos de cólera.

Não ousamos indagar se foi o amor materno ou a paixão por Drúsus que atuou no ânimo de Túlia. O fato é que ela se reconciliou com a filha, aceitou-lhe os presentes e, depois de minucioso inquérito a respeito dos hóspedes de Semprônius, fêz-lhe sentir positivamente que devia reconciliar-se e até lhe insinuou como devia apresentar-se para enternecer o marido, que, ao seu ver, era trabalhado pela avó e pelo pai, no sentido de o separarem dela o mais possível. Também não lhe foi difícil persuadir Dafné de que, conquistar o coração do marido, valia pela derrota dos seus dois supostos inimigos.

Eis porque dissemos que o moço patrício mal podia suspeitar que o arrependimento aparente da esposa era obra de Túlia.

XIV

A partida de Nero

Enquanto na casa de Semprônius se desonrolavam tais acontecimentos, Nero se restabelecia pouco a pouco, sob as vistas e cuidados carinhosos do casal Márcus Fábius, que o tratava como se fora um parente mui chegado.

Entretanto, é preciso dizer que, se a cura física progredia a ponto de já se preocupar com o regresso à casa paterna, o seu moral se agravara.

Aquelas insidiosas revelações de Cláudius haviam-lhe causado a mais viva e ao mesmo tempo dolorosa impressão — uma nova fonte de ciúme e despeito, que se lhe abria na alma já tão ulcerada. Muita vez evocava aquela angústia do pai e da avó, diante do perigo iminente que ameaçava de morte o dileto Cáius, enquanto que a sua desastrada queda, seguida de gravíssimo ferimento, a ninguém comovera nem impressionara, sendo até conceituados como naturais os cuidados que ali lhe eram prodigalizados por estranhos.

Crescente animosidade avultava-lhe no ânimo rancoroso, com o coração a transbordar fel por aquele irmão mais moço, de todos festejado e querido, inclusive daquela Drusila que ele imaginara esposar, acreditando-se amado.

Essa persuasão, aliás, tinha produzido nele, alma fria e revel, o efeito de um bálsamo refrigerante. Pois quê? — haveria, possivelmente, no mundo, um ente capaz de o amar e preferir a ele só, exclusivamente?

A pérfida revelação do músico destruíra aquela benéfica ilusão, ao mesmo tempo que fulminava de morte todos os seus pruridos de vaidade e amor-próprio. Drusila com ele se casaria, sim, mas no só intuito de abafar a paixão que Cáius lhe inspirara... Reconhecia-se menos belo, menos inteligente, menos rico que o irmão, mas, também não via nisso um motivo para que o favorito dos deuses em tudo o desbancasse, até nas afeições a que tinha incontestável direito. Aquela preferência de Drusila afigurava-se-lhe degradante ultraje, a latejar-lhe nal-ma em comburência. E o que mais lhe esfervilhava e envenenava o ódio fraterno era, contudo, aquele laço de recíproca afeição que surpreendera entre Cáius e Virgília.

Nunca, jamais, alguém o impressionara tanto como essa franzina criatura de traços infantis e áurea cabeleira, cujo riso cristalino e gracilidade de gestos e de trato lhe reconfortavam sempre o coração endolorido. Mais de uma feita, surpreendera-se a pensar: “que pena estar casada...”

E no entanto, coisa singular, Márcus Fábius não lhe causava ciúmes!

A amizade sempre uniforme daquele homem, tão bom quanto belo, desarmava-o e ele chegava a duvidar que um temperamento assim fleugmático e. ponderado pudesse contentar inteiramente a gárrula e trêfega Virgília.

Então, Cáius Lucílius que ria com ela e qual ela; que a abraçava sem cerimônia e mergulhava o seu olhar ardente no azul daqueles olhos, afigurava-se-lhe um elemento suspeito e perigoso. De ver-se, quando juntos, gracejavam e improvisavam coisas que faziam o pacífico Fábius gargalhar a bandeiras despregadas.

Oh! — dissera Cáius, certa feita: “estas horas aqui vividas, são as melhores da minha vida...” e não obstante a presença do marido, Virgília se inclinara para o rapaz e, afagando-lhe entre os dedos um anel da negra cabeleira, disse, toda comovida: — “noto que andas pálido e tristonho, às vezes... que tens tu, meu Cáius?” Ele não respondera, mas, tomando-lhe as mãozinhas, beijou-as enternecidamente. E logo Márcus Fábius advertia com aquela voz melodiosa e clara, como que alheio a tais expansões recíprocas: “é mais uma razão para lhe darmos em dobro da nossa amizade e alegria.” É verdade

que Cáius e Virgília criaram-se juntos e isso justificava entre eles a maior intimidade; mas, apesar de tudo, aos olhos de Nero, Márcus Fábius encarnava o mais bronco dos maridos, porque, cego à evidência de um amor culposo entre os dois jovens. E posto que ele próprio, Nero, se emaranhasse a mais e mais na sua paixão por Virgília, nem por isso se julgava exonerado de abrir os olhos do marido, somente não sabendo como fazê-lo, por lhe faltarem provas completas.

Na obsessão daquele culto que o levava a espreitar ensejos de contemplar o seu ídolo, ainda que de longe, achava-se um dia no jardim, quando percebeu a moça, que, ao regressar do passeio habitual com o filhinho e a ama, assentou-se debaixo de uma latada e, tomando a criança nos braços, entretinha-se a fazê-la saltitar-lhe nos joelhos.

Ele, por sua vez, assentou-se num banco oculto por uma touceira, e, flexando o olhar através da folhagem, parecia querer magnetizar a despreocupada Virgília, que mal poderia suspeitar da sua presença ali.

Belíssimo quadro o daquela mãe aparentemente infantil, radiante de alegria, a brincar com a criancinha que, patinhando aos gritinhos, tentava agarrar-lhe os cabelos dourados!

O aparecimento de Cáius Lucílius interrompeu a cena. Ele aproximou-se lépido, tomou a criança nos braços, beijou-a e entregou-a à serva.

— Fábius? — perguntou, assentando-se junto dela.

— Ele me disse que tinha negócios no Fórum, mas também não deve demorar por aí.

Ordenou a ama que se retirasse.

E logo que ficaram a sós, tomou a mão do rapaz, dizendo-lhe em tom afetuoso: — "sempre abatido e tristonho, nem me pareces já o mesmo... Dize-me: que é o que assim te acabrunha? Não sou, porventura, a tua amiguinha da infância? Amamos-te sinceramente e custa-nos ver-te sofrer assim... "A mim me parece que adivinho a causa de tudo isso; mas, a verdade é que não tenho a coração de to dizer, porque receio magoar-te..."

Ele esboçou um sorriso melancólico e, inclinando-se para a jovem, pôs-se a falar-lhe no ouvido. De pescoço espichado e lábios contraídos, Nero como que procurava captar o que julgava uma confidencia amorosa do irmão. Debalde! O que pôde perceber, apenas, é que se tratava de assunto grave, isto porque Cáius empalidecia e corava sucessivamente, com abundância e vivacidade de gestos.

Virgília, por sua vez espelhava no semblante as mais vivas emoções e seus olhos húmidos revelavam intensa curiosidade. Por vezes, levava a mão à testa do interlocutor e logo, num ímpeto carinhoso, reclinava a cabeça no seu ombro.

Nero mal se continha no seu esconderijo. Não sabia onde estava que não explodisse ali mesmo, de cólera e ciúme.

Mas, não! Considerou que tinha, afinal, boas armas contra Virgília.

Em consciência, poderia dizer ao marido que, na sua ausência, a mulher recebia o amante, chorava com ele, trocavam-se confidencias e carícias.

Márcus Fábius, apesar de toda sua cordura e bo-nomia, não suportaria aquela afronta e haveria de lhe arrebatar as melhores esperanças...

Naquele momento a virtuosa Virgília, que mal poderia adivinhar a tenebrosa cilada que lhe armavam à paz doméstica, ouviu o rodar do carro de Márcus, que acabava de parar no portão de entrada.

Levantou-se lesta, enxugou algumas lágrimas que ainda lhe perolavam as rosadas faces e, acenando um adeus de intimidade, correu para o interior ao encontro do marido.

Nero também se esgueirou furtivo e procurou entrar em casa, esforçando-se por dominar a emoção que o agitava. Na curva de uma aleia, deu de rosto com o irmão, que, separando-se de Virgília, resolvera dar uma volta pelo jardim.

— Bom dia, Nero! — E logo, estacando — Como estás bem disposto hoje! Bem se vê que estás, graças aos nossos deuses, completamente restabelecido... Mas, então, porque não voltas lá para casa? Papai tem perguntado muitas vezes por ti...

— Deveras? pois olha que muito me admira esse favor, em pensar que ainda vivo...

E logo em tom sarcástico:

— Mas, se tem assim tantas saudades, porque me visitou apenas duas vezes, a última há três semanas?

— Porque tem andado muito preocupado com os seus negócios, pois tu não ignoras que ele acabou de comprar, perto de Salerno uma grande propriedade vinícola. Por esse motivo, viajou duas vezes e ainda estes últimos dias houve de receber os nossos intendentes, bem como o de Capua, onde foste criado, e que sofreu grande incêndio e graves prejuízos. Mas, tudo isso é o de menos. O que eu quero — disse travando-lhe do braço e fitan-do-o com olhos percuciéntes — é fazer-te uma pergunta muito séria: — quero que me expliques a razão da tua malquerença a mim e ao nosso pai. Desculpa, mas não posso classificar de outro modo o sentimento que te inspira tão duras palavras e a acrimonia com que me tratas. A consciência não me acusa de merecer esse tratamento, mesmo porque te acolhi fraternalmente, de coração e braço3 abertos. E quanto a nosso pai, não devo ocultar, eu que tanto o prezo, o desgosto que me causam a tua atitude e os teus conceitos. Dize-me, pois, cem franqueza: tens dele qualquer ofensa?

Nero encostou-se a um plátano, cruzou os braços. Todos os maus sentimentos que trazia recalcados no coração emergiram naquele instante para desbordar, quais lavas candentes, no só intuito de amargurar o coração daquele irmão privilegiado e fortunoso, que ainda tinha a ousadia de lhe pedir contas do seu ódio.

Aprouve-lhe, então, enxovalhar todos aqueles a quem o outro estremecia, pintar aquele pai que o maltratava, como se ele fora um tirano brutal; pai e marido desnaturado; aquela mãe, que Cáius mal conhecera, mas cuja memória este adorava, como se fosse uma criatura tigrina, ciumenta e vingativa; enfim, Fábia, egoísta, ambiciosa, abandonando três pobres crianças imbeles, para aliciar posição, cômoda e vantajosa, de senhora absoluta do solar de Semprônius.

— Tua pergunta bem prova que tudo ignoras — respondeu com voz soturna e olhar vulpino —, pois ouve lá: esse pai indulgente que tanto estremeces, só foi indulgente contigo... Senão, veja: — casou-se com uma mulher boa, quanto bela, mas a quem detestava e da qual, sem embargo, houve três filhos aos quais também veio a odiar, só porque uma outra amante, muito querida, assim o exigia. Enfim, minha mãe morreu na flor da idade... Como? de quê? Ninguém o sabe; mas foi talvez do mal que vitima quantos se tornam indesejáveis. Fosse, porém, como fosse, o caso é que, três meses depois, o pai esposava a mulher que fora o ideal da sua juventude e soubera esperar, paciente, o aniquila-mento da sua rival. E o resultado é que fomos enjeita-dos sem dó nem piedade, pois aquela doce e meiga criatura preferia pisar um víbora, que encarar os filhos do primeiro matrimônio. E esse pai exemplar, esse exemplar de indulgência nos baniu para um sítio onde nunca pôs os pés! Antônius tinha então 8 anos, Semprônia 6 e eu 4; a princípio Fábia nos fêz companhia, mas a enfermidade de tua mãe requeria uma governante e Fábia se apressou a regressar. Ficámos entregues aos cuidados de uma velha parenta, que, tão estúpida quanto perversa, cuidava de tudo menos de nós. Chegámos a apanhar pancada até dos próprios escravos seguros de impunidade. Lívia morreu, ficaste sendo o tesouro exclusivo da família; os desejos dela foram religiosamente cumpridos, já que a todos só deves gratidão pelos mimos que de todos

tens recebido. Fábia permaneceu a teu lado, preferindo, como era de prever, governar a casa de Semprônius a habitar uma herdade isolada, a fim de amparar os míseros e inocentes réprobos. Assim, crescemos nós esquecidos, desmembrados da família e tão bem tratados que a minha pobre irmã acabou por evadir-se na companhia de um antigo escravo, aliás bom homem. Entretanto, esse pai amoroso, esse pai indulgente não teve para a filha fugitiva uma palavra — não direi de lástima — mas de cólera e maldição, limitando-se a riscar-lhe o nome do quadro da família! E foi quando nos transferiu para Roma, entregues a Drúsus, com esta recomendação: "tudo que dependa da minha bolsa para lhes assegurar uma posição independente, fica ao teu dispor, sem restrições..." Não lhe ocorreu que as crianças precisam algo mais que um punhado de ouro, dado com desprezo. O resto, tu o conheces para avaliar as circunstâncias em que me vês, aqui, na terra do meu berço, ao cabo de vinte quatro anos.

À proporção que discorria, o outro ia fazendo-se lívido, a fronte camarinhada de suores frios. Mudo, sem uma contração facial, sem um gesto de impaciência, Cáius Lucílius ouvia o tremendo libelo bolsado a quantos lhe eram caros na vida.

Quando Nero calou, ele cruzou os braços e fitou-o com olhos severos e lampejantes:

— Foi bom que ouvisse, da tua boca, os ultrajes 'que sofreste, mas, deixa também dizer-te que, tão profundamente ofendido qual te mostras, não deverias jamais franquear os umbrais da casa paterna, varrendo Tpara sempre da memória e dos lábios o nome de nosso pai: uma vez, porém, que aqui te encontras; que o abra-çaste e reclinaste a cabeça no colo de nossa avó; que a um e outro beijaste as mãos, ficas sendo o último dos covardes quando procuras aviltá-los, para diminuí-los no meu conceito. Acusas o pai de assassínio, mas, porque, caluniador hipócrita, não lho dizes face a face? É que, bem sabes, ele haveria de te responder com a verdade, isto é, que tua mãe morreu de morte natural, porque ninguém espera nove anos para se desfazer de uma criatura indesejável. Entretanto, diga-se: se essa suposta vítima fosse uma víbora do teu quilate, é claro que não poderia mesmo ser amada. Por mim, guardo fidelidade à memória de minha mãe e continuo a amar, como dantes, nosso pai e nossa avó, disposto a defendê-los de tudo e de todos.

E a ti digo-te: se alguém em tudo isto tem culpas, o maior culpado sou eu, a quem eles tanto estremecem... A mim, podes odiar-me; mas... olha lá: se algum dia ousares difamar esses dois entes caros, que já não podem defender-se por si mesmos, é a mim que hás-de ter pela frente, ainda que o sangue tenha de correr entre nós.

Deu-lhe as costas e saiu por uma porta que dava para o pátio, onde o aguardava a liteira.

Nero ficou por um momento indeciso, estupefato...

Nesse mesmo dia, à tarde, comunicou a Fábius o seu propósito de regressar, no dia seguinte, ao lar paterno.

— Há muito que abuso da tua hospitalidade — disse —, e, como tenciono deixar Herculânum dentro destes quinze dias, as conveniências determinam que assim proceda.

— Tua presença só nos deu prazer, conquanto a preferíssemos determinada por outro motivo; mas, porque tanta pressa em nos deixar? Tua licença, ao que suponho, ainda permite seis semanas de folga!

— Sinto muito ter de deixá-los, mas espero revê-los em Roma, quando lá forem, como projetam. Em casa de Semprônius, serei sempre um supérfluo e acredito que ninguém perceberá a minha ausência. E agora lastimo ter vindo, tanto mais quanto, abortou o plano de casar-me com Drusila. Prefiro ficar solteiro, mas, compreende, essa recusa não deixou de.me criar uma posição esquerda no seio da família. Para me desforrar de tantos aborrecimentos, resolvi aproveitar uma excelente oportunidade para regressar a Roma.

— Compreendo perfeitamente os teus escrúpulos e contrariedades, mas, de que oportunidade queres falar?

— É que eu soube que o questor Hatérius Rúfus está em Pompeia de visita a uma filha e tenciona regressar a Roma, por mar. Conheço muito o questor, cujo segundo filho é meu colega e comanda uma coorte da legião a que pertenço. Como também prefiro a viagem por mar, tratei de pedir a Hatérius um lugar na sua galera e acabo de receber uma resposta assaz gentil, pois não só acede ao meu pedido como convida a todos da família, bem como a Agripa e a ti mesmo, a passarem o dia em casa da filha e honrarem o seu bota-fora.

De resto, reservava-se ele o direito de vir em pessoa, com antecedência de alguns dias, ratificar o convite e delinear o programa da festa.

*

*   *

No dia seguinte, Nero regressou a penates, mais misantropo, mais taciturno que nunca, isolando-se quanto possível de tudo e de todos.

Cáius Lucílius, por sua vez, também o evitava, encerrando-se numa fria discrição.

Alguns dias assim transcorreram, até que certa manhã se encontraram a sós, no triclínio de estio. à hora do almoço. Semprônius estava ausente e Cláudius e Apolônius permaneciam em Stabile, desde a véspera.

Almoçaram calados e, só depois que os escravos se retiraram, o oficial voltou-se para o irmão e disse-lhe com mal disfarçado sorriso:

— Rejubila-te, meu caro, pois dentro de doze dias ficarás livre da minha presença.

Cáius Lucílius que, no momento, levava aos lábios uma taça de vinho, pousou-a na mesa e respondeu, encarando-o com firmeza:

— Acho que é a melhor coisa que podes fazer, fugindo de uma parentela odiosa e criminosa, como a nossa. E a não ser que se tratasse de uma reconciliação para mim impossível, com um pai acusado de uxoricídio, a separação é o que se impõe como mais lógico e natural.

Nero afastou-se encolhendo os ombros, mas, depois de alguns passos, mudou de parecer, voltou à mesa e disse:

— Ia-me esquecendo dizer-te que parto liberto de compromissos com Drusila, pois não quero seqüestrar nenhum dos sacerdotes e sacerdotisas que aqui oficiam ao “deus doméstico de Semprônius”...

Cáius ergueu-se rápido e, agarrando-lhe no braço, murmurou vermelho, fitando-o com olhar de fogo:

— Pois vou dizer-te o verdadeiro motivo da tua desistência: — é que erigiste tu mesmo um altar no qual depositas os mais ardentes votos à tua divindade... Sacerdote de Virgília, convence-te, contudo, e toma cuidado ou antes — desengana-te, porque a mulher de Fábius nunca amará outro homem que não o marido.

Nero recuou como se fosse ferido em pleno peito. O rosto se lhe cobriu sucessivamente de um vermelho bronzeado e de um livor macilento. Não esperava aquele choque.

Cáius fitou-o de alto a baixo, desdenhoso, e prosseguiu:

— Como vês, a tua generosidade não me ilude: não é com o intuito de me reservar unanimidade de afetos que deixas de esposar Drusila, e sim devido à tua paixão insensata por Virgília. Queimaste-te todo ao afiar das asas da “dourada borboleta”, mas acreditavas-me cego e querias ocultar teus sentimentos.

Deu-lhe as costas e saiu.

*

* *

Oito dias depois desse atrito, Metela e Virgília encontravam-se no terraço ligado ao quarto desta última. Falavam justamente da próxima partida do oficial.

— Por ti, regozijo-me com esse fato — acabou por dizer Metela —; devo confessar que, mau grado à simpatia que à primeira vista me suscitou, ele começa a inspirar-me agora a mais profunda aversão. Evita todo mundo, isola-se do irmão, que também me parece esquivo, dá às palavras um tom mordente sempre que se refere ao pai, espalha, em suma, todo um anélito de ódio rescaldante. Mas, o pior de tudo é o olhar estranho com que te observa e acompanha os teus mínimos gestos. Eu chego a pensar que ele seja capaz de praticar qualquer loucura.

— É verdade: — também lhe noto a expressão insólita dos olhos, sempre que nos encaramos, bem como a súbita palidez quando me vê abraçar Fábius. Sua partida é um alívio para todos. Mas, como tudo isso vai entrar nos eixos logo que ele se vá, tratemos de o esquecer desde já e falemos de coisas mais agradáveis, ou seja da festança em casa de Hatérius Rúfus. Festas como essa, desejaria eu tê-las em barda. Olha só: — primeiro, passeio matinal de carro pela cidade; a seguir, representação no anfiteatro; depois, jantar em despedida e festa noturna a bordo da galera. Finalmente, como apoteose, a partida de Nero!

E ria-se, gostosamente, a esfregar as mãos.

— Então, Metela, nem mesmo este programa de arromba te faz rir? Será mesmo terror "neroniano" o que te faz assim macambúzia?

— Não é só isso — respondeu Metela, cujo belo semblante traduzia, no momento, real inquietação —, é que há dias tive um sonho pavoroso: vi o Vesúvio a vomitar chamas que se elevavam às nuvens e vi, depois, desaparecer a cidade num báratro. de fogo...

Estava eu não sei onde como espectadora impotente, terrificada, contemplando o cataciismo... A turba em delírio engolfava-se, fundia-se, desaparecia nos escombros da cidade e, ainda que confusamente, lembra-me ter visto no meio dessa turba Drúsus, Dafné e vários outros amigos nossos... A impressão do sonho foi tão forte que despertei com um grito e trêmula, como se delirasse em febre... Agripa levantou-se sobressaltado e tratou de ministrar-me um calmante.

Entretanto, vim a saber depois, pelas escravas, que uma velha sibila, que mora no mesmo quarteirão, predissera grandes desgraças para a nossa cidade, tanto que, muitas famílias mais precavidas estão-se retirando. Pedi a Agripa que me atendesse, que também nos fôssemos, mas, espírito forte, riu-se nas minhas bochechas e acabou sentenciando que era uma vergonha fugir de Herculânum levado pela palrice de uma velha mentecapta, ou de um simples sonho com que os deuses quiseram, talvez, experimentar minha coragem.

Virgília até então prazenteira, também se tornara apreensiva.

— Tens razão — disse ela —, precisamos sair de Herculânum e convencer nossos maridos que também eles precisam ceder alguma coisa a prol da nossa tranqüilidade.

Mas, antes da festa, certo, nada conseguiremos. Que Nero se vá, portanto, de uma vez para sempre, e depois hão-de atender-nos...

*

* *

Afinal, chegou o grande dia. Manhã cedinho e já todo o mundo estava em atividade na casa de Semprônius. Cada qual do seu lado, melhor se predispunha para gozar a festa de Hatérius Rúfus, depois do espetáculo no anfiteatro. Festa de arromba, que o povo aguardava pressuroso.

Cáius Lucílius estava bem humorado, conquanto Dafné se recusasse, adoentada desde a véspera, e preferisse ficar em casa. Verdade é que a mulher não lhe merecia uma confiança absoluta, mas a presença da Fábia, que também ficava para fazer companhia a Drúsus, era de molde a tranquilizá-lo.

Lá no seu quarto, Nero, sempre taciturno e apreensivo, dava os últimos retoques ao seu vestuário. Sua bagagem fora expedida de véspera para bordo da galera do questor.

Contudo, antes de abandonar, talvez para sempre, a casa que o vira nascer, queria fazer uma última visita a Márcus Fábius, mesmo porque, presumia, àquela hora matinal, havia de o encontrar sozinho.

Opresso e agitado por mil pensamentos de ciúme e amargura, tomou do capacete, saiu e reclinou-se na sua liteira.

Márcus Fábius já estava vestido para a festa; passeava no pátio e dispensou ao tribuno a cordial acolhida do costume.

— Caro Márcus — disse-lhe o oficial, ao mesmo tempo que lhe apertava a mão —, quereria falar-te em particular, para uma confidencia que desejaria delegar a outrem, se possível, e nesse intuito tenho procrastinado de hora para hora... Todavia, um dever de gratidão impõe-me abrir-te os olhos a tempo de poderes conjurar o infortúnio que te ameaça...

Caminhando, chegaram a um quarto isolado. Márcus ofereceu-lhe uma cadeira e assentando-se, por sua vez, falou, algo surpreso:

— Que queres dizer com esse exórdio tão sibilino?

Peço-te que me não apoquentes com abusões velados e sim me digas, franca e abertamente, o que sabes ou pensas saber.

— Neste caso, também me cumpre pedir tenhas calma e não te precipites, ao vaticinar que a tua ventura conjugal periclita, se não puseres cobro a umas tantas entrevistas de tua mulher com meu irmão, pois eles se amam em segredo e tu, decerto, nunca poderias suspeitar tal coisa.

O belo e nobre semblante de Fábius irradiou a mais absoluta incredulidade:

— Nero, meu amigo, tu te deixas iludir por falsas aparências: Virgília ama-me sincera, profundamente, de todo o seu coração e, se me preferiu a Cáius, como me enganaria agora com o mesmo Cáius?

— Parece impossível, será talvez inadmissível, mas a questão é que tenho provas do que afirmo. A paixão de Cáius por tua mulher nunca se extinguiu e o fascínio que ele exerce sobre as mulheres é de todos bem sabido. Na véspera daquele dia em que deixei esta casa, estavas tu ausente e eu os vi com estes olhos, assentados sob a latada do jardim, em colóquio e atitudes mais que suspeitas. Ela parecia inquiri-lo com muito empenho; ele respondia com veemência, que denotava algo mais que amizade.

Márcus Fábius sorriu serenamente:

— Sei tudo: — essa entrevista passou-se com autorização minha, ou melhor — fui eu quem a suscitou, pois via que Cáius andava tristonho, acabrunhado, e pedi a Virgília que tentasse consolá-lo.

— Mas, pediste, também, que chorasse com ele; que se lhe reclinasse ao ombro; que o abraçasse e só se arrancasse dos seus braços quando ouvisse teu carro parar à porta? — insistiu Nero mentirosamente, já despeitado e levado pelo desejo de atiçar o ciúme.

E era tal a firmeza, a convicção com que falava, que Márcus Fábius não deixou de empalidecer ligeiramente.

— Ao demais — continuou Nero —, para desvanecer os teus últimos escrúpulos, vou confiar-te um segredo, ainda que tivesse jurado guardá-lo: — é que alguém, cujo nome não posso declinar, ouviu da própria Dafné, que, no dia do malogrado desastre, viu passar o carro e Cáius ia tão absorto no aconchego da companheira, que nem deu pela sua presença.

Tomada de ciúmes, cortou caminho na pista e, afinal, viu que eles se beijavam ao atravessar um trecho de rua mais deserto. E foi aí que ela perdeu a cabeça e, servin-do-se do lenço, espantou a parelha.

Márcus Fábius ergueu a fronte já enrugada e com voz titubeante murmurou:

— Agradeço-te a revelação.

— Pobre amigo, bem avalio o teu pesar: mas, dize-me, que pretendes fazer ao biltre?

— Não sei: vou observar por mim mesmo e resolver, em consciência, como deva proceder. Por agora, o que preciso é coordenar idéias, e tu vais perdoar-me a ausência, até que nos encontremos mais logo, lá no anfiteatro.

O sicofanta não esperou nada mais, retomou a liteira, partiu. Pérfido e ralado de ciúmes, regozijava-se intimamente de haver semeado suspeitas e dissídios tendentes não só a separar Cáius de Virgília como a arrefecer as relações do até então ditoso casal.

Estava vingado no seu amor próprio e no seu ódio fraternal.

XV

Os últimos momentos de Herculânum

Em casa de Semprônius, enquanto se atrelavam os carros, toda a família se reunia para o almoço das despedidas.

Somente Cáius demorava-se em comparecer. É que se conservava.iunto de Dafné, que, por causa da sua alegada enfermidade, se mantinha na cama e procurava prodigalizar ao marido os mais ternos adeuses.

— Meu querido, luz de meus olhos — repetia cingindo-o pelo pescoço e procurando retê-lo —, não te esqueças da tua Dafné quando as outras por lá te fitarem embevecidas... oh! às vezes eu chego a desejar que fosses menos sedutor, meu Cáius...

— Não posso comungar nesse desejo — respondeu ele, ao mesmo tempo que procurava desenvencilhar-se. E risonho — mas, não te amofines, acalma-te, para que amanhã de manhã eu venha encontrar-te alegre e bem disposta.

Terminado o repasto, Nero, que parecia contristado, despediu-se enternecidamente da avó e do tio e a comitiva logo se moveu.

No carro de Semprônius ia Drusila; Cláudius acompanhava Nero e atrás seguiam Cáius e Rutuba, que deveria guardar as equipagens durante a função do anfiteatro.

Achava-se já o séquito a boa distância da cidade e o carro de Cáius levava grande dianteira, quando Rutuba, inclinando-se para o jovem patrício, bateu-lhe de leve no ombro e disse:

— Patrão, preciso falar-te de uma traição abominável, a consumar-se agora em tua casa e na tua ausência. Não é a toa que o escultor pretextou urgência de trabalho e que tua mulher deu parte de doente... Eles têm entrevista marcada e isso eu o sei porque conheço Dafné muito mais do que podes imaginar. Se quiseres regressar neste instante, tenho a certeza de que os vais apanhar com a boca na botija...

Cáius estremeceu, o rosto se lhe fêz rubro de lacre. Esbarrou os cavalos e deu volta rápida ao carro.

Percebendo a manobra, Semprônius gritou:

— Que é isso?

— Volto a buscar um objeto esquecido e chegarei a tempo de nos reunirmos no anfiteatro, pois bem sabes que sei correr e gosto de o fazer.

O velho patrício fêz um sinal de assentimento e o rapaz fustigou os animais, ao mesmo passo que se voltava e dizia a Rutuba com voz surda:

— Dize-me: como conheceste Dafné e como lhe surpreendeste a falsícia?

— Perdoa-me, patrão, o silêncio até hoje mantido a esse respeito. O temor da tua cólera selava-me os lábios, mas, também deveria mostrar gratidão pelos benefícios que me proporcionaste e, assim, jamais deixei de velar pela tua honra. Conheci Túlia em Roma, ao tempo em que ela dirigia uma tasca, de sociedade com um antigo companheiro do marido. Dafné me agradou e noivámos, mas, faltavam-me os recursos para começar a vida. Após dois anos de noivado, morre-me um tio deixando-me o legado de uma granja e um parreiral. Ausentei-me para tomar posse da herança e, quando voltei, disposto a casar, mãe e filha tinham desaparecido sem deixar traços. Muito tempo procurei-as em vão, até que um dia, um soldado amigo, freqüentador da taverna, contou-me que, de guarnição em Herculânum, aqui encontrara, com grande surpresa, as fugitivas, estabelecidas com uma perfumaria.

Vim até cá e ouvi dizer que Dafné te amava e era quase tua noiva. Que fazer? Desisti. Como rivalizar eu, pobre, obscuro plebeu, com um patrício rico e poderoso? Depois, quando te conheci, convenci-me logo da paixão de Dafné. Justifiquei-a, sim,

mas não abdiquei do meu ódio e tratei de ficar por aqui, no propósito de vigiá-la. Vinha procurando emprego, quando, certo dia, sentado à porta de uma tasca, vi passar uma mulher toda envolta em manto escuro e com ares de quem procurava esconder-se. Acompanhei-a, e vi que se acocorava numa esquina. Pelo andar e pelos modos, pareceu-me reconhecer Dafné e detive-me a espreitá-la, até que ela se levantou e atirou com o lenço à frente dos cavalos. A nobre Virgília era-me estranha, mas, a ti conhecia-te muito bem e não me foi difícil compreender o procedimento de Dafné. O resto, sabes como foi. É certo que poderia ter-te aberto logo os olhos, mas, eu não ignorava que amavas a essa mulher e, por outro lado, também não te conhecia como agora conheço. Mais tarde, tendo conhecido melhor o temperamento impulsivo e sensual de Dafné, tratei de espioná-la, para que não fosse trair o meu benfeitor.

Cáius Lucílius estava branco, da cor da própria toga, as mãos crispadas mal seguravam as rédeas.

— Cachorra! chegou a tua última hora... — disse quase imperceptível. — Toma as rédeas, Rutuba, o calor está sufocante, a cabeça anda-me à roda...

— Patrão, é melhor deixarmos o carro nas portas da cidade e penetrarmos sem estrépito, pelo jardim, para que ninguém se precate com o nosso regresso...

Cáius Lucílius aprovou com um sinal de cabeça e, quando chegaram às portas da cidade, ali deixaram o carro entregue ao administrador de um albergue.

Procurando esconder o rosto nas dobras da toga, o moço patrício seguiu, acompanhado de Rutuba, por um caminho afastado do solar paterno.

Todas as torturas infernais lhe borbulhavam na alma; parecia-lhe ter sobre o peito uma montanha de bronze, e que jamais chegaria.

Finalmente, pararam defronte do portãozinho que dava para uma ruela isolada, beirando o muro do jardim.

Rutuba tirou do bolso uma chave, abriu o portãozinho, entraram. Depois, atravessaram quais sombras o jardim deserto. Ao avistar o terraço de Dafné, o rapaz deteve-se um instante, tirou da cintura um punhal sírio de lâmina recurva — arma que jamais abandonava — e examinou-lhe cuidadosamente a ponta afiada. “Não falha” — murmurou entre dentes... Contudo, ao avizinhar-se da janela toda ornada de trepadeiras que ensombravam e refrescavam a alcova nupcial, não deixou de comprimir o peito com as mãos, encostando-se à parede, vacilante.

Rutuba ia desfazendo a trama da ramagem fechada e sondava, cauto, o interior da morada.

De repente, um sorriso irônico se lhe despregou dos lábios:

— Olha — disse no ouvido do patrício — convence-te por ti mesmo da verdade...

Ele ergueu-se no bico dos pés, trêmulo, e lançou na alcova bem conhecida um olhar de fogo. O que lhe fora dado contemplar era de molde a romper todos os liames que ainda o prendiam à indigna mulher. Ficou petrificado por um instante, mas logo resoluto e lépido, com a destreza de um felino selvagem, galgou a janela e, antes que os traidores pudessem percebê-lo, caiu a fundo sobre o escultor, enterrou-lhe nas costas o punhal até ao cabo.

Apolônius deu um grito, abriu os braços, rolou por terra banhado em sangue.

Rutuba, que seguira o amo, também de faca em punho no intuito de o secundar, se fosse preciso, deteve-se um minuto e fixou Dafné com sarcasmo, enquanto ela fitava o marido aterrorizada.

O rosto de Cáius tomara uma expressão indefinível: dos olhos lhe chispavam chamas que pareciam querer reduzir a cinzas o corpo da jovem; os dentes, alvejantes através de uns lábios arroxeados, brilhavam e riam por dar-lhe uma fâcies de inaudita ferocidade.

— Perdão! perdão! — gritou a pérfida criatura rojando-se-lhe aos pés, agarrando-se-lhe às pernas, contor-cendo as mãos.

Deu-lhe um repelão violento que a fêz rolar por terra... Depois, agarrou-a pelos cabelos, arrastou-a até junto da janela...

— Às feras! infame, vou jogar-te às feras...

Rutuba ajudou a erguê-la, ao mesmo tempo que lhe tapava a boca para não fazer alarido. Num abrir e fechar de olhos, estavam no jardim deserto e, ora carregada, ora arrastada, chegaram ao pátio que servia de arena e de onde, espaçados, lhes chegavam surdos rugidos.

Abriram a porta, a condenada deu um grito angustiado, o grito de todo o moribundo, e ainda tentou resistir. Como tantas outras criaturas, ela não temia o pecado, o vício, a traição; mas temia a morte, pressentindo nela o termo da impunidade.

De rosto congesto, de olhar parado, o rapaz desarticulou-lhe as mãos que se agarravam à sua túnica e, derrubando-a, arrastou-a pelos cabelos até junto das jaulas.

Louca de pavor e desespero, ela se contorcia a seus pés, implorando misericórdia.

O rugido das feras arrepiadas, que faziam estremecer as jaulas, como que despertaram Cáius do seu delírio.

— Misericórdia? — repeliu-a com a ponta do pé, num sorriso selvagem... — Perdão para ti? miserável criatura que tirei da lama para esposar legitimamente; víbora que me mordeste, que me exploraste e tentaste até assassinar! Falsos, teu amor e teus carinhos! Aqui, porém, não podes mentir, não podes iludir! Eu vi, vi com os próprios olhos o estigma da minha honra, que só com a morte podes lavar. Morre, pois, criatura abominável, para que ninguém mais sofra da tua peçonha... Não! nunca! para ti não há, não pode haver misericórdia nem perdão!

Calou-se, encostou-se ao muro, sentia-se entontecido e tomado de súbita fraqueza, tremiam-lhe as pernas.

Dafné continuava a rolar no lajedo, suplicando agora a Rutuba que a salvasse.

A esse tempo, ouviu-se um rumor abafado, semelhante a um trovão subterrâneo. A terra teve como que um calafrio e súbito crepúsculo envolveu, empanou a claridade solar!

Cáius perfilou-se, trêmulo também.

— Vamos, patrão — disse Rutuba —, é um tremor de terra... Deixemo-la aos tigres, é o que ela merece.

Abriu as jaulas e atirou com Dafné, que a ele procurava agarrar-se, para o outro lado do pátio.

Depois, puxando Cáius, ferrolhou a porta e seguiram correndo para casa.

Ouviam-se, já então, surgir de todos os lados clamores e brados de angústia.

O povo precipitava-se em ondas pelas ruas, a gritar: — o Vesúvio! Fogo!

No terraço, de onde se avistava a montanha flamí-voma, Cáius deteve-se fascinado ante a beleza terrivelmente grandiosa do panorama !

Uma pirâmide de fumo, gigantesca, golfava do ápice da montanha, ora esbranquiçada, ora negra, sulcada de relâmpagos e serpentinas de fogo!

Alta, elevando-se às nuvens, aquela massa espessa espraiava-se num zimbório imenso, como que abrangendo e ensombrando toda a terra. O solo continuava a roncar, a sacudir a montanha e as frágeis construções humanas, que oscilavam em seus fundamentos.

Um grito atrás dele, arrancou-o daquela estática contemplação.

— Tu aqui?! mas... como? — pois não foste a Pompeia?

Era Fábia que, pálida, aterrada, acabava de aparecer no terraço.

— Foge, foge quanto antes, meu filho! A cidade está condenada a perecer... é o sonho de Metela que se realiza, os deuses irritados vão destruir, soterrar tudo!

— Depressa, patrão, não há tempo a perder: mandei selar Dafné, Furacão e mais dois dos melhores cavalos. Se partirmos imediatamente pela estrada de Roma, talvez ainda possamos escapar ao flagelo.

— Vamos, vovó — disse Cáius arrastando-a para o interior.

Fábia, entretanto, desprendeu-se-lhe das mãos:

— Deixa-me ficar, meu filho, pois eu só poderia servir-te de estorvo, mal me agüentaria nos teus corséis calorosos. Minha idade já não tem preço e eu te peço, salva antes a Drúsus, o pobre cego... Os deuses saberão poupar-me, se assim lhes aprouver. Vai, vai com a minha bênção...

— Sem ti, não, nunca! Então me julgas capaz de abandonar assim, covardemente, exposta a uma morte horrível aquela que me criou e acalentou em seus braços? Olha, espera um momento, vou buscar o tio...

Lesto qual veado, percorreu toda a casa sem encontrar Drúsus. As múltiplas emoções daquela manhã festiva e fatídica lhe fizeram esquecer que estava justamente na hora que o cego costumava tomar o seu banho. Novos e mais fortes abalos sacudiram a casa, deslocando móveis e derrubando estátuas...

— Vamos, patrão, do contrário ficaremos perdidos... Era Rutuba que, já no átrium, assim falava. Cáius avançou para a avó e, tomando-a nos braços

hercúleos, conduziu-a até o pátio, apesar dos protestos que ela fazia, a fim de não dificultar a empresa.

Sem perda de um minuto, cavalgou "Furacão", que, de orelhas retesadas e cauda ao vento, resfolegava impaciente. Colocou Fábia à sua frente e, acompanhado de Rutuba e mais dois escravos, partiram.

Fora, outra dificuldade os aguardava: é que as ruas estreitas estavam atravancadas de viaturas, peões e cavaleiros que se esbarravam e comprimiam em fuga desordenada, procurando ganhar o porto e fugir por mar.

Foi quase a passo que conseguiram atravessar a massa, em tumulto gritantemente espantoso. Contudo, dominado todo aquele pandemônio, o vulcão trombejava e do cume esbraseado continuava expelindo um turbilhão de chamas e de fumo.

Detonações ininterruptas, já uma atmosfera sulfu-rosa, irrespirável, se fazia sentir, ao mesmo tempo que uma cinza tenuíssima e vesicante começava a difundir-se, cegando homens e animais.

Quando, depois de grandes penas, atingiram uma porta da cidade, a veneranda patrícia jazia inanimada nos braços do neto.

Também não havia como deter-se para prestar-lhe qualquer socorro.

Pela última vez, Cáius Lucílius voltou-se e deitou um olhar lacrimoso à cidade do seu berço, já envolvida num véu pardacento. Afrouxou as rédeas e os fogosos corséis arrancaram, espantadiços, a devorarem o espaço numa carreira louca.

*
* *

À proporção que essa pequena comitiva se afastava da cidade maldita, o tumulto e a desordem campeavam pelas ruas.

Os habitantes em fuga, muitos deles nem olhavam para trás no afã de salvarem mulher e filhos; outros ainda tentavam salvar parte de seus tesouros e varavam a turba carregados de sacos, bolsas, baixelas preciosas.

Entre essa multidão espavorida, uma mulher envolta num manto negro procurava abrir passagem em direção à casa de Semprônius...

Ora parando, ora procurando defender-se das pedras candentes que começavam a chover; ofegante, aflita, ela como que procurava ouvir melhor os rumores subterrâneos, através dos ribombos da cratera, que, qual enorme caldeira em ebulição, lançava ao céu a sua escória esbraseada.

Era Túlia... Desde que se reconciliara com a filha, não deixara jamais de inteirar-se do que ocorria em casa de Semprônius. Não ignorava que Cáius, o pai e outros membros da família, deviam achar-se em Pompeia e que em casa só ficaram sua filha, Drúsus e Fábia.

Quando se deu o primeiro abalo sísmico, estava ela num quarteirão distante, em casa de um fornecedor de artigos do seu comércio. Levada por um sentimento que oscilava entre o amor materno e a velha paixão por Drúsus, ocorreu-lhe o pensamento de salvar a filha e conhecer o destino do cego.

Na casa de Semprônius reinava, igualmente, a maior confusão, agravada, ao demais, pela ausência do seu chefe.

Com grande dificuldade, o velho mordomo organizava um serviço de salvação: carregavam-se alguns muares de objetos mais preciosos, arrepanhados a trouxe-mouxe e alguns escravos sob as vistas do feitor tentaram ganhar o porto. Outros servos, como se o cataclismo os forrasse de toda e qualquer disciplina, haviam debandado, só cuidando da própria salvação e carregando quanto lhes vinha às mãos.

Drúsus, ao deixar o banheiro, perambulava seminu pelos compartimentos ermos e devastados. De começo, na faina de salvação, ninguém atentara nele; depois, acabaram por esquecer de todo o pobre cego, que ouvia o ruído insólito dos elementos e o clamor do povo procurando, em vão, orientar-se e encontrar alguém que o conduzisse para fora de casa.

Em vão chamava e ninguém lhe respondia!

Túlia, que acabava de atravessar o átrium correndo, ao dirigir-se para os aposentos da filha, quase esbarrou com o cego, que, braços abertos, caminhava na direção dos passos que ouvira. Diante do que via, estacou estarrecida, contemplou por instantes, ansiosamente, aquele rosto pálido e angustiado.

O coração batia-lhe com violência; esqueceu a filha e um só pensamento lhe avassalou o cérebro — salvar o homem que fora, que era ainda a sua paixão única na vida.

— Drúsus! — exclamou segurando-lhe no braço — vem comigo, eu te levarei fora da cidade...

— Quem és tu? de onde vens? essa voz não me é estranha...

— Dir-te-ei depois: agora o que importa é fugir, a cidade está condenada a desaparecer, o Vesúvio não cessa de vomitar fogo e lava.

Assim falando, arrastava o cego para a porta, mas, uma vez fora, arriscando os primeiros passos, logo recuou espavorida, porque já uma espécie de pasta combu-rente lhe fustigava o rosto. Abrigaram-se no peristilo. O dia fizera-se noite, torrentes d'água e cinza inundavam as ruas, um bafio de fornalha tornava o ar irrespirável.

— Impossível sair — murmurou, reconduzindo-o ao interior e chegando-lhe uma cadeira.

— Não posso mais, falta-me o ar...

Trêmula, fora de si, ajoelhou-se diante dele e resguardou-lhe o rosto nas dobras do manto.

— Drúsus, meu Drúsus, foi a mão dos deuses que me trouxe a teus pés! Criminosa sim, mas, sofredora sempre... Desdenhada, esquecida, nunca pude esquecer-te, jamais deixei de te amar.

— Mas, quem és tu que assim me falas? Conheço-te a voz, mas não sei, não posso recordar teu nome...

Tateava-lhe os cabelos, em ânsias...

— Pois não sabes? sou Túlia, a criminosa que, por vingar-se do teu abandono, te cegou e matou a mulher que amavas... Oh! Drúsus, possas tu nesta hora de tremenda expiação, perdoar os meus crimes... Dize uma palavra só e morrerei a teus pés!

— Túlia? És Túlia? — gritou, tentando afastá-la. Logo, porém, como que repeso, atraiu-a ao peito e

prosseguiu:

— Culpada... sim... criminosa mesmo, eu te perdôo, Túlia, porque também tenho de que me culpar e arrepender: despertei, alimentei as tuas esperanças para destruí-las até ao crime... Puniste-me cruelmente a traição, certo, mas não é a mim que compete julgar-te, máxime, no momento em que ambos vamos sucumbir. Morramos juntos, morramos em paz...

Trêmula, soluçante, desfeita em lágrimas, ela estreitou-o nos braços e conchegou-lhe a cabeça ao peito.

— Ai, sufoco, não posso mais... — tombou desfa-lecido.

Uma torrente de lava irrompia na sala, enchendo-a de gases asfixiantes.

Túlia, já meio inconsciente, cobriu a cabeça com o manto e conchegou-se estreitamente ao corpo inerte do companheiro.

A mulher vingativa e criminosa que o "acaso" reunira, "in extremis", ao homem a quem amara apaixonadamente, mal poderia imaginar que ali, bem perto, a filha experimentava uma agonia porventura mais horrorosa.

Uma vez só com os dois tigres que Rutuba soltara,

Dafné teve, antes de tudo, um acesso de cólera e terror, a raiar pela demência.

Tudo esquecendo, rebolcava-se na terra, a dar gritos furiosos entremeados de exortações aos deuses infernais e súplicas ao marido, jurando-lhe eterna fidelidade se a livrasse das feras, que, de resto, não pareciam dar pela sua presença.

Compreendendo, talvez, o perigo que igualmente as ameaçava, não se lhes dava aproveitar da presa humana que ali se lhes oferecia.

Por fim, exausta, rouca, a moça encolheu-se no centro do pátio...

Cabeleira em grenhas. mãos crispadas sobre o peito, fixava de olhos gázeos aquele par de sentinelas que, pêlo arrepiado e cauda balouçante, rondava a muralha como se procurasse uma brecha de saída.

A muralha compacta, entretanto, não lhes oferecia uma frincha, sequer, onde pudessem fixar as garras; e a porta estava sòlidamente ferrolhada. Em vão se empinavam nas patas trazeiras e rugiam surdamente a cada novo estremeção do solo. Acabaram por deitar-se, fixando na moça as suas pupilas esverdeadas.

O cérebro superexcitado da desgraçada apenas dificilmente funcionava; no tropel dos seus terrores, veio-lhe à mente que os seus desregramentos haviam esgotado a paciência dos deuses imortais, que o próprio Plutão revolvia o solo com o seu tridente e desencadeava na superfície todos os males do seu orco.

Tentou, então, balbuciar uma prece, mas os lábios como que se recusavam obedecer. A escuridão aumentava a cada instante, o céu fuliginoso zebrava-se de relâmpagos e coriscos, as detonações vulcânicas pareciam abalar o mundo em seus alicerces.

Os tigres começaram a rastejar na sua direção... Fechou os olhos à espera da primeira dentada que lhe dilacerasse as carnes...

Mas, os terríveis felinos não queriam mesmo devorá-la... A tremerem também eles, arrepiados, encostaram-se a ela como se procurassem socorro junto do ser humano!

No momento augusto em que os elementos da Natureza desencadeados em fúria a todos ameaçavam destruir, já não haveria barreiras entre o homem e o bruto; eles já não seriam adversários, mas semelhantes, posto que, em graus diversos de purificação. O mesmo princípio eterno que os animava, unia-os em face do perigo comum, num mesmo sentimento de temor e fraqueza.

Dafné ficou imóvel entre os dois animais, a ouvir-lhes a respiração forte e estertorante.

Um dos tigres descansara nos seus joelhos a grande e pesada cabeça, enquanto uma camada de cinza ia cobrindo pouco a pouco aquele estranho grupo assim formado: *uma mulher guardada por duas feras!*

Depois, tudo desapareceu sob um lençol pardacento, que, durante vinte séculos, haveria de fossilizar a mal-aventurada "urbs" num sarcófago de pedra...

....

À porta do anfiteatro, Semprônius e os seus encontraram-se com Virgília, Metela, e seus maridos.

— Como é isso, Agripa? resolveste trazer os pequenos? Por mim, acho muito cedo para ós habituar a estes prazeres do circo.

— De pleno acordo: não tencionava mesmo trazê-los, mas, que queres? — e fazendo uma careta — não há como atender às mulheres... Esqueces, de certo, que minha Metela teve um sonho, nem mais nem menos que a destruição da nossa Herculânum? Pois o seu temor agora é de feição a levar consigo os filhos a toda a parte. Assim, não houve remédio senão trazê-los e, quanto ao mais, já lhe prometi passarmos alguns meses lá em nossa casa dos arredores de Nápoles, cujo contrato de arrendamento expirou, e onde pretendo fazer remodelações de vulto para novo contrato.

Semprônius pôs-se a rir...

— Vejo que és realmente um bom marido e compreendes a vantagem das transigências oportunas; mas tu, Metela, sempre pensei que fosses mais corajosa... Como podes, na verdade, tu, sensata e ponderada sempre, deixar-te impressionar talmente por um simples sonho?

— Que queres, meu amigo? não está em mim, não posso dominar este vago pressentimento que me persegue quanto acabrunha. Se não passar de uma ilusão, tanto melhor, porque de bom grado saberei suportar os remoques de Agripa...

Isto, dizia-o já galgando a escada que levava aos camarotes das senhoras.

Os homens ficaram conversando em baixo, até que tomassem também os seus lugares, contíguos ao do anfitrião Hatérius Rúfus.

O espetáculo corria no meio da maior animação, cada qual mais atento aos jogos da arena, quando Metela tocou o braço da filha do questor, que lhe ficara ao lado:

— Pompônia, veja "aquilo" lá no cimo do Vesúvio... É extraordinário, eu nunca vi semelhante coisa!

A outra levantou os olhos e fixou, admirada, a nuvem brancacenta, esfriada de coriscos e relâmpagos, a crescer, a subir sempre sob a forma de uma fronde gigantesca.

Houve um momento em que o crepitar de algo semelhante a uma caldeira em ebulição chegou a dominar a grita do anfiteatro.

— Que coisa pavorosa! — disse Pompônia empalidecendo — talvez fosse melhor sairmos imediatamente e embarcar sem mais demora... Vou mandar buscar as crianças, pois parece que lá a bordo sempre estaremos mais seguras...

— Era o que ia propor — respondeu Metela levan-tando-se. — Virgília, Drusila, vamos, que é sempre melhor prevenir que remediar.

Sobressaltadas e comovidas, desceram e mandaram um serviçal do circo chamar os maridos, que, empolgados e distraídos com as peripécias do espetáculo, nada viam nem ouviam. Nada obstante, não tardaram a chegar, risonhos, mas igualmente contrariados.

Hatérius Rúfus tomou a palavra:

— Pelas barbas de Júpiter, minha senhora! que idsia foi essa de nos chamarem no melhor da festa? Estás maluca, Pompônia? Como embarcarmos sem jantar? E a nossa festa tão bem organizada? E tu me julgas capaz de carregar com os amigos assim, de barriga vazia, ao demais sem saber porquê nem para quê? Ora essa! tanto alarme por um pouco de fumaça... Sou capaz de apostar a cabeça em como todo este pavor é...

Não pôde concluir, violento abalo fizera oscilar as paredes do circo, subterrâneo rumor seguido de fortíssimos estouros dominou tudo. Houve uma expectação geral, um minuto de silêncio fúnebre e logo gritos lancinantes, uma algazarra infernal e o estrupido de milhares de pés, uma avalanche de gente em debandada a comprimir-se, a precipitar-se, a esmagar-se...

Márcus Fábius advertiu:

— Vamos lá para o camarote imperial, que está desocupado, até que passe a onda, mesmo porque, se aqui permanecermos, seremos dispersos ou esmagados. As mulheres no centro...

Todos aprovaram, formaram cadeia e já com dificuldade pôde o grupo, assim constituído em bloco, atingir a galeria onde, aliás, já encontraram outras pessoas não menos precavidas do tumulto e correrias.

Enquanto esperavam ansiosos, a montanha colmada de fogo e o céu cada vez mais fuliginoso se lhes deparavam.

Márcus Fábius, que se mostrara melancólico desde pela manhã, virou-se para a mulher e disse:

— Ao sairmos daqui, tu seguirás com Semprônius e Nero para a galera, enquanto eu vou a Herculânum a ver se consigo salvar nosso filhinho. Conto poder regressar a tempo de embarcar contigo, mas, se o não puder fazer, irei direito a Nápoles, onde nos encontraremos.

A moça suspirou, visivelmente desfigurada.

— Não, não vás; se o nosso tesouro puder salvar-se, a ama e Fábia lá estarão para guardá-lo; mas, se ainda assim teimares, quero ir contigo para morrermos juntos sobre o berço do nosso filhinho... Sozinho não irás, não quero, não consinto.

Agarrou-se nervosamente à toga do marido e cravou nele o lindo olhar azul, mareado de lágrimas.

Naqueles olhos translúcidos havia tanta angústia, uma expressão de amor tão eloqüente que o patrício inflou o peito e desabafou num grande suspiro de alívio.

Depois, tudo esquecendo, o momento e as circunstâncias, apertou-a de encontro ao coração.

— Virgília, minha querida, minha adorada esposa, nem sabes como essas palavras me calam bem... Oh! perdoa a indigna suspeita que desde esta manhã me vem ensombrando o espírito... Mas, acabo de ler nos teus olhos que não amas, que não podes amar outro homem...

— Mas, que outro homem? — balbuciou ela com espanto e ingenuidade tais, que dissiparam as últimas dúvidas do jovem patrício.

Novo abalo, mais violento que o primeiro, interrompeu o colóquio.

— Vamos — disse Semprônius —, ou ficaremos aqui sob os escombros.

Saíram. Impossível encontrar os carros e liteiras já levados de roldão, sabe Deus para onde. Tanto quanto permitiam as circunstâncias, a pequena comitiva encaminhou-se a pé, na direção do porto.

A grande mole humana se tinha escoado, mas, se os fugitivos por um lado logravam vingar caminho mais desembaraçado, por outro haviam perdido um tempo precioso, visto que uma cinza espessa e comburente começava a cegá-los e oprimi-los, dificultando a respiração.

Pedras candentes, de todos os tamanhos, choviam a granel ferindo uns, matando outros, aumentando em todos a confusão e o terror.

Hatérius e sua família caminhavam na frente, seguidos de Agripa e sua mulher, com os filhos ao colo; atrás deles, Cláudius amparava Drusila meio desacordada e finalmente Virgília, colada ao braço do marido. Ao lado, silenciosos, cabisbaixos, Nero e Semprônius pareciam sonâmbulos.

Semprônius detinha-se freqüentemente, com risco de se transviar na multidão, dentro da qual, via-se, ou antes — adivinhava-se, quereria lobrigar Cáius Lucílius. Essa preocupação alheava-o de tudo e de todos.

Tinham feito, assim, mais de meio percurso, quando outro abalo mais violento que os anteriores fêz tremer a terra e tombar muita gente, sobretudo mulheres.

E, como se aquela vibração subterrânea fosse mais intensificar a atividade vulcânica, imensa nuvem negra golfou da cratera e espalhou por todo o ambiente uma verdadeira chuva de pedras rubras.

Virgília, atingida, também tombara. Nero e Fábius apressaram-se a levantá-la e procuraram estugar o passo, quando uma pedra, zunindo, bateu na fronte do segundo, que tombou fulminado, sem um gemido.

A moça atirou-se ao corpo inerte do marido, esforçando-se por levantá-lo, mas, tanto que o viu imóvel, de olhos arregalados, a golfar sangue das narinas e da boca, deu um grito lancinante e tombou sobre o cadáver.

Nero inclinou-se para o casal infortunado...

— "Nada mais lhe resta" — murmurou, trêmulo, e, tomando nos braços a moça, acelerou mais os passos.

O coração pulsava-lhe com violência... Enfim, ali a tinha entre os braços, tal como tantas vezes desejara, a "dourada borboleta""!

A cabeça adorada repousava-lhe no ombro e aqueles cabelos perfumados acarinhavam-lhe o rosto... Ao demais, ela agora estava livre...

Apesar do perigo mortal que os ameaçava de todos os lados, o rapaz estreitou mais fortemente o precioso fardo, enquanto nos olhos lhe fulguravam centelhas de esperanças num futuro radioso.

Finalmente, chegaram à orla do_ mar, já coalhado de embarcações superlotadas de fugitivos.

Não longe da praia, balouçava-se a galera do ques-tor, toda empavesada de bandeirolas e de guirlandas floridas para a festa noturna programada. Dois escaleres cruzavam ao longo da praia, evitando aproximar-se, para não serem invadidos pela turba em fuga dementada.

Os que a nado, ainda assim, tentavam fazê-lo, eram repelidos a golpes de remo.

Num homem que, de pé, na proa do escaler tentava reconhecer os fugitivos, o questor deparou o seu criado de confiança, que, desde pela manhã, seguira para bordo.

— Créstus! — gritou acenando — por aqui, depressa !

Num instante os escaleres encostaram e Créstus precipitou-se para o amo, beijando-lhe a toga:

— Abençoados os deuses que me permitem rever-te! Não foi em vão que cruzamos neste local... Mas, vamos, porque parece que o mundo está para acabar.

— Esperemos para que te possa ainda provar minha gratidão por tua providência e por essas lágrimas na hora do perigo. Agora, trata de acomodar o melhor possível estas mulheres e as crianças.

Todos embarcaram, exceto Semprônius, que declarou ficar em terra, a fim de procurar Cáius que, ao seu ver, devia estar por ali perdido entre a multidão. Hatérius e Agripa agarraram-no então, pelos pulsos, e, quase à força, obrigaram-no a embarcar.

Dentro em pouco, abordaram a galera; as mulheres recolheram-se logo aos camarotes, onde Metela, desfigurada e sempre silenciosa, procurou socorrer Virgília, que continuava desacordada.

Drusila, com o rosto abscondido nas mãos em concha, estava como que estuporada e Pompônia, essa, enchia o ambiente de gritos e lamentações, porque só o filho mais velho, de 13 anos, ali estava, enquanto os dois mais moços lá ficaram em Pompeia.

E o fim horrível que os aguardava, era de retalhar seu coração de mãe.

Os homens permaneciam no convés, a contemplar horrorizados o panorama do litoral e da cidade, envolto em névoa avermelhada, da qual emergia o Vesúvio qual tocha gigantesca.

Quando Hatérius ordenou largassem o pano, Semprônius segurou-lhe no braço e suplicou esperasse até que Cáius aparecesse. É que agora, imaginava, o filho deveria achar-se nalguma daquelas embarcações que por ali singravam em todas as direções.

— Meu pobre amigo — respondeu-lhe o questor —, se houvera de aceder ao teu desejo, sucumbiríamos todos, sem probabilidades de salvar teu filho. Segundo disseste, ele teria regressado a Herculânum e a catástrofe com certeza o surpreendeu em caminho, pelo que, presumo, terá fugido noutro rumo. Atravessar o bulcão de fogo e cinza que envolve Pompeia seria uma loucura e, por outro lado, repara a agitação do mar... Precisamos não perder tempo, se quisermos salvar os inocentes aqui abrigados.

O velho patrício baixou a cabeça e desceu com os demais à câmara interna da embarcação.

Ao penetrar no seu camarote, Agripa tomou as mãos da esposa, comovidíssimo:

— Tudo arrasado, tudo destruído! De Herculânum e Pompeia não ficará pedra sobre pedra...

Ela encarou o marido com os olhos húmidos de lágrimas:

— Nunca me considerei tão rica como neste momento ao ver-te aqui, são e salvo, ao lado dos nossos filhinhos; entretanto, choro por Virgília que, coitada, talvez lhe fosse melhor não despertar do seu desmaio.

— Tens razão: tanto ela como o pobre Semprônius são dignos de lástima.

Enfebrecido, exasperado, ele — Semprônius — deixara-se abater numa cadeira, indiferente a quanto se passava ao derredor.

Nem ouvira os gritos de Pompônia, que. Hatérius e o genro acabaram levando para outro compartimento.

Agripa procurava confortá-lo, mas, um só pensamento lhe absorvia todo o ser — Cáius, o seu tesouro, a alegria, o consolo único da sua velhice solitária estava perdido, morto talvez como Fábius, o guapo e também jovem patrício geralmente estimado...

E Fábia, sua velha mãe, confidente e gula de todos os tempos, também ela deveria ter perecido, tragada na voragem dos elementos...

Nada, nada mais lhe restava no mundo! Comprimiu o peito, suspirou profundamente, ao mesmo tempo que reparou no perfil de Nero, o qual, nervoso e carrancudo, apoiava-se na parede.

Ali estava o filho repudiado, o exilado, e era esse que o destino impiedoso lhe reservara para o fim da sua vida... Oh! Nêmesis, terrível é o teu gládio — murmurou, mergulhando o rosto nas mãos.

Inditoso Semprônius! Não compreendeu que o destino, arrebatando-lhe o filho dileto, proporcionava-lhe ensejo de abrir o coração ulcerado ao filho aborrecido. Não soube aproveitar a ocasião para atrair aquela alma enegrecida e galvanizada pelo ciúme...

E essa hora que poderia prevenir mais de uma desgraça futura, resvalou para a eternidade, apenas cavando entre pai e filho um abismo mais profundo.

Voltando a si, consciente do seu infortúnio, Virgília debulhou-se em lágrimas.

Metela não cessava de lhe proporcionar consolações, mas, há dores que só o tempo pode aliviar. Enxuto o pranto, ela olhou em torno e seus olhos fatigados só divisaram Semprônius, assentado com a cabeça apoiada, ou antes, enforquilhada nas mãos. Notou as lágrimas que lhe escorriam de entre os dedos, e, à visão daquela criatura que ela conhecera desde a infância e se habituara a ver sempre altiva, a ponto de considerá-la inacessível, invulnerável a todo desespero — Virgília se possuiu da mais viva compaixão. Esquecendo por momentos a própria desgraça, ajoelhou-se junto dele e, aca-riciando-lhe a face com as pequeninas mãos febris, murmurou soluçante:

— Pobre amigo, pois tu podes chorar? Misturemos, então, nosso pranto, de vez que ambos perdemos o que de mais caro tínhamos no mundo.

O velho patrício levantou-se. Quem poderia chorar com ele? Percebendo os anelados cabelos de Virgília, veio-lhe à mente a menina que tantas vezes lhe salti-tara nos joelhos, a infantil camaradinha de Cáius, que, só ela, lhe dominava os ímpetos, com meiguices de boneca. Depois, lembrou-se que também ela perdera tudo na hecatombe.

Silencioso, estreitou-a nos braços, enquanto uma torrente de lágrimas lhe desafogava o coração.

De olhos enxutos e lábios trêmulos, Nero observava o quadro comovente, a remoer-se todo de ciúmes, ao considerar aquelas lágrimas vertidas em memória de Cáius Lucílius.

Decididamente, ele era um ser inútil... Que dúvidas mais poderia alimentar? Aquela mulher estranha dava consolações ao pai, que a cingia e afagava como filha, enquanto que ele, o único filho sobrevivente, nem sequer fora notado. Teve a intuição de que a sua aproximação seria penosa para Semprônius, e tanto que o pensou, baixou a cabeça, desanimado, e galgou bruscamente o convés.

Uma noite escura, sem estrelas, amortalhava a terra. Apenas o Vesúvio flamante, ao longe, se esbatia no mar com tonalidades avermelhadas de incêndio.

Apoiou-se na amurada e, de cenho carregado e fixo nas trevas que o envolviam, passou a imaginá-las menos densas que o seu próprio futuro...

Que lhe reservaria ainda o destino, à sua existência milagrosamente poupada naquele transe lúgubre?

Com que fim deixava-se embalar, ali assim, no bojo daquele esquife que, de velas enfunadas, voava sobre as ondas como um Alcíone?

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

JÚPITER E JESUS

I

O eremita

Em arrancada vertiginosa, Cáius Lucílius e os que o seguiam afastaram-se da zona flagelada, mas, a escuridão crescente, por um lado, e a chuva de fogo e cinza, por outro lado, fizeram-nos perder a estrada real, de sorte que, em pleno campo rústico, não sabiam ao certo onde se encontravam e a direção que seguiam.

Duas vezes tentaram orientar-se, até que, impossibilitados de ir além, fizeram alto.

O jovem patrício sentia-se mal: agulhadas finas como que lhe perfuravam o cérebro; começava a ver tudo vermelho, ao mesmo tempo que se banhava de frio suor.

— Não posso mais, anda-me tudo à roda — disse, sofreando o animal, que, sob a carga dupla, tremia das pernas e, coberto de espuma, sangrava pelas narinas. — Vou apear-me aqui e descansar um pouco... Você, Rutuba, toma a vovó a seu cargo e segue com os outros. Não podemos desistir de encontrar um abrigo onde prestar à pobre velha os socorros que ela está requerendo. Os vossos cavalos estão menos exaustos e ainda poderão atingir qualquer cidade ou vila. Logo que consigas acomodar vovó, vem buscar-me aqui, ou então nos encontraremos em Roma, visto que para lá seguirei, tanto que me sinta melhorado.

— Mas, fique com um escravo ao menos, patrão...

O senhor está visivelmente doente e quer ficar aqui sozinho?

— Ora, Rutuba, uma mulher sempre tem necessidade de escolta e eu... bem sabes, tenho aqui o meu punhal e uma bolsa... Faze como digo e não percas tempo, mesmo porque, isto é mais fadiga que doença.

Embora contrariado, Rutuba teve de obedecer e bem depressa o tropel da cavalgada perdia-se a distância.

Uma vez só, Cáius Lucílius deitou-se na relva e examinou o local: era uma região montanhosa. A rota pouco batida, na qual desaparecera a comitiva, desdobrava-se em declive e embrenhava-se em cerrada floresta; mas, à esquerda, havia uma trilha pedregosa, que ascendia aos cimos rochosos, também colmados de espessa mataria.

Depois de modorrar cerca de uma hora, levantou-se e, já tomado de uma sede ardente, resolveu seguir aquela trilha, na esperança de encontrar alguma fonte ou cabana de pastor, onde mitigar a sede. Penosamente, lá se foi tropeçando naquele carreiro, não muito íngreme mas bastante sinuoso, que se afundava na montanha. Quanto tempo assim caminhou, nem ele mesmo poderia sabê-lo; mas o certo é que, de súbito, ouviu o borbulhar de uma cascata, ao mesmo tempo que um pálido raio de lua lhe deixava entrever uma fonte, que, jorrando de um penedo, formava natural piscina. Ajoelhou-se e tentou, com as mãos em concha, captar a linfa cristalina; mas, no mesmo instante tonteou, viu tudo negro e tombou, des-falecido, no tapete de musgo que circundava a pequena bacia.

Longas, silentes, pesadas horas transcorreram, até que o dealbar da aurora começasse a atingir a barra do horizonte.

Ouviram-se passos. No alto da montanha surgiu, descendo, uma silhueta humana. Aproximou-se da fonte... Era um homem alto, envolto num hábito cinzento. De idade assaz avançada, denotava-se-lhe, não obstante, ainda relativa louçania e vigor.

Dorso algo abaulado, rosto rendado de profundas rugas, tinha no entanto a espelhar-se-lhe nos olhos castanhos um misto de bondade, doçura e melancolia infinitas.

A barba espessa e prateada morria-lhe na cintura e dava-lhe ao conjunto da personalidade uma sugestão de veneranda majestade.

Ao perceber um vulto ali caído, inerte, parou um tanto surpreso e logo, precipitando-se, inclinou-se e procurou examiná-lo.

— Um patrício! — exclamou — como e porquê viria aqui parar?

Tomou um pouco d'água, molhou-lhe as têmporas e o rosto, friccíonou-lhe depois as mãos enregeladas...

Um quarto de hora mais e o rapaz, abrindo os olhos, espantado, circunvagou-os no ambiente e murmurou:

— Onde estou?

O ancião ajudou-o a levantar-se e perguntou com vivacidade:

— Quem és e por que obra do acaso aqui te encontras, neste estado e neste ermo?

O rapaz passou a mão pela testa como quem queria associar idéias.

— Saí de Herculânum, minha cidade natal, em fuga precipitada, diante da erupção do Vesúvio, que ameaçava destruí-la. Foi o acaso que me trouxe a estas paragens. Estou exausto, porém, tudo me anda à roda, mal posso caminhar. Se me puder es dar qualquer abrigo onde me reconforte, o bastante para prosseguir, ser-te-ei imensamente grato.

— Se vens de Herculânum, podes gabar-te de uma façanha admirável... Encosta-te a mim, filho; vamos até minha casa, que fica perto, pois bem vejo que precisas de repouso absoluto.

Não foi sem grande custo que, amparando o forasteiro vacilante, o conduziu ao seu tugúrio, distante uma centena de passos. Ali, diante de uma fenda meio coberta pela folhagem de uma trepadeira rústica, o velho se deteve e fêz entrar o companheiro numa

gruta espaçosa, tendo por todo mobiliário uma mesa de tábuas e troncos, que serviam de cadeiras. A um canto, um leito de folhas secas, forrado de peles de carneiro.

Deitado nele o jovem cambaleante, o anacoreta correu a uma espécie de nicho cavado ao fundo e retirou uma coberta de lã, um copo e uma bilha de vinho.

— Costumo reservar para os meus doentes uns tantos regalos que não concedo a mim mesmo —, disse, sorrindo naturalmente, satisfeito. — Por mim, vivo apenas para a oração e pela oração; de nada mais preciso... Entretanto, sempre que me é dada a alegria de receber um hóspede, gosto de reconfortá-lo com uma boa pinga.

Assim falando, estendera a coberta e já lhe apresentava o copo e um naco de pão. O rapaz bebeu com avidez mas, sem tocar no pão, recaiu no leito, em profundo e agitado sono. Tremor geral sacudia-lhe todo o corpo e, de súbito, como que arrancado ao seu torpor, despertou em delírio já febrilento. Acreditava-se diante do Vesúvio, atingido das lavas candentes a requeima-rem-lhe as carnes. E rolava no leito de folhas estalidan-tes, gemendo a chamar por Fábia e pelo pai.

O eremita em oração, assentado numa pedra à porta da gruta, reentrou precipite e pôs-se a ouvir com interesse o que dizia o enfermo, que, face congesta e olhar cintilante, parecia apostrofar um ser invisível. O delírio de Cáius mudara de objetivo: estava agora como que revendo Dafné e o quadro que precedera a tragédia; procurava o punhal que deveria cravar no coração do torpe Apolônius.

— Pobre criatura! Tão moço e já traído na vida... a não ser que tudo isto seja o delírio da febre... — murmurou o velho, ao mesmo tempo que lhe impunha as mãos na fronte.

Em breve, pareceu acalmar-se, fechou os olhos.

Alguns dias transcorreram sem melhoras sensíveis no estado do enfermo. O velho eremita não cessava de intervir carinhoso e solícito, já orando à cabeceira do doente, já lhe impondo as mãos quando o delírio se exacerbava. Uma noite, o mal se agravou subitamente: ardendo em febre, olhos cavos de pálpebras roxeadas, o rapaz jazia imóvel e só pela respiração estentórica, sibilante, poderia dizer-se que ainda lhe restavam resquícios de vida.

Aflito e conturbado, o solitário retirou-se para o fundo da gruta. Na cavidade já entrevista, estreita abertura fechada por uma cortina de couro e inteiramente velada pela sombra esbatida das anfratuosidades da rocha, conduzia a uma segunda cripta, menor que a outra. Ao centro dessa cripta, mal aclarada por lâmpadas pendentes da abóbada, abria-se uma grande e funda bacia cheia d’água; mais ao fundo, entalhado na pedra, um altar com uma cruz, e, nesta, a imagem em tamanho natural, de um homem crucificado.

Essa imagem que, como obra de arte deixava muito a desejar, não deixava, contudo, de revelar grande inspiração: — a cabeça cingida por uma coroa de espinhos era admirável; e a expressão de angústia, tocada de suavidade divina, era de molde a honrar um grande escultor.

O eremita acercou-se daquele estranho altar e ajoe-lhando-se estendeu as mãos súplices: — “Bom e divino mestre, j tu que me ensinaste a conhecer o verdadeiro e único Üeus, pai de todas as criaturas, atende à minha súplica, inspira-me o remédio para o enfermo que a mim encaminhaste. Para ti que convertias gentios e saravas leprosos, não há pagãos impuros nem incuráveis; todos te são igualmente caros ao coração, e, onde quer que exista um sofredor, aí estarás para o aliviar...”

Calou-se em êxtase por algum tempo, e, quando finalmente se levantou, tinha estampada no rosto uma serenidade indefinível. Aproximou-se, então, de uma pia ao pé do altar, encheu nela uma pequena taça de prata; ajoelhou-se, tornou a orar, e, estendendo as mãos acima da taça, disse em tom grave e solene: “Senhor Jesus, filho do Deus vivo, invoco sobre esta água a virtude da tua graça, recordando-me do teu batismo

no Jordão; satura, Senhor, esta água, daquele fluido renovador de que és a única fonte para a cura do corpo, pois que, puro, purificas quanto tocas.”

Depois de prosternar-se e beijar as bordas da pia, encheu daquela água um bilha e voltou para junto do enfermo. Humedeceu-lhe os lábios ressequidos, molhou panos e aplicou-lhos à fronte. Isto feito, retornou ao seu lugar no tronco de árvore e continuou a orar silencioso.

De repente, o doente ergueu-se, arregalando os olhos: —’ Veja! — exclamou apontando para o fundo da gruta — é o Sol que desponta a inundar-nos de sua luz dourada! Ah! é Júpiter mesmo que baixa das arcadas celestes, sustentado em nuvens diamantinas. Sua claridade cega-me! Entretanto, misericordioso e doce é o seu olhar!

Calou-se e recaiu exausto... O velho se prosternara com a face rente ao solo, e, quando se ergueu e debruçou-se sobre o enfermo, notou, emocionado, que ele estava profundamente adormecido.

— Grande é a tua misericórdia, Senhor! — Renovou a compressa, murmurou: — Pobrezinho... dorme, recupera as energias do teu corpo exausto.

*
*   *

Alto ia o dia quando Cáius acordou. A febre desaparecera de todo, uma palidez de mármore sucedera ao rubor ardente das faces, mas a extrema fraqueza subsistia.

Em percebendo o eremita à sua cabeceira, disse:

— Quisera, mas não posso levantar-me.

_— Não há necessidade de te apressares, filho; necessitas de longo repouso, pois acabas de vencer perigosa enfermidade, e antes de uma semana não poderás reconstituir-te inteiramente. Agora, bebe isto c não te esfalfes a falar.

Apresentou-lhe uma bebida refrigerante, chegou-lhe as cobertas e logo as pupilas do enfermo se fecharam num sono profundo, reparador.

Apesar dos cuidados do ermitão, a convalescença prosseguia com extrema vagareza. Querendo distraí-lo, em conversa, certo dia, João (assim se chamava) perguntou-lhe quem era e de que família. O rapaz deu o nome e chegou a contar até os pormenores da sua fuga.

— Ah! — exclamou o velho — pertences, então, a uma ilustre e rica família. Conheci teu avô quando comandante de uma legião nas Gálias e por sinal que era um nobre e valoroso soldado, posto que severíssimo, implacável mesmo, em questões de disciplina. Se não estás muito cansado agora, dize-me: que é feito dele e o que faz atualmente?

Vejamos: não baixes tanto a cabeça, não te aeabru-nhes dessa maneira... Compreendo a tua apreensão pela sorte de Semprônius, teu pai, mas, devendo ele encontrar-se numa festa a bordo, é muito provável que tenha podido escapar à catástrofe.

Cáius acedeu aos desejos do seu beifeitor e mais de uma vez trataram desse assunto. Contudo, a maior parte do tempo passava-o deitado, melancólico e inteiramente absorto nos seus pensamentos pungentes. Além da natural angústia pela sorte do pai e dos amigos que o acompanharam a Pompeia, a lembrança da esposa o perseguia com insistência atroz. Às vezes, era como se tivesse diante de si a mulher amada, com as carnes sangrentas, retalhadas pelas feras. E” a vingança selvagem já lhe não lisonjeava o espírito ensombrado. Ninguém poderia conhecer do seu ato, mas, não obstante, sentia-se oprimido e quereria agora, como nunca, recli-nar-se ao colo da avó para chorar livremente. Entanto, não tinha uma lágrima que o aliviasse! Por vezes, no silêncio da

noite era o grito desesperado, eram as súplicas de Dafné que lhe feriam os ouvidos, sem que soubesse como evitá-las. Nessa luta íntima, tentou orar a Júpiter, mas a súplica resultava inútil, porque a verdade é que não sabia orar, não tivera jamais ocasião de se acercar da divindade por meio de uma prece. Sempre ditoso, desde o berço, estimado e Iisonjeado por todo mundo, um só dever sagrado lhe decorrera até ali, que era agradecer aos imortais os dotes com que o cumularam.

Era a primeira vez na sua vida que se via e sentia só, abandonado, infeliz e torturado, em consciência.

Neste caso, sua invocação tornava-se antes um murmúrio, uma rebelião surda, que mais envenenava do que acalmava o espírito.

A voz pacífica, o semblante sereno do anacoreta lhe ciavam, intercorrentemente, algum alívio e, também por isso, não cansava de o observar, enquanto o velho lhe preparava as refeições ou o chá da manhã e da noite.

E foi assim que acabou por notar a visita semanal de um jovem campônio, que trazia sempre um cesto de provisões. Notou, também, que juntos não deixavam os dois de se sumirem lá no fundo da gruta, onde, aliás, o velho, mesmo só, não deixava de recolher-se todos os dias, lá permanecendo longas horas.

Muito tempo levou a conjeturar o que poderia significar aquele retiro misterioso, até que suspeitou da existência de uma segunda caverna e resolveu certificar-se.

À tarde, quando assentados defronte da gruta admiravam o pôr do Sol, desabafou:

— Bom amigo, não me julgueis ousado e indiscreto, mas, estou desconfiado que não comungas da minha fé... Será que pertences a essa seita cristã de que tanto se fala no império?

O velho inclinou a cabeça:

— Sim, de fato sou cristão e um dos primeiros cristãos, por isso que assisti aos últimos momentos do Divino Mestre, de quem sou hoje indigno discípulo. Conformando-me com os seus ensinamentos, aqui vivo longe das tentações do mundo, orando, cuidando dos enfermos, procurando aliviar quantos sofrem, na medida de minhas forças. Nada, absolutamente nada, pode perturbar as minhas sagradas recordações, e por isso me considero e sou verdadeiramente feliz.

— Pois também eu me considero feliz de poder, finalmente, inteirar-me da verdade sobre a vossa seita, que, dizem, tem por fundador um mágico, e mais: que o vosso culto misterioso comporta cerimônias licenciosas, quanto odiosas. Eu, contudo, sempre considerei tais coisas incompatíveis com a paciência, a indulgência e a fé inquebrantável com que os cristãos preferem suportar todos os martírios, antes que abjurar. Que me dizes? Paternalmente bondoso, como és, tua palavra vale, para mim, pela própria verdade sem restrições.

— Os que nos detratam e acusam de tal modo, não ftonhecem nossa doutrina e muito menos o nosso divino Redentor, tão grande e tão puro, que, mesmo aqueles

o viram não o compreenderam. Não o digo no pro-póaito de converter-te, meu filho, se bem que crer e de-precar a Jesus representa a maior de todas as graças.

— Oh! meu bom amigo, conta-me então o que sabes desse homem singular que soube inspirar a seus discí-pulos uma tal fé que desafia todas as torturas e a pró-pl Ia morte... Sim, porque, devo dizê-lo,.também já tenho Com ele aqui sonhado... Mas, é verdade que ele predicou o perdão das ofensas e a humildade, que prescreveu fazermos o bem pelo mal, aos inimigos? Peço-te, pai João, conta-me como o conheceste, o que te disse ele, e juro guardar de tudo o mais absoluto segredo.

— Pois bem: estou a ler no teu olhar honestidade e generosidade e consinto em confiar-te o meu passado. Dir-te-ei como conheci Jesus e me tornei cristão. É uma narrativa comovente, que encerra grandes ensinamentos e, para ouvi-la e aproveitá-la,

precisas restabelecer-te, no mínimo fisicamente. Trata, portanto, de recuperar forças e depois ouvirás quanto desejas saber.

Não haveria como deixar de conformar-se com a decisão e o velho o ajudou a erguer-se e retomar o leito. Outros dias se escoaram sem alterações apreciáveis. É verdade que Cáius readquiria forças, graças à alimentação substanciosa que o eremita lhe proporcionava; mas seu estado de alma permanecia mais anuviado que nunca. A recordação das últimas horas de Herculânum anuava-lhe a consciência; e se as noites lhe eram de insônia cruel a revirar-se na cama, os dias passava-os também encolhido, apático, refratário ao ar livre da montanha.

O bom ermitão que, naquelas poucas semanas, se afeiçoara sinceramente ao seu hóspede tão belo quanto reconhecido aos seus menores cuidados, acompanhava ansioso as peripécias da sua luta íntima, até que uma noite, depois de lhe haver servido uma tijela de excelente caldo, disse, ao mesmo tempo que lhe corria a mão pelos cabelos crespos:

— Meu filho, estou a ver com tristeza que a saúde física não se restaura, porque tens a alma enferma... Que desgosto, porém, poderá oprimir, assim tanto, um coração moço, a ponto de não poderes dormir?

O rapaz nada respondeu, mas deixou pender a cabeça no peito do ancião, que o cingiu fortemente.

— Teu silêncio, filho, me revela melhor que as palavras o ascendente de qualquer falta a pungir-te a consciência, mas, se te repugna descobrir ao teu velho amigo as úlceras da tua alma, acompanha-me, vamo-nos ali onde costumo encontrar alívio para o meu espírito conturbado. Vamos; eu pedirei contigo, a fim de que o gênio do mal, que te arrastou para a senda do pecado e ainda se rejubila com os teus sofrimentos, te deixe de uma vez. Aquele que te vou mostrar, disse: Vinde a mim os pecadores, os desgraçados, eu os aliviarei!

Como que subjugado por íntima, incoercível necessidade de oração e arrependimento, Cáius seguiu o ere-mita ao misterioso santuário; contudo, admirado e ofe-gante, ei-lo que se detém à entrada... A penumbra que enchia o ambiente, a luz oscilante das lâmpadas aclarando no fundo a cruz, com o seu mártir, reagiram vitoriosamente na alma sensível e apaixonada do rapaz. Ali estava, então, o Deus dos humildes e desgraçados! E aquele Deus não impava num trono a empunhar raios, como Júpiter! Nem os seus servos diziam: o mais caro à divindade é o que lhe oferece mais ricos sacrifícios... Mas, ao contrário, aquele Deus procurava os pobres, os decaídos da sorte!

O velho ajoelhou-se diante do altar e disse:

— Oremos para que possas ter paz...

Já possuído de veneração e um certo temor, Cáius Lucílius ajoelhou-se também e teve o seu olhar logo atraído, irresistivelmente, para o rosto da imagem, que parecia inclinar-se para ele e dizer com infinita doçura: — "compreendo o teu sofrimento; vem a mim, eu te aliviarei."

— Filho — diz o eremita aproximando-se —, esse, que aí vês representado, conheceu a fundo o coração humano; dirige-te a ele e ele te compreendera... Sua clemência era apenas infinita e, quando cercado dos inimigos que acabavam de crucificá-lo, ainda exorou perdão para eles, como quem sabia que a morte não passa de libertação das penas terrestres, e que o sofrimento ó a pedra de toque da paciência, da fé e do amor adquiridos. Condenar e punir é sempre mais fácil que perdoar e corrigir.

Profundamente conturbado, o jovem patrício uniu as mãos, sem poder explicar-se a insólita atração desse Deus desconhecido, ao qual acabava de orar. O homem carnal e cego mal poderia presumir que seu espírito acabava de reconhecer o guia divino da

pátria eterna, exul-tante de o haver reencontrado. Muda, porém fervorosa invocação lhe borbulhou do coração em ânsias de paz interior; as faces pálidas se coloriram, os olhos brilharam de exaltamento e parecia-lhe que toda a luz das lâmpadas se concentrava no semblante do Crucificado, a cercá-lo de um halo aurifulgente, ao mesmo passo que do madeiro se exalava uma onda de calor benéfico, que todo o penetrava e aliviava.

De novo lhe voltou a esperança de rever o pai e todos os que lhe eram caros, enquanto que a imagem e o fim sangrento de Dafné como que se diluíam na retina do seu espírito... Mas, em compensação, passou a julgar-se a si mesmo, viu num relance as próprias faltas, a sua cegueira ultriz, e humilhou-se intimamente... Calmo, então, de uma calma que há muito não fruía, virou-se para o companheiro que, braços estendidos, parecia mergulhado em beatífico êxtase:

— Meu pai, grande é o poder do teu Deus! Sinto-me aliviado, tenho como que arrancado do coração um peso enorme; deixa-me dizer-te, aqui mesmo, o que ignoras da minha vida, para que me digas, à face deste Deus misericordioso, o que cumpre fazer para afastar a sombra vingadora de uma vítima.

— Fala, filho — disse o solitário estendendo-lhe os braços —, não há faltas imperdoáveis diante de um sincero arrependimento que nos conduz à penitência.

O rapaz assentou-se-lhe aos pés e num discurso rápido, sintético e colorido, fotografou Fábia, Semprônius e a sua existência despreocupada, clara, venturosa, até ao dia do seu encontro com Dafné; fêz-lhe ver como, por excesso de amor por ele, sua avó e seu pai tão austero e altaneiro, haviam anuído ao casamento e recebido de braços abertos aquela plebéia sem educação e sem fortuna; depois, em crescente agitação, descreveu todas as torturas morais que lhe infligira a ingrata criatura, que ele generosamente arrancara do lodo e da miséria e, tanto que esposada, entrou a odiar a todos que lhe eram caros, para culminar na ignomínia da traição...

De olhos brilhantes, ruborizado, desenrolou ao velho anacoreta o painel das últimas cenas que precederam a fuga desordenada e finalmente como, advertido por um servo de confiança, pudera, com os próprios olhos, certificar-se do seu vilipendio e como, numa espécie de alucinação, matara o traidor e dera a mulher em pasto às feras.

— Agora, meu pai, o seu fantasma me persegue sem tréguas, vejo-a a cada passo, tenho-a diante de mim a rebolcar-se no chão e os gritos de angústia, as súplicas desesperadas reboam-me aos ouvidos, são mesmo de enlouquecer. Dize-me, pai, o que devo, o que posso, o que preciso fazer...

Assim terminou, deixando pender a cabeça febrici-tante nos joelhos do confessor.

— Não sou, não posso ser juiz, meu filho: grande era, decerto, a tentação para o teu espírito de moço, ultrajado e traído. Dificilmente poderias eximir-te de castigar a mulher perversa e condenável a face de todas as leis humanas; contudo, o divino Mestre, que expirou na cruz para resgate das nossas faltas, disse em nome do Pai celestial que o julgamento só a ele pertencia... A verdade é que a justiça daquele que rege o Universo é bem mais temerosa do que a tua mesquinha vingança, que não foi além do aniquilamento de um corpo, de vez que Ele é o senhor das almas, isto é, do pensamento indestrutível, que sobrevive ao corpo e permanece como fator de todos os teu3 males.

Lembra-te de que a vingança liga os inimigos entre si, tanto quanto os desliga o benefício que se lhes faça.

Sompre que pensares com rancor nessa pérfida criatura, que também te odeia pelo fim horrível que lhe deste, os maus sentimentos de ambos se encadearão mais fortemente do que se foram amistosos; mas, quando o ódio da tua vítima esbarrar no teu perdão e na tua prece u seu favor, ela se sentirá aliviada, envergonhar-se-á de si mesma e acabará por te deixar. Ora, portanto, meu filho, e o dispensador da graça e do perdão te concederá o repouso em te afastando dos inimigos invisíveis, bem mais temerosos do

que os visíveis. Em sua passagem pela Terra, um dia, predicando ao povo, o Mestre afirmou que todo aquele que saiba orar maneja a mais forte das alavancas dadas à criatura humana, porque a Fé transporta montanhas.

— Tudo o que dizes dos ensinos do teu Deus só lhe prova uma sabedoria profunda. Acabo de experimentar o seu poder e já agora, mais que nunca, desejo conhecê-lo. Quererás, hoje mesmo, confiar-me o que sabes da sua vida e feitos? — terminou por dizer Cáius Lucílius com olhos de fulguração entusiástica, que raiavam por exaltação.

— Com muito prazer e mesmo, porque, o momento se me afigura azado para te revelar minha conversão ao Cristianismo, visto estares acalmado pelas nossas preces.

Como, porém as emoções desta hora feliz te abateram as energias físicas, vamos tomar, antes, algum alimento.

Passaram à primeira gruta e logo se serviu cada qual da sua tijela de leite e um naco de pão. Depois, assim falou o velho eremita:

— Trata-se de um passado que vai bem longe e antes que o retrace importa, para maior clareza, falar-te da minha pessoa. Meu pai foi soldado e, com tal, freqüentemente se ausentava do lar. Minha mãe, com meus irmãos, habitava a casa de meu avô, rico e sábio filósofo, de sorte que tive uma juventude relativamente feliz e despreocupada de maiores cuidados. Inteligente e vivo, meu avô muito se interessava pela minha educação e tal era a facilidade da minha compreensão, que ele chegou a afagar o projeto de me fazer um sábio.

Meu pai, porém, pensava de outra maneira e cedo tive de abraçar a carreira das armas. Fiz meu primeiro estágio em Massília, nas Gálias, sob o comando de teu avô e dali fui destacado para Jerusalém, na Judeia, província então governada por Pôncio Pilatos. Preciso é dizer-te que o cargo de governador da Judeia não era isento de perigos e dificuldades, máxime, para um homem orgulhoso e violento qual Pilatos, visto tratar-se de um povo turbulento e fanático como seja o povo judeu. A mais leve das faltas, o menor descuido administrativo, eles, os judeus, denunciavam diretamente ao Imperador, muito embora não deixassem jamais de conspirar e sonhar a restauração da sua soberania política. Compreendes que, em tal país e com tal gente, era preciso, ter argúcia e olho vivo. Pois bem: à Providência divina aprouve decorresse dessa contingência, para mim, o ensejo de conhecer o Salvador e se operasse a minha conversão.

Já te disse que eu era mais instruído que os meus camaradas. Sobretudo, tinha grande facilidade em aprender línguas, circunstância que de muito me facilitava o serviço e as minhas relações com os nativos dos países que percorria.

Em Jerusalém, ocupava um cômodo na casa de um galileu, honesto e pobre homem carregado de numerosa família. Uma das filhas, bela rapariga, agradara-me extremamente. Considera que eu estava, então, na flor dos anos e tinha a cabeça povoada de mundanas ilusões. (Disse-o como que emocionado à revocação daquelas reminiscências.)

O fato é que, para melhor me entender com Abigail, tratei de aprender mais rapidamente o seu dialeto, que não era o puro hebraico, mas, o geralmente linguajado pelo povo. Foi em casa daquela boe. gente que ouvi pela primeira vez falar de Jesus. Eles o tinham visto por ocasião do seu regresso a Jerusalém e testemunharam de visu a cura miraculosa de vários doentes, ao mesmo tempo que referiam às suas prédicas, possuídos de entusiástica veneração.

Interessei-me, desde logo, por aquela personalidade extraordinária, até que um dia fui chamado por meu comandante, que me disse: "Quirílius Cornélius, vou confiar-te um trabalho secreto, que o teu conhecimento da língua popular tornará mais fácil: parece que há mais de dois anos um homem de Nazaré, chamado Jesus, anda a percorrer

em todos os sentidos a Galileia e as províncias limítrofes, pregando uma nova doutrina, curando enfermos e fazendo outros milagres. Nada disso me interessa nem me preocuparia, se não houvesse recebido do Sumo Pontífice um aviso secreto, que denuncia nesse homem propósitos políticos, por isso que se inculca descendente de antigos monarcas e pretende ser aclamado rei de Israel. Torna-se, pois, indispensável averiguar a legitimidade destes boatos. Procura disfarçar-te da melhor maneira e penetrar nessas assembléias, e não te será difícil encontrares o profeta entre a multidão, que, dizem, o segue por toda a parte. Quando estiveres de tudo bem inteirado, far-me-ás um relatório."

Satisfeito com aquele mandato que me vinha ensejar a satisfação da minha curiosidade, entrei em casa e logo, ali mesmo, soube que o profeta de Nazaré não estava longe da cidade. A meu pedido, um irmão de Abigail prestou-se a conduzir-me ao sítio indicado. Tratei de me disfarçar quanto pude e partimos tarde, a fim de aproveitar o frescor da noite.

Seguindo informações dos transeuntes, atingimos finalmente uma colina em cuja encosta se grupava, pitorescamente, uma turba considerável. Assentados uns, outros de pé e alguns ajoelhados, todos pareciam possuídos de mística exaltação. No centro do semi-círculo, encostado ao tronco de uma árvore, estava um homem de mediana estatura, cingindo alva túnica, com um manto escuro.

Embrenhei-me na multidão, procurei colocar-me do melhor modo possível para ver e ouvir o pregador, mas logo ao primeiro golpe de vista, diante daqueles traços fisionômicos, finos e regulares, bateu-me o coração emocionado. De fato, o que tinha diante de mim era uma personalidade única, inconfundível, a irradiar um encanto e um fascínio irresistível. Sedosos, anelados, castanhos cabelos rolavam-lhe pelas espáduas, moldurando um rosto pálido, levemente tostado do Sol; a boca se lhe desenhava em plissura sintomática de energia, mas, de energia temperada de bondade indefinível. Diga-se, porém, que o que mais impressionava eram os olhos de um azul profundo, com tonalidade de safiras e uma agilidade de expressão que parecia torná-los cambiantes, como se fossem ora negros e fulgurantes, ora azuis e macios, da maciez azul da abóbada celeste. Discorria sobre a imortalidade da alma, falava da frivolidade dos gozos terrenos e das delícias que constituem o patrimônio dos pobres, dos sofredores, no reino do Pai celestial. Não me sinto capaz de lhe reproduzir as palavras, que ser algum, também, pudera dar ao verbo aquela sua eloqüência divina, que comovia e consolava; a magia daquela voz que mergulhava nas camadas mais ínfimas do povo, e cujas modulações e ressonâncias timbravam todas as fibras da alma.

Empolgado, subjugado, ouvia-o com avidez crescente, admirado em meu foro íntimo de como pudesse uma tal criatura ser considerada perigosa, de vez que o desprendimento por ele predicado só poderia tornar os homens desambiciosos e humildes.

Naquele momento, a mim mesmo se me figurava inútil a vida, desde que não tendesse para uma finalidade celeste, qual a descrevia e inculcava. Terminada a predica, a turba se adensou e comprimiu em torno do Mestre, vários enfermos lhe foram apresentados e eu vi, com estes olhos, que uma criança paralítica das pernas foi, ao colo da mãe, instantaneamente curada a um só contacto seu... Depois, começou a debandada e Ele, seguido de uns poucos homens (que me disseram ser os discípulos), desceu pela encosta da colina. Ao passar rente comigo, deteve-se de súbito e mergulhando no meu o seu olhar profundo, de expressão indizível, murmurou baixinho: centurião, renuncia à tua tarefa, já que minha palavra penetrou teu coração; justo, hás-de ser comigo, e convence-te de que os que insinuaram ao teu chefe que me vigiassem, têm em mira outra coisa...

Seguiu, esboçando ligeiro sorriso, deixando-me petrifiçado. Seria um feiticeiro? Ou seria um Deus que adivinhava meus pensamentos e desvendava, através do disfarce, a tarefa que ali me conduzira?

Intimamente conturbado, regressei a Jerusalém e no meu relatório afirmei que, a meu ver, a predicação daquele homem de modo algum atentava contra a segurança e a paz do Estado, antes, pelo contrário, tendia a destocar dos seus discípulos quaisquer ambições mundanas.

Ao ler esse relatório, meu comandante sorriu, dizendo: *ainda bem que me não enganei; é apenas uma questão de melindres pessoais, de sacerdotes e fariseus a quererem fazer deste censor dos seus abusos um inimigo do imperador.*

Daí por diante, comecei a sentir um vivo interesse por Jesus e pela sua doutrinação. Não mais o perdi de vista. Tive ocasião de ouvi-lo ainda algumas vezes, sempre que mo permitiam o serviço e as circunstâncias. Ouvindo-o, convenci-me de que era um grande reformador, que proclamava a igualdade, condenava a injustiça, a opressão do fraco pelo forte, e apelava para a consciência do homem, no intuito de o elevar a um nível moral superior.

Assim passaram alguns meses. Aproximava-se a Páscoa dos judeus e eu não podia cogitar da pessoa do Mestre, tomado todo o tempo com o serviço, pois além da afluência de peregrinos que vinham celebrar as festas, também o procônsul Pilatos fora a Jerusalém e não faltavam trabalhos extraordinários.

Uma noite, entrando em casa, fatigado, notei surpreso que Abigail me esperava e tinha os olhos vermelhos de muito chorar. Contou-me, então, que seu irmão mais velho, de guarda ao templo, viera apressado dizer-lhe que um grande perigo ameaçava o bom do profeta de Nazaré. Era o caso que, dias antes, ao entrar na cidade, fora ele recebido e aclamado com palmas e flores, por toda uma multidão em delírio. Sacerdotes e fariseus, furiosos e despeitados com o evento daquelas ova-ções a um homem que, a seu ver, desobedecia aos seus mandamentos e nem guardava os sábados, tramavam-lhe a perda e, nesse propósito, já se haviam combinado com um dos discípulos, pois David (assim se chamava o irmão de Abigail) vira por duas vezes um deles acercar-se do Grande Sacerdote e presumia que, naquela mesma noite, o profeta seria preso. Onde, não o sabia ele dizer. Amando a Jesus e sabendo que também eu o admirava, David viera preveni-la, na persuasão de que com o meu auxílio se pudesse ainda a tempo avisar o Mestre para que fugisse.

Essas notícias amarguravam-me profundamente. Aliás, também ouvira falar daquela entrada triunfal em Jerusalém, mas não ligara ao evento conseqüências pessimistas.

Grato me fora poder, na emergência, salvar aquele homem de bem, cuja vida valia um programa de obras caritativas; mas a verdade é que não tinha a menor idéia do sítio em que poderia encontrá-lo, naquele mo-riento.

E o grande caso é que não pude dormir toda a noite, afigurando-se-me diante dos olhos a sua fisionomia serena e caroável. Em vão excogitava um meio de poder salvá-lo e, mal despontava o dia, abalei a correr para o palácio do procônsul. Esperando lá encontrar David, dei volta ao templo, que não ficava longe, e junto à porta que dava para a sala do pontífice, encontrei efetivamente o rapaz, que me informou da prisão e imediato julgamento de Jesus, já "a caminho do pretório, para a confirmação de Pôncio Pilatos".

Nes3a altura, o eremita calou-se e procurava enxugar as lágrimas que lhe corriam pela face.

Cáius Lucílius, comovido, interpelou com vivacidade:

— E foi condenado o inocente? Como pôde Pilatos sancionar uma tal iniqüidade?

— Decretos da Providência, filho... Escrito estava nos astros, desde os primórdios do mundo. O procônsul bem que tentou salvá-lo, mas o povo, cego e fanatizado pelos sacerdotes, não lho permitiu. O divino mensageiro do Pai celestial houve mesmo de ser ultrajado, flagelado e condenado a morrer na cruz. Mais tarde te contarei episódios desse martirológio horrível, pois de momento

Binto-me incapacitado de o fazer e quero limitar-me às minhas impressões pessoais. Eu já admirava e amava a Jesus; mas, à vista da sua paciência, doçura e sobre-humana majestade, com que suportava todos os martírios, haveria de ligar-me a ele irrevogàvelmente, de sorte que, por salvar-lhe a vida, daria mil vezes a minha própria vida.

Pronunciada a sentença, o preso foi confiado à minha guarda, até o instante em que devia partir, com dois outros condenados, para o lugar do suplício. Para passar as poucas horas que lhe restavam, fi-lo recolher a um compartimento que dava para o pátio, no qual permanecia a escolta. Fingindo rigorosa vigilância, postei-me à porta do compartimento e acabei, finalmente, por lá entrar. Foi então que vi Jesus ajoelhado junto de um banco de pedra, todo absorvido em prece fervorosa. Seu rosto pálido, macerado, estampava os sofrimentos atrozes que lhe haviam infligido.

— Mestre — disse, aproximando-me —, não posso conformar-me que, sendo tu tão bom e tão puro, pereças assim de morte infamante... Deixa-me salvar-te, toma a minha armadura, este manto e esta chave; abre a por-tinha que ali vês e que dá para um estreito corredor, ao fim do qual te encontrarás numa viela deserta; dali irás a minha casa, onde moram pessoas dedicadas que te facilitarão a fuga da cidade... Deixa-me morrer em teu lugar, porque a vida de um soldado obscuro não vale a de quem, como tu, é providencial e benéfica aos enfermos e desgraçados...

Ele se levantara logo às minhas primeiras frases e seu rosto transpirava uma calma celeste... Olhava-me com um velado olhar de melancólica doçura e assim falou:

"— Agradeço-te e muito aprecio o teu devotamento, mas, não posso aceitá-lo. Acaso consideras menor o meu sacrifício, se houvera de permanecer neste mundo em que me é tão difícil praticar o bem? Não, amigo, eu não deploro a minha sorte, a mesma que tiveram os profetas que me precederam, mortos pelos homens. Mas, não suponhas, também, que eu desdenhe o sacrifício da tua vida (parou com os olhos no vácuo, dando à fisionomia uma feição singular), pois tu hás-de morrer por mim e estou a ver as chamas da fogueira que te espera... Mas, isso não será por agora..." — E, como se quisesse rechaçar longínqua visão, esfregou os olhos e concentrou-se.

— Que dizes com isso, meu pai João? Será que estejas mesmo fadado a morte assim horrível? — atalhou Cáius.

— Filho, certa feita, cheguei a crer-me destinado à glória do martírio, quando milhares de irmãos tombaram imolados à sua, à nossa Fé; e foi quando tive um sonho profético, que me assinalou essa glória para uma existência futura[1]. Deixa-me continuar. Concentrando-se um instante, disse:

— Vejo que me pertences, que minhas palavras te tocaram o coração, e assim vou, por um sinal, incorporar-te à comunhão dos crentes...

Tomou de uma bilha que ali estava sobre um banco, enquanto eu me ajoelhava tirando o capacete.

— Em nome do Pai celeste, criador e senhor de todas as forças do corpo e da alma, eu te franqueio a fonte da Verdade, para que prossigas proclamando-a aos deserdados da Terra...

E assim falando, derramava a bilha sobre a minha cabeça.

[1] João Huss, queimado em Constança em 1415.

Senti um calor benéfico, um indizível bem-estar a invadir-me todo o corpo. Levantei-me, beijei-lhe a túnica, mas, nesse instante, vi que ele empalidecia e como que vacilava.

— O espírito é forte mas a carne é fraca — disse, procurando assentar-se e sorrindo com tristeza —, nada obstante, quero dizer ao último dos meus discípulos algumas palavras de ensinamento. Eu tive por missão lembrar à Humanidade que o bem-estar do corpo deve subordinar-se à felicidade do espírito. A vida terrena é apenas uma etapa no caminho da perfeição. Não na conceitues, portanto, esta vida corporal, senão pelos benefícios que fizeres; perdoa aos teus inimigos, por isso que o ódio só pode ligar-te maiormente a eles; e ora sempre com fervor, pois a prece te unirá à divindade e te fará esquecer as misérias mundanas, clareando teu espírito e fortalecendo-o para que possas pagar o mal com o bem.

Esses que agora me condenam e contra os quais te revoltas no imo do teu coração, assim procedem porque não me compreendem; e os sacerdotes só me odeiam porque lhes censuro os abusos, sem quererem reconhecer que o meu ensino só poderia abrandar os corações e encher e dignificar os seus templos.

Esse estado de coisas ainda perdurará por séculos e séculos... (Seu olhar parecia embeber-se em quadros longínquos). A semente que espalhei germinará em lutas, mercê das quais progredirão uns e fracassarão outros. Sim! Milhões de homens hão-de tornar-se meus filhos, ovelhas do meu rebanho, mas, também, quanta crueldade e quantos massacres se consumarão em meu nomel Quanto sangue há-de correr em nome de quem proclama a igualdade à face do Eterno, cujo amor se estende a todas as criaturas! Aqueles mesmos que ora me renegam, hão-de proclamar-me entre martírios, e tempo virá em que as minhas palavras hajam de ser adulteradas, repelidas e esquecidas de muitos povos, cuja fé vacilará. Será então, quando lhes enviarei o Espírito de Verdade e a cortina que barra a pátria da alma se rasgará: os mortos ressuscitarão e falarão aos homens por diversos meios. Outras coisas quisera ainda dizer-te, mas teu espírito não está preparado para compreender-me.

— Mas a morte infamante que te aguarda, não te intimida, Mestre? A mim se me enregela o coração só no imaginá-la.

As lágrimas sufocavam-me.

— Pastor do rebanho todo, desde o dia da criação deste mundo expiatório, a mim me compete esclarecê-lo e selar com o próprio sangue as verdades que predico. Tal é a vontade do Pai.

Um barulho de vozes no corredor interrompeu nossa entrevista. Apressei-me em sair e vi, com surpresa, uma mulher ajoelhada em atitude de súplica aos soldados. Não era jovem, mas o semblante pálido e agoniado revelava os vestígios de uma formosura que deveria ter sido deslumbrante.

— Quem é e que pretende essa mulher? — perguntei, aproximando-me.

— É — respondeu um soldado — a mãe do condenado, que pede licença para entrar e falar com ele.

Os olhos dela me fixaram com tal expressão de angústia que tive um calafrio.

— A justiça — disse-lhe gravemente — condenou o culpado, que poucas horas terá de vida; mas a lei não impede a mãe de ver e despedir-se do filho; apenas, para que ela não vá transmitir ao preso qualquer mensagem suspeita, eu próprio assistirei à entrevista. — E convidei-a a seguir-me.

Ela ergueu-se cambaleante, penetrou na prisão, onde, sempre assentado, o Mestre continuava como que absorvido em prece ardente. Ao avistá-lo, a mulher deu um grito abafado e começou a chorar copiosamente.

Jesus estremeceu e reconhecendo-a ergueu-se, abriu-lhe os braços:

— Mãe! minha pobre mãe!

Ela precipitou-se para ele, em soluços convulsos, deixou pender a cabeça no seu peito. Ele, por sua vez, contemplou-a por momentos, com amor e tristeza inde-finíveis; depois, ergueu-lhe a fronte e mergulhou nos olhos maternos um olhar radioso como jamais existiria na Terra:

— Mãe, como o fizeste?... Instruí-te, contigo reparti minha ciência, a fim de que esta hora te fora menos dolorosa; tu me entendeste, tu me acreditaste e, contudo, choras e sofres neste transe decisivo... Dir-se-ia que a morte te apavora, quando bem sabes que a nossa separação será apenas momentânea. Dar-se-á que tenhas perdido' a fé?

Como que reconfortada, a mulher perfilou-se e, tomando a mão do Mestre, beijou-a:

— Não, filho: hei-de confQrmar-me, quero mostrar-

-me digna do filho que tenho, seguir-te-ei até ao fim.

Em assim falando, enxugou os olhos, voltou-se para mim e disse com doçura- e firmeza:

— Permite-me, Centurião, que o acompanhe ao lugar do suplício? A plebe tem, creia, esse direito. Não consintas que os teus soldados me rechassem de junto da cruz, pois quero consolá-lo nestes cruéis momentos.

— De acordo — respondi emocionado — e o que lastimo é nada mais poder fazer a teu favor.

Soou, finalmente, a hora de cumprir o meu dever, que nunca me houvera sido tão doloroso: em marcha o té tricô cortejo, notei que a mãe do Senhor nos seguia, cambaleante, amparada por um dos discípulos... Chegados ao Calvário, dei as ordens necessárias, mas, enquanto gemiam os martelos, desviava o olhar, porque aquelas pancadas lúgubres como que me percutiam o coração. De repente, levantei a vista e vi que acabavam de aprumar a cruz! Foi, então, que, ao cruzar com o meu, o profundo olhar do Mestre parecia dizer-me: — "É assim que devemos morrer!"

As horas sequentes foram assaz penosas; o calor era simplesmente sufocante e a turba se comprimia em torno dos supliciados, tomada de estranha exaltação; gritava-se, altercava-se, não raro precisavam os soldados intervir a chanfalho, para manter a ordem.

Por volta das dezoito horas, o céu cobriu-se de nuvens negras e um trovão ainda longínquo fêz estremecer o solo. Levantei a cabeça e tive a impressão de me haver dementado: pareceu-me que a escura abóbada celeste se rasgava para deixar sair do seu bojo milhares de seres alados, que emitiam uma luz dourada... Em massas compactas, precipitavam-se, rodeavam o madeiro, que, por sua vez, aclarado de raios multicores, era como um sol resplandecente... Naquele oceano de luz, rodeado de seres imateriais, a contemplá-lo radiantes e plenos de amor, o Mestre me apareceu não mais o mártir crucificado, mas o ser divinizado, luminoso também ele e de olhos fitos no céu, em beatitude de eternidade e de glória.

Trêmulo, estupefato, olhei em torno de mim e percebi a mãe do Mestre ajoelhada, braços estendidos à cruz. Considerei, pela atitude estática que lhe transfigurava o semblante, houvera tido a mesma visão.

Quando de novo me voltei, o quadro luminoso desaparecera inteiramente, o céu continuava negro, sulcado de relâmpagos, os trovões se repetiam abalando terra e céus. A multidão apavorada com as trevas e a violência da tempestade, debandava aos gritos e eu mesmo não sosseguei, enquanto a chuva torrencial não veio lavar a atmosfera.

*

*   *

Cáius, que até então bebefa avidamente, de faces incendidas, as palavras do eremita, exclamou:

— Não te lastimes, meu amigo, meu paternal amigo, pois também eu já compartilho a tua veneração por esse homem extraordinário; mas, dize-me uma coisa: onde é que Jesus, de uma origem tão humilde, adquirira o grande saber e a sublime eloqüência com que dominava os corações?

— A sua origem divina manifestou-se no berço, justamente por uma sabedoria que ultrapassava a sua idade, e isso em todas as fases da sua vida. Entretanto, eis o que ouvi a respeito: depois daquela conversa com o Mestre, tive o ensejo de, por intermédio de um dos discípulos, travar relações com um judeu rico e ardoroso adepto da nova doutrina, a propósito desta mesma pergunta que ora me fazes.

Pois bem: esse homem contou que o Mestre, ainda criança, veio a Jerusalém pela Páscoa e tendo, por acaso, se intrometido entre os doutores, a todos surpreendeu por suas dissertações e raciocínios, inconcebíveis na sua idade. Entre esses doutores encontrava-se um velho rabino de Alexandria, abastado e sábio homem, que se interessou pelo menino precoce e veio a proporcionar-lhe mais tarde uma viagem àquela cidade, a fim de se instruir. A morte do velho o impediu de facultar a Jesus uma posição independente, mas, ainda assim, ele viajou pela Índia e só regressou a Galileia[2] dois ou três anos antes de começar a sua predicação. Sendo ele, ao demais, muito discreto, nenhum dos discípulos conhecia os pormenores da sua vida, nesse período que passou longe da pátria. Sua mãe, essa, não poderia ignorar, mas, a verdade é que também se conservou muda a respeito. E agora, basta por hoje, pois vejo que estás fatigado e precisas repousar.

Cáius obedeceu humildemente e, depois de haver abraçado e agradecido ao bom velho, deitou-se esgotado pela fadiga e pela emoção. Nada obstante, há muito tempo que seu espírito não se sentia tão tranqüilo e logo um sono reparador lhe cerrou as pálpebras.

Os dias subsequentes transcorreram em longas palestras, o rapaz não perdia oportunidade de se elucidar nos mais mínimos detalhes sobre o assunto que o apaixonava profundamente. E aquele desejo como que reagia favoravelmente sobre o seu estado mórbido.

Uma tarde, achando-se no interior da gruta, ouviram a voz de alguém que pedia licença:

— Oh! de casa! pode dizer se há um mês, mais ou menos, um homem...

— Rutuba! — exclamou Cáius precipitando-se para a entrada da gruta. — Es tu, meu fiel amigo?

— Até que enfim, meu senhor! já tinha perdido a esperança de te rever — respondeu alegremente, enquanto Cáius no seu transporte o apertava nos braços.

De repente, porém, empalideceu e deixou-se cair sobre uma pedra à guisa de banco, perguntando já com a voz alterada:

— E vovó? e meu pai? que é feito deles? estão vivos?

— A nobre Fábia passa bem de saúde; teu pai, teu irmão e Drusila estão salvos. Acalma-te e ouve o que se passou.

A aparição do anacoreta suspendeu por instantes a entrevista. Depois de o haver felicitado pelas boas-novas, o velho disse precisar socorrer um zagal enfermo e retirou-se, deixando os dois a sós.

— Fala, Rutuba, antes que eu estoure de impaciência: onde estão papai e vovó?

— Quando nos separámos, descemos à planície e lá encontrámos, finalmente, um povoado onde pude orientar-me e ministrar os primeiros cuidados à matrona. Voltando a si, seu estado de fraqueza era tal que não pôde articular palavra e dar suas ordens.

---

[2] Ver capítulos I e XII — “A Caminho da Luz”, de Emmanuel, por Francisco Cândido Xavier. Nota da Editora (FEB) em 1975.

Tive, assim, de agir por mim e concluí que o mais conveniente era conduzi-la à propriedade de teu pai, além de Capua, que era também a mais próxima. Como os cavalos nada mais davam, arranjei uma liteira, e, depois de haver instalado em sua casa a nobre senhora, providenciando para que nada faltasse, corri para cá a toda pressa. Entretanto, apenas se me deparou a ossada de "Furacão"! De ti, nem sombra, nem rastro... Lembrei-me, então, das tuas últimas palavras e presumi que tinhas seguido para Roma. Para lá me abalei a toda brida, mas, na casa de Drúsus ninguém sabia de ti, nem de coisa alguma.

No auge da tribulação, sem saber o que fizesse, lembrei-me de que, no dia fatídico da erupção, Semprônius deveria visitar a galera de Hatérius Rúfus, de partida para Roma. Hatérius, portanto, se vivo fosse, seria a única pessoa que me poderia orientar os passos.

Procurei informar-me e o questor teve a bondade de me receber, apesar da aflição em que se achava a sua própria família, pois é preciso dizer-te que dois filhos de Pompônia, o cunhado e cunhada, bem como outros parentes não embarcados, hão-de ter fatalmente perecido. Hatérius informou-me de que teu pai, teu irmão e Drusila, Agripa e sua mulher, bem como a nobre Virgília puderam, felizmente, atingir a sua galera. E por assim o desejarem todos eles, transportou-os à granja de Agripa, perto de Nápoles, onde ainda se encontram. O desespero de teu pai, presumindo-te morto, é simplesmente indescritível e só igualável, talvez, ao de Virgília, que perdeu o marido e o filho na catástrofe.

— Pobre pai, infeliz Virgília! Quem me dera poder voar para estar agora mesmo ao vosso lado...

E logo de seus olhos, assim deblaterando, rebentaram lágrimas fartas. Rutuba continuou:

— Pouco mais tenho a dizer. De posse desses informes, voltei para junto de Fábia. A notícia de que Semprônius estava salvo, parece tê-la reconfortado e logo escreveu a Metela comunicando o que sabia, mas também pedindo nada dissesse a Semprônius, para não o engodar com esperanças duvidosas. Metela não demorou a resposta, convidando-a a seguir para lá imediatamente, o que fêz, não sem deixar de me encarecer a necessidade de te procurar a todo o transe. Parti imediatamente, e, nada encontrando, já estava desanimado quando me apareceu um campônio que me informou haver um velho morador desta montanha recolhido um belo rapaz enfermo, do qual estava cuidando com o maior carinho.

— Jamais poderei pagar tua dedicação, meu Rutuba. E agora, antes de tudo, precisamos cuidar da partida, pois eu não quero prolongar de um minuto a angústia dos meus pobres parentes. Seria possível arranjar alguma liteira nestas paragens? Digo-o, porque ainda me sinto fraco para montar. Outra coisa: tens dinheiro?

— Quanto a isto, fica descansado, porque tua avó mo deu que farte. E neste caso, permite-me partir já, com a segurança de aqui voltar amanhã, com a liteira.

Quando o eremita regressou, o moço patrício deu-lhe parte de tudo quanto ocorrera.

— Preciso partir, pai João, e apesar do desejo que tenho de receber o batismo das tuas mãos, não quero tomar uma decisão tão grave sem estar autorizado por meu pai e minha avó. Tu sabes quanto os amo e pelo que, também quero estar convicto de que aprovam o meu propósito, no instante solene em que me deva unir ao Divino Mestre que tu me revelaste.

— Pois vai, filho, e fica certo de que obedecer_ e honrar pai e mãe é dever primacial de todo cristão. Prepara-te, portanto, para o grande ato do teu batismo, praticando os preceitos do Senhor. Procura dominar as paixões e fazer todo o bem possível.

— Teu falar alivia-me o coração do último peso que lhe restava — disse Cáius apertando a mão do velho —, e agora sou eu quem te pede, vem comigo e façamos uma prece ali onde ouvi a verdade e penso ter encontrado a saúde do corpo e da alma.

— Com muito prazer, filho.

Passaram-se ao Santuário, onde ajoelharam e oraram com fervor.

Isto feito, o eremita pôs a mão na cabeça do moço patrício, e, olhos fitos na imagem, disse com toda a unção:

— Abençoo-te, filho; não foi em vão que a Providência aqui te trouxe e a mim me permitiu tocar teu coração ardoroso, mas leal; ama a verdade, tão fielmente quanto amas a teus pais, e a bênção do céu te seguirá por toda a parte, sempre. Nos areais do deserto, ela fará brotar a erva que te forre o leito, como da rocha fará jorrar a linfa que te desaltere a sede. Tu aqui voltarás, acompanhado de teu pai, mas, não tão cedo qual supões; ambos receberão de minhas mãos o batismo. Isso, bem o vejo, e vejo mais alguma coisa, que, porém, devo calar.

Profundamente comovido, Cáius levantou-se e osculou o supedâneo da cruz.

"— Mestre divino e misericordioso — murmurou — meu coração te pertence!"

Ao descer os dois degraus rústicos, apertou o velho num longo e estreito abraço.

— Obrigadíssimo, pai João, por tudo quanto me fizeste: parto feliz, aliviado e esperançoso também, porque disseste que hei-de voltar. Fica a meu cuidado fazê-lo o mais depressa possível, e, logo que se ofereça um ensejo, tudo confessarei a meu pai.

II

Corações enlutados

À beira-mar, entre Nápoles e Pusoles, erguia-se a vasta e magnífica vila de Fabrícius Agripa, na qual se haviam refugiado a família e os amigos poupados à destruição de Herculânum.

Num quarto ricamente mobilado, cujas janelas proporcionavam perspectiva admirável para o golfo sempre sulcado de embarcações, vamos encontrar Metela em azá-fama de ordens ao intendente dos escravos, para a tarefa diuturna. Tanto que ficou só, encostou-se à mesa de bronze dourado e deixou-se absorver no panorama esplêndido que ali se lhe deparava.

Desfigurada, emagrecida, via-se que aqueles últimos trinta dias lhe tinham decorrido bem aziagos, não tanto por si mesma, pois que os deuses lhe pouparam os tesouros mais preciosos — marido e filhos — mas pelo desespero dos seus amigos e pelos cuidados imediatos a Virgília, que enfermara gravemente desde o dia que ali chegaram.

Senhora de temperamento calmo quanto enérgico, encarava a existência humana sob prisma racional, compreendendo a necessidade da conformação com o inelu-tável e que, escravizar-se alguém a uma dor perene, o mesmo é que agravar a situação, comprometendo a saúde do corpo e do espírito.

E eis porque, sem deixar de quinhoar-se do infortúnio de seus amigos, procurava, a todo o transe, incutir-lhes resignação e coragem.

Dando um leve suspiro, levantou-se e foi em busca dos que chamava agora — seus caros precitoa, de vez que tinha para um deles uma surpresa agradável e com outro resolvera conversar seriamente.

Lesta e graciosa, encaminhou-se primeiramente para as galerias em colunatas, que davam para o jardim, onde o velho Semprônius passeava de um lado para outro, sempre sucumbido, de mãos cruzadas atrás das costas.

O austero patrício não parecia o mesmo homem! O busto alto se recurvava, os cabelos encaneceram totalmente e a contração dos lábios era um sintoma típico do profundo desgosto que o minava.

Parando à entrada, a moça o contemplou com tristeza; depois, acercando-se, tomou-lhe do braço:

— Bom amigo, sentemo-nos um pouquinho: não posso consentir que aqui definhes deste modo, tanto mais quanto venho dizer-te algo de esperançoso para todos nós.

— Que será, Metela? sei que teu grande coração anda a buscar pretextos mil por confortar-nos; mas, a mim, que mais me poderá restar senão a certeza de uma desgraça insanável?

— Então, ouve antes de me atribuíres invencioni-ces — respondeu sorridente, atraindo-o para um banco de mármore. — Um de nossos servos salvo da catástrofe, mas que só agora conseguiu saber o nosso paradeiro, acaba de chegar esta manhã e diz que lhe pareceu ter visto, a caminho de Roma, o cavalo “Dafné”, exausto de cansaço e, não longe do local, um retalho de pano que acredita ter pertencido a Fábia. Não tendo nós prova qualquer, positiva, da morte de Cáius, é admissível supor que ele tenha fugido para Roma, ou ainda que tenha adoecido em caminho e permaneça por aí, nalgum povoado, impossibilitado de dar notícias, mesmo porque, ignora onde te encontras.

No rosto esmaecido do nobre patrício fêz-se o clarão de uma esperança...

— Tens razão, Metela, tudo isso é possível... Oh! meu pobre filho! Pudesse reaver-te e seria para mim uma nova vida... Mas, onde está esse servo? Quereria vê-lo, falar-lhe eu mesmo.

— Nada mais do que isso te poderia dizer, além de que, no momento, está ausente. Poderás, ainda assim.

vê-lo e falar-lhe logo que volte. Agora, atende ao meu conselho: — procura combinar com Agripa a escolha de um homem de confiança, a fim de ir a casa de Drúsus, em Roma. Dado que Cáius lá não esteja, esse homem deverá bater todo o caminho. Cá por mim, tenho pressentimento de que os deuses ainda te reservam uma grande alegria, e tu bem sabes que os meus pressentimentos sempre valem alguma coisa.

— Possam eles ser tão seguros na alegria quanto na desgraça! Aceito o conselho, pois tu és 3empre sensata, quão bondosa e corajosa. Dize-me, porém, como passou Virgília — a nossa mimosa florzinha despetalada ao sopro do vendaval. A pobrezinha nem me parece a mesma criatura...

— Vai bem melhor, tanto que hoje quero ver se ela comparece à nossa refeição. Contudo, sua morna apatia e aquela profunda abstração não deixam de me alarmar. É verdade — acrescentou suspirosa — que, perder de um só golpe um filho único e um marido como Márcus Fábius, é coisa que ultrapassa as forças humanas.

— Mas tu esqueces que a pobrezinha perdeu também toda a fortuna sob os escombros, e o momento que todos vivemos é dos mais críticos, economicamente falando.

— Isso seria o menos, pois Agripa, quanto eu mesmo, estima em Virgília urna irmã, aliás por nós educada desde a idade de oito anos, o que nos dá o direito de protegê-la e assegurar-lhe um futuro.

— Mas, vossa fortuna também sofreu grande desfalque e não deveis esquecer que tendes dois filhos.

— Não discuto, vê bem, o teu direito de tuteia e asilo doméstico, mas espero que nem tu nem teu marido levem a mal que eu procure assegurar a Virgília a sua independência, de vez que também se me tornou querida como se fora uma filha... É que Cáius amou-a e foi ela a primeira pessoa que comigo chorou a sua perda.

— Acredito que Virgília jamais recusará a gratidão de um amigo paternal do teu quilate, mas, de qualquer forma, preciso guardá-la na minha companhia, já que ninguém a conhece como eu e sabe reagir sobre o seu espírito. Quanto ao que diz com a nossa fortuna, é verdade que experimentámos perda enorme, mas ainda nos resta bastante para manter vida regalada e luxuosa. De resto, mediante economias bem entendidas e orientação criteriosa, é sempre possível reparar todas as brechas da fortuna. Isso mesmo é o que costumo dizer a Agripa, quando, após cálculos sobre cálculos, ele me surge com atitudes de Harpagão sucumbido... Disse-o gracejando e acrescentou:

— Agora, vou-me a ver a nossa enferma.

— E eu vou pensar na melhor maneira de aproveitar o teu conselho, enviando quanto antes não um, mas três ou quatro batedores na pista do meu Cáius.

— Ainda bem que estou a ver aquele Semprônius que conheci há vinte anos, impaciente, resoluto, ativo sempre. Até logo, no jantar.

Satisfeita com o resultado da entrevista, lá se foi ao outro extremo da casa, onde ficava o quarto de Dru-sila, pois com esta'é que Metela queria conversar seriamente. O pequeno salão, bem como a alcova, estavam desertos. Levantou de mansinho o pesado reposteiro e parou à entrada do pequeno gabinete, todo florido e também com vista para o golfo.

Junto à janela entreaberta, Drusila estava assentada numa grande cadeira de vime, tendo ao lado a mesinha atulhada de novelos de seda e fios de ouro, e sobre os joelhos um paramento, que bordava para o templo de Vesta. Contudo, não trabalhava no

momento: antes lassa, com a cabeça apoiada ao encosto da cadeira, parecia chorar discreta e completamente absorta na sua imensa dor.

A patrícia esteve a contemplá-la um momento e logo, aproximando-se, pegou no bordado, fingindo examiná-lo.

— Não será tão cedo que poderás levar esta oferenda aos pés da deusa e olha que essas nòdoazinhas não lhe vão de feição. (Designava os salpicos de lágrimas, que desbotavam os cordões dourados.) Precisamos ser razoáveis, filha... Vamos, dá-me um abraço e conversemos. Não é justo fiquemos assim a prantear toda a vida, e às vezes convém mesmo lançar uma vista de olhos ao fundo do coração.

A moça estremeceu e levantou-se:

— Ninguém, penso, pode censurar-me o pranto derramado pela perda tão trágica do melhor dos pais...

— Livre-me os deuses de te exprobrar tão legítima afeição — respondeu, chegando à mesa uma cadeira —, mas é preciso te lembrares da saúde precária e da triste vida que teu pai levava. Quantas e quantas vezes disse-me ele que a sua enfermidade e a cegueira tornavam-lhe a vida um fardo insuportável? Ora, neste caso, a morte é uma libertação. Ao demais, também já não era moço e devemos considerar que a catástrofe não só colheu, des-truindo-as, muitas vidas em flor, como terá ferido ainda mais rudemente outras famílias. Lembra-te, por exemplo, da nossa Virgília, que perdeu marido, filho, fortuna...

Resigna-te, pois, à vontade dos deuses e procura, na prece e no trabalho, a calma do espírito necessária para que possas honrar a memória paterna com boas obras.

— Mas não posso...

E logo o pranto lhe borbulhou nos olhos, mais copioso.

— Ao menos por enquanto, não posso pensar em mais nada...

Metela franziu o sobrolho e acendeu mais vivo farol nos olhos negros.

— Pois eu sei que pensas muito em alguém, cujo nome não desejaria pronunciar neste momento; mas, considera o dever que me corre de falar-te com a máxima franqueza: não é por Drúsus que choras, se bem que sinceramente lastimes a sua perda; essas lágrimas inso-pitáveis pertencem a Cáius Lucílius e eu não acho digno de ti pretender justificá-las com o nome de teu pai.

Há muito que te compreendo, querida Drusila, e só me tenho calado em respeito ao teu infortúnio: agora, porém, chegou o momento de apelar para o teu orgulho e dignidade femininos. Como podes deplorar a morte de um homem que jamais te prestou atenção? Além disso, trata-se de um homem casado, e se é que ele ainda vive, também é possível tenha salvado Dafné... Atende-me por quem és, Drusila; risca da tua lembrança os olhos negros do teu primo e procura, num casamento honroso, a tranqüilidade do teu espírito: — um lar e filhos hão-de acabar afugentando essas fantasias danosas e tu serás feliz. Se te repugna o partido de Nero, ou de Cláudius, nada impede escolhas outro.

Trêmula e corada até à raiz dos cabelos, a moça ouvira aquelas palavras cuja veracidade não poderia recusar e, de repente, cobriu o rosto com as mãos e rompeu a soluçar. Metela estreitou-a nos braços, beijou-a com ternura.

— Perdoa as minhas palavras de severidade e franqueza, porque só as disse no intuito de precaver-te contigo mesma. Depois, quando mais calma, hás-de dar-me razão Se, de fato, a tua inclinação por Cáius fosse uma coisa legítima, bem se vê que não precisarias acobertar teu desespero com a perda de teu pai. Pensa nisso, querida, buscando forças na tua próüria dignidade. E agora, consente que me vá para Virgília, pois quero, conforme o estado em que a encontre, convidá-la a comparecer ao nosso repasto.

— Obrigada! Procurarei seguir teu conselho. Despediram-se.

*
*   *

No vasto e magnífico jardim que circundava o solar, havia um bosquezinho dileto da proprietária, pelo abrigo artificial de rochas, que oferecia aos ardores do Sol. Rodeado de plantas olentes, gozava-se ali a atração do silêncio, apenas quebrado pelo murmúrio suavíssimo de uma fonte cristalina e viva jorrando dum penedo.

Nesse refúgio poético, que se diria imaginado para repouso e devaneio, tinham colocado, naquele dia, um leito fornido de macias almofadas e nele se estendia Virgília de olhos cerrados, como que adormecida, enquanto uma negrinha com um espanador de penas rechaçava os insetos esvoaçantes.

Como estava mudada a "dourada borboleta"! Aquele rosto oval, corado, mignon, afilara-se, macilento de cera; a boca se retraíra num ricto de mágoa indefinível; tudo nela indicava, enfim, que a catástrofe, roubando-lhe marido e filho, reagira no seu físico delicado, de maneira irremediável. Dir-se-ia mimosa planta transplantada em pleno Inverno, incapaz de reflorir para a vida.

Parando à entrada do bosque, Metela fitou-a como-vidamente e, já com olhos mareados, aproximou-se cauta e deu-lhe levíssimo beijo nos lábios descorados. Virgília abriu os grandes olhos lúcidos e, reconhecendo a amiga, soergueu-se e apoiou a cabeça nas suas espáduas.

— Sonhei com Fábius... — E logo os olhos se lhe humedeceram.

A outra, abraçando-a com ternura:

— Não chores assim. Se Márcus Fábius puder ver como prejudicas e comprometes a saúde e a vida, muito há-de sofrer com isso. Porque atribular seu espírito com tamanho desespero e entristecer os que te assistem e te amam? Uma criatura tão nobre e tão boa só pode estar feliz na mansão de repouso eterno, que os deuses imortais reservam às almas virtuosas. Procura, antes, lembrar-te dele com amor, sim, mas sem lamentar-lhe o destino, e trata de viver para a nossa amizade.

Recorda o dia do teu casamento, quando, ao justar o véu de púrpura, eu disse: "voa minha dourada borboleta" — e tu me abraçaste e respondeste: — "hei-de amar-te sempre, tanto quanto a Márcus Fábius..." Pois agora chegou a ocasião de provares que tais palavras não eram vãs. Ou será que já me não amas?

— Não é pergunta que me faças, Metela... Nem podes duvidar que, depois de Cáius, sejas a criatura a quem mais prezo neste mundo. Concorda, no entanto, que tudo perder ao mesmo tempo, é provação dura demais.

Soluçava... O pranto embargava-lhe a voz. Metela procurava enxugar aquelas lágrimas carinhosas:

— Pois bem: em atenção a mim, acalma-te; procura encarar os teus dois anos de ventura conjugal como se fossem um belo sonho desfeito ao amanhecer. Vive para nós, ajuda-me na direção da casa, na educação dos filhos, qual se fosses uma irmã. E agora, nada de lágrimas por hoje... Nosso amigo Semprônius vai receber hoje uma surpresa agradável e eu quisera que estivesses presente à nossa refeição.

— Deveras? Haverá notícias de Cáius?

— A coisa está em segredo. É que, há dias, recebi uma carta de Fábia, em que me diz ter sido Cáius quem a salvou, mas teve, exausto de fadiga, de parar no caminho sem que o reencontrassem depois. Fábia pede sigilo sobre o assunto, a fim de não aumentar o desespero do filho. Ela vem ao nosso encontro e foi para esperá-la que Agripa viajou, à noite. Se, pois, Cáius Lucílius está vivo, como presumo, ainda te restam dois bons amigos no mundo.

— Boas novas, na verdade, com as quais me regozijo em atenção ao nosso caro Semprônius, anuindo ao teu convite. Antes, porém, repara que preciso corrigir estes trajes.

Pouco depois, todos os hóspedes se reuniam no tri-clínio, para o jantar. Semprônius, mais animado, surgiu acompanhado de Nero, que tinha obtido uma dilação de licença. Este, entretanto, mantinha-se frio e reservado para com o velho, a quem não podia perdoar as lágrimas vertidas pela perda do irmão. Outro era o ímã que o retinha na cidade — Virgília, a quem não se cansava de testemunhar afetuosas atenções. A paixão pela jovem viúva aumentara e, como via o pai menos severo a seu respeito, resolvera vir sondá-lo e saber o que pensava de uma possível ligação com Virgília, no caso de poder conquistar-lhe o coração.

Agradàvelmente surpreendido, Semprônius mostrou-se mais sensibilizado que de costume e declarou que o plano correspondia aos seus votos, de vez que ninguém, mais que Virgília, mereceria o seu afeto.

A refeição correu silenciosa. Apenas Semprônius perguntou se Agripa não havia regressado.

— Acidentes de viagem, certo, mas não deve tardar por aí — respondeu Metela, com o mais inocente dos sorrisos.

A seguir foram todos para o terraço, onde serviam frutos, doces, vinho. Nero ajudou Virgília a instalar-se num divã, ajeitou as almofadas e, assentando-se junto dela, descascou uma laranja, forçando-a a chupá-la. A moça aceitava aqueles pequeninos cuidados, a sorrir tristemente e agradecendo, por vezes, com um aperto de mão.

Cláudius não se revelava menos solícito ao lado de Drusila, para quem deletreava um longo poema que havia composto sobre a destruição de Herculânum. Em mãos o pergaminho, o rapaz declamava em surdina, acentuando as cenas patéticas, nas quais soubera habilmente encaixar o fim de Drúsus, ao mesmo tempo que lhe deitava significativos olhares.

De repente Metela, que parecia espreitar todos os movimentos, levantou-se e saiu dizendo que ia ver se o marido já havia chegado. Daí a pouco, a algazarra das crianças e logo a voz nítida de Agripa surgindo na galeria:

— Bom dia, amigos! A todos vós, salve! Semprônius, olha aqui o que te trago.

O velho patrício voltou-se e tapou os olhos com as mãos, como se ficasse deslumbrado... Era Fábia que, entre Metela e o marido, caminhava ao seu encontro:

— Filho! meu filho... — repetia, abrindo-lhe os braços.

— Mãe! minha mãe... até parece um sonho!

— Tens razão: só um favor dos deuses poderia proporcionar à nossa velhice a fortuna deste encontro, quando tanta juventude desapareceu para sempre na voragem da catástrofe.

Logo um sinal de dor sombreou o semblante de Semprônius; mas, dominando-se, tratou de conduzir a mãe a uma poltrona, enquanto todos dela se aproximavam para cumprimentá-la e felicitá-la.

Ao abraçar Nero, a veneranda senhora não enxergava senão o rosto transparente de Virgília, que, um pouco atrás de todos, conservava-se encostada à varanda.

— Coitada da minha filhinha! deixa abraçar-te, agora que me és duplamente cara — exclamou Fábia bei-jando-lhe os louros cabelos. E logo acrescentando — Já sei que tudo perdeste naquele dia fatídico... Eu mesma estaria morta, se não fosse a coragem do meu neto.

— Foi Cáius, então, quem te salvou? — interveio Semprônius já exaltado — Conta-me, então, o que sabes dele até o último instante... Oh! deuses implacáveis, porque haveríamos de sobreviver àquele que era o encanto e a razão da nossa vida?

— Que queres dizer com essa coisa de “últimos momentos da minha vida”, oh! pai querido? Pois olha que a ainda pretendo viver muito, para muito vos amar a todos...

Estas palavras, bem timbradas, estouraram no salão como se fossem uma bomba!

Todos se voltaram como que eletrizados e deram com o vulto esbelto de Cáius Lucílius, que, pálido e emagrecido, mas, sorridente, aparecia na entrada da galeria, tendo atrás de si o rosto desassombrado de Rutuba.

Semprônius ergueu-se cambaleante de emoção.

— Cáius! meu Cáius! Será que o túmulo nos devolve as suas presas?

O rapaz atirou-se-lhe aos braços e assim permaneceram mudos, calados, a saborearem uma dessas venturas sem mescla, que o destino raro concede aos mortais. Depois, o moço redivivo abraçou Fábia, que ria ‘e chorava ao mesmo tempo.

— Boa vovczinha, meu querido pai, tranquilizai-vos, sou eu mesmo quem aqui está, são e salvo, e feliz por encontrar-vos a todos aqui reunidos.

A atenção geral se concentrara naquele quadro emocionante e semente Cláudius foi o único a notar que Drusila desmaiara, logo que ouviu a voz do primo.

Tratou de socorrê-la e ampará-la com o maior desvelo, fê-la aspirar um frasco de essências e, quando ela voltou a si, foram a ele que seus olhos viram.

Foi isso no instante exato em que Cáius envolvia, num olhar afetuoso, os amigos todos que o rodeavam.

— Que sorte a minha! Pois não é que de um só golpe encontro reunidos todos os que me são caros?

Dizia-o com aquela tão sua jovialidade, ao mesmo tempo que ia abraçando Nero, Cláudius, Drusila, Agri-pa... Quando tocou a vez de Metela, tomou-lhe das mãos, conchegou-as ao peito e beijou-lhe os lábios vermelhos.

— Hoje — dizia — ninguém tem o direito de me recusar um beijo, e se te deres ao luxo de ter ciúmes, Agripa, então é que não és meu amigo... Ria-se.

— Vá lá, vá lá, mas só por esta vez, mesmo porque espero que jamais nos encontraremos reunidos em identidade de condições e circunstâncias.

— Seu malcriado — disse Metela —, se eu pudesse prever que voltavas com a mioleira carregada de futili-dades, sempre teria poupado as preciosas lágrimas que derramei em tua memória. Contudo, resta-te agora o direito de te orgulhares de haver sido pranteado por olhos tão belos...

— Mas, onde está Virgília? Rutuba me informou que ela se salvara.

— Ei-la acolá — respondeu Metela, indicando a jovem que, de fato, procurara fugir ao tumulto, retirando-se para o terraço com os olhos rasos de lágrimas.

— Então que é isso, Virgília? Foges-me deste jeito, quando volto são e salvo?

Foi-lhe ao encontro, tomou-lhe ambas as mãos. Â vista, porém, da mudança que se deparava no físico da mimosa criatura, deteve-se impressionado:

— Avalio o teu pesar, mas, também não sou um ente querido do teu coração? Como? Então a desgraça extinguiu a lembrança da nossa infância risonha?

— Não digas isso, Cáius, não sejas injusto; bem sabes quanto te estimo e de nada me esqueço, mas a idéia de que nenhum dos entes que perdi poderá ressuscitar, o que vale dizer — do meu eterno insulamento, me oprime o coração e torna-me a vida indiferente.

— Isolada não ficarás nunca, enquanto vivermos; teu lugar é junto de nós, já como irmãzinha de infância, já como legado precioso do nosso querido e malogrado Márcus Fábius.

Atraiu-a, abraçou-a, ela não resistiu e deixou pender a linda cabeça no peito do rapaz, até que, vencida por tantas emoções, teve um colapso. Metela acudiu logo, em sobressalto:

— Vamos, Cáius, depressa, vamos deitá-la: bem me estava parecendo que confiei demais nas suas forças...

Cáius levantou o fardo com precaução, conduziu a moça ao quarto e lá secundou Metela nos primeiros socorros.

— Pobre criatura — dizia Metela ao esfregar-lhe as têmporas —, tem estado gravemente enferma e seu estado é dos que exigem todo o cuidado. Teu regresso, bem como de Fábia, emocionaram-na profundamente. Mas, a propósito, que notícias me dás de Dafné? Quem sabe também se salvou e nos vai reaparecer a qualquer momento?

Cáius que, no momento, estava inclinado para o rosto pálido de Virgília, sentiu um choque, empertigou-se, e mais pálido, ainda, murmurou:

— Se me estimas, peço-te não me fales nesse nome, não me lembres nunca que essa mulher existiu.

E notando o espanto da patrícia, acrescentou com voz mais calma:

— Está morta e bem morta, ninguém a poderá ver, jamais, em parte alguma.

A nobre dama compreendeu que algo de extraordinário se havia passado, e, apertando-lhe a mão, limitou-se a responder:

— Esqueçamo-la e pecamos aos deuses o perdão das suas faltas.

— Sim! sim! pecamos por ela — glosou ele com fervor.

Nesse momento, a moça agitou-se no leito, arregalou os olhos e, braço estendido como se apontasse um objeto invisível, murmurou com voz entrecortada: “ali, ali, assentada, comprimida entre dois tigres, ei-la que me crava o seu olhar terrível! E f oste tu... Cáius...”

Retombou nas almofadas.

Lívido, com que fulminado, Cáius recuou e, viran-rando-se de súbito, saiu correndo.

— Queridinha, que tens? de que tigres falas tu? — iMTguntou Metela inclinando-se para a moça que acabava de reabrir os olhos.

Virgília passou a mão pela testa e retorquiu espantada:

— Tigres? Não te entendo. Será que tenha sonhado? Mas onde e como adormeci?

*

*   *

Os dias seguintes foram de alegria e repouso para todos os que se salvaram milagrosamente. Semprônius, esse, como que renascia a olhos vistos e bem depressa se revelou naquele seu temperamento enérgico e dinâmico.

— Caros amigos — disse uma noite em que se achavam todos reunidos no terraço à beira-mar —, por mais agradável e lisonjeira que nos seja a hospitalidade de Agripa, não posso deixar de reconstituir o meu lar e para isso vou expor-lhes meu plano: — tenho, como sabem, uma grande propriedade perto de “Mincenes”, onde a fantasia de meu pai improvisou linda vivenda num rochedo à beira-mar, exatamente como esta, meu Agripa. Há bem uns vinte anos que lá não ponho os pés e a casa deve estar sofrívelmente estragada, não obstante ter servido muito tempo de abrigo a uma velha parenta que tinha uma filha cega. Isto, porém, não vem ao caso, e nestes poucos dias lá estarei para restaurar o que for preciso. Cáius ainda está necessitado de repouso e por isso irei sozinho.

— Excelente idéia, meu filho — disse Fábia —, e eu me lembro de ter visitado essa casa, quando faleceu a boa Calpúrnia. Goza-se ali, realmente, uni panorama admirável e havia belíssimos jardins, posto que um tanto descurados... Acho que lá ficaremos magnificamente instalados.

— Uma vez que concordas, minha mãe, tratareis quanto antes de pôr mãos à obra e espero tudo concluir dentro de um mês, quando aqui estarei para levar

Cáius, Drusila e Virgília, a menos que Cláudius não queira dar-nos o prazer da sua companhia.

— Bem se vê que Semprônius voltou ao que era. Até parece que o mundo lhe quer fugir dos pés... Entretanto, por mais que me pese a partida de hóspedes tão caros, não os posso impedir de refazerem o seu lar. A uma coisa somente me oponho, num voto categórico, que é separar-me de Virgília, a quem criei, eduquei e casei, desde que perdeu os pais e os parentes mais próximos.

Retê-la conosco não é, agora, mais nem menos que retomar nossos direitos, e ainda mais quando, ninguém como nós a conhece. Doente como está, só na casa que lhe foi segundo teto paternal, pode e deve tratar-se... Não é assim, minha querida?

Isto dizia Metela.

— Fico contigo e com as crianças, embora guarde o mais profundo reconhecimento pela prova de afeição que Semprônius acaba de dar-me. Em compensação, logo possa, irei vê-los a todos — redarguiu Virgília.

Agripa propôs, taça em punho:

— Decidida a partida, fica-nos a “dourada borboleta” e Drusila irá ajudar a nossa venerável Fábia nos cuidados domésticos.

Nero ouvira toda a conversa, mudo e sorumbático, como sempre. A ressurreição inopinada do irmão tinha-Ihe causado a maior decepção, ao mesmo passo que a carinhosa intimidade daquele primeiro contacto de Cáius com Virgília exacerbava-lhe o ciúme, aguilhoando paixões mal sopitadas no coração.

A proposta de Metela o havia animado um tanto e ele resolvera aguardar que, retirando-se Cáius, suas probabilidades aumentassem, pois uma vez consolada, jovem e bela Virgília não quereria ficar viúva.

Ele bem sabia que o mais perigoso rival era Cáius; mas, considerava também que o amor ostensivo por Dafné não deixaria de influir desfavoràvelmente no conceito de uma mulher orgulhosa, qual Virgília. Esse orgulho poderia talvez induzi-la a repelir o legado da plebéia e optar pelo outro filho de Semprônius, que era... ele.

Afagando essas hipóteses, aproveitou um momento asado, antes que o pai se ausentasse, a fim de expor-lhe sou projeto da compra de uma grande propriedade não longe da de Agripa, e que estava à, venda justamente por ter o respectivo dono perecido em Pompeia.

O velho acedeu de bom grado e logo pôs à disposição os fundos necessários à imediata conclusão do negócio.

Assim que, quando Semprônius partiu para “Min-cenes”, a vida no lar de Agripa entrou em calmaria. Nero continuou a cortejar Virgília e Cláudius a cultuar Drusila. Só Cáius estava consideravelmente transformado. Já não era aquele rapaz alegre e estouvado, antes se revelara discreto e pensativo. Dava longos passeios, solitários, lembrava-se do velho eremita, cogitava dos meios para converter o pai à sua nova crença. A não serem essas, suas melhores horas seriam as que passava junto da amiguinha da infância, tentando distraí-la e consolá-la.

Pouco depois da sua chegada, despachara Rutuba à caverna do eremita, enviando-lhe boa soma de dinheiro, algumas ânforas de excelente vinho e uma carta na qual lhe pedia aceitasse a dádiva para os seus pobres, em nome daquele que, por seu intermédio, hoje conhecia.

Certa manhã, duas semanas mais ou menos depois do seu regresso, Rutuba dirigiu-se hesitante a Cáius e disse-lhe, apresentando a conta da viagem:

— Olha, patrão, a mãe de Apolônius encontra-se aqui. Soube, não sei como, que teu pai aqui estava em casa de Agripa e, juntando os últimos centavos, veio à cata de qualquer notícia do filho, crente ainda de que ele tivesse escapado ao cataclismo.

“Eu disse-lhe que, provavelmente, o rapaz morrera em Herculânum, visto não nos ter acompanhado ao Anfiteatro, e acabei por dar-lhe algum dinheiro para regressar a Roma, pois que ela ficou na mais extrema miséria.

Cáius estremeceu e baixou a cabeça:

— Onde está essa mulher?

— Aqui pertinho, num albergue que ladeia a estrada de Nápoles.

— Pois vamos até lá. Toma este manto e espera-me no portão de saída.

Sem reparar na estupefação do servo, Cáius dirigiu-se logo aos aposentos de Drusila e perguntou se a jovem prima poderia recebê-lo. Admirada quão ruborizada, a moça não tardou em aparecer-lhe na ante-câmara do seu quarto.

— Venho pedir-te um favor — disse, tomando-lhe carinhosamente a mão.

— Tanto quanto de mim dependa, estás servido de antemão.

— Ouvi dizer que a velha Dóris, a guardiã dos teus jardins, lá em Roma, acaba de falecer e desejo que coloques no seu lugar a mãe do escultor Apolônius, que ficou em extrema miséria.

— Não somente concordo, com muita satisfação, como mandarei remobilar a casinha dessa mulher e lhe darei tudo mais que seja necessário.

Satisfeitíssimo, o rapaz agradeceu e foi encontrar-se com Rutuba. Em caminho, pôs-se este a falar:

— Patife! Que necessidade tinha de trair a quem generosamente o acolhia? Se fosse bom, estaria ainda vivo.

Percebendo que suas pragas não tinham resposta, calou-se. Calados prosseguiram e atingiram um albergue, à porta do qual uma mulher suja e desgrenhada castigava a sopapos um menino, porque quebrara uma tijela de sopa, cujos restos se espalhavam pelo solo.

Ã vista do patrício, largou o pequeno e, mesureira, conduziu o visitante ilustre para um pequeno corredor em cuja entrada estava uma velha acocorada com o rosto entre as mãos. Suas vestes eram pobres e gastas, e, de sob um pano de lã, pendiam-lhe da cabeça umas mechas de cabelo branco.

— És a mãe do escultor Apolônius? — perguntou Cáius tocando-lhe nas costas.

Ela estremeceu e levantando para ele uns olhos vermelhos, já chorando:

— Sim, meu senhor, e fiquei na maior penúria, não apenas eu, porém dois filhos que deixei em Roma. Apolônius era nosso único arrimo, nossa providência, e os deuses impiedosos no-lo arrebatando destruíram nossa vida também.

— Não chores, não maldigas assim, pois, nem tu nem teus filhos morrerão de fome. Eu ficarei sendo essa providência que vocês perderam. Vês este homem? (designava Rutuba). Pois bem: é o meu escudeiro e vai já comprar umas roupas mais convenientes e te suprirá algum dinheiro, bem como te levará uma negra para te ajudar, visto estares velha e cansada. Além disso, estás desde já nomeada vigilante dos jardins e pomares do meu tio Drúsus, em Roma. Este cargo te dá direito a uma casinha, na qual poderás viver tranqüilamente até que teus filhos se façam, homens e possam ganhar a vida por si mesmos. Terás, assim, assegurado ura ordenado anual de mil sestércios.

A pobre mulher que tudo ouvira admirada e comovida, lançou-se-lhe aos pés, beijou-lhe a toga a chamá-lo benfeitor; mas, esquivando-se a tais mostras, o jovem patrício retomou apressado o caminho de casa. Sentia o coração repleto de alegria, conjeturava que também o seu velho amigo anacoreta havia de felicitar-se em o vendo assim praticar

o preceito do Divino Mestre, que coloca o amor e a caridade acima da nobreza e da fortuna. Ele acabava de fazer o bem aos que o ofenderam, procurando arrancar da miséria a mãe do salafrário que lhe perecera nas mãos.

Assomado de gratidão entusiástica, levantou os olhos para o céu, aonde, no dizer do cenobita, Jesus se exal-çara, e dos lábios lhe brotou a prece fervorosa:

— Graças, Senhor! por me teres proporcionado ensejo de auxiliar esta pobre mãe, cujo filho sacrifiquei na minha cegueira ultriz; e graças ainda, por me ha-veres concedido os bens materiais que facultam secar lágrimas que haveriam de rescaldar-me o coração.

Rutuba observava-o aturdido, a si mesmo perguntando se a eclosão da catástrofe e a violência dos fatos que se lhe seguiram não teriam perturbado a razão do jovem patrício, pois impossível lhe parecia premiar daquela maneira os parentes do bandido, que, no seu conceito, lhe havia maculado a honra.

A partir daquele dia, estabeleceu-se uma intimidade mais carinhosa entre Cáius e Drusila. A boa ação que praticaram em comum, como que os aproximara. Muitas horas passaram a combinar o melhor meio de educar e encaminhar os filhos da pobre mulher.

Uma só pessoa não via com bons olhos a intimidade dos dois primos: era Cláudius. O elegante parasita, tão cordato quanto amável para com todos, maquinava surda e tenazmente o plano de esposar Drusila, não porque lhe tivesse amor, mas porque ambicionava a sua imensa fortuna.

Esse Cláudius era bem um exemplar da juventude ociosa e depravada, da Roma Imperial. Gozar sem trabalhar, gastar sem contar, cortejar as mulheres, jogar à larga, eis aquilo a que aspirava. De resto, sentia-se bem na casa de Semprônius, cuja confiança captara e onde nada lhe faltava. Nada havendo perdido em Herculânum, porque nada tinha a perder, aproveitara-se do temporário abatimento moral do velho patrício, tomando a seu cargo a liquidação de alguns negócios,?em prejuízo do comitente, é verdade, mas, também, com lucros para si. Ainda assim, não eram recursos que lhe pudessem bastar. O que ele colimava era apossar-se do patrimônio opulento de Drúsus, a fim de entregar-se sem reserva às suas paixões desenfreadas.

Para consegui-lo, forçoso era arredar qualquer pretendente, máxime Nero e Cáius, estimulando-lhes o ciúme com habilidade. No jogo dessa partida, Virgília afigu-rou-se-lhe a melhor das armas.

Ele admirava e pode mesmo dizer-se — amava a "borboleta" de olhos azulinos, e, se Virgília fosse rica, certo preferi-la-ia; viúva e pobre, porém, jamais poderia requestá-la e só lhe interessava como joguete de rivalidade entre os dois irmãos.

As assiduidades de Nero junto da moça eram mais que evidentes; ela, porém, chorava tão sinceramente a perda do marido, que poderia recusá-lo, e, neste caso,

Nero também podia reviver o velho plano da família voltando-se para Drusila.

Contudo, mais perigosa lhe parecia a inopinada aproximação de Cáius, desta última.

Quem, de fato, poderia garantir que aquele galã fantástico, agora saturado da selvajaria de Dafné, cujo nome não pronunciava sequer, não se deixasse prender por aquela meiga criatura, que, aliás, parecia até lhe adivinhar nos olhos os mínimos desejos?

Para varrer tais dúvidas,' resolveu sondar o coração de Cáius e, um dia em. que se viram a sós, disse com simulada displicência:

— Quem, ainda há poucos meses, seria capaz de supor que Nero pudesse ser o sucessor de Márcus Fábius! E no entanto, a coisa é mais que provável, pois as intimidades de teu irmão não escondem suas tenções e Virgília não poderá recusá-lo, de vez que está reduzida à pobreza e sempre é duro viver-se à custa dos amigos.

Agora o que não padece dúvida é que a pobrezinha jamais será feliz, casando-se com um rapaz assim desconfiado e impulsivo, depois de ter fruído o amor calmo, profundo e ponderado de Fábius.

Ouvindo estes conceitos, Cáius se aprumou, ruborizado:

— Duvido que Virgília aceite Nero por marido, assim como duvido que o critério financeiro possa influir nas suas resoluções, a ponto de unir-se a um homem que lhe não fale ao coração. Por outro lado, Virgília não ignora que meu pai, tanto quanto eu, estimamo-la como pessoa da família e estamos dispostos a assegurar a sua independência. Ao demais, vou ser franco contigo e digo-te que, uma vez refeita do seu legítimo desgosto e da sua saúde, espero casar-me com ela. Velhos camaradas de infância, ambos provados na vida, rudemente, não nos iludiremos mais com as niquices que deram motivo ao nosso dissentimento no passado. Ela reconhece a afeição sincera que lhe voto e penso que me não há-de preterir, seja por quem e como for.

Intimamente satisfeito, Cláudius apertou-lhe a mão. Por este lado, ficava tranqüilo, nenhum embargo aos seus projetos. Quanto a Nero, que continuasse como entendesse, Ja lhe não fazia sombra

Dias após esta entrevista, Semprônius regressava satisfeito: a restauração da granja estava quase concluída e não tardou que, dentro de mais uns dias, reconduzisse ao novo lar toda a família acrescida de Drusila e Cláudius.

III

Quinze meses depois

Não longe do cabo "Mincenes", sobre um promontório elevado, erguia-se garboso vilino, cujas colunatas brancas se lobrigavam através do arvoredo espesso, que todo o circundava.

Sinuosa aleia orlada de estátuas comunicava o solar com um grande terraço, que, construído artificialmente sobre alicerces enormes, entrava pelo mar a dentro e descortinava, para todos os lados, o soberbo panorama do golfo com suas praias ridentes, o porto de Mincenes e, mais longe, a silhueta escura do Vesúvio, cujo cimo fuma-rento dominava o quadro, qual sinistro memento mori.

Uma tarde primaveril, bela moça de cútis fresca e semblante infantil encontrava-se recostada a um banco de mármore desse terraço. O vestido branco, justo, deixava entrever-lhe as linhas do corpo esbelto e flexuoso, enquanto os raios do Sol poente brincavam de luzir nas bordaduras do manto violeta, tanto quanto nos seus cabelos louro-fulvos.

Virgília, que outra não era, tinha, efetivamente, recuperado a saúde: faces rosadas, lábios frescos, apenas um tico de melancolia e ligeira prega aos cantos da boca indicavam profunda transfiguração de espírito.

Grande seria o seu nervosismo no momento, porque esfarpava impaciente as franjas do cinto e no rosto se lhe refletiam as mais várias emoções. Tratava-se, efetivamente, de séria entrevista que tivera com Fábia e da não menos séria resolução da mesma decorrente.

A veneranda matrona não se pudera forrar inteiramente às terríveis emoções experimentadas com a erupção do Vesúvio. Via-se que definhava dia a dia, que morria lentamente, sempre bela, calma, conformada, tal como se revelara em toda a sua vida. Ultimamente, porém, as forças lhe caíam tanto, que filho e neto, cercando-a sempre dos maiores cuidados, convenceram-se de que ela se aproximava de um fim quiçá repentino.

Dias antes daquele em que retomámos a nossa narrativa, Metela e Virgília tinham recebido cartas de Cáius convidando-as a passar algum tempo em Micenes, pois que a avó não queria morrer sem ver ainda uma vez reunidos os velhos amigos.

Partiram as duas naquela manhã mesmo, ficando Agripa de se lhes juntar mais tarde.

Aproveitando o tumulto da recepção, Fábia afastara-se levando Virgília consigo. Depois de haver sondado a fundo o coração da jovem viúva, disse-lhe, ao mesmo tempo que a abraçava: "Minha boa amiguinha, antes de partir deste mundo, queria poder fixar a sorte daqueles que mais tenho amado na vida. Para felicidade de ambos, casa-te com o meu Cáius. O pesar que ainda te punge se esvanecerá na aurora de um novo amor e de novos deveres. Compreendo perfeitamente que Márcus Fábius seja insubstituível no teu coração, mas, também me parece que o teu companheiro de infância é a única pessoa que ainda podes amar neste mundo. Semprônius já te considera como filha e este casamento só lhe poderá alegrar. Quanto a mim, não preciso dizer-te da minha ventura em poder assistir a essa união, para abençoá-la. Agora vai, pensa no que te digo e resolve em consciência."

Surpreendida, confusa, a moça correra a refugiar-se lá no terraço ermo, onde agora meditava. Certo, a idéia de esposar Cáius não lhe repugnava e a afeição que lhe votava desde a infância poderia facilmente trans-mudar-se em amor; entretanto, de outra ordem eram as considerações que lhe entravavam o coração orgulhoso e caprichoso. Cáius está bem mudado agora — pensava ela —, não é mais aquele arrebatado e desastrado dou-

divanas de outros tempos... Quem nos dirá não seja essa transformação uma conseqüência da perda de Dafné?

Aliás, tenho motivos para supor que ele a tivesse amado mais que a mim, pois quando Semprônius embargava o casamento ele entristeceu e definhou a olhos vistos, ao passo que, quando por mim recusado, não foi além de um ligeiro arrufo, para logo escandalizar toda a cidade com as suas extravagâncias... Quem o dirá capaz de me votar agora um amor único, singular, exclusivo qual o de Márcus?

Uma coisa, entretanto, não posso compreender: é que, tendo amado tanto a sua Dafné, nem sequer lhe pronuncie o nome... Porque não tem a seu respeito uma frase, uma palavra de saudade? Reconheço que ela teve faltas, sim, mas também penso que a morte tudo deve extinguir, mesmo que se trate de seres repulsivos, como aquele Gundicar, que tantos aborrecimentos me causou e por quem tive a única desinteligência conjugal. Agora, pensando na morte horrível desse menino, chego a lastimá-lo...

Uns passos fortes e lépidos, ressoantes no mármore do pavimento, sustaram-lhe as reflexões. Ao avistar Cáius Lucílius, ergueu-se, corou. Ele aproximou-se com desembaraço e sentou-se ao seu lado.

— Querida Virgília, sei que vovó já conversou contigo — disse, beijando-lhe a mão. — Terás a coragem de me repelir pela segunda vez que te ofereço a mão de esposo?

Ela levantou os olhos e deu com o seu olhar de veludo, fascinante, dominador de almas e corações.

— Cáius, meu amigo, vexa-me o ter de trair a memória de Fábius, e, contudo, és o único homem a quem eu desejaria pertencer; amo-te, amei-te sempre, não bastantemente talvez, mas tu és assaz belo e bondoso para cativares um coração feminino. Há outra consideração que me embaraça; é a seguinte: se nos casarmos, teu coração só a mim poderá pertencer e, então, eu te pergunto: poderás tu votar-me o amor exclusivo e terno que Dafné te inspirou? Então não é a saudade o que te faz assim tão triste e sonhador? E porque não falas nela, não derramas uma lágrima em sua memória?

Ouvindo pronunciar o nome de Dafné, súbito palor assomou às faces do rapaz. Contudo, dominou a emoção imprevista e falou:

— Tens razão, entre nós não deve haver segredos e eu vou contar-te o fim que teve Dafné ainda que arris-cando-me a ser por ti repelido com horror.

E, baixando a voz, fêz um esboço rápido dos terríveis episódios desenrolados em Herculânum. Virgília ouvia-o ansiosa, palpitante e compreendia, agora, aquele silêncio glacial, a repugnância que lhe sopitava qualquer manifestação de pesar sobre o destino da mulher infida, que ele, na sua decisão implacável, condenara à morte. E a injúria ao seu coração e à sua honra transformaram o volúvel e arrebatador patrício no homem melancólico e sonhador.

Doía-lhe, agora, o ter provocado recordações tão pungentes.

O lívido de Cáius, a tremura dos lábios e o brilho estranho dos olhos, estavam a revelar quanto havia sofrido. Nada obstante, a vingança crua da honra ultrajada não deixou de entusiasmar o ânimo intrépido e vingativo de Virgília. Nunca o jovem patrício lhe pareceu mais digno de ser amado. Depois, notando que ele se calava a olhar fixo no vácuo, como que absorto no passado, um súbito arrepio de ciúme lhe veio ao coração, mas, logo se precatou e, passando a mão pela fronte húmida do rapaz, murmurou:

— Sou tua e juro que te hei-de fazer esquecer quanto sofreste por uma criatura indigna.

Aquela voz melodiosa, corroborada por um molhar húmido e prenhe de carícias, foi água na feivura: o jovem Cáius, exultante de alegria, abraçou-a com efusão.

— Noiva adorada, eu te prometo que jamais te hás-de arrepender destes momentos. — Beijou-a. E repetia — hei-de amar-te tanto, tanto, que a própria sombra de Márcus Fábius há-de felicitar-se pela homenagem rendida ao seu mais precioso tesouro.

Absorvido no seu colóquio, o jovem par não percebeu Cláudius, que se vinha encaminhando pelo terraço como se procurasse alguém e que, avistando-os, logo tratou de eclipsar-se na sombra do arvoredo.

— Bom proveito... — murmurou —, esponsais à vista, e logo com a "dourada borboleta"... Maganão feliz, este Cáius! Beleza, fortuna, amor, tudo lhe deram os deuses. Mas, não é dele que me incumbe tratar e sim de mim mesmo... Magnífico ensejo, este que se me depara. Tento contigo e mão na roda, Cláudius amigo; e vamos agora mesmo dar a boa nova a Drusila, lançarmo-nos aos seus pés e oferecer-lhe o nosso... amor. Ciúme e amor-próprio arranhados hão-de nos ser propícios; e a perspectiva de contemplar a ternura dos pombinhos também não deixará de pesar na balança. Com franqueza: como bom amigo, penso que chegarei a tempo de livrá-la de si mesma, quero dizer — de um choque doloroso e... insanável.

Com ligeiro sorriso, deu meia volta e dirigiu-se rápido para o lado oposto do jardim, onde não tardou a encontrar Drusila, que, banhada pelos últimos raios do Sol, volteava a passo lento um pequeno lago de cujo centro, em repuxo, esguichava uma coluna líquida, prateada.

Era manifesto que a jovem Drusila estava satisfeita, pois sorria e mirava um ramalhete de flores silvestres, tocando as pétalas com os dedinhos atilados.

Ele parou à sombra de um plátano e contemplou-a com um olhar meio irônico, meio escrutante. Aquele ramalhete, bem o sabia, fora Cáius que o trouxera do seu matinal passeio pelos campos. Ela o gabara e Cáius num gesto de galanteria lho oferecera.

— E no entanto — considerou consigo mesmo — essa mulher desdenhada pelo Adônis venturoso, é bela a valer! Formas irrepreensíveis, uma tez soberba e aqueles olhos negros, a contrastar com os cabelos louros, dão-lhe um tique de preciosidade inédita. Pois tanto melhor para mim e para ela, com dote e tudo...

Deixando o refúgio, correu-lhe ao encontro, e, depois de palavras a esmo, desfechou brusco:

— Querida Drusila, não quero perder o ensejo de falar-te a sós, ensejo que há muito procuro. Sabes que te amo, que sou teu escravo vai para dois anos, e conquanto não te venha importunando com a minha paixão, lembro-me que houve um tempo no qual me esperançavas.

— Sempre te considerei meu amigo, querido Cláudius; mas, porque escolherias justamente este dia para me falares do teu amor?

— Porque — respondeu lentamente — o espetáculo da felicidade alheia desperta em nosso coração uma tal ou qual inveja e desejo de felicidade. Não sabes que venho de contemplar Virgília nos braços de Cáius a se jurarem fidelidade e amor recíprocos. Esse quadro me fêz sentir mais amargo o isolamento do meu coração e foi o que me trouxe à presença da mulher que adoro.

Como que tocada por uma corrente elétrica, Drusila estacou e deixou cair o ramo, ao mesmo tempo que levava a mão ao coração.

Cláudius não percebeu aquele gesto nem ouviu o suspiro abafado que lhe saíra do peito, visto que se abaixara e tratava de juntar as flores espalhadas pelo chão. Ao apresentar-lhe o ramo mal recomposto, também lhe tremiam as mãos e o que assim o agitava não era, seguramente, o receio de perder a mulher que amava a outro, mas o de ter de renunciar aos gozos que o dote lhe facultaria.

O minuto a seguir era decisivo para o seu futuro: coroamento ou destruição do plano hábil, longa e tenazmente desenvolvido e executado.

Finalmente asserenado, tomou a mão gelada de Drusila e disse em tom apaixonado:

— Dize-me: posso também esperar um futuro ditoso, qual outrora me prometias?

Ela deitou-lhe um olhar desconsolado e compassivo:

— Se achas que te posso fazer feliz apenas com a minha amizade, eonsinto em pertencer-te e prometo ser-te esposa fiel e dedicada; mas, indigna seria de ti e de mim mesma, se mais que amizade te oferecesse...

Cláudius deixou cair as flores e cingiu-a nos braços.

— Amo-te de qualquer forma, amo-te tal como és, mesmo porque a amizade, de um coração como o teu, vale o amor de outro coração e, assim, que este beijo seja o selo da nossa união...

— Como quiseres...

Deixou pender a cabeça, pesadamente, no ombro do mancebo.

Fêz-se breve silêncio. O músico, feliz, impava de contentamento, estava ganha a partida, conquistava independência e fortuna. Na sua retina espiritual desenhou-se radiosa miragem, a fruição de todos os prazeres da vida. Ele era, contudo, bastante inteligente para não desdenhar o estado de alma da futura esposa, e logo, to-mando-lhe da mão, beijou-a e tratou de conduzi-la para o fundo do jardim. Com a habilidade e sutileza de espírito que lhe eram peculiares, entabulou uma palestra que, forçando respostas da moça, acabou por distraí-la e restituir-lhe a calma necessária.

Quando entraram em casa, era já noite fechada e logo apareceu um escravo dizendo que Semprônius os convocava ao terraço, onde todos estavam reunidos.

O terraço, assim como o curto corredor que a ele conduzia, estavam fartamente iluminados. Por toda a parte, tocheiros e lâmpadas aclaravam o grupo reunido junto da varanda.

Fábia estava recostada no seu diva de repouso, entre macias e ricas almofadas. Seu nobre semblante exprimia uma alegria desbordante; à sua frente estavam os noivos, enquanto Semprônius, rosto aberto em sorrisos, conversava com o casal Agripa.

Diante daquele quadro, Drusila estacou, estremecendo, e não pôde furtar-se de notar o radioso sorriso de Cáius Lucílius que, braço passado às costas da sua rival, parecia devorá-la num olhar de fogo. A forte pressão da mão de Cláudius chamou-a a si e logo Semprônius, que os divisara, gritou alegre:

— Venham cá, seus fujões, venham ver dois noivos que estão esperando que vocês os felicitem...

— Amigos — disse, levantando a mão em continência —, recebam as nossas e dêem-nos as vossas saudações, pois também tenho a ventura de vos apresentar minha noiva... Drusila acaba de me conceder a sua mão e eu espero que o nobre Semprônius e tu, ilustre Fábia, não nos recusareis a vossa bênção, de vez que sempre me honrastes com a vossa amizade.

Não podia ter escolhido melhor oportunidade para formular aquele pedido: a alegria de que estavam possuídos Semprônius e Fábia, com o verem finalmente realizado o velho sonho de casar Cáius com Virgília, tornava-os indulgentes e fazia calar considerações que, noutras circunstâncias, não poderiam deixar de pesar des-f avoràvelmente.

Assim foi que, estendendo-lhe a mão, Semprônius acabou por abraçá-lo e disse:

— Seja bem-rvindo, meu sobrinho, e não se esqueça de que, esposando uma órfã, torna-se duplamente responsável pela sua felicidade.

Fábia, por sua vez, abriu-lhe os braços e rematou:

— Sejam felizes, meus filhos, e que os deuses vos abençoem.

Enquanto duravam aquelas expansões, os escravos haviam improvisado ali mesmo no terraço uma florida mesa repleta de finas iguarias. Anunciada a ceia, todos se assentaram e se entregaram à mais franca alegria, trocando-se brindes e epigramas.

Esvaziando uma soberba taça de Samos, braço estendido, Agripa sentenciou:

— Quem diria, lembrando o cataclismo que nos seqüestrou os tetos, que os deuses nos reservavam momentos de alegria como este?

— Confessa, Agripa — obtemperou Cláudius risonho —, que os porões tão avisadamente cavados sob a tua casa e que te permitiram de lá retirar tantas preciosidades, além do milhão de setércios aferrolhados, não deixam de concorrer para o teu atual regozijo. Com essa é que você não contava!

— Não nego; entretanto, é força dizer que devo a Metela o privilégio da invenção. Tivesse-lhe ouvido outros conselhos ao invés de os ridiculizar... Penitencio-me, Metela, e bebo, ao teu bom senso, mais esta taça! E quanto a vós, noivinhos, aproveitai a lição, não deixeis de atender aos pressentimentos femininos.

O coro de risadas foi nessa altura interrompido pelo pequeno Valérius, que corria em torno da mesa, a em-panturar de pastéis um belo cão doméstico.

— Olha — disse o menino estacando —, Nero também quer jantar. — Todos se voltaram e viram entrar o moço oficial, de rosto esfogueado na pressa de chegar. Sombria nuvem como que obscureceu o olhar de Semprônius, que logo franziu o sobrolho. É que, só então, se lembrara de que Nero também pretendia Virgília e se havia antecipado em lhe pedir assentimento.

— Saudações a todos — disse o jovem tribuno —, venho diretamente da tua casa, Agripa, encaminhado pelo intendente... Mas... por Baco, que linda festa celebrais aqui! A quem devo felicitar?

Enchia a taça.

Agripa, que não deixara de notar o ar suspeito dos donos da casa, apressou-se em responder.

— Chegas mesmo a propósito para consagrar um duplo noivado, isto é: o de teu irmão com Virgília e o de Cláudius com Drusila.

Nem bem acabara de o dizer, a taça escapou-se da mão de Nero, estilhaçando-se no lajedo. Pálido, parado o olhar, o rapaz recuou e tombou desfalecido.

Houve geral sobressalto e, enquanto os homens cuidavam de o levantar e estender num diva, Metela inclinou-se para Virgília, branca da cor do vestido, e lhe sussurrou no ouvido:

— Vê que as minhas suspeitas não eram infundadas... Decididamente, o pobre rapaz não tem sorte.

Um instante após, o tribuno recuperou os sentidos e Cáius Lucílius, que para ele se inclinava solicito, percebeu-lhe no olhar um tal relâmpago de ódio, que logo se afastou apreensivo.

— Perdoem-me todos este contra-tempo... — disse, levantando-se —, tudo efeito do calor e da fadiga... uma simples tonteira, nada mais. Vou beber à saúde e felicidade dos noivos è depois permitireis que me retire, pois suponho que algumas horas de sono me restabelecerão completamente.

IV

Bodas de sangue

Os dias que se seguiram, passavam céleres e absorvidos com os preparativos da festa nupcial, que abrangia os dois casamentos, conforme ficara desde logo resolvido. Ninguém prestava maior atenção em Nero, que, aliás, mostrava-se aparentemente calmo e resignado com os acontecimentos. A verdade, contudo, é que o seu estado de alma se agravara e pervertera como nunca. Todos os maus sentimentos de longa data recalcados, como que atingiram a plenitude de saturação. Uma carícia por mais inocente, um olhar por mais natural, que se trocassem os noivos, eram agulhadas de ciúme que lhe picotavam o coração. E na sua mórbida vesânia começava a afagar a idéia de que só o sangue daquele irmão, que tudo lhe arrebatava no mundo, poderia apagar o incêndio que intimamente o devorava.

E foi assim que viu aproximar-se o dia aprazado. Metela, somente, notava impressionada a extrema pali-dez do jovem oficial, bem como a sinistra expressão que às vezes lhe crispava os lábios. Aquela calma aparente acabou por confundi-la, enquanto que ele buscava tirar do próprio ódio a força dissimul adora, espreitando o momento propício à execução do planejado crime.

*

*   *

Retirando-se para seus aposentos antes de terminar a festa, Cáius e Virgília conchegavam-se junto de uma janela que dava para o jardim, gozando a frescura e o ar embalsamado da noite silenciosa. Ligeiro ruído na porta da galeria atraiu-lhes a atenção, e foi com surpresa que viram dali surgir Nero, lívido, olhar corus-cante, tendo a mão direita oculta atrás das costas.

— Que significa esta invasão? — interpelou Cáius amarrando-lhe a cara.

Mudo, Nero atirou-se a ele e apunhalou-o em pleno peito.

O rapaz deu um grito e rolou por terra.

Virgília ficou um instante como que petrificada, mas, percebendo que o tribuno se preparava para secundar o golpe, correu e apanhou de uma pequena mesa o punhal sírio que Cáius ali deixara minutos antes, quando despira a toga, e lépida, e certeira como um tigre, em-bebeu-o até ao cabo nas costas do cunhado.

Ele abriu os braços, oscilou e caiu de bruços.

No mesmo instante, gritos agudos partiam da galeria próxima. Era uma escrava que, tendo visto Nero entrar nos aposentos do casal, tudo presenciara pela abertura de um reposteiro. O espetáculo daquela dupla agressão levou-a de carreira até à sala do festim, onde, com palavras atropeladas, mal pôde reproduzir a espantosa ocorrência.

Num instante, o local da tragédia encheu-se de gente, qual mais aflito, qual mais terrifiçado.

Contemplando Nero, Semprônius não se conteve que não apostrofasse: — Fratricida! Mas, logo reconsiderando, cobriu o rosto com as mãos e, mergulhado em remorsos, encostou-se à parede para não cair.

Metela precipitara-se para Virgília. que, hirta qual estátua, mão erguida e olhar parado, dava a impressão de haver enlouquecido. De começo, ela parecia surda e insensível às palavras e carícias da amiga; mas, acabou reconhecendo-a e logo lhe desfaleceu nos braços.

— Agripa, vamos, ajuda-me a conduzi-la ao nosso quarto, pois não é possível aqui deixar a pobrezinha...

O patrício tomou-a nos braços e conduziu-a para o outro ângulo da casa, onde Metela a despiu e acomodou da melhor forma.

Muitas horas passaram, antes que a pobre Virgília retomasse conhecimento da negra realidade.

Nesse ínterim, tinham procurado socorrer os feridos.

Agripa que, na qualidade de velho soldado, retinha algumas noções de cirurgia, fêz-lhes os curativos de emergência, até que chegasse o médico, um digno e sábio ancião que acabou por declarar que, sendo graves os ferimentos, não os julgava, contudo, mortais.

Ainda assim, não podendo prever complicações supervenientes, abstinha-se de prognosticar.

No livro dos destinos escrito estava que aquela noite deveria ser fatídica para a família de Semprônius.

É que a nova do atentado e o estado precário dos netos também atingira a nobre matrona, mergulhada em profundo torpor, que o médico dificilmente pôde combater.

Quando, finalmente, abriu os olhos, ninguém mais se iludiu — a sua agonia era transparente.

— Sei que vou morrer... — disse, enquanto apertava a mão de Drusila, que se inclinava para ela, com os olhos rasos de lágrimas. — Não chorem. Os deuses me concederam uma vida bem longa...

Depois, voltando-se para o médico:

— Cáius Lucílius voltou a si? Faço questão de o ver e abençoar pela última vez. Consinta, doutor, que me levem até lá quanto antes, pois sinto que os meus minutos estão contados...

O velho esculápio fêz de cabeça um sinal de assen-timento, e enquanto se preparavam para conduzi-la até junto do neto, este, que até então se mantivera mergulhado em profundo torpor, abria subitamente os olhos e dizia:

— Vovó está me chamando... Oh! vejo que a estão conduzindo para aqui... Mas, como? Vai deixar-nos, sim... O laço de fogo que a retém, vai romper-se a qualquer momento e eu não posso prendê-la!

Retombou a cabeça, gemendo, e pareceu não ver quando os escravos depositaram a velha ao seu lado.

Ela permaneceu por instantes imóvel sobre as almofadas que a amparavam, até que abriu os olhos e circunvagou o olhar carinhoso por todos quantos ali se reuniam.

— Levantem a cortina da janela... Sinto faltar-me o ar.

Agripa atendeu e logo uma onda fresca e olorosa invadiu o ambiente. À voz da avó, o rapaz esticou-se estremecendo e, tomando-lhe da mão gelada, disse:

— Vais deixar-nos, vais morrer, vovó...

— Filho querido, vou para onde todos temos de ir: abençoo-te... e a ti também, meu Semprônius... Mas ao outro, ao desgraçado, ao louco, transmitam-lhe o meu perdão, digam-lhe que... também o abençoo.

Nesse momento, o Sol despontava no horizonte e inundava o quarto de reflexos dourados.

Diante desse quadro, o semblante emaciado da matrona como que se transfigurou de súbito: ligeiro rubor lhe coloriu as faces, os olhos negros refulgiam, de toda a sua pessoa desprendia-se um como revérbero de sua primitiva beleza. Fitando o astro luminoso a elevar-se do seio das ondas, como se nelas boiasse, exclamou:

— É Rá que me saúda! Rejuvenescido e triunfante, ei-lo que se levanta do país das sombras... Oh! sim, de tudo me lembro!

Ergueu-se, mas para recair logo... Estava efetivamente morta.

Enquanto removiam o cadáver, Cáius Lucílius, exausto de tantas emoções, recaiu num sono agitado, preso de ardente delírio, a debater-se como quem se visse afogar num pântano. Chamava os seus soldados, repelia o médico chamando-lhe maldito feiticeiro que pretendesse perdê-lo e aos seus súditos...

*
* *

Daí a três dias, celebraram-se tristemente, sem pompas quaisquer, os funerais de Fábia. Só as pessoas da família e Agripa com a mulher assistiram ao ato e verteram sinceras lágrimas em memória daquela nobre e venerável criatura. Um morno abatimento pesava em toda a casa, o estado dos feridos continuava alarmante, a se consumirem em febre alta. Temeroso, quanto desanimado, Semprônius perambulava de um lado para outro, do leito de Cáius, aonde o atraía o amor, para o de Nero aonde o levava a voz da consciência.

O pensamento de que "seu" filho erguera o braço criminoso para o próprio irmão, era como ferro em brasa a requeimar-lhe o coração.

Drusila e Metela desvelavam-se abnegadamente em assistir os feridos, prodigalizando-lhes aqueles cuidados inteligentes que as mãos salariadas jamais realizam. Por outro lado, Metela amiúde procurava estar junto de Virgília, cuja saúde lhe causava temores indefiníveis. Ao voltar a si daquele longo desmaio, a moça mantinha-se em profunda apatia, da qual ninguém, nem coisa alguma, podia arrancá-la. E na verdade, Metela não deixava de ter razão. De compleição delicada, ainda mal refeita do abalo que lhe causara a perda do marido e do filho, era mesmo de presumir não resistisse àquele segundo golpe.

Uma pessoa havia, naquela casa, que, só ela, man-tivera-se indiferente aos dolorosos acontecimentos, aos quais acompanhava com tedioso despeito: era Cláudius, cujo espírito egoísta e ávido de gozos, ansiava pelo momento de entrar, como senhor, no solar de Drúsus. Assim que, muita vez, mal sopitava uma praga ao contemplar a garbosa galera ali amarrada no embarcadouro e que deveria transportá-lo a Roma.

Na noite que se seguiu aos funerais de Fábia, ele não se conteve e, aproveitando um momento em que a mulher procurava repousar um tanto, disse-lhe:

— Cara Drusila, agora que temos cumprido os últimos deveres em relação à nobre Fábia, parece-me que nos assiste o direito de cuidar da nossa vida. Aqui, somos já dispensáveis, pois ouvi Metela prometer a Semprônius que nem ela nem o marido o deixariam enquanto a calma não se restabelecesse com a franca convalescença dos feridos. Em conseqüência, Agripa já deu todas as instruções ao seu intendente e eu penso, portanto, que não haverá inconveniente em partirmos amanhã mesmo para Roma, onde temos, como bem sabes, interesses que nos chamam e não podemos negligenciar.

A tais palavras, a moça corou e dirigiu-lhe um olhar profundo, escrutador.

— Estou magoada por ver a tua pouca afeição à casa hospitaleira que te recebeu como amigo, vai para dois anos. Como podes abandonar Semprônius numa ocasião justamente em que ele mais precisa de conforto e dedicação? Metela e Agripa deixam o lar, os interesses, para aqui ficarem, e queres tu que eu abandone meu tio e os feridos? Absolutamente não irei. Mas tu podes lr, mesmo porque, o imperativo dos negócios e o prurido de mandar como dono afiguram-se-te pretexto ra-soável. Pois vai, que aqui

também não fazes falta e, a fim de evitar comentários maldosos, eu mesma direi que fui quem te aconselhou a partir.

Ele mordeu os lábios, ela compreendeu a impaciência que ele tinha de senhorear os novos domínios, e, delicadamente, lhe atirava em rosto a sua vaidade e ingratidão para com aqueles que durante dois anos o vinham alimentando e vestindo.

Aquela ousadia e pertinácia, em ficar, despertava no espírito de Cláudius uma raiva surda. Não amava Drusila, certamente, mas, não menos certo é que ela era, agora, sua mulher... Como ousava mostrar-lhe, assim, predileção por outrem? Trabalhado por esse brutal despeito, pôs de parte a prudência que até então mantivera, respeitando-lhe as suceptibilidades, e inclinando-se ao seu ouvido, disse com bruteza:

— Compreendo... Pesa-te deixar Cáius assim ferido... Pensas que sou cego? Casaste comigo no intuito de poderes sair desta casa, mas, agora que a louca paixão te leva a cuidar do seu objeto, ao menos para sonhar que algo lhe mereces, não se te dá despachar-me. Pois bem: irei, mas não devia fazê-lo sem te demonstrar que nfto me iludo a teu respeito.

Drusila levantou-se, pálida, e seus olhos habitualmente tão doces, tão calmos, cravaram-se no marido rebrilhantes de orgulho e desdém:

— De vez que és tão clarividente, nobilíssimo Cláudius, não te faltou conhecimento de causa para, atendendo à oportunidade do momento, conquistares uma fortuna que te facultaria satisfazer pendores de ociosidade e faustos gozos. Indolente, jamais procuraste trabalho honroso na administração do Estado, preferindo parasitar, mercê de lisonjas e canções. Vai, portanto, ingratalhão indigno, não já de amor, mas de simpatia; vai na qualidade de primeiro mordomo de tua mulher, representar o papel de dono dos bens adquiridos a preço vil, isto é — de vil intriga.

Deu-lhe as costas, sem o fitar sequer.

Só, o músico teve um acesso de raiva, maldizendo a leviandade que o levara a ofender a mulher de tal jeito; mas, refletindo — e com razão — que o melhor era dar tempo ao tempo, tratou de apresentar a Semprônius e Agripa os motivos que o induziam a partir e, logo ao dealbar da aurora, velejou para Roma.

Pobre Drusila! órfã desde o berço, tivera uma infância e uma juventude melancòlicamente sombrias, ao lado do pai enfermiço e cego. A vida -só lhe reservara desilusões e a última fora aquela cena brutal do marido, que lhe tirara todas as esperanças que porventura ainda pudera alimentar. Os melhores momentos de sua vida, balda de ventura, eram os que passava junto de Cáius Lucílius, a tratá-lo com devotamento impar, visto que Virgília, não obstante restabelecida, mantinha-se debilitada a ponto de o médico não lhe consentir que passasse algumas horas diárias à cabeceira do marido.

Era, pois, Drusila quem velava pelo primo, e o sorriso de gratidão, e o carinhoso aperto de mão que lhe ele ofertava, compensavam-na das noites de vigília à sua cabeceira. Tão-pouco, assistia-lhe o direito de guardar qualquer mágoa do rapaz, visto que ele não poderia adivinhar os sentimentos que lhe inspirava. Suspirou, imaginando no que seria quando restabelecido, houvesse ela de abandonar aquele teto amigo para regressar a Roma, em convivência obrigatória com aquele marido egoísta e hipócrita. Fora, indubitavelmente, uma aspiração malévola que a decidira a entregar-se a Cláudius, e agora não havia como se esquivar às conseqüências da sua imprudência.

Seis semanas transcorreram. Os feridos melhoravam a olhos vistos. Semprônius já não temia perder os iillios, mas, a lembrança do atentado abominável torturava cruelmente o velho patrício, de feição a inspirar-lhe Ora aversão e cólera, ora remorsos pungitivos. Em tais momentos, recriminava-se acerbamente de não haver criado e

educado em comum todos os filhos! Oh! quantas desgraças não teria evitado se eles tivessem crescido juntos, à sombra de um paternal amor equânime?

Jamais, então, aquele vesânico ciúme, aquele ódio a raiar pelo crime haveria irradiado no coração de Nero para cavar um abismo que impossibilitava os dois irmãos <1<! conviverem debaixo do mesmo teto, a que tinham, aliás, iguais direitos.

Um dia, Semprônius assentou-se à beira do leito de Cáius, que pela primeira vez haviam transportado ao terraço do jardim.

— Que tens, pai? — perguntou o rapaz depois de o fitar silenciosa e longamente. — Acaso não podes confiar-me os pensamentos que tanto te acabrunham?

A pergunta provocou irritação. Semprônius explodiu numa torrente de impropérios contra Nero, cuja atitude lhe criara uma posição insustentável.

Vendo o pai encolerizado, ouvindo-lhe o libelo acusa-tório, Cáius logo se lembrou do solitário da caverna e da narrativa concernente ao Mestre, que tinha perdoado e intercedido por seus algozes. E veio-lhe, então, incoer-cível desejo de confessar ao pai suas novas crenças e levá-lo, talvez, a compartilhar delas.

— Acalma-te, pai — disse, apertando-lhe fortemente a mão —, sê indulgente, perdoa a Nero; lembra-te de que ele é apenas uma vítima das circunstâncias e muito terá sofrido antes de chegar ao extremo a que chegou... Por mim, não lhe guardo o menor rancor e desejaria, sinceramente, reconciliar-me com ele, pois tenho a alma repleta de uma nova doutrina que prescreve o perdão das ofensas e manda fazer o bem aos nossos inimigos.

Há muito desejava confessar-te minha nova fé, mas, faltava-me a coragem.

— De que fé nova me falas tu? — perguntou admirado. — Tuas palavras são conceituosas, sábios os preceitos, mas eu duvido que os homens possam praticamente executá-los. Perdoar ofensas não é coisa fácil, e beneficiar inimigos é coisa ainda mais difícil. Mas, conta-me tudo, tudo, pois não é de hoje que venho notando profunda transformação no teu caráter.

— Tua benevolência em ouvir-me muito me alegra, pois desejava mesmo abrir-te meu «coração.

E logo formulou uma resenha de tudo que havia calado, até ao dia do seu encontro com o eremita. Com a eloqüência que lhe era inata e com a força persuasiva que lhe brotava do coração, falou da excelsitude da fé cristã, dos preceitos de abnegação e caridade pregados pelo divino mensageiro do Pai celeste, da precariedade da vida terrena e da bem-aventurança sem mescla, reservada, em mansão de luz, aos penitentes e sofredores fidedignos.

Retraçando a inexaurível mansuetude do profeta, a sua morte sublime, a fisionomia do moço patrício como que se animara do fogo divino e nos olhos negros lhe flutuava a mesma fé ardente que experimentara lá na gruta, quando prosternado aos pés do Mestre crucificado, que o redimira.

Confuso, admirado, subjugado, Semprônius tudo ouvira sem algo objetar. Por fim, disse:

— Vejo que profunda é a tua convicção e isso me induz a crer que me enganava sobre a fé cristã. Também eu preciso ser aliviado e quero implorar perdão para minhas faltas, a fim de que o profeta Jesus me reserve um lugar no seu reino de paz e amor. Assim, logo que as circunstâncias o permitam, iremos à caverna do solitário.

— Ele bem me predisse que lá voltaríamos para receber de suas mãos o batismo — exclamou Cáius radiante. — Oh! Jesus, grande é o teu poder, esse poder que em mim mesmo tenho experimentado! E quanto a ti, meu pai, não sabes quanto me alegro por nada ter agora a ocultar-te.

Dias após esta entrevista, Metela e o marido encontravam-se no seu quarto, em palestra animada. Agripa tinha regressado da cidade, ainda na véspera, e preparava-se para lá voltar breve, levando consigo a família o os dois feridos, agora quase completamente restabelecidos. Naquele momento, referia-se a Semprônius:

— É uma situação realmente digna de piedade, temeroso de conservar sob o mesmo teto esses dois filhos com idênticos direitos ao seu amor, mas dos quais um se fêz quase assassino do outro. E quem nos dirá que, ficando aqui, não reincida no atentado? Oh! bem avalio quanto sofre o velho amigo em não poder dizer ao Nero

- vai-te, ao mesmo tempo que reconhece a inconveniência em dizer — fica.

— Mas, olha que poderíamos levar Nero conosco — concluiu Metela, que ouvira o marido pensativa. — Todos sabem que fui a sua enfermeira quase exclusiva e ninguém estranhará queira assistir o meu doente até o final. É uma solução que remove o impasse de Semprônius e nós precisamos demover o rapaz de acompanhar-nos.

— Excelente idéia e vou já entender-me com ele — disse Agripa seguindo logo para o quarto do tribuno.

O rapaz tinha-se levantado, vestia-se e descansava numa poltrona de vime junto da janela escancarada. Suas feições estavam muito mudadas, pairava-lhe no rosto descarnado um quê de selvagem e sinistro, os lábios se contraíam num ritmo de profunda amargura.

Durante o período da convalescença, uma verdadeira tempestade moral lhe toldara a alma. A idéia de que Virgília, a mulher amada, o ferira em defesa de Cáius, tinha-lhe gerado e decantado no coração todo um mosto de ódio e fel inconcebível, contra o pai e contra o irmão.

O escravo mal acabava de arrumar os travesseiros, quando Agripa surgiu no quarto.

— Retira-te, Trula — disse ao escravo, ao mesmo tempo que sentava junto do convalescente e lhe tomava da mão perguntando como passara a noite.

E tanto que o escravo se afastou, foi-lhe dizendo sem preâmbulos:

— Vim, meu caro Nero, para falar-te de coisas que sei penosas, ou seja, da tua permanência nesta casa, onde provocaste luto e dores acerbas. Aqui ficando, não é possível deixar de ver teu irmão, o que decerto não te pode aprazer; e assim, venho propor-te que vás conosco na próxima semana lá para nossa casa, onde Metela, tua devotada enfermeira, cuidará de ti até que possas regressar a Roma, completamente restabelecido.

Às primeiras palavras do patrício, Nero mudou de cor.

— Foi decerto meu pai quem te deu o recado... Não lhe sobrou a coragem para vir dizer de viva voz ao filho inútil: — sai de minha casa! Digníssimo pai! Como haveria ele de perdoar-me o haver erguido o braço ultriz contra o outro, o favorito? Ele, que sempre me deu do seu ouro como quem dá uma esmola; ouro de humilhação, frio e duro como ele mesmo.

— Estás enganado: teu pai ignora este meu alvitre, mesmo porque, ainda está bastante acabrunhado para cogitar de qualquer coisa. Entretanto, dá que te diga que te deixaste arrastar à prática de um ato abominável que nada, absolutamente nada, poderia justificar. Isto, é claro que ninguém o comenta, em atenção ao pobre velho e até fizemos constar que já chegaras adoentado e foste acometido de um acesso de loucura.

— Vê-se que são bem caridosos... — disse o ferido, com ironia — mas, de qualquer forma, não importa; irei de bom grado, tal o desejo que tenho de abandonar esta casa, onde tudo se me torna odioso. Uma coisa só te peço: é que, dando a meu pai a grata nova, lhe digas do meu desejo de ter com ele uma entrevista sem testemunhas, antes de minha partida. E como, provavelmente, será a nossa última entrevista, espero que não m'a recuse.

V

Semprônius e os dois filhos

Na manhã do dia fixado para a partida de Agripa e sua família, Semprônius, já cedinho, irritado e carrancudo, perambulava pelo terraço, à espera da entrevista solicitada por Nero.

A primeira impressão que lhe causara o desejo do filho, foi de cólera, por isso que o seu temperamento despótico não podia admitir outra vontade além da sua. Considerava imperdoável ousadia imporem-lhe assim o exame de um assunto que previa irritante, quanto desagradável. Contudo, os remorsos insopitáveis e os preceitos de caridade, que Cáius lhe insinuava sempre que tinham ensejo de palestrar, acabaram por dominar aquela primeira impressão. Foi assim que, embora constrangido, dirigiu-se para o quarto de Nero.

O rapaz estava assentado a uma pequena mesa, mãos à cabeça e de tal modo absorvido, que não percebeu a entrada do pai. Este aproximou-se, bateu-lhe de leve no ombro, e disse:

— Queres conversar a sós comigo, aqui estou para ouvir-te.

Nero estremeceu, levantou-se e um lampejo de ódio lhe fusilou no olhar.

— Antes de tudo, preciso dizer-te que estás para sempre livre de um filho cuja presença sempre te foi penosa; mas, ao mesmo tempo chamo sobre ti a vingança dos deuses, como pai cruel e desnaturado que escorraçou do lar os filhos para só amar a um, só porque a Natureza mais ricamente o dotara. Acreditas tenha eu esquecido, algum dia, a maneira por que nos trataste, privando-nos de carinho e assistência, para nos entregar aos cuidados de uma velha rabujenta e má, que nos maltratava, que nos humilhava repetindo a cada instante que éramos enjeitados desde a hora em que nascemos?

“Vinte quatro anos se passaram e eu jamais transpus os umbrais da casa onde nasci. Se um dia lá voltei foi porque esperava, apesar de tudo, conquistar um lugar nesse lar, com um quinhão de afeto no coração de meu pai. Louco que eu era! Depressa me convenci de que ali não passava de um estranho, tolerado, certamente, mas cujo futuro e felicidade a ninguém interessava. Tu, nem mesmo na hora da desgraça me chamaste para te amparar, para te socorrer. Preferiste misturar tuas lágrimas às de uma criatura estranha, antes que abrir os braços ao filho exilado. Reservaste todo o teu culto para essa estátua viva, enervada pela lisonja de todo mundo — Cáius, que as cinzas do Vesúvio te devolveram intacto, a fim de me espoliar da minha felicidade.

“Sim! porque, antes de tudo, não foi senão em consideração a ele que tu me traíste. Fui o primeiro a confessar-te meu amor por Virgília, e, não obstante, foi a ele que acabaste ligando-a, porque não podes conceber algo imagine o “deus doméstico”, que se não realize logo.

“Pois bem: eu tentei acabar com essa idolatria, aniquilar esse caçula insolente, que nos roubou, a mim e aos meus irmãos germanos, o amor paterno, e me rouba o afeto de todos, sempre e onde quer que nos deparemos juntos.

“Ao brandir o punhal, não me tremeu o braço, porque eu sabia que aquele golpe atingiria igualmente o teu coração. Finalmente, tudo poderia perdoar-te, menos a perda

da mulher amada. E eis porque parto maldizendo a tua memória. Era isto o que te queria dizer, antes de nos separarmos de uma vez para sempre."

Fatigado, assentou-se e passou a mão pela fronte camarinhada de suor.

— Terminaste? Ou tens ainda alguma injúria com que me afrontes?

— É o que tinha a dizer.

— Então, ouve-me por tua vez e não me interrompas. Há alguns meses atrás eu me consideraria rebaixado o minha dignidade, pretendendo justificar-me diante de um filho ingrato e revoltado. Qual o fiz com Semprônia, ter-te-ia, em conseqüência do teu atentado abominável, simplesmente excluído da família para entregar-te à justiça legal.

"Hoje penso de outra maneira: lastimo-te e quero apenas mostrar-te, através de um prisma real, certos «ventos do meu passado. Teu avô era um homem rude, Severo, despótico, a quem nem mesmo minha mãe ou-Siria desobedecer. Se, a despeito disso, cresci com re-ptlva liberdade, foi porque o alto cargo que ele ocupava, no Exército, afastava-o constantemente, e às vezes por longo tempo, do nosso lar.

"Tinha eu meus 22 anos quando me apaixonei por Lívia, bela, rica, bem nascida. Minha mãe achou que ira um partido convinhável e concordou em que nos calássemos. Somente aguardávamos o regresso próximo de teu avô para realizar aquele sonho.

"Ele voltou, afetivamente, mas trazendo consigo, e com grande surpresa nossa, uma jovem de aparência agradável, que aliás não me impressionou, porque eu já amava outra mulher. À noite desse infausto dia, meu pai ehamou-me ao seu quarto e com a concisão e autoritarismo que lhe eram peculiares, comunicou-me que o de Júlia morrera por lhe salvar a vida e que, em testemunho de reconhecimento por aquele seu ato de abnegação, havia jurado ao velho irmão de armas, *in articulo mortis*, assegurar o futuro da filha casando-a com o seu primogênito. Assim, trazia-nos Júlia, ordenando que estimasse nela, desde logo, a minha futura esposa. Retirei-me sucumbido e pedi a minha mãe a sua inter-otssão, aliás inútil, porque teu avô julgava inviolável a palavra dada a um moribundo e sobre isso não admitia réplicas.

"Durante um ano lutei contra aquela tempera de ferro; houve, entre nós, cenas que só a intervenção de Fabia impedia tornarem-se criminosa. Aquela resistência levou-me, então, a apelar para a generosidade de Júlia, oferecendo-lhe metade de minha fortuna para que desistisse da nossa união. Que motivos levá-la-iam a recusar a proposta? Até hoje o ignoro... Sei, contudo, que a partir daquele momento passei a odiar a mulher que teimosamente se intrometia em minha vida. Por fim, rendendo-me às lágrimas e súplicas de tua avó, cuja saúde se ressentia com aqueles conflitos, anuí no casamento. Com que propósito? dirás... Não há necessidade de tos dizer, a ti, a quem a perda da mulher amada quase levou ao fratricídio e deverias, portanto, me compreender e julgar com mais indulgência.

"Nossa vida conjugal, iniciada sob tais auspícios, não poderia ser ditosa e o ciúme feroz, as suspeitas e espionagens com que tua mãe me perseguia, acabaram por torná-la supinamente detestável. Nada obstante, quando nasceu Antônius, eu lhe tive paternal afeição, o que me fêz crer chegaria a devotar-me inteiramente a todos se Júlia não mo houvesse impedido. É que, vendo que as suas cenas de ciúme e lágrimas cada vez mais me afastavam dela, não tardou em dar curso à sua maldade, inspirando aos filhos tal aversão por mim, que era bastante saberem-me em casa para se esconderem, sem coragem para me fitarem de frente.

"Entrementes, morreu teu avô. Eu, porém, desgostoso da inferneira doméstica, solicitei e obtive uma magistratura, passando a viver no Fórum ou em viagens constantes, de mais a maior alheio à família.

"Teu nascimento quase custou a vida de tua mãe e pode mesmo dizer-se que ela não mais gozou saúde depois do parto. Ainda assim, viveu mais três anos e mais viveria,

certamente, se não fosse um resfriado imprudentemente adquirido por ocasião das festividades da boa deusa. Uma pneumonia levou-a em poucos dias, deixando-me liberto de um cativeiro de nove anos.

"Tentei, então, casar-me com Lívia, que se mantivera fiel ao nosso amor. Percebendo que o convívio contigo e teus irmãos era molesto a essa mulher que a teimosia e o inescrúpulo de tua mãe condenara ao abandono e sacrifício da melhor fase de sua mocidade, resolvi a sepunição sem imaginar que um dia haveria de deplorar

o meu erro.

"Ao Cáius sempre votei dupla afeição, não pela sua beleza mas pela sua índole amorosa, pela dedicação filial quo sempre me demonstrou, desde que nasceu.

"As ternuras excessivas nunca foram do meu feitio; tnas creio ter cumprido lealmente meu dever de pai, assegurando-te, bem como ao Antônius, um futuro brilhante.

"A sábia e estrita economia que me impus, permitiu duplicar quase a minha fortuna, que, por morte, será Igualmente partilhada pelos três, posto que Antônius, por ua conduta odiosa, merecesse ser deserdado. Cáius só possui, a mais, o patrimônio de sua mãe.

"Por outro lado, nunca procurei contrariar teus desejos e logo que pretendeste comprar terras convizinhas de Agripa, não pus ao teu dispor os fundos necessários?

"A increpação de te haver traído, com relação a Virgília, é simplesmente ridícula. Amo essa moça que, posso dizer, nasceu e cresceu sob as minhas vistas, e desejaria vê-la casada com qualquer dos meus filhos.

"Se ela te preteriu pelo seu companheiro de infância, a culpa não é minha, não intervim na escolha e só me cumpre deplorar-te, se é que de fato lhe tens amor.

"A conjetura de quanto sofres e tens sofrido com o exílio do lar e minha falta de carinho; as duras frases que acabas de me dirigir, provam que teu coração está profundamente ferido. Pudéssemos regredir no tempo para revivê-lo e eu te asseguro que outra seria minha conduta. Mas, como isso é impossível, tratemos ao menos de reparar o possível, estabelecendo a paz entre nós.

"Meus dias, creio, estão contados: estes últimos acontecimentos, o choque que me causou o espetáculo de dois filhos mortalmente feridos, alteram-me profundamente a saúde. O ódio que nutres por Cáius e Virgília e o abismo sangrento que cavaste entre eles e ti, obrigam-te a partir... Pois bem: eu fico para morrer entre eles.

"Quem poderá dizer que ainda nos avistemos neste mundo? Não me deixes, pois, com o coração pleno de fel e de rancor, para que mais tarde não hajas de te arrepender. Abracemo-nos, pobre filho exilado, e aceita de coração a minha bênção!"

A emoção e a raiva de Semprônius ao começo do seu discurso, extinguiram-se pouco a pouco; o diapasão metálico da voz tornara-se melodioso e suave, e quando ele abriu os braços ao filho, uma lágrima furtiva lhe repontou nos olhos claros e habitualmente frios.

Nero ergueu-se lívido, confuso, presa de sentimentos os mais dissímeis.

A emoção profunda, o olhar terno daquele pai sempre austero, tinham-no desarmado. Cedendo a súbito impulso interior, deixou-se cair de joelhos e murmurou com voz rouca e gaguejante:

— Não pelo teu coração, meu pai, porque nele sô existe lugar para um; mas, por mim mesmo, abençoa-me para conjurar a maldição que carrego, sempre isolado, sempre desamado de todos. Não te condeno mais, e que os deuses julguem os motivos que te levaram a banir-nos do teu coração... O meu, confesso-te, é uma chaga viva!

Extinguiu-se-lhe a voz num soluçar convulsivo.

Semprônius o atariu a si e beijou-o mudamente nos lábios. Era a primeira vez que um impulso espontâneo e natural unia aquelas duas almas.

— Que os deuses te abençoem, ajudem e protejam em todos os teus passos — disse, pondo a mão na cabeça do filho —, e, agora, descansa um pouco, pois receio que esta emoção possa agravar o teu estado. Antes de partires, ainda nos veremos.

Abraçou-o mais uma vez e saiu precipitado.

Enquanto se realizava aquela delicada entrevista, estava Virgília no quarto do marido. Posto que em franca convalescença, o rapaz passava deitado a maior parte do tempo.

No momento em que o vamos encontrar, tinha ele, ajoelhada, a esposa ao seu lado, segurando em uma das mãos uma taça de vinho, e na outra uma coxa de galinha, insistindo para que se alimentasse. Ele, por sua vez, fazia-se rogado, a gracejar e procurando beijar-lhe os dedinhos.

Terminada a refeição, levantou-se para dar o seu passeio e Virgília travou-lhe do braço para, ao que dizia, amparar-lhe os passos ainda trôpegos. Atingindo o jardim, seguiam vagarosamente e conversavam a propósito da iminente partida de Metela, bem como do profundo abatimento de Semprônius, que tanto os inquietava, quando, na curva de estreita aleia e de inopino, deram de cara com Nero. Os dois pararam ao mesmo tempo e ficaram como que chumbados ao solo. Virgília deu um grito abafado e conchegou-se ao marido.

Eles não se avistavam desde a noite do atentado, mesmo porque, tudo se fazia na casa por evitar-lhes um fortuito encontro. Era aquela a primeira vez que o tribuno saía sozinho, procurando acalmar a excitação nervosa que lhe produzira a entrevista com o pai.

Branco, da brancura da sua túnica, lábios trêmulos e olhar incendido de ódio, Nero fitava o casal que assim lhe aparecia soldado como num bloco, como que a zombar da sua impotência para separá-lo ou destruí-lo.

Cáius foi o primeiro a quebrar o penoso silêncio:

— Esqueçamos o passado, Nero... E logo lhe estendendo a mão:

— Perdoa-me a preferência que a Natureza e a amizade me acordaram, sê meu irmão pelo coração e trata de restituir a paz à nossa família; não sejas tão rancoroso e tão injusto, pois eu não tenho culpa que te banissem da casa paterna. Acredita-me: não te guardo ressentimento por me haveres ferido, de vez que não andei bem, esposando a mulher que amavas; mas, lembra-te de que Virgília só me preferiu por ser seu companheiro de infância porque crescemos juntos, como se fôramos noivos do berço. Entretanto, eu sei que ela te estima e somente num impulso de extrema exaltação, julgando-me morto, ousou apunhalar-te. Façamos as pazes, portanto, senão por mim, ao menos por nosso velho pai, cuja saúde vai profundamente comprometida com estes fatos. Pensa na alegria imensa que lhe causaria a nossa reconciliação.

Nero tudo ouvira silencioso, a respirar com dificuldade. A emoção que tivera com a entrevista paterna ainda não se acalmara. O gênio invisível do bem inspirava-o para que aceitasse uma paz tão generosamente oferecida e procurasse extinguir aquele ódio que nenhum benefício lhe acarretava; mas, cada vez que o seu olhar incidia na mimosa criatura que se colava ao braço do marido — a "dourada borboleta", o ciúme e a paixão apertavam-lhe o coração e abafavam e repeliam os bons sentimentos.

Quando o irmão terminou, o olhar de Nero havia readquirido a dureza de expressão que lhe era característica, e foi com voz mordente que replicou:

— Não posso deixar de admirar a tua generosidade, visto quereres esquecer e perdoar minhas faltas; entretanto, também não deixa de surpreender-me a manifestação desses mesmos sentimentos, tão contrários à tua índole impetuosa e vingativa. Será que os encontras na presunção da tua superioridade? Sim, porque o destino foi injusto *dando-te* tudo, para tudo *me arrebatar*. É verdade que devo conformar-me com isso,

mas nem por isso me julgo um mendigo a viver de esmolas, ou seja, neste caso, de uma amizade de favor. Eu te odeio, Cáius, pelos dotes que possuis e que a teus pés arrastam qualquer mulher e não apenas aquela que me apaixonou. Aliás, acho também natural que a tenhas desejado... Pois não foste tu mesmo que a ela te referiste como sendo uma criatura adorável, uma “dourada borboleta”? E terás, porventura, a culpa de que a falena me ludibriasse até ao momento de voar para teu lado?

— Mentes! — atalhou Virgília já de olhos inflamados — eu nunca te dei confiança, nunca te dei a entender que te amava e muito menos que acreditasse no teu amor.

— Sem dúvida, bela Virgília, tu não podias suspeitar da minha paixão; mas, neste caso, porque me toleraste a corte, porque me sorrias com a luz dos teus olhos? Porque acarinhavas, acolhedora, as flores que te ofertava e me dizias, sempre que me despedia: — *fica, porque a tua presença me dá prazer?* — e dando-me mil pequeninas mostras de preferência que levam os homens a se julgarem amados? Agora, no entanto, compreendo que tudo isso corria por conta do meu parentesco com

Cáius... Concordo que fui um louco que sonhava acordado, mas quanto a ti, Cáius, desengana-te se pensas que Ainda eu possa amar essa mulher! Não, nunca! A frieza do seu punhal desencantou-me para sempre e hei-de odiá-la eternamente...

Parou um instante, sufocado, mãos crispadas.

— Hoje estou convencido de que a mulher amada nfto passava de fementida miragem, como as sereias que ó atraem os incautos para os perder. Em suma: entre nós há um abismo intransponível, porque, se um me roubou o coração e o lar paterno, a outra me seqüestrou esperança do futuro. Parto, assim, sem me reconciliar oonvosco, e um dia voltarei para vos pagar minha dívida.

Virou as costas e afastou-se ligeiro. Silenciosos, acabrunhados, os jovens esposos recolheram-se a casa.

— Oh! criatura abominável! porque não te matei logo de uma vez — disse Virgília atirando-se numa cadeira. — Cáius, toma cuidado, méu amor; eu tenho pressentimento de que teu irmão ainda nos há-de acarretar grandes desgraças. Perverso, sem religião, ele nos vota ódio de morte. Foi o que li nos seus olhos, que pareciam querer devorar-me.

— Acalma-te, minha Virgília, não exageres assim um perigo quiçá imaginário. Nero é mais temível por palavras do que por atos. Eu, por mim, não lhe temo as ameaças, mesmo porque são os deuses quem conta os nossos dias neste mundo: todavia, eu te prometo acau-telar-me e tê-lo sempre de mira, em atenção a ti e a meu pai. Agora, sossega, enxuga essas lágrimas e vai, como pretendias, para junto de Metela, cuja palavra amiga e sempre ponderada te desanuvirá o espírito. Eu, por minha vez, vou procurar o velho, com quem preciso conversar sobre uns tantos negócios.

Impaciente por confiar à amiga as suas apreensões, Virgília tratou logo de procurar Metela, que foi encontrada entre as criadas, a fiscalizar o apresto das bagagens.

— Alguma novidade? Tens assim um ar tão espantado. — disse, fazendo sinal a Virgília para que a acompanhasse ao terraço.

Em lá chegando, assentaram-se e ela prosseguiu:

— Tiveste algum encontro desagradável com o Nero... Assim o presumo, porque o vi quando voltava do jardim e trazia estampado no olhar algo de ferocidade. Também me declarou que seguia imediatamente para o navio e lá nos aguardaria.

Lacrimosa, Virgília atirou-se nos braços da amiga e passou a contar o sucedido.

— Os deuses não são justos — acabou por dizer —, deixando viver esse homem abominável a quem tudo concedemos e, sem motivos, nos persegue com a sua vingança. Não podes calcular o que seja a vida assim ameaçada de perigo invisível, que não podemos prever nem saber como evitar.

Com a face na mão, Metela tudo ouvira silenciosa e pouco a pouco o seu rosto se ensombrou de amarga tristeza.

— Enganas-te em supor-me incapaz de compreender os teus temores. Eu também tive um inimigo tenaz e implacável, e como tu tremi na expectativa de um perigo invisível e sempre ameaçador; sei, de experiência própria, que, nestes casos, não podemos deixar de concentrar todas as nossas energias e deixar correr o resto por conta dos deuses.

Virgília levantou-se, resoluta, e as lágrimas se lhe estancaram nos olhos brilhantes de curiosidade.

— Então, tiveste um inimigo como Nero? Algum namorado de refugo, aposto... Mas, como me ocultaste até agora uma coisa tão interessante?

— Eras muito nova quando isso se deu, e, além disse, evitamos sempre, Agripa e eu, contar os tristes episódios que precederam nosso casamento.

— Mas ao menos a mim, podias confiá-los... não? Eu não posso conformar-me em ignorar o que de perto te diga respeito. Agora compreendo porque te calavas sempre que indagava de tua vida de solteira...

— Tem paciência, minha bisbilhoteira, não me censures. Já que fazes tanto empenho, vou narrar-te esse episódio da minha juventude, do qual decorre uma lição proveitosa, isto é: que, mesmo nas mais críticas circunstâncias, não se deve perder a cabeça nem desesperar da misericórdia dos imortais.

Concentrou-se um momento e continuou: — Sabes que nasci e me criei em Roma, órfã desde o berço, porque minha mãe morreu precisamente ao dar-me à luz. Posto que no vigor dos anos, meu pai, rudemente provado com « perda de cinco filhos e da esposa que adorava, não quis casar segunda vez e concentrou, em mim e no meu irmão, todo o seu afeto.

“Meu irmão Sérgio era dez anos mais velho do que eu, e todavia meu pai nos criou e educou juntos, tanto quanto possível. Assim, cresci entre os retóricos, filósofos e artistas, que instruíam meu irmão e dos quais também ele gostava de acercar-se, sempre que a sua função senatorial lho permitia. Um velho estóico, chamado Aurélius, afeiçoou-se particularmente a mim e me lecionou desde a mais tenra idade, atribuindo-me um estofo de verdadeiro estoicismo. Meu pai condescendia, sorridente, e o certo é que a influência daquela roda de sábios não deixou de contribuir para dar ao meu caráter este cunho severo e um tanto másculo que por vezes me censuram.

“Feliz e benquista de todos, atingi os quinze anos, quando os candidatos começaram a surgir; mas, como nenhum me satisfizesse inteiramente, meu pai me descartava e julgava-se feliz em conservar-me na sua companhia.

“Preciso é dizer-te que possuíamos então, perto de Tibur, um vilino encantador, no qual passávamos todo o tempo que ele podia roubar aos negócios do Estado.

“Uma noite, depois do jantar, tivemos visitas: meu irmão e eu fazíamos as honras da casa, enquanto esperávamos meu pai, que já estava demorando. Achavam-se todos reunidos no terraço e eu cantava à lira, quando vi entrar meu pai seguido de um rapaz alto e que me era completamente estranho.

“Enquanto meu pai cumprimentava os convidados, notei que os grandes olhos castanhos do recém-vindo fixavam-me com profunda admiração, que, aliás, não procurava dissimular. Eu não saberia dizer porque aquele olhar me enregelava até à medula dos ossos. Era como se tivesse cravadas em mim as pupilas de um tigre, e logo senti pelo intruso uma aversão invencível.

“Daí a pouco, foi-me ele apresentado e fiquei sabendo chamar-se Flávius Sulpícius Varro, de passagem em Roma para regular negócios de seu interesse, e para o que, procurara meu pai, como seu amigo que era.

“Ansioso em ouvi-lo sobre detalhes da sua vida depois que se separaram, meu pai o trouxe a casa, naquele dia.

“Dali por diante, freqüentes se tornaram as visitas e ele insistia em cortejar-me, apesar da glacial indiferença com que lhe correspondia. Foi justamente nessa ocasião que conheci Fabrícius Agripa, o qual, mortalmente ferido num combate ao norte de Gália, tinha vindo a Roma a fim de pleitear sua reforma e entrar na posse de vultosa herança. Agripa era íntimo amigo de meu irmão e visitava-o amiúde. Logo se apaixonou por mim e escusado é dizer que a sua inclinação só podia agradar-me, tanto mais quanto, pelo seu caráter franco e leal, pela sua prosa interessante e variada, ele me inspirou logo a simpatia que haveria de evolver para este nosso amor.

“Flávius Sulpícius acompanhava com olhos de ciúme a minha intimidade com Agripa. Desdobrava-se em visitas e galanteios, mas, sempre que encontrava Agripa, era tal a sua raiva que eu bem deveria prever qualquer desgraça. Entretanto, na minha estulta vaidade, considerava-me invulnerável e até me lisonjeava com aqueles ciúmes.

“Um dia, de manhã, meu pai procurou-me satisfeitíssimo para dizer que Flávius me pedira em casamento e que ele quase lhe dera o sim, apenas dependente do meu assentimento, com o qual contava. Recusei, peremp-tòriamente, e pela primeira vez meu pai insistiu, alegando que o partido era dos mais auspiciosos. Averbou-me de louca. Todavia, mantive-me firme e ele teve de render-se. No dia seguinte veio participar-me, de mau humor, que Flávius muito melindrado havia deixado Roma. Rezo-zijei-me sinceramente por não mais ter de suportar aquela cara e poder maiormente ligar-me a Agripa, que passava metade dos dias em nossa casa.

“Uma noite, estávamos reunidos eu, ele e meu irmão, quando percebi que este último estava distraído e preocupado. Depois de muito interrogá-lo, confessou que precisava sair e dar um passeio, mas, não desejando ser reconhecido e abordado por amigos indiscretos, queria que Agripa lhe emprestasse o capacete e o manto, ao que este logo anuiu, partindo ele imediatamente e prometendo regressar dentro de duas horas. Depois que se foi, Agripa contou, risonho, que desconfiava tratar-se de ciumadas com uma jovem florista, à qual ele quereria surpreender assim disfarçado. Com a chegada de meu pai, a conversa mudou de rumo. Entretanto, a noite foi-se passando e Sérgius não voltou.

“Pela madrugada, acordei com os clamores e gritos de desespero por toda a casa. Trêmula de espanto, vesti-me à pressa e desci. Sob as arcadas da primeira galeria lobriguei meu pai a contorcer as mãos, enquanto ouvia a um oficial que apontava uma padiola conduzida por soldados e rodeada de compacta multidão de curiosos, que se estendia pelo jardim, até a rua. Na padiola, um corpo e sobre o corpo um manto, que reconheci ser o de Agripa!

“Dando um grito, precipitei-me para a maca e meu olhar recaiu logo no rosto lívido do meu infeliz irmão. Ouvi, a seguir, que o triúnviro que comandava o policiamento noturno o encontrara caído de bruços numa das ruas próximas do Fórum. O ferimento profundo, nas costas, provava que fora atacado traiçoeiramente. A morte devia ter sido instantânea.

“Impossível descrever-te o nosso desespero! Todo o mundo se perdia em conjeturas quanto aos móveis do crime: roubo não era, porque a bolsa referta e as jóias preciosas, que a vítima carregava, estavam intactas; inadmissível, igualmente, a idéia de vindita, porque Sérgius era bom, serviçal, geralmente estimado, não tinha, não podia ter inimigos.

“Na véspera dos funerais, dirigi-me ao templo para orar e oferecer sacrifícios aos manes do meu desditoso irmão. Ao regressar, meus condutores tiveram de abrir brecha na multidão que se apinhava em torno da casa, ávida de esmolas e vitualhas, que meu

pai mandara distribuir naquele dia. Como caminhássemos a passo lento no meio da turba, um tipo moreno e barbado, trajado à maneira dos carregadores do porto, plantou-se à frente da liteira e deitou-me um olhar de fogo, que me fêz estremecer e quase perder os sentidos. Aqueles olhos eu os haveria de reconhecer entre mil ou dez mil outros, onde quer que os encontrasse. Aquela aparição foi como se uma venda se rasgasse diante de mim. Flávius Sul-pícius não deixara Roma, antes ali ficara e procurava eliminar o seu rival. O capacete e o manto de Agripa era o que o levara a matar Sérgius. Travou-se-me o coração, porque também ficava sabendo o que de um tal inimigo eu podia esperar.

"Nada revelei a meu desolado pai, mas tive um entendimento com Agripa, tudo lhe confiando e jurando que lhe havia de pertencer, mas pedindo ao mesmo tempo que saísse de Roma por algum tempo, até que meu pai mais consolado pudesse sancionar o nosso casamento.

"Vendo a minha agitação, ele a tudo aquiesceu, prometeu andar sempre armado e, logo no dia seguinte, deixou a cidade.

"Respirei mais desafogada, mas o fato é que a minha tranqüilidade tinha-se aniquilado. Era assim, afli-tíssima sempre, que aguardava as cartas do noivo, por intermédio de uma escrava fiel, enquanto incidentes outros me indicavam que o inimigo vigilava e maquinava na treva.

"De fato, certa feita em que me dirigia para a cidade, tive a liteira assaltada e só por um acaso me salvei. A partir desse dia, abstive-me de sair de Roma, ao mesmo tempo que me deixava empolgar por tenebrosos presságios. Presságios bem fundados, aliás. Um dia, após a refeição, meu pai sentiu-se mal e o médico declarou que os espargos estavam envenenados. Todos os recursos da Ciência foram baldados- e, depois de uma noite agoniosa, meu pai expirava em meus braços. Simples acaso, ou mais um crime?

"Naquela noite lúgubre, achava-me ajoelhada junto ao corpo de meu pai, quando a fumaceira espessa e gritos de "fogo"! me arrancaram do meu torpor! Súbito, Uma turba de escravos invadiu a casa toda, no afã de Bulvar o que fosse possível. Uma das minhas criadas levou-me para a rua através de uma galeria já esbra-ieada e enfumarada. A crepitação do incêndio e os gritos da populaça casavam-se num coro tempestuoso, indefi-nível... Houve um momento em que um pano espesso me envolveu a cabeça e me senti presa pelas costas e rapidamente transportada. Tentei resistir, gritar, mas o pano espesso abafava-me a voz e uns braços vigorosos tolhiam-me os movimentos. Por fim, tonteei, desfaleci. Quando dei acordo de mim, um ligeiro balanço e o ritmo dos remos batendo n'água fizeram-me compreender que estava num barco em marcha, ao mesmo tempo que ouvia uma voz imperativa a ordenar: — Atraque devagar, Stíchus; leva essa mulher ao camarote, e vós outros ficai n.tentos à primeira voz de — largar velas.

"O coração como que se me paralisou no peito, aquela voz era de Flávius Sulpícius, estava, portanto, em poder do inimigo. Senti que me transportavam ao navio e me depositavam num divã. Tiraram o pano que me cobria a cabeça e o rosto, ouvi fecharem uma porta.

"Abri os olhos e vi que estava no camarote ricamente mobilado de uma esplêndida galera. Ao lado, pequena mesa e sobre ela vinhos, licores, frutas. Compreendi que aquela solicitude não haveria de ter maior duração e tratei de concentrar todas as minhas energias. Desde a primeira tentativa de rapto, nunca mais deixei de levar comigo um punhal, oculto sob as vestes. Nem mesmo as escravas, de quem eu desconfiava, tinham conhecimento daquela precaução. Meu primeiro cuidado foi procurar essa arma e ela ali estava no seu lugar. Tomei alento. Na pior hipótese, o mais que podia acon-tecer-me era sucumbir. Antes, porém, queria jogar com a astúcia, ver se enganava aquele homem terrível que me fizera tanto mal.

“Passos apressados avizinhavam-se, interrompi o fio das idéias, ergui-me e, palpando o punhal entre as pregas da túnica, encostei-me à mesa. Ao deparar-me assim e fixando o meu olhar calmo, parou indeciso e desapontado.

“— Vejo com prazer — disse finalmente — que estas calma e talvez possamos conversar razoavelmente.

“— Antes de tudo, quero saber com que direito assim se violenta uma cidadã romana. Nem te esqueças que estás falando à filha de um senador e não a uma escrava...

“— Não quero de outra coisa saber senão que te amo e que não sou daqueles que se deixam humilhar. Aqui, nesta galera, só há uma lei — a minha vontade. De ti, portanto, depende o seres rainha ou escrava. Não te iludas com a hipótese de qualquer socorro. O próprio soldado aventureiro que a mim preferiste, está de nós bem distante, talvez por prudência.

“— Queres, então, dar-me por morta e reter-me aqui prisioneira? Pois olha: a um tal opróbrio, prefiro a morte. Vês? aqui tenho o que me livre da tirania. — E mostrava-lhe o punhal reluzente. — Não te aproximes porque morrerei antes que me toques.

“Viu, sem dúvida, no meu olhar, que não estava a gracejar, visto que recuou, vermelho, e com palavras repassadas de emoção passou a falar da paixão insensata que eu lhe inspirara e jurou que não recuaria nem mesmo diante de um crime. Entretanto, propunha-se a esposar-me e explicou o intento de conduzir-me a Massília, onde possuía grandes haveres, a fim de lá celebrarmos e festejarmos o casamento.

“Ouvi-o de cabeça baixa, fingindo-me surpresa e conformada.

“— Não pensava — disse-lhe por fim — que pudesses amar-me a tal ponto, e vejo que o teu amor é daqueles que podem domar o coração e o orgulho de uma mulher. Não te repudio mais, Flávius, mesmo porque, além do mais, nada adiantaria; mas, digna-te de ouvir as minhas condições: em primeiro lugar, não te seguirei a Massília, porque não quero comprometer minha reputação nessa viagem, que, de resto, nada justifica. A filha de Sérgius Metelus deve casar-se pública, solenemente, nunca à socapa como qualquer obscura moça do Eaquilino. Além disso, quero me concedas três meses a prantear, em retiro espiritual, a perda de meu pai; e, pois que Roma se me tornou indesejável, quero transportar-me a Herculânum, à casa de um velho amigo de meu pai. Lá irás buscar-me logo que termine o período do luto e, desde então, considerar-me-ei tua noiva.

“— Mas, quem responde pela tua fidelidade?

“— Minha palavra — respondi altivamente —, mesmo porque, tua desconfiança vale por uma ofensa.

“— Pois bem: aceito e peço-te como penhor de aliança, que recebas este anel e me dês, aqui mesmo, o beijo nupcial.

“Deixei que me abraçasse e justasse o anel. Combinámos, de seguida, que me reconduziria a casa e de lá seguiria para Herculânum, depois de assistir aos funerais paternos.

“Ao reentrar em casa, ainda enorme era a confusão que ali reinava, tanto que ninguém dera pela minha ausência. No dia seguinte, Flávius apresentou-se em visita oficial de condolências, assistiu às exéquias e fiscalizou, discretamente, minha partida para Herculânum. Ali cheguei, finalmente, triste, acabrunhada, e fui recebida de braços abertos pelo magnânimo Virgílius e sua mulher Lélia.

— Como assim? foi então em casa de meus pais que te acolheste? — exclamou Virgília, admirada.

— Exatamente, e foi quando lá vi, pela primeira vez, uma trêfega meninota muito do teu conhecimento. Confiei minha tragédia a teus pais e Virgílius, que conhecia Agripa, aconselhou-me a precipitar o casamento, logo que regressasse da viagem que se

propunha fazer a Roma, a fim de intervir junto de um tio de Flávius, para que pusesse cobro às loucas aventuras do sobrinho.

"Tudo se passou de acordo com o plano traçado por teu pai, que voltou trazendo do cônsul as mais sérias promessas. Agripa visitava-me discretamente e o casamento estava prestes a realizar-se quando, certa manhã, Flávius surgiu de inopino na sala em que me achava com meu noivo, que, por sinal, já se preparava para sair.

Fulo de raiva, bolsando impropérios, atirou-se a Agripa no intuito de o apunhalar. Agripa também fugiu-lhe com o corpo e arrancou do seu punhal. Entre os dois empenhou-se, então, uma luta silenciosa, luta de morte, tremenda. Rilhando os dentes quais tigres esfaimados, os dois homens lutavam corpo a corpo, enquanto que eu me quedava petrificada, no temor de perturbar ou distrair o meu Agripa. Sem embargo, só eu sei o que sentia vendo o sangue que lhe escorria.

"De repente, Flávius tombou. Agripa deu alguns passos para meu lado e também tombou! Virgílius logo acorreu com os criados, levantaram os feridos, chamaram médicos. Flávius não resistiu aos ferimentos, expirou dois dias depois. Agripa só se restabeleceu lentamente. Não descansei um minuto à sua cabeceira, e, logo que se levantou, casámo-nos e nos instalámos lá naquele solar que conheceste, hoje amortalhado em cinza e onde passámos anos e anos venturosos.

— Querida Metela, os deuses se apiedaram de ti, livraram-te de um inimigo perigoso quanto ignóbil. Não te invejo a sorte, mesmo porque, além do mais, foste para mim, após a perda de meus pais, a melhor das mães, a mais carinhosa das irmãs e a mais fiel das amigas. Não; o que apenas deploro é que a morte não me tenha livrado deste abominável Nero.

— Nisso eu te dou razão e é mil vezes lamentável que a tua punhalada uma vez desferida não o tivesse logo matado. Todavia, acalma-te, não desanimes. Eu cuidarei de vigiá-lo enquanto estiver em nossa casa, procurarei contê-lo o mais possível. Ao demais, o serviço há-de distraí-lo, pois Agripa me informou que ele mudou de idéias e acabou por desistir da licença. Estamos assim entendidas. Eis que ali vêm Agripa e Semprônius, provavelmente procurando-nos para o almoço das despedidas.

No dia seguinte ao da partida de Metela, Drusila também resolveu regressar a Roma. Todos instaram para que ficasse ainda por algum tempo. Debalde. Cáius, que estava muito longe de suspeitar a paixão da prima e lhe tributava maior reconhecimento pela sua assistência e desvelo durante a enfermagem, queria acompanhá-la. Recusou.

— Devo voltar para junto de Cláudius, uma vez que aqui já não me torno precisa. E tu, Cáius, agora completamente restabelecido, mantém-te ao lado da tua mulher. Ela escapou de perder-te e não pode estar tranqüila, senão te vendo ao seu lado. É natural.

Esforçando-se em parecer calma, despediu-se do tio e dos primos, mas tanto que se viu só, na liteira, aquela coragem factícia abandonou-a e pôs-se a soluçar convulsivamente. A separação de Cáius fazia-lhe sangrar o coração e, posto compreendesse muito bem a natureza culposa e a inutilidade do seu amor, não se sentia com forças para banir do coração aqueles sentimentos que dele se apossaram, sempre mascarados diante dos outros, mas, na verdade, senhores absolutos de todo o seu ser.

Fora assim, debaixo daquela impressão que os maus fados tinham-na levado a escravizar-se a um senhor, e senhor da marca de Cláudius, que, nada mais estimando além da fortuna, caro lhe faria pagar sua predileção por Cáius, predileção que ele adivinhara, intimamente arrepiada, ela já imaginava as cenas de brutal ciúme que teria de suportar e de que já tivera uma prova. Não conjeturava, na sua ingenuidade, que o astuto e maleá-vel Cláudius já lastimava profundamente estar assim desmascarado. Gozando, pela primeira vez em sua vida, da volúpia de agir como senhor; de gastar a rodo e satisfazer a todas as paixões e caprichos, não estava inclinado a irritar a mulher,

que bem lhe poderia cassar a administração dos seus bens e estava, assim, disposto a reconciliar-se, a viver no melhor acordo possível.

Eis porque, chegando a Roma, Drusila ficou agra-dàvelmente surpreendida quando o marido a recebeu com a mais terna deferência. Ajudando-a a descer da liteira, conduziu-a aos aposentos e francamente se desculpou da sua partida antecipada, assegurando que seu maior desejo era viver em boa harmonia com a bela e meiga companheira que os deuses lhe tinham destinado.

Ela, que só aspirava à paz, perdoou de bom grado, e, mediante acordo tácito, passaram a viver aparentemente muito unidos, posto que fundamentalmente separados.

A moça absorveu-se toda em melancólica homenagem à memória do pai: rodeava-se dos objetos que ele usara, dava longos passeios pelos sítios nos quais outro-ra o guiava na sua cegueira, e acabou por mandar erigir-lhe um soberbo mausoléu.

Cláudius não a contrariava em coisa alguma, antes -se rejubilava por ver que a mulher deixava-o gastar à vontade, não se preocupava com as suas aventuras amorosas e nem mesmo com as demasias do seu culto a JBácus.

Felicitava-se pelo fato de haver ela consentido em presidir, com graciosa docilidade, às festas suntuosas que lhe aprazia promover. Certo, ninguém reconheceria já, naquele patrício que atraía aos magníficos salões do palácio de Drúsus a nata da sociedade romana, o modesto músico que considerava grande felicidade o convite que um dia lhe fizera Semprônius para viver em sua casa, livre de gastos, de penas e de cuidados.

VI

A morte de Semprônius

Um regime de calmo e relativo repouso se estabeleceu na casa de Semprônius, após a partida dos seus hóspedes, mas esse regime durou pouco, porque não tardou lhe sobreviesse perigosa enfermidade, aliás logo debelada.

Nada obstante, a sua saúde ficara comprometida. Homem robusto e dinâmico que sempre fora, caminhava agora com dificuldade, as costas lhe bombeavam, passava os dias deitado e vencido por extrema debilidade.

O nascimento de um netinho foi como um derradeiro clarão de alegria no poente tristonho do pobre patrício.

Cheio de orgulho e satisfação, abençoara o pequenino Semprônius e não cessava de o admirar, ainda porque, pelos grandes olhos negros e pelos cabelos dourados, era bem o retrato dos seus ascendentes.

Repartindo-se entre a dor e a mágoa, Cáius Lucílius ia do berço do filho ao leito do pai, cujo esgotamento progressivo não lhe deixava a mínima ilusão.

Um dia, disse-lhe Semprônius:

— Filho, não temos tempo a perder, dado tenhamos de visitar o virtuoso ancião que te edificou na doutrina do Divino Mestre... Por mim, desejo ouvir dele palavras de conforto, que me assegurem a paz no reino dos céus.

O moço considerou logo como dever sagrado cuidar dos aprestos da viagem.

Tratou de escrever a Agripa, comunicando-lhe que motivos de força maior obrigavam o pai a ausentar-se de casa por duas ou três semanas, ao mesmo passo que lhe pedia permitisse a Metela ficar fazendo companhia a Virgília.

Esta, posto que surpreendida e penalizada com àquela viagem misteriosa, não se lhe opôs, compreendendo que, dado o seu precário estado de saúde, o sogro não podia ir só. Tanto que chegou Metela, o velho patrício fêz as mais ternas despedidas às duas mulheres, que choravam copiosamente como se pressentissem que não o tornariam a ver.

Depois de fatigante viagem, interrompida por longas paradas indispensáveis ao enfermo, chegaram ao povoado além do qual se estendiam as montanhas que homiziavam o eremita no seu tugúrio.

Ali deixaram os animais e trocaram a liteira por leve cadeira de junco, carregada por dois robustos mon-tanhezes, acompanhados apenas de Rutuba, sempre dedicado.

Depois de penosa marcha durante a qual o patrício aumentava de impaciência, chegaram à porta da gruta. O venerando anacoreta lá estava de pé, robusto e sereno, tal como três anos antes. Num sorriso de amizade acolhedora estendeu-lhes os braços:

— Sede bem-vindos, amigos! eu vos esperava... Cáius abraçou-o comovido, e falou:

— Meu salvador e generoso protetor, tuas predições realizaram-se... Como vês, aqui te trago meu pai moribundo, para que o instruas e consoles.

João encaminhou-se para Semprônius, abraçou-o efusivamente e disse-lhe:

— Bem-vindo sejas, meu irmão, certo de que farei o possível por aliviar-te; mas, antes de tudo, é preciso repousar.

Auxiliado por Cáius, amparou e conduziu Semprônius para dentro da gruta, onde o deitou no mesmo grabato que havia servido ao filho. Tratou, depois, com juvenil ardor, da instalação dos hóspedes. Descarregaram as duas mulas das bagagens e conduziram-nas para outra cava ali perto, indicada desde logo como alojamento de Cáius e Rutuba.

Dispensaram os montanhezes e, logo que reconfortados por ligeiro repasto, o velho assentou-se a um tronco, perto de Semprônius, e disse-lhe carinhoso:

— Agora, meu irmão, vamos conversar e o Deus de misericórdia que revelei a teu filho há-de inspirar-me para que te conforte.

— Venerável amigo — disse Semprônius erguendo-se e tomando-lhe a mão —, meu filho me transmitiu os preceitos de amor e caridade pregados pelo divino Mestre que te foi dado conhecer; por minha vez, desejo compartilhar da tua fé; tenho, até aqui, levado vida faus-tosa e despreocupada, de homem rico; sempre tive, como prerrogativa minha, repelir o que me desagradava, tanto que amei uns e desprezei outros membros da minha família. Agora, porém, começo a compreender que era des-piedado, orgulhoso, egoísta, e queria revelar-te muitos atos que me pesam na consciência, para que me aconselhes e possas, porventura, suavizar meus remorsos.

— Neste caso, acompanha-me ao santuário e lá, sob as vistas daquele que lê no âmago das almas e pode aliviá-las, tu me confiarás o que te oprime o coração. Cáius, ajuda-me a conduzir teu pai aos degraus do altar, e depois retira-te, porque, se o que Semprônius quer confessar é amarguroso ao seu coração, inútil é saberes o que teu pai reprova a si em si mesmo. Não compete aos filhos julgar as faltas dos pais, porque nada pode nem deve diminuir c seu respeito e veneração por eles.

Horas depois, chamou o moço e, apertando-lhe a mão, disse:

— Conversei longamente com teu pai e pude, graças ao Senhor, levar a paz ao seu espírito: fi-lo ver as grandes verdades da nossa fé, desvendei-lhe o mistério da morte e com isso se lhe desvaneceram os temores da transição inelutável. Para o momento, ele quer isolar-se, não deseja ver ninguém, nem mesmo tu, a fim de, pelo insulamento e pela prece, receber o batismo que lhe prometi para dentro de três dias.

— E a mim, meu pai, não me concederás essa graça? Olha que tenho também o coração referto de fé e amor ao Deus de misericórdia, cuja graça me tocou.

— Faça-se como desejas, pois reconheço que tens um coração leal e generoso, embora ensombrado de paixões violentas. Mas, neste caso, convém te prepares pelo retiro, pelo jejum e pela prece, a fim de receberes o divino sacramento.

Retirou-se, abençoando o penitente.

Cáius voltou à sua gruta e, depois de breve oração, estendeu-se nas almofadas que improvisara em leito. Contraditórios pensamentos lhe assomavam ao espírito: seu pai renunciava à fé ancestral para fazer-se cristão e, também ele, ia seguir-lhe o exemplo. De relance vieram-lhe à mente as conseqüências que lhe poderiam advir dessa tão grave resolução. Naquele momento, os cristãos não eram perseguidos, mas, a todo instante, um novo édito de proscrição poderia atingi-los; e, então, o que arriscava era nem mais nem menos que a fortuna, o amor da família e, quiçá, a própria vida. As imagens de Virgília e do filhinho lhe vieram à retina, qual visão tentadora, mas, logo, por um esforço de vontade, repeliu aquelas idéias assopradas, sem dúvida, pelo espírito do mal. Mas, como? Como poderia ele, que lhe havia sentido a graça, duvidar da onipotência e da proteção daquele Deus que houvera por bem revelar-se aos homens, humilde, pobre, morto na cruz infamante e que, no entanto, dobrava aos seus preceitos de amor um coração altivo e revel, qual o de Semprônius, ao demais inspirando aos seus prosélitos o desprezo da vida até ao martírio?

Com aquela exaltação própria do seu caráter, Cáius entregou-se à prece e ao jejum. A presença de Rutuba afigurou-se-lhe inconveniente e, logo ao clarear do dia, o licenciou por três ou quatro dias, a fim de visitar uma parenta, casada com um lavrador das redondezas.

Na manhã do dia fixado para a santa cerimônia, depois de haver vigilado e orado toda a noite, Cáius se encaminhou para a gruta do eremita. Avistando o pai, ficou logo surpreendido com a expressão de serenidade e alegria que lhe aflorava no rosto.

— Remocei, filho — disse o velho patrício abra-çando-o —; se soubesses como retemperei meu espírito, a luz e a paz que me repletaram o ser! Mas, apressemo-

-nos, dá-me o braço porque já estamos sendo esperados no santuário.

Amparando o pai, assim penetraram na gruta contígua. Ajoelharam-se diante do altar, no supedâneo do qual, de pé, estava o eremita quase irreconhecível na sua paramenta de brancura imácula, a cair-lhe até aos pés. Trazia ao peito uma cruz de ouro e as tochas acesas no altar davam-lhe à fronte veneranda uma como auréola refulgente. A seu lado, também de pé, um rapaz envolto em longa túnica, e no qual Cáius reconheceu o jovem pescador que, por ocasião da sua enfermidade, carregava as provisões.

Depois de ligeira prece em comum, seguida de alo-cução na qual resumira aos neófitos a magnitude do sacramento que iam receber, o eremita ordenou-lhes se despissem e entrassem na piscina cavada nc centro da gruta. Auxiliado por Paulo, o jovem pescador, derramou-lhe água na cabeça e deu a Semprônius o nome de Serafim, e a Cáius o de Gabriel.

A seguir, saíram da piscina e Paulo os revestiu de túnicas alvas, iguais à sua, e ajudou Semprônius, ainda fraco, a ajoelhar-se, indo retomar o seu posto no último degrau do altar.

O eremita, braços estendidos à cruz, olhos de inspirado, suplicava em voz alta:

— "Senhor Jesus, meu redentor e mestre, ouve esta súplica: Não disseste que, onde se reunissem dois ou três em teu nome, aí estarias? Lança, pois, um olhar de misericórdia a estes dois novos servidores da tua doutrina, e permite-lhes gozarem da graça deste ato que vou realizar em teu nome e memória."

Com grave expressão de majestade, abriu uma caixinha que estava sobre o altar, dela retirando dourado cálice, que Paulo encheu de vinho, dando-lhe também um pão, que logo partiu.

— "Acredito — disse erguendo a voz — que esta é a tua carne e este é o teu sangue, derramado para salvação de todos nós."

Levantou o cálice, abençoou os neófitos prosterna-dos e deu-lhes do pão e do vinho, dizendo:

— "Crede que aqui estão a carne e o sangue do salvador do mundo, porque acaba de operar-se o grande mistério da fé."

Como se não houvesse de esperar o término daquele ato, Semprônius desmaiou... Carregaram-no para a primeira gruta, onde lhe prestaram todos os socorros possíveis. Voltado a si, o eremita impôs-lhe as mãos e ele mergulhou num sono reparador.

Já era noite quando reabriu os olhos. Ao perceber Cáius e o eremita assentados junto do leito, estendeu-lhes as mãos, dizendo:

— Filho querido e tu, meu grande amigo! obrigado pela dita que me proporcionaste, instruindo-me nesta nova fé que retemperou meu coração e me fêz compreender que a morte é apenas simples passagem a um mundo melhor, no qual se me abrirão as portas da salvação. Por isso, também te peço, filho, me enterrares como convém aos cristãos e não entregar meu corpo à incineração, conforme os falsos ritos dos falsos deuses... Prometes fazê-lo?

— Fica tranqüilo, pai, teus desejos hão-de ser fielmente cumpridos — disse Cáius todo emocionado.

— Obrigado. E agora que me sinto inteiramente pacificado, deixem-me contar-lhes um sonho estranho, mas de extraordinária clareza, que acabo de ter.

Assentando-se recostado nas almofadas, começou:

— Sentia-me como que flutuante, num ambiente escuro; opresso e angustiado, procurava, sem o conseguir, desembaraçar-me daquelas trevas e, ainda repleto de gozo por haver reconhecido e adotado a nova fé, perguntava a mim mesmo porque se dava aquilo, quando me surgiu um ser resplandecente de beleza sem par, que me disse:

— De fato, compreendeste a verdade, tens a alma repleta de ventura, mas, com o tempo, essa fé nova, destinada a regenerar as almas, será postergada, degradada pelas paixões humanas, e as leis sagradas e postas pelo Salvador se tornarão opressivas, vexatórias. Haverá quem a ridiculize, adultere, renegue, para que não haja nos corações humanos um lugar de cabimento à virtude, à verdade, à fé. Sacudidos pelas mais dissímeis opiniões, desencantados dos próprios vícios, os espíritos que ainda aspirarem ao bem hão-de suplicar ao dispensador de todas as graças que os retempera na virtude, para não permanecerem estacionários na evolução conducente ao fim supremo e lhes acuda a certeza da imortalidade, para que se elevem à perfeição.

"Então, na sua infinita bondade, o Criador do Universo dará aos homens a possibilidade de constatarem, pelo testemunho dos próprias sentidos, a presença dos invisíveis a que eles chamam mortos. E os intermediários dessa comprovação renovadora hão-de ser as vossas mulheres, filhos e filhas. Eles formigarão por toda a parte sem distinção de classe, de fortuna, de nacionalidade; e os sofredores, os pobres, os abnegados, os caritativos, serão os mais bem dotados e preferidos.

"Naquele momento, as trevas se rasgaram e eu te divisei, venerável mestre, num ambiente luminoso. Em-punhavas e agitavas um disco alvinitente, no qual li, ou antes adivinhei, esta legenda:

"Morrer para renascer e progredir sempre, tal é a lei."

"Em torno de ti como que desfilava toda uma multidão agitada, mas, à medida que os seres de ti se aproximavam, seus semblantes se acalmavam e suave claridade os envolvia.

"Desejei imensamente aproximar-me, também, mas notei que a pesada e suja túnica, com que me revestia, tolhia-me os movimentos, paralisava-me enfim.

— "Maculaste as vestes alvas do cristão — disse-me a luminosa aparição.

— "Não, não — respondi —; eu sou cristão de corpo e alma.

— "Foste-o e és de longa data, mas os séculos do-baram após a tua conversão e a tua fé desmereceu porque se tornou inesforçada, morna.

"Foi nesse comenos que, da multidão que te rodeava, destacou-se um homem moço, no qual reconheci meu filho Nero.

— "Vamos, pai, ali está a verdade — disse ele arrastando-me; mas, no momento justo em que eu tocava a tua legenda, senti um calor vivificante penetrar-me todo e vi que Nero oscilava e caía num fosso escuro. Do coração lhe jorrou uma chama de odor estonteante, que logo o consumiu. Estava ainda perturbado com aquela catástrofe, quando uma bola de fogo surgiu, flutuando a meu lado, e nessa bola estava de pé um adolescente, no qual reconheci Cáius... Com uma das mãos erguias uma tocha, com a outra conchegavas ao peito uma cruz... Tinhas, entretanto, um ar melancólico e foi com voz plan-gente que disseste:

— Oh! meu pai, quanto sofro em trevas! Dá-me luz...

"Tive um desejo imenso de satisfazer-te, mas, parecia-me que o fardo era por demais pesado.

— "Que fazer? — murmurei, erguendo a vista para a entidade luminosa que sobrepairava no espaço...

— "*Querer* — respondeu-me ela.

“Concentrei energias, tomei o globo em que te acha-vas e comecei a elevar-me. Antes de tudo, um cardume de seres negros, horrendos, tentou opor-se à nossa ascensão; mordiam-me, crivavam-me de dardos venenosos, enroscavam-me répteis nos pés; outros, à compita, procuravam arrebatar-me o precioso fardo, mas, em vão. Ascendendo sempre, eras leve qual pluma e parecias arrastar-me para um foco de luz mais esplendente que o Sol. Depois, subiste ainda mais e raios multícores te envolveram, te seqüestraram à minha vista e... despertei.”

Completamente exausto, Semprônius recaiu nos travesseiros.

Falou, então, o eremita:

— É um sonho singular e certamente profético, com que Deus houve por bem favorecer-te. Nossa limitada inteligência não permite interpretá-lo integralmente, mas parece-nos que pressagia, em futuro longínquo, o repúdio à lei do Senhor e que, segundo prometeu, Jesus terá de enviar o Espírito de Verdade para esclarecer os homens.

— Neste caso, filho, se me for permitido levar-te à luz, hei-de considerar-me bem feliz — murmurou Semprônius, cujo olhar começava a apagar-se...

— Mas, que me importa o futuro se agora me foges? — respondeu-lhe Cáius cobrindo de beijos e lágrimas as mãos frias do moribundo.

*
*   *

Quando amanheceu, Semprônius estava morto.

Facultando ao filho algumas horas para acalmar a primeira emoção, o eremita veio oportunamente ao seu encontro.

— Vem, filho — disse afetuosamente —, aqui, apenas repousa um corpo perecível e a um cristão não é lícito entregar-se a excessivas lamentações e desesperos, quando um ente caro se liberta das misérias terrenas.

Cáius ergueu-se, submisso, cobriu com um lenço o semblante do morto e saiu com o velho, da gruta, para logo se assentarem numa pedra.

— Cuidemos, agora, de executar as últimas vontades de teu pai e eis o que, a propósito, te quero propor:; no santuário, junto do altar, existe um fosso cavado na rocha. Eu mesmo o preparei para nele repousar depois da morte; mas, como tem espaço de sobra, quero aproveitá-lo para o bom velho, a quem me foi dado converter e cuja fé repontou tão ardente quão profunda.

Cáius agradeceu, comovido, e, quando chegou a noite, encaminhou-se ao santuário. Auxiliado pelo moço pescador, levantou do solo, junto ao altar, uma pesada laje, sob a qual se encontrava uma cova larga e funda. A ela desceram o corpo do velho Semprônius amortalhado em lençóis, tendo ao peito uma cruzinha de madeira, aposta pelo eremita depois de breve oração.

Recolocada a laje, ninguém dissera haver ali vestígios de sepultura.

Na manhã seguinte, Rutuba regressou. A morna tristeza de Cáius e a notícia do traspasse de Semprônius, cujo corpo desaparecera, deram muito que pensar ao servo dedicado. Guiado pelo instinto do seu devotamento e também pela sutileza do seu espírito observador, ele como que adivinhou a verdade e deixou-se possuir de um vago temor quanto ao futuro. Tomando-se de súbita resolução, dirigiu-se ao moço engolfado em profundos cismares e bateu-lhe ao ombro para dizer:

— Meu caro amo, crês no meu absoluto devota-mento?

— Como não? — respondeu Cáius, surpreso.

— Então, dá licença que te diga uma coisa: morto o nosso velho patrão não vais, ao regressar, fazer-lhe os funerais condignos e próprios da sua hierarquia?

E vendo a hesitação de Cáius, prosseguiu:

— Devo dizer-te que a crença deste santo varão, que aqui mora, não é segredo para ninguém, nestas paragens. Se o nobre Semprônius resolveu adotar a crença desse homem, não é a mim que compete comentar, bem ou mal, mesmo porque todos os cristãos que tenho conhecido se distinguem por suas virtudes extraordinárias...

Entretanto, penso que todos devem ser prevenidos, a fim de evitar indiscrições, comentários e possíveis surpresas desagradáveis. Não queres que me vá à cidade mais próxima e traga uma urna funerária, a fim de com ela reentrares e te justificares no lar? Não te esqueças que tens esposa e um filhinho, cujo futuro te está confiado.

— Adivinhaste, é isso mesmo e só posso agradecer e louvar a tua argúcia e devotamento. Faze, portanto, o necessário para evitarmos suspeitas e tagarelices inúteis.

*

*   *

Oito dias depois, reentrava no lar, conduzindo a urna por continente das cinzas de Semprônius. Ao rever a casa paterna, o coração se lhe travou de amargura e as lágrimas de Virgília e Metela, que não podiam conformar-se com aquela perda, mais lhe aumentaram a tristeza.

Seguido de todos os fâmulos, encaminharam-se ao sarcófago que Semprônius mandara construir depois da morte de Fábia, e ali depositaram, solenemente, a referida urna.

Terminada a cerimônia e quando contavam os episódios dos últimos momentos do falecido, Metela anunciou que uma carta de Agripa lhe anunciara a visita de Nero, que se propunha passar algumas semanas na sua

nova propriedade.

— Assim sendo, pede a teu marido que se incumba de regular o mais depressa possível os negócios da herança, porque a mim me repugna tratar pessoalmente com meu irmão — disse Cáius.

— Nada mais justo e de antemão te asseguro que Agripa te substituirá com todo o prazer.

VII

Nero

Pouco distante de Nápoles, situada em cômoro pitoresco assentava a magnífica herdade ultimamente adquirida pelo jovem tribuno.

O rico habitante de Pompeia a quem ela pertencera, e que não podia prever o cataclismo no qual perecera com toda a família, nada poupara para embelezar aquela granja. O tribuno, entretanto, não quisera custear os gastos de conservação, de modo que agora, desguarnecida a casa, descurados os jardins, tinha tudo um aspecto de abandono e tristeza.

Um mês depois da morte de Semprônius, ao entardecer de um belo dia, vamos encontrar o tribuno no seu gabinete de trabalho, assentado junto de uma janela aberta para o jardim.

Sombrio, taciturno mais que nunca. Profundo vinco a mediar-lhe os supercílios, um ricto de maldade dolorida a contrair-lhe os lábios. No interior da sala, Trula, seu criado de quarto, entretinha-se a arrumar sobre a mesa uns rolos de papiros e documentos que a mão nervosa do amo compulsara e desordenara. Acabrunhado e pensativo, sorvia agora, a pequenos tragos, uma taça de velho Falerno. Terminara, ainda na véspera, todos os efeitos inerentes à herança, mas, não era uma questão de dinheiro que o preocupava e sim aquela viagem misteriosa que culminara na morte do pai, longe da família. Em tudo aquilo, farejava um mistério e queria desvendá-lo... Mas... onde e como proceder? A quem dirigir-se?

Trula, rapaz astuto e folgazão, não deixava de observar o amo, de soslaio, e de ouvido aguçado como que lhe apanhara o monólgo em surdina. Aproximou-se da mesa como quem procurava ver se a ânfora ainda tinha vinho.

— Queres que te sirva algumas frutas cristalizadas que eu trouxe ontem de Nápoles? É artigo de primeira, disse-me o vendedor. O nobre Cáius Lucílius é um grande freguês, segundo me disse Sapala, que lá encontrei na ocasião.

— Ah! — disse o tribuno erguendo a cabeça — viste Sapala? Que há-de novo lá por casa de meu irmão?

— A bem dizer, pouco sei; falámos apenas ligeiramente da morte de teu pai e dos funerais que lhe fizeram, desprovidos de pompas, tanto que os servos nem puderam prantear junto da pira.

— E Sapala acompanhou meu pai na viagem?

— Sim. Ele, Rutuba, Gurges, Próspcr, os dois pretos mudos e quatro gladiadores o escoltaram até um certo lugarejo próximo das montanhas. Uma vez ali, contrataram alguns montanhezes e seguiram acompa-dos somente de Rutuba. Doze dias se passaram, quando o nobre Cáius Lucílius regressou com a urna funerária.

— E Sapala não se informou dos montanhezes aonde meu pai se dirigira?

— É gente muito discreta, aquela, segundo me informou o mesmo Sapala; contudo, um rapaz lhe contou que numa caverna da montanha vive um ancião venerá-vel, que visita os pobres e opera curas maravilhosas.

— Está bem, toma este resto de vinho e vai-te.

Só, muito intrigado, Nero meditou longamente no que acabava de ouvir, sendo-lhe porém impossível atinar com o motivo secreto daquela misteriosa viagem.

“Conversarei a respeito com Cláudius, pois dado que o dinheiro não o tenha imbecilizado completamente, é finório bastante para encontrar a chave do enigma...”

E tomou logo a resolução de regressar a Roma.

Em lá chegando, apresentou-se no palácio de Drúsus, onde Cláudius o recebeu com a maior cordialidade.

— Ora bem, meu caro primo, eis-te podre de rico — disse ele enquanto oferecia ao tribuno uma cadeira. —

Drusila recebeu carta de Virgília, participando a morte de Semprônius... Já regularizaste os negócios da herança?

— Perfeita e pacificamente. Cáius, pode dizer-se, revelou-se a previdência personificada e nada tenho de que me queixar quanto ao meu quinhão. Não é disso que se trata e não foi isso que aqui me trouxe para te pedir um conselho...

— Se for para bem gastar o teu dinheiro e mais facilmente esqueceres uns tais de olhos azuis, não podias bater a melhor porta — disse Cláudius, rindo-se.

— Não, nada disso: o que aqui me trás é coisa muito diferente — retrucou agastado com a alusão feita a Virgília, e passou a discorrer o que sabia da viagem de Semprônius e das misteriosas reservas em torno da sua morte.

— Penso poder esclarecer as tuas dúvidas, pois as tuas palavras apenas vieram confirmar uma suspeita que guardo há muito tempo. É que sei, por um amigo que exerceu a magistratura nessa província e visitou-a minuciosamente, que na região indicada vivem muitos cristãos, que para lá se retiraram depois da última pros-crição.

Também me falou de um velho habitante das montanhas, que abriga os viajantes transviados e alicia pro-sélitos para o seu falso credo. Agora, é bem sabido que esses sectários possuem um dom mágico de enfeiti-çar quantos se lhes aproximam, a fim de lhes insinuar fidelidade inquebrantável aos preceitos do judeu crucificado e por eles adorado qual um deus.

O pretor Lêntulus contou-me que, por ocasião do último édito de proscrição, testemunhou fatos absolutamente extraordinários, pais que renegavam filhos, mulheres que abandonavam maridos... E nada, absolutamente nada que os pudesse dissuadir do terrível sor-tilégio. Contra toda a expectativa, contra a razão e o bom senso, os desgraçados se deixavam torturar com verdadeira beatitude, a repetirem até dentro da fogueira: — “ficamos fiéis a Jesus!”

— Não desconheço estes fatos, mas, que relação podem ter com o caso em apreço?

— Vais ver. Lembras-te de que depois da catástrofe de Herculânum teu irmão foi recolhido enfermo e tratado por um velho cujo nome jamais declinou? Creio que isso foi justamente naquela região, e todos nós não deixámos de notar a grande transformação que se operou no caráter de teu irmão, daí para cá. Pois o que de tudo isso concluo é que teu irmão foi parar nas garras do velho propagandista, que não perdeu ensejo para incorporar ao rebanho uma tão rica ovelhinha. Continuando a operar o filtro mágico, teu irmão converteu teu pai e acabou por. conduzi-lo até lá, para ser batizado. E agora, com certeza, vamos ter uma Virgília cristã, coisa aliás deplorável, pelas conseqüências que de futuro podem acarretar a toda a família.

— Agora, tudo compreendo e só me resta agradecer — disse Nero levantando-se e desculpando-se de não aceitar o convite para jantar.

*
* *

Quando chegou a casa, trabalhavam-lhe na mente os mais desencontrados pensamentos. Estava convicto da realidade do tal talismã cristão e daí a suspeita que Cáius dele se aproveitara para conquistar e roubar-lhe o coração de Virgília.

Raiva insana o empolgou, mas, pouco a pouco lhe veio outra idéia. Se procurasse, por sua vez, alcançar o mesmo talismã e o empregasse no sentido de separar Cáius de

Virgília, ferindo e punindo, assim, ao mesmo tempo, em benefício próprio, o irmão odiado?

Aquela fatal paixão pela cunhada não se extinguira, nem mesmo se atenuara, infelizmente; mas, muito ao contrário, turvara-se e azedara a ponto de excluir desejo outro que não o de possuí-la a todo o transe. Depois de grande luta íntima, passados alguns meses, deliberou, finalmente, dirigir-se à lura do anacoreta e obter dele o mirífico talismã, ainda que, para lhe ganhar confiança, houvesse de batizar-se. Isto feito, queria reconciliar-se com o irmão para melhormente conquistar a cunhada, aplicando o sortilégio.

Nesse intuito, requereu licença de algumas semanas e pôs-se a caminho. Não lhe foi difícil obter informações e assim visualizá-lo simplesmente trajado, já galgando a pedregosa senda que conduz à gruta.

O eremita lá estava, da parte de fora, assentado na pedra que lhe servia de banco, com as mãos cruzadas ao peito e mergulhado em profunda meditação.

Ao avistá-lo, o tribuno estacou tão admirado quão perturbado. Como que se envergonhava da convizinhança daquela figura venerável, levando no seu imo a mentira e o perjúrio. Contudo, abafando aquele tênue protesto da consciência, aproximou-se, ajoelhou e disse fingindo humilde:

— Venerando mestre, sou dos que buscam a paz de espírito no conhecimento de uma religião nova. Que-rerás dar-me essa luz que, dizem, nos faz entrever uma vida nova?

O velho levantou-se e cravou no recém-vindo o olhar percuciente. Em seguida, levou a mão encarquilhada à fronte inclinada do tribuno e, depois de ligeira concentração, disse:

— O Senhor preceituou que mais vale aceitar dez indignos do que perder um verdadeiro crente. Quero crer que o teu desejo seja sincero, meu filho... Levanta-te, vem descansar um pouco e conversaremos.

Depois de longa palestra entremeada de muitas perguntas, o velho acabou por dizer com solenidade:

— Nossa doutrina não se fica conhecendo em duas horas, e, uma vez que desejas sinceramente ser cristão, fica por aqui, exercita a tua humildade pela abstinência e pela prece, e só assim poderei iniciar-te nos santos mistérios.

Nero concordou. As últimas palavras do cenobita mais lhe aguçaram o desejo de possuir o talismã. Ficou, portanto, fingindo uma profunda fé e submetendo-se a tão novas quanto, para ele, extravagantes privações. Diariamente conversava longas horas com o eremita, e, involuntariamente, os admiráveis preceitos da nova crença lhe balsamizavam o coração. Era, admirado, que pressentia aquele ancião a pairar acima de todas as contin-gêncis humanas, considerando a caridade e o amor os únicos bens ambicionáveis neste mundo. Pobre, tinha ele sempre o que dar do tesouro da sua alma; às portas da morte, nada temia e até a desejava, como festividade de vitória, na qual devesse investir o manto da glória, a fim de com ele ascender à morada do pai celestial.

Perturbado, abalado, vinha-lhe às vezes o desejo de atirar-se aos pés do cenobita e lhe abrir o coração ulcerado; tinha um como pressentimento de que, uma vez aceitando aquelas doutrinas renovadoras, elas lhe dissipariam todas as trevas; nada obstante, sempre que assim acontecia, a paixão desvairada se interpunha e o seu mau gênio fazia luzir a seus olhos a imagem sedutora de Virgília, a acenar-lhe com o talismã com que haveria de conquistar-lhe o coração.

Cedendo, por fim, aos seus rogos, o eremita lhe concedeu o batismo, ato que lhe provocou uma derradeira tempestade nalma, último prélio entre o bem o mal.

Saídos do santuário, não foi sem mágoa que o eremita, depois de lhe fixar longamente o rosto pálido, ergueu a cruz, abençoou-o e disse:

— Filho, dei-te a noção da vida futura, abri-te os olhos para a luz da verdade. Não tornes a cair nas trevas do vício e de uma paixão impura, não desmereças da fé augusta que aqui vieste espontaneamente buscar, porque, neste caso, grande será o castigo e acabarás de modo fatal.

Previno-te, não obstante saber que todo o destino haja de cumprir-se: procede como entenderes, mas, lembra-te de que Jesus, nosso Senhor, também conheceu o traidor e não o deteve.

No dia seguinte, muito cedo, à hora de partir, Nero veio, agitadíssimo, despedir-se do cenobita. Era o momento azado para obter o talismã, mas não sabia como abordar um assunto de que o velho jamais lhe falara. De repente, num gesto brusco, tomando-lhe as mãos:

— Pai João, estou plenamente convencido da verdade, mas, ainda espero algo que me deve fazer o mais ardoroso dos prosélitos: é o talismã que granjeia o amor dos corações rebeldes. Experimentei no imo dalma a força mágica que empregas para ganhar novos adeptos, não me recuses o teu talismã, faze a minha felicidade, peço-te pelo deus que pregas.

O anacoreta deitou-lhe um olhar límpido e admi-rativo:

— Não compreendo o que queres dizer, nem esse tremor que te sacode. Queres aliciar amor? Mas, o talismã tu o tens contigo mesmo, na aplicação dos preceitos que te ministrei: paciência, bondade, são os dons com que conquistamos prosélitos.

— Bem o sei — atalhou Nero já impaciente —, mas o que te peço é outra coisa: quero o talismã que vos liga a quantos de vós se aproximam, tornando-os invulneráveis a quaisquer outras influências, pois pretendo empregá-lo numa criatura a quem amo e me não corresponde, tanto mais quanto foi, neste só intuito, que me propus aceitar a vossa fé.

— Então, preciso dizer-te que te enganaste, infeliz! — disse o velho com majestade — nós não possuímos outro dom mágico além das palavras legadas por Jesus, senhor e mestre. Ele, o mestre, nos predicou o amor puro e sem limites e tu, insensato, vens procurar forças nefastas da Natureza para uma aplicação criminosa! Pois bem: — aqui podes encontrar a prece, a caridade, a abnegação e nunca um filtro para te fazeres amar.

Será que as palavras sublimes do mestre não te tocaram o coração? A graça não te retemperou a alma conturbada?

Desperta, meu filho! repele do teu espírito as potências do mal e ora, porque a prece é bálsamo que cura as chagas do coração, é fogo divino que se projeta à fonte celeste onde foi gerada a tua alma imperfeita. A prece deve ser o teu escudo contra o espírito do mal, que te obscurece a razão. Ora, filho, e terás a coragem de viver e sofrer.

Lívido, olhos brilhantes, o rapaz ouvira aquelas exortações que destruíam irremediavelmente os seus loucos desígnios. Uma cólera insensata lhe rugia por dentro. Todos os sacrifícios baldados! Em troca de um fogo fátuo, renegara a religião dos seus antepassados, e o talismã que devia subjugar o coração de Virgília, o talismã que já considerava conquistado, esvaecia-se qual sombra!

— Recusas-me, então, o teu segredo? — perguntou com voz rouca.

— Eu te perdôo, filho, e antes quisera chamar-te à razão.

— A mim é que isso compete, velho infame; e olha que te hás-de lembrar desta hora em que to afirmo.

E lá se foi, fremente de raiva, não pensando senão em vingar-se. Dirigiu-se a marchas forçadas para Nápoles.

Enquanto cavalgava, foi maturando o plano mediante o qual haveria de ferir o eremita, aniquilar Cáius e esmagar o coração de Virgília.

Logo que chegou, foi a casa do pretor e lhe fêz o seguinte relatório:

“Viajando a negócios, sentira-se adoentado; um velho o socorrera e conduzira a uma gruta, onde, desde logo, se convenceu haver caído numa armadilha. Aquele velho era um cristão, um grande feiticeiro, que espreitava os viajantes e os enfermos no intuito de os converter à força. Tinha como auxiliar um rapaz chamado Paulo. Certa noite, supondo que ele Nero estivesse adormecido, conversavam e pôde, então, ouvir horrorizado que seu irmão Cáius Lucílius, ali recolhido por ocasião da fuga de Herculânum, fora convertido e, por tal forma fascinado, que lá regressara mais tarde com Semprônius, a fim de o batizar também. A peculiar energia do velho patrício fizera abortar o plano, mas, temendo uma denúncia, eles o teriam matado lá mesmo. Em sua inconcebível cegueira, Cáius tolerara o crime e tudo ocultara à vindita das leis, assoalhando que o pai falecera de morte natural. Tendo ele Nero conseguido evadir-se, por um acaso feliz, julgava dever prevenir as autoridades, tanto mais quanto, dois criminosos foragidos de Nápoles se haviam internado nas montanhas e foram homiziados pelo eremita.” ,

O pretor ouviu, atento, agradeceu ao tribuno o seu zelo pela causa pública e decalrou que, fosse como fosse, mandaria prender o perigoso velho e os seus cúmplices.

— Quanto ao que se refere a teu irmão, não posso prender um homem da sua categoria sem previamente interrogá-lo. É exato que os funerais de Semprônius se realizaram sem pompa; todavia, Cáius Lucílius não praticara abertamente o Cristianismo e até parece viver exclusivamente para a família, raro saindo de casa. Hoje mesmo expedirei ordem para que ele compareça ao pre-tório e tu, tribuno, ficarás aqui na cidade, peço-te, até que se deslinde este negócio. Talvez te encarregue da prisão do criminoso, cujo antro conheces.

Era esse o seu desejo, respondeu: — dirigir em pessoa a captura do assassino de seu pai, e por isso agradecia.

*

*   *

Nada suspeitando do terrível furacão que se armava sobre as suas cabeças, Lucílius e Virgília lá estavam calmamente sentados no terraço, na mesma noite daquele dia.

O encantador semblante da moça recuperara a sua rósea frescura e os olhos azuis refletiam a ventura que lhe ia nalma. Alegres como duas crianças, tinham brincado com o pequenino Semprônius, que já fizera um ano e tentava os primeiros passos num macio tapete ao lado. Uma carta interrompera aquele idílio.

Virgília dera um brinquedinho ao filho e, debruçada ao ombro do marido, acompanhava a leitura em voz alta. Essa carta era de Drusila. A patrícia comunicava ao primo que, a conselho médico, Cláudius, adoentado há algum tempo, tencionava internar-se em afamado estabelecimento de águas termais, perto de Baias. Assim, nesse propósito, iriam habitar uma casa que possuíam não longe daquelas fontes. Tendo que ficar uns quatro dias em Nápoles, por ocasião de sua passagem, pedia-lhes fossem visitá-la, visto achar-se fatigada da viagem. A entrada brusca de Rutuba interrompeu a leitura.

— Que há? — perguntou o patrício fixando surpreso o semblante pálido do servo fiel.

— Um destacamento de soldados acaba de chegar e o centurião Cornélius Burra deseja falar-te inconti-nenti. Ele me acompanhou e aqui está.

Jovem oficial, seguido de alguns soldados, avançou ligeiro para Cáius, que se erguera, pálido, de sobrolho fechado.

Deparando com Virgília, que na ocasião conchegava ao seio o pequenino Semprônius, o oficial saudou-a respeitoso:

— Não se aflija, nobre senhora, nenhum perigo ameaça seu marido.

Desenrolou um pergaminho e, estendendo-o ao patrício, pediu-lhe delicadamente que o acompanhasse, para comparecer ao pretório no dia imediato.

— De que me acusam?

— Penso que deveras explicar diversas circunstâncias inerentes à morte de teu pai e à sua última viagem... O resto, saberás do pretor.

— Muito bem, estou pronto para acompanhar-te e só peço me concedas duas horas para tomar algumas providências indispensáveis.

— Perfeitamente.

— Obrigado. Rutuba, leva o centurião à sala que ele preferir e faze-lhe servir refrescos. A esses guapos rapazes, manda-lhes dar uma boa merenda e vai preparar-me o indispensável para a viagem.

Tanto que ficaram sós, beijou, desanimado, a fronte de Virgília. Pressentia chegado o momento da luta... Mas, quem poderia tê-lo denunciado? Instantaneamente, Nero lhe veio ao pensamento. A mão da esposa, assente no seu braço, arrancou-o daquelas conjeturas.

— Cáius, que fizeste para seres assim convocado ao pretório? E a que vem, em tudo isto, a morte de teu pai?

— Querida, perdoa-me a angústia desta hora — disse-lhe ele abraçando-a com ternura —, até hoje te ocultei um passo grave da minha vida, mas agora devo confessar-te francamente a minha fé... Sou cristão e meu pai também recebeu o batismo. Virgília recuou, trêmula...

— Estás louco? Tu, cristão? Semprônius também? Que fizeste, Cáius? Será possível tenhas renegado a fé dos nossos avós para adotar uma seita condenada, que acarreta ignomínia e morte aos seus adeptos?

— Não sabes o que dizes, não conheces a pureza dessa fé... Quando compreenderes os seus postulados de fé e amor, também hás-de repelir os ídolos e te proster-nares ante o filho de Deus, que baixou ao mundo para ensinar os homens a sofrer e perdoar.

— Não — respondeu ela com veemência —, jamais me prosternarei diante do Nazareno crucificado; não aceito esse teu Deus sem dignidade nem orgulho, que prescreve o amor dos inimigos. Não posso admitir que essa crença supere a dos nossos antepassados e sim que ela só pode produzir hipócritas, de vez que pretende anular sentimentos inatos no homem — a energia e as paixões. Tua fé exige o perdão dos inimigos... Que absurdo! É coisa que se pode, a rigor, exigir dos lábios, nunca do coração que odeia. Não suponhas que ignore, assim tanto, o sectarismo cristão, pois Metela teve ocasião de conhecer muitos adeptos e tivemos ensanchas de examinar e discutir os artigos da nova fé. Pois fica sabendo que Metela está de pleno acordo comigo em afirmar que as novas doutrinas nada têm de melhor que as nossas e que, muito ao contrário, difundindo-se, criarão massas miseráveis e hipócritas, porque a dignidade humana será calcada a pés e se dissolverá num frouxo, morno sentimento de perdão, sem realidade sinceramente viva.

Aturdido, Cáius Lucílius ouvia a jovem esposa que, olhos incendidos, faces ruborizadas, defendia a causa dos velhos deuses. Compreendeu, desde logo, que ela jamais se converteria.

Caráter passional, orgulhoso, tornava-se, por isso mesmo, inacessível ao agridoce sentimento da humildade e do perdão. A educação de Metela, altiva e ciosa da sua aristocracia, estóica por índole e por princípio, teria concorrido, ainda mais, para firmeza de suas convicções.

— Virgília — exclamou sentidamente —, vejo que detestas a minha fé até à injustiça; podes tu averbar de covardes os mártires que sofrem as mais horríveis torturas? Ignoras, acaso, que essa intrepidez lhes tem aliciado a fama de heróis?

— Não, mil vezes não — respondeu Virgília cuja veemência de linguagem começava a fundir-se em soluços —, essa gente imola-se estùpidamente a uma utopia.

Ninguém me convence que, para fazer o bem e evitar o mal, seja preciso morrer torturado e arrastar outros ao sacrifício, deixando em torno de si um montão de viúvas e órfãos. Um Deus que tal coisa exige não é Deus, é um tirano abominável. (Agarrou o filhinho e ajoelhou-se aos pés do marido.) Oh! Cáius, meu querido marido, por quem és, renuncia a esse erro e não me abandones novamente ao insulamento e ao desespero; jura-me que voltarás são e salvo, visto que um mau pres-ságio me oprime o coração, estou a pensar que te não tornarei a ver. Nero está metido em tudo isso e não resta dúvida de que uma grande ameaça paira sobre nossas cabeças.

Alarmado com aquela exaltação da mulher, como que delirante e de fisionomia alterada, ele a ergueu e conduziu a um banco de mármore, assentando-se a seu lado. Como se estivesse ébrio, mergulhou a cabeça entre as mãos e uma tempestade passageira, porém terrível, lhe rebentou no íntimo do ser — a luta entre o amor e o dever. Venceu o primeiro, como não raro acontece. Levantou-se, pálido mas resoluto e, atraindo a si a esposa, deu-lhe um beijo apaixonado.

— Sossega, Virgília, pois eu te juro que voltarei são e salvo. Por ti, farei o sacrifício de renegar o que a honra me adjura a defender com a última gota de meu sangue. Sacrificarei aos deuses, sim, mas só por ti e pelo nosso filhinho.

Como que aliviada de um peso enorme, a moça ergueu a fronte e uma centelha de esperança lhe fulgiu nos olhos. Conversaram mais calmos até que Rutuba os veio interromper, trazendo o manto e o chapéu do amo.

— É tempo de partir, mas, minha Virgília, não te exaltes assim, nenhum perigo me ameaça, nem te deixo como prisioneiro. Confia em mim, repito: voltarei logo, são e salvo.

Abraçou comovido a mulher e o filho. Nesse instante, contudo, indefinível angústia lhe travou o coração, teve um pressentimento de que era definitiva aquela separação, que era pela última vez que contemplava aqueles olhos azuis nele cravados com expressão de angústia indefinível. Num supremo esforço, desprendeu-se-lhe dos braços e partiu sem olhar para trás.

Quando, quinze minutos após, o barco em que seguia assentado ao lado do centurião, cruzou defronte da vi-venda, ele avistou de pé, apoiado ao corrimão do terraço, o vulto esbelto de Virgília esbatido à luz avermelhada do poente.

Trocaram o derradeiro adeus e de novo lhe assaltou a idéia de que não mais tornaria a vê-la...

VIII

Diante do pretor

No dia seguinte de manhã, o pretório estava repleto de gente. A nova de denúncia contra o filho do opulento Semprônius, bem conhecido em Nápoles por suas aventuras e prodigalidades, espalhara-se rapidamente.

No meio da massa compacta e crescente de minuto a minuto, também estava Nero disfarçado com uma capa escura e chapéu de abas largas. Aprazia-lhe, fazia mesmo questão de ouvir a sentença condenatória.

Quando Cáius Lucílius, acompanhado de Rutuba, pálido, porém calmo, surgiu à barra do tribunal, o juiz, que havia pouco ali se instalara, teve um gesto de admiração diante daquele belo homem de olhar translúcido, acusado de um quase parricídio.

Logo, a breve trecho, deu-lhe ciência das suspeitas que sobre ele pesavam, com relação à morte de Semprônius.

O rapaz tudo ouvia surpreso, sim, mas tendo nos lábios um ríctus de enfado.

— A afeição que me ligava a meu pai é bem conhecida — disse — para que desça de minha dignidade no rebater tão insensata acusação. Todos os que me conhecem de menino, todos os nossos amigos e servos aí estão para atestar que o meu amor filial antes me levaria a sacrificar por meu pai a última gota do meu sangue.

O velho que me recolheu e tratou após minha fuga de Herculânum é um bravo militar, que serviu sob o comando de meu avô e a nossa viagem ao seu tugúrio obedeceu a razões de ordem particular, que só a nós interessam.

— A mim — disse o juiz — nada mais grato que poder proclamar tua inocência e, dado possas refutar a, segunda parte do libelo, a primeira cairá por si mesma... Dizem-te cristão e nós bem sabemos que o fanatismo dessa seita tem culminado nas mais estranhas aberrações, a ponto de aniquilar as mais legítimas afeições humanas, como sejam os laços da família. Se, portanto, a acusação que te irrogam é falsa, aproxima-te dessa estátua de Júpiter que aí está e oferece teu sacrifício ao soberano dos deuses. Só isso te exculpará de toda e qualquer suspeição.

Coração opresso, cabeça baixa, Cáius Lucílius acercou-se do altar portátil, colocado frente à estátua. Imprevisto, doloroso combate travou-se-lhe no imo dalma... Abjurar? — era degradar-se aos próprios olhos... Confessar? — era a ruína completa. Diante da retina espiritual passou o semblante angustiado de Virgília, olhos húmidos, súplices... Não lhe jurara que voltaria são e salvo? Tomou da taça como em delírio, fêz as libações do ritual. "*Senhor Jesus, como Pedro eu te nego, mas, não me retires a tua graça, tem compaixão da minha humana fraqueza*."

Maquinalmente, ergueu a vista para a estátua e uma invocação muda saiu-lhe do coração triturado, para o deus que ele renegava. Pareceu-lhe, então, que o semblante impassível do Senhor do Olimpo se transfigurava numa cabeça coroada de espinhos e que um olhar de mansuetude infinita nele se fixava indulgente.

Os aplausos da assistência desfizeram a visão. O pretor logo o proclamou livre e isento de culpa. Apoiados, felicitações calorosas romperam de todos os lados.

Agradecendo, cumprimentando à esquerda e à direita, Cáius deixou o tribunal e dirigiu-se à casa em que Drusila se hospedara, a fim de saudá-la e convidá-la a chegar até aos seus penates.

Entretanto, um sudário de trevas lhe envolvia a alma, que o remorso começava a ferrotear.

Também Nero, poucos instantes depois dele, deixara o tribunal, fulo de raiva. Agora, a única coisa que lhe restava fazer era colocar-se à testa da escolta incumbida da prisão

do eremita, que, ao menos este, lhe pagaria por Cáius. Antes, porém, veio-lhe à mente a execução de um plano diabólico e, ao seu ver, capaz de compensar, talvez, a derrota que acabava de sofrer.

*
*   *

Em avistando o primo, Drusila, pálida e comovida, atirou-se-lhe aos braços.

— Querido Cáius, é mesmo verdade que te imputaram crimes abomináveis? Mas... se aqui estás é que foste absolvido! Demos graças aos Deuses! Quem, no entanto, poderia ter propalado semelhantes infâmias?

— Não importa sabê-lo — respondeu com amargura —, mas, cara Drusila, não te posso conceder senão alguns rápidos minutos; preciso voltar antes que Virgília morra de susto. Queres vir comigo até lá?

— Sinto imenso não poder satisfazer-te, visto que hoje, precisamente, Cláudius volta de Baias, a fim de levar-me consigo. Antes, porém, de partires, descansa um pouquinho ali naquele divã. Dentro de 15 minutos estarei aqui e então irás tranqüilizar a nossa Virgília.

Ao regressar como prometera, Drusila trazia na mão um pergaminho, ao mesmo tempo que o virava e revi-rava entre os dedos:

— Um desconhecido, que disse haver-te procurado em Micenes, trouxe esta mensagem e eu tive grande desejo de a inutilizar, visto que, após os acontecimentos desta manhã, suspeito de tudo e de todos; contudo, faltou-me a coragem e aqui tens a mensagem.

Cáius desenrolou o pergaminho e, depois de o ler sôfregamente, levantou-se conturbado.

— Eis o que vem alterar todos os meus planos. Preciso fazer uma viagem de alguns dias e vou cientificar Virgília. Queres encarregar-te da carta que lhe vou escrever e apor-lhe algumas linhas tuas, confirmativas desta minha resolução? Faze também o favor de me chamar Rutuba, a fim de conseguir dois animais de sela, pois tenho de partir sem demora.

Ansiosa, olhos já mareados, Drusila tomou-lhe da mão:

— Aonde vais, Cáius? Vejo que esta mensagem te perturbou inteiramente; dize-me: de que se trata? Olha, eu saberei compreender-te, saberei calar... Dize, dize aonde vais, para que eu possa rogar por ti.

Tocado pela expressão súplice da sua voz, Cáius fitou o rosto descorado da prima, cujo olhar era assaz significativo, e, pela primeira vez, compreendeu a natureza dos sentimentos que lhe inspirava. Um misto de vergonha, de piedade e arrependimento lhe ensombrou a fisionomia.

— Querida Drusila, não mereço tua amizade nem teus cuidados; na verdade, não passo já de um indigno que traiu a sua fé. Mas, para dar-te uma prova da confiança que me mereces, da afeição que te voto, declaro-te que sou cristão. Sim! recebi o batismo, e, no entanto, ainda há pouco reneguei a Jesus e sacrifiquei aos ídolos, por motivos meramente humanos. Esta mensagem é do piedoso ancião que me converteu. Está moribundo e quer ver-me antes de morrer. Além disso, parece que o denunciaram como acoitador de malfeitores e ele me deixa entrever que se acha ameaçado. Compreendes, portanto, que me cumpre partir imediatamente para cerrar-lhe os olhos ou para salvá-lo, se for possível. Se conseguirem prendê-lo, estará perdido, porque não é como eu, não negará a sua fé.

Estranha expressão de alegria e entusiasmo como que transfigurara o rosto de Drusila.

— Que me dizes, Cáius? Cristão, tu? Professas, então, essa nova doutrina de que tanto me falava minha mãe de leite? Doutrina que promete aos sofredores, aos abnegados da Terra, a sua reunião aos que na Terra lhes foram caros, num paraíso de felicidades eternas, sob a égide de Jesus? Vai! vai a esse bom velho que te iniciou na religião de caridade e misericórdia. Pedirei ao teu Jesus que te proteja e perdoe a tua fraqueza. Mais tarde hás-de ensinar-me os preceitos cristãos, pois eu quero crer e orar como tu.

Profundamente comovido, o rapaz beijou-lhe as mãos.

— Para mim será uma felicidade o poder ensinar-te a nossa doutrina; e até que o possa fazer, querida irmã em crença, toma e guarda esta lembrança, até que eu volte dignificado para poder trazê-la comigo.

Tirou do pescoço uma grande medalha presa a um cordão de ouro, e, abrindo-a, mostrou-lhe o conteúdo — uma cruzinha de madeira. Drusila beijou o símbolo da fé cristã e ergueu os olhos ao alto:

— Vai — disse —, minhas preces serão contigo.

Daí a duas horas, Cáius Lucílius e Rutuba, cavalgando valentes corcéis, deixavam Nápoles, tomando a trote a direção das montanhas. Não suspeitavam que um troço de cavaleiros, comandados por um oficial superior, também deixaria a cidade um quarto de hora mais tarde, marchando-lhes no encalço.

Depois de uma jornada rápida e exaustiva, Cáius e Rutuba se detiveram, finalmente, perto de um bosque, do qual partia a senda que conduzia à gruta.

— Fica-te aqui — disse Cáius apeando-se do cavalo —, logo que me informe do que por lá se passa, voltarei a fim de resolvermos o que melhor convenha. A termos de aqui demorar alguns dias é preciso cuidar da pastagem dos animais.

— Não te incomodes, patrão, pois conheço aqui perto um rincão fechado, onde os cavalos podem ficar o resto do ano. Vou conduzi-los para lá e dentro de duas horas estarei lá em cima.

Com o coração opresso o moço patrício penetrou na primeira caverna e ficou surpreso de a encontrar deserta. Preso? Morto? — pensou angustiado. Depois, dirigindo-se ao santuário, levantou com a mão trêmula o couro que lhe servia de cortina.

Percebeu, então, o velho eremita estendido aos pés do altar. Junto dele, ajoelhado, o jovem pescador Paulo friccionava-lhe as têmporas com a essência de um pequeno frasco.

— Gabriel, filho do meu coração, aproxima-te para que te abrace e abençoe antes de morrer...

Cáius ficou petrificado, tapou o rosto como para não ver...

— Oh! meu pai! Não sou digno de transpor estes umbrais sagrados, pois pesa-me na consciência um ato abominável, tão abominável que não me sinto com forças para to confessar.

E as lágrimas lhe brotaram, quentes e copiosas.

— Vem, não temas, filho! Essas lágrimas são os primeiros sintomas do teu arrependimento e o nosso misericordioso Redentor abre sempre os braços ao pecador repeso. Sei o que fizeste cedendo a uma fraqueza humana...

— Pois tu o sabes e não me repeles?

Atirou-se para o velho, abraçou, beijou-lhe a mão já fria e húmida.

— Sim, sei que renegaste a Jesus diante dos homens, mas sei também que os seus preceitos latejam no teu coração e procuras praticá-los. É que, meu filho, quando nossa alma se destaca do seu casulo perecível, começa a ver além das possibilidades humanas.

Eis porque te digo: aceita a minha bênção, o meu perdão e vai-te imediatamente daqui, porque te ameaça um grande perigo.

— Que dizes, meu pai? Na carta que me escreveste, falavas de um grande perigo, sim, mas para ti, e por isso aqui estou para defender-te, mesmo com sacrifício da vida.

— Nada te escrevi. Tua presença aqui só pode ser fruto de uma traição covarde. De resto, que poderia temer quem, como eu, dentro em breve estará nesse mundo invisível à porta do qual se anulam todos os poderes humanos? Não, absolutamente: eu estou acima de todo e qualquer risco, mas tu... deves partir já. Vai!

— Não, nunca, antes que te feche os olhos e te enterre ao lado de meu pai. Nem podes exigir de mim um ato de covardia e ingratidão.

— Meu Deus! é tarde, eles se aproximam — disse quase imperceptivelmente, tombando desfalecido.

Cáius e Paulo trocaram-se olhares admirativos e prestaram atenção. Por instantes tudo parecia silente, mas logo se ouviram passos pesados e tinido de armas.

A cortina de couro violentamente arrancada deixou entrever um oficial de espada desembainhada e seguido de soldados.

— Por que estranho acaso, nobre Cáius Lucílius, te encontro aqui neste antro de facínoras? — perguntou Nero com ironia. — Muito bem! aos pés do judeu crucificado e depois de haver sacrificado aos deuses... Soldados, prendam todos três.

Cáius levantou-se, olhar em chamas.

— Que ninguém ouse aproximar-se desse velho moribundo. Dentro de poucos minutos, Nero, poderás dar por finda a tua tarefa ignóbil.

— Pois ainda ousas insultar-me, tu, duplo miserável, covarde renegado de Júpiter e de Jesus? Cavemos este charco, o resto do bando aí estará decerto.

Cáius arrancou do punhal:

— O primeiro que tocar o velho, é um homem morto.

No mesmo instante, Nero atirou-se a ele.

— Miserável! Ousas opor-te à lei? — e traiçoeiramente enterrou a espada fundo, nas costas do irmão.

Cáius abriu os braços, rodou nos calcanhares e tombou pesadamente, sem um gemido, aos pés do eremita, a quem inundou de sangue.

Como que galvanizado, o moribundo ergueu-se, lábios frementes, olhos chame jantes. Era a alma do velho guerreiro que despertava naquele instante supremo, e, diante da majestade daquela figura veneranda, os soldados estacaram recalcitrantes.

— Maldito sejas, tribuno! Maldito tu, que conspur-cas a tua magistratura fazendo ofício de mercenário! Perjuro e fratricida, eu te maldigo. Errante, sem repouso nem tréguas, hás-de vir aqui morrer miseravelmente neste mesmo lugar onde...

A voz que reboava sonora nas anfractuosidades da caverna, calou subitamente e ele recaiu ao solo, inerme...

Sem poder dominar a impressão que lhe causavam aquelas palavras, Nero encostou-se à parede, contemplando com os olhos ferozes a soldadesca que escavava o solo em fúria vandálica, a destroçar tudo que lhe caía nas mãos. Num abrir e fechar de olhos a cruz foi arrancada, o altar destruído, as lâmpadas quebradas, esvaziadas as ânforas de vinho que o monge reservava para os seus doentes. De nada valeu, porém, todo aquele trabalho de pesquisa, os dois malfeitores evadidos de Nápoles lá não estavam. Propunham-se já à retirada, quando um soldado notou que o moço pescador procurava ganhar a porta de saída e, furioso, lhe descarregou na cabeça uma pancada que o fêz tombar mortalmente contuso.

Quando, uma hora mais tarde, Rutuba (que cruzara com a escolta) penetrou na gruta, um grito de horror partiu-lhe do peito. Precipitou-se para o amo, auscul-tou-lhe o coração.

— Deuses imortais, sede benditos, está vivo ainda!

E logo tratou de lhe banhar a ferida. Depois, tratou de socorrer o jovem pescador, que se contorcia em penosa agonia.

*

*   *

Três dias dobaram sobre estes lamentáveis episódios.

Vamos encontrar Virgília na ignorância da desgraça que lhe sucedera. A carta de Cáius tinha-a tranqüilizado urn tanto e a chegada de Metela, que lhe trouxera pormenores do julgamento, mais contribuíra para acalmá-la.

Cedendo a reiterados convites, Metela concordara em fazer-lhe companhia até o regresso de Cáius.

Vemo-las agora reunidas no grande terraço sobran-ceiro ao mar.

Um vasto toldo vermelho, armado em vergalhões dourados, protegia dos raios solares dois divas e uma pequena mesa provida de frutas e doces.

Cingindo branca túnica de tecido oriental, Virgília reclinava-se em almofadas. A fisionomia denotava inquietação, tanto que esfrolava nervosamente as borlas da faixa azul que lhe cingia o busto.

Metela, em trajes simples como lhe aprazia usá-los, estava sentada em frente. Tinha terminado uma canção e os dedos atilados brincavam ainda nas cordas de uma lira de ébano com incrustações de ouro e nácar, em harpejos perolados e seguros, que indicavam uma artista consumada.

De repente, pousou a lira aos pés e, inclinando-se para frente, disse:

— Olha, há dois dias que me estás desgostando... Sentes alguma coisa? Estás doente? Se são saudades de Cáius, não vejo razão, pois, como já te disse, Agripa ouviu da boca do pretor que não restava sobre teu marido a mais leve suspeição; se, ao invés, o que te atormenta é a insensata conversão de Cáius, penso que também não há motivo, pois os homens da sua tempera não se apaixonam muito tempo por uma crença, de resto sedutora apenas para escravos, que, naturalmente, aspiram a encontrar noutro mundo as regalias que neste não alcançaram. E demais, já te disse que espero chamar teu marido ao bom caminho. Que, pois, mais te falta para me andares assim indisposta, febril, inquieta?

— A bem dizer, doente não estou, se bem que sinta a cabeça pesada de chumbo. Entretanto, uma angústia indescritível me oprime o coração como se algo de té-trico pairasse sobre mim. Não tenho sossego em parte alguma, o mínimo ruído me assusta. Sei que este temor não se justifica e, no entanto, o meu desejo é fugir, é conjurar um perigo indefinível, sim, mas, sem embargo, imanente para mim.

— Louquinha, são essas emoções que te enfermam e a imaginação exacerbada é que te sugere esses qui-méricos terrores.

Levantou-lhe a cabeça, beijou-a, prosseguiu:

— Chi! mas olha que estás febril... Vou desnastrar teus cabelos, isso te aliviará.

Logo a massa loura e ondulante se espalhou qual manto luminoso.

— Obrigada, Metela, tu adivinhas sempre o que me faz bem, mas agora devo confessar-te que não são apenas esses pressentimentos que me apoquentam, pois também me sucedeu ontem, à noite, algo que me pressagia qualquer desventura.

Ao notar o espanto da amiga, continuou com maior vivacidade.

— Antes de contar-te a visão inexplicável, devo lembrar-te alguns casos remotos. Recordas-te do pequeno Gundicar, aquele que roubou o camafeu de Tibério, e que na opinião de Márcus Fábius, muito se parecia com o perverso imperador? Pois bem: se não parecesse ridículo, eu diria que o pequeno bruto nutria por mim uma paixão surda quão violenta. A verdade é que procurava sempre estar a meu lado, a íitar-me com embevecimento ostensivo. Por minha vez, abominava-o; e quando, e sempre, que lhe pressentia o olhar persistente, ficava nervosa. Não sei se te contei alguma vez que, no dia da grande catástrofe, Gundicar queria seguir-nos a Pompeia e, depois de nos assediar toda a manhã, foi lançar-se-me aos pés quando já tomava o carro, suplicando desespera-damente lhe permitisse acompanhar-nos. Por mim, confesso que acabaria cedendo; mas, Fábius que sabia quanto me antipatizava com o rapaz, ordenou-lhe ficasse e lhe decretou, com isso, a sentença de morte, porque ele pereceu no cataclismo. Ora pois: a idéia desse rapaz me vem perseguindo de alguns dias como um pesadelo, e de ontem para hoje aumentou de intensidade: não podia pensar noutra coisa a não ser nos últimos dias de Herculânum, com Fábius e Gundicar. Vinham-me, então, à mente, os menores episódios dessa fase e sempre sob um prisma amarguroso.

"Ontem tu te recolheste um pouco mais cedo para escrever a teu marido e logo me veio um desejo incoer-cível de rever os objetos que usava antes do desastre que veio, pela primeira vez, destruir minha felicidade e transformar o meu destino.

"Ordenei a Ivone que me trouxesse o cofre das jóias, salvo pela Rufila, e, depois de assentar-me lá na escadaria, não sei porque me assaltou o temor da solidão.

"Acabrunhada, estendi em cima da mesa as jóias que Fábius me dera e lá estava, entre elas, o camafeu de Tibérius. Detive-me longamente a contemplá-lo e logo me assaltou a idéia de ser aquela relíquia um amuleto fatídico, apesar do seu alto valor venal, e, pelo que, con-vinha passá-lo a outrem. Em tais conjeturas, apoiei-me ao gradil e pus-me a contemplar a noite luarenta, calma, soberba, e foi quando um ruído abafado, bem debaixo dos meus pés, me despertou atenção. Coisa singular! o mar polido e calmo, como que refervia no subsolo do terraço! Imagina, porém, o meu espanto quando vi surgir das vagas espumantes uma silhueta humana, a princípio vaporosa, indecisa, e logo após um homem alto envolto em purpurada túnica e tendo à cabeça uma coroa de louros. O rosto pareceu-me o de Gundicar! Petrificada, gelada, não podia despregar os olhos daquela visão que, de braços cruzados, elevava-se rapidamente para o terraço! Parou a dois passos e vi, então, que não era Gundicar mas um homem na força da juventude e com o mesmo Gundicar admiràvelmente parecido. O rosto fresco, de linhas regulares, contrastava singularmente com os cabelos brancos que o molduravam. Quase a roçar-me com a sua toga, dirigiu-se para a mesa, apanhou qualquer coisa e veio de novo para meu lado. Seu olhar fixo, terrificante, mergulhou no meu, um sorriso sarcástico contraía-lhe os lábios... — "Até breve, ingrata", murmurou, "lá..." — acrescentou, apontando para o abismo! Vi-lhe na mão estendida cintilar a corrente, na qual se balançava o camafeu... Atravessando a balaus-trada, o fantasma parecia resvalar em linha oblíqua para o abismo, e, ao tocar o nível do mar, fundiu-se, desapareceu numa nuvem pardacenta.

"Só então despertei do meu torpor e lancei-me para Ivone. Ela dormia tão profundamente que tive de sacudi-la muitas vezes, antes que acordasse.

"Depois, mais animosa, aproximei-me da mesa e verifiquei, com pesar intraduzível, que o camafeu tinha realmente desaparecido! Aí temos, creio, uma prova de que não foi um mero pesadelo e que na verdade um filho dos infernos me veio anunciar que Caronte não tardará para conduzir-me aos domínios de Plutão."

Enquanto Virgília falava, Metela empalidecera gra-dativamente, os lábios lhe tremiam nervosos:

— De modo algum duvido da realidade da tua visão, visto que fatos deste teor estão de sobejo averiguados; dir-te-ei mesmo, sob sigilo, que meu marido já viu, certa feita, o fantasma de seu pai, que lhe ordenou o resgate de uma dívida absolutamente ignorada. Julgo mesmo que a tua visão se pode explicar naturalmente, de vez que, daqui se avista aquele solar de Lucílius, onde expirou o tirano e deve errar o seu espírito culposo. Entretanto, tudo isto é secundário para o momento. O essencial é afastar-te destes sítios funestos e mal-assombrados. Assim, pois, até que Cáius regresse, vais comigo e vou já providenciar, a fim de partirmos dentro de duas horas. Iremos jantar com Agripa, fazendo-lhe uma agradável surpresa.

— Oh! sim, vamos quanto antes. O só pensamento de não mais dormir nesta casa, já me conforta. Boa idéia, Metela! Pena é não a tivesses tido há mais tempo. Depois, antes de aqui retornar, mandarei expurgar a casa com preces e sacrifícios aos deuses... Não queres que te vá ajudar?

— Descansa, minha santinha, não preciso de auxilio para dar ordens, e a tempo mandarei Ivone prevenir, para que te vistas.

Levantou-se, abraçou a amiga, satisfeita da resolução tomada, e encaminhou-se para o interior da casa.

Uma vez só, Virgília estendeu-se indolentemente no divã. Também recuperara a calma, parecia-lhe que aquele perigo iminente ali ficaria naquela casa. Cáius não poderia tardar muito; e depois, junto dele, nada tinha a temer. Pedir-lhe-ia que lhe fizesse companhia algumas semanas, em casa de Agripa, até que de todo se desfizessem aqueles terrores obsidentes. Decididamente, o al-vitre de Metela era um santo remédio... Porque não lhe dissera logo tudo, imediatamente? Se o fizera, já lá estaria longe, sossegada, fora dali...

Uns passos rápidos e fortes, no lajedo do terraço, arrancaram-na daquele devaneio:

— Senhora! — disse um jovem escravo — o tribuno Cnéius Semprônius Nero deseja falar-te sem demora... Como vês, nem esperou, acompanhou-me, aqui está...

Ela ergueu-se, já lívida.

— Bem, Máulius, corre e dize a Metela que aqui esteja sem demora.

Enquanto o escravo corria a bom correr para o interior da vivenda, Nero atravessou o terraço e parou diante da moça, fazendo-lhe uma rápida saudação.

Examinava-o com desdém e notara de pronto que uma grande transformação se operara na sua personalidade: a fleugma sombria cedera a uma vivacidade febril, com tiques nervosos nos lábios e um olhar brilhante, que tinha laivos de loucura, de ferocidade e de amor, ao mesmo tempo. Sintomas que a fizeram estremecer.

— Sei que sou uma visita importuna, sempre inde-sejada nesta casa; visita que se recebe de pé, a fim de que se vá quanto antes... Sou ainda, ai de mim, um mensageiro do infortúnio e, no entanto, desta vez, apresento-me como amigo.

O tom da voz era lastimoso.

— É possível... mas, de que infortúnio queres falar — retrucou Virgília, aparentando calma.

— Serei breve: o monge que socorreu Cáius quando fugia de Herculânum, foi denunciado como cristão e, graças a uma circunstância toda fortuita, coube-me o encargo de o prender; não sei como teu marido pôde saber o que ocorria, mas o grande caso é que, após ha-ver-se justificado, ele seguiu imediatamente para as montanhas, onde o fui encontrar ao penetrarmos na cripta. Com aquela sua temeridade peculiar, ele tentou a resistência e, na luta, um soldado acabou por feri-lo gravemente. Enquanto procurava socorrê-lo, entrámos em explicações e destas proveio a nossa reconciliação. Daí, haver-me incumbido de fazer pazes contigo, de ser o teu amparo, velando pelo

futuro do pequeno Semprônius. Assim, expirou-me nos braços, confessando-se cristão e dizendo-me que também te havias convertido.

Como que fulminada, Virgília deixara-se abater no divã, exclamando:

— Cáius morto! Cáius assassinado!

Mas, logo às últimas palavras de Nero, ergueu-se como que galvanizada e protestou:

— Cristã eu? Nunca, jamais o fui nem serei; essa última calúnia imputada a Cáius é o que te define no meu conceito. Assassino, miserável, foste tu que denun-ciaste teu irmão, que lhe armaste a cilada na qual havias de o abater mais à vontade que da primeira vez... E ainda ousas, cínico, aqui vir para substituir tua vítima junto da viúva e do filho? Infame! celerado! bandido! E não ter eu aqui um punhal para ferir-te com a segurança do meu ódio... — deu um passo para o tribuno, cerrou os punhos na sua cara.

Nunca, jamais, Virgília se mostrara tão fascinante-mente bela como naquele momento de exaltação e desespero: olhos rebrilhantes, lábios despregados, cabelos fulvos à guisa de leonina juba, dava idéia de uma hiena mal ferida. Dir-se-ia a personificação exata da vingança! O olhar do tribuno, posto nela, tinha por sua vez um misto de amor e ódio.

— Pois bem, seja com quiseres — acabou glosando com aspereza —, fui eu que o denunciei, fui eu que o matei e isso deveria convencer-te de que a minha paixão chegou ao extremo de não respeitar barreiras, ainda que opostas por um irmão. Não me repilas, peço-te; se me não podes amar, dá-me ao menos uma esperança, consente fique a teu lado, suporta-me, certa de que saberei conquistar teu coração e fazer-te esquecer o estigma da nossa união.

Agarrou-a num ímpeto brutal, comprimiu-a ao peito, cobriu-lhe o rosto e os lábios de beijos tumultuosos, lúbricos, apaixonados.

Ela, com uma força que se lhe não poderia atribuir, arrancou-se-lhe dos braços e, como ele lhe interceptasse o caminho da casa, recuou até o extremo do terraço, encostando-se à balaustrada. Seu rosto tinha, naquele momento, uma expressão de nojo indefinível.

— Certo, a monstruosidade dos teus crimes te enlouqueceu; ou, então, estás bêbedo para assim me insul-tares! Fica, porém, sabendo que tenho amigos e hei-de achar quem te desmascare e promova a merecida punição. Suportar aqui a tua presença ignóbil, não, nunca, antes prefiro a morte!

Isto proclamava com supremo desdém e logo lhe veio um suspiro de alívio ao avistar Metela seguida de Ivone e Máulius, que vinham correndo.

Não reparou na onda de sangue violáceo que inundou o semblante do inimigo.

— Morre pois, mulher pérfida, nascida para minha desgraça! — sussurrou com voz estranha — morre, antes que encontres quem te vingue, criando-me terceiro inferno ! Não serás minha, serás de ninguém...

E antes que a moça pudesse defender-se, elevou-a nas braços e arremessou no vácuo.

Um tríplice grito de horror respondera ao angustiado e derradeiro grito de Virgília. Metela estacara, como que petrificada à entrada do terraço. Levando as mãos ao rosto, abateu-se depois sobre o lajedo.

Subitamente alertado, o tribuno contemplou estarrecido o abismo que acabava de tragar a vítima da sua paixão; a nuvem de sangue que lhe toldara a mente desfizera-se e dera lugar a um sentimento novo, estranho, pungente, como jamais houvera experimentado.

Silencioso, acabrunhado, tratou de afastar-se e foi de cabeça baixa que passou diante da patrícia desmaiada e dos escravos que lhe abriram passagem, espantados de quanto viam.

Depois, atravessou toda a casa, montou a cavalo e partiu a galope desenfreado.

Dentro em pouco, toda a casa estava em reboliço. Alguns homens atiraram-se ao mar no intuito baldado de salvar Virgília; outros tentavam, também inutilmente, despertar Metela.

Tontos, sem saber o que fazer, os servos davam idéia de haver também perdido a cabeça, até que o velho abegão resolveu enviar um mensageiro a Agripa.

Quando o nobre patrício, desolado, a duvidar de quanto via, chegou, encontrou a mulher em estado gravíssimo. Não o reconhecera, presa que era de acessos delirantes, seguidos de prostração extrema.

Revoltado, desesperado, resolveu deixar quanto antes aquele lugar fatídico. Fêz ainda uma última tentativa para encontrar, ao menos, o corpo de Virgília e depois partiu, levando consigo o pequenino Semprônius e a mulher ensandecida.

*

*   *

No dia imediato, já noite fechada, uma liteira tirada por dois muares caminhava lentamente pela estrada que levava ao seu solar. Um homem alto, de aspecto sombrio e desconfiado, puxava a mula da frente.

Chegando ao portão da muralha externa, parou e, debruçando-se para dentro da equipagem, procurou ouvir, ansioso, a respiração sibilante de um enfermo que gemia acamado entre almofadas.

Aquele condutor era o fiel Rutuba. Tanto que se inteirou de que o amo ainda respirava, lá na cripta, tratou de lhe pensar o ferimento, ao mesmo tempo que cuidava de socorrer o jovem pescador. Este, não obstante a gravidade do seu estado, lhe apontara o local da sepultura de Semprônius e nomeara alguns homens de confiança, nas redondezas. Sem perder tempo, procurou aquela gente e conseguiu a liteira e os respectivos portadores. Depois de enterrar o monge, deixaram a cripta, levando os dois feridos em direção a Nápoles. Era sua intenção escalar pela casa de Agripa, não só para suavizar a viagem, como para dar tempo de preparar Virgília para receber aquele novo golpe.

Depois de se haver certificado de que o amo adormecera, Rutuba fêz soar o tímpano de bronze do portão. Um escravo de cabeça grisalha abriu o postigo e perguntou quem era que assim chegava fora de horas.

— Abre depressa, Sêxtus; sou eu, Rutuba. É preciso não alarmar Virgília. Aqui temos nosso amo mortalmente ferido...

Abriu-se o portão, a liteira atravessou o longo parque arborizado.

— Ah! Rutuba — disse Séxtus —, agora me lembro que ainda não sabes o que se passou.

E expôs, sucintamente, os acontecimentos.

No primeiro instante, Rutuba oscilou, encostou-se ao muro, mas logo a fraqueza se lhe transformou em explosão de raiva.

— E não prenderam o miserável?

Rilhava os dentes, punhos fechados.

— Não me consta. Ainda hoje aqui tivemos médicos todo o dia. Dois ainda aí estão, pois Fabrícius Agripa não pôde arredar pé do leito da mulher, que continua vendo o crime e querendo atirar-se ao criminoso... Contudo, também ouvi dizer que amanhã cedo Agripa vai ao Pretório. Mas... espera um instante, eu vou chamar o patrício.

Ao deparar-se-lhe o amigo em tão precárias condições, Agripa pôs as mãos na cabeça e disse:

— Eis aí dois dias que valem pela erupção do Vesúvio; entre Cáius e minha mulher, não sei onde e como possa ter a cabeça... Ah! — batendo na testa — tenho uma idéia que pode resolver a situação. Sêxtus, chama alguns homens para transportar o ferido.

Logo que Cáius ficou convenientemente instalado e o médico lhe fêz os curativos, Agripa escreveu minuciosamente a Drusila e ao marido, pedindo-lhes fossem ajudá-lo a cuidar dos enfermos.

IX

Drusila e Cáius

No triclínio de estio da pequena mas graciosa viven-da de Drusila, em Baias, qs jovens esposos estavam reunidos para o almoço.

Cláudius já havia tomado o seu banho e todo se deleitava com uma torta de figos, enquanto a mulher, sempre sonhadora, tasquinhava um bolo de sésamo com mel. A presença de um escravo, entregando a Drusila um pergaminho, quebrou o silêncio ambiente.

— Senhora, um correio esbaforido e fatigado acaba de entregar esta mensagem da parte do nobre Fabrícius Agripa e diz tratar-se de assunto grave e urgente.

A moça apressou-se a desenrolar o pergaminho e, mal nele correu os olhos, levantou-se dando um grito abafado.

Lívida, tentou dizer alguma coisa, mas a voz lhe faltou e ela acabou por cair em colapso.

— Pelo tridente de Plutão! quem anuncia uma tal desgraça? — exclamou Cláudius impressionado com a comoção da mulher.

Tratou de apanhar a carta e com um gesto imperioso afastou os escravos. Mas, tanto que leu as primeiras linhas, logo tornou a assentar-se, tremendo, e mergulhando a face nas mãos, exclamou:

— Morta? Virgília morta! e de morte tão horrível? Pobre borboleta dourada! que fim triste te aguardava!

Esqueceu a mulher, absorveu-se todo em suas cogitações. Um sentimento de mágoa e piedade acabava de empolgar o coração daquele homem insensível e egoísta.

Surgia-lhe à lembrança, naquela hora, a diáfana silhueta da encantadora criatura que já não era deste mundo. Márcus, o médico de Tibério, mal suspeitaria naquele instante a revivescência da sua antiga paixão.

Quantas vezes a sedutora Virgília lhe fizera palpitar o coração e deplorar a impropriedade daquela inclinação! Nem foi sem resquícios de recalcada inveja, que pôde apreciar a ventura de Márcus Fábius e de Cáius... E agora, aquele olhar azul, aquela boquinha risonha, estavam extintos para sempre... Um frio glacial lhe percorreu a espinha: mocidade, vida, beleza, não passavam de espuma fugaz à flor das vagas!

— Cláudius, dá-me licença que vá cuidar do pobre ferido e do malogrado òrfãozinho. Metela está doente, nada pode fazer. Eu bem sei que chegaste a ter ciúmes de Cáius, mas, não acredito que os mantenhas diante de tamanha desgraça. No coração de Cáius não pode haver outro lugar senão para a pobre morta, cujo fim trágico, aliás, ele ainda ignora. De resto, tens o meu juramento de fidelidade.

Ele deitou-lhe um olhar indiferente e ela corou ligeiramente. A verdade é que, de muito tempo, nenhuma afeição real o prendia a Drusila, cujo discreto e melancólico silêncio o enfarava. Contudo, não deixava de estimar nela a bondade, a paciência com que o tolerava, sem jamais lhe exprobrar os desperdícios e aventuras escandalosas que toda a Roma estava farta de saber e comentar.

Sem algo responder, pegou da carta, releu-a atentamente: Agripa descrevia a enfermidade de Metela, o estado melindroso de Cáius Lucílios, cujo restabelecimento parecia duvidoso, e suplicava-lhe que enviasse Drusila para ajudá-lo naquela premente conjuntura. A perspectiva de uma pingue tutela desenhou-se-lhe na mente: se Cáius morresse, a quem poderia escolher para criar e educar o filho, senão ao parente e amigo que lhe dera a própria mulher por enfermeira?

Superintender os imensos domínios de Semprônius era assegurar-se um futuro radioso, referto de gozos inexauríveis.

Deslumbrado com essas conjeturas que lhe assomaram com a rapidez do relâmpago, acabou por apertar efusivamente a mão da esposa, dizendo-lhe com fingida austeridade:

— Drusila, nosso lugar é junto do pobre ferido e do seu filhinho tão cedo infortunado. Quando, mais e melhor que agora lhe poderíamos testemunhar nossa amizade? Certo, amo-te bastante para, a pretexto de um baixo sentimento de ciúme por um moribundo, não honrar a tua dignidade e a tua virtude. Vou já ordenar que atrelem a "carruca" e eu mesmo te conduzirei. Não interrompo meu tratamento, até que obtenha completa cura, mas comprometo-me a visitar-te e ajudar-te amiúde. Vai emalar os utensílios e roupas de mais urgência e deixa ficar o resto, que depois te enviarei.

Agradecendo-lhe num olhar significativo, Drusila afastou-se apressadamente, a fim de aprestar-se; mas, quando finalmente se viu na "carruca"[3] tirada por três cavalos tessalianos a caminho de Micenes, deixou-se cair nas almofadas e uma prece muda quanto ardente lhe aflorou no coração: "Oh! misericordioso Jesus dos cristãos, dá-me a força de tudo suportar sem revolta, para que possa velar e consolar o ser amado, sem eiva de ciúme, contentando-me com a só felicidade de permanecer junto dele."

Horas mais tarde, enquanto Cláudius e Agripa se entretinham a comentar os acontecimentos, Rutuba a encaminhava ao aposento do ferido. Entrou. Mal disfarçava a emoção que lhe arfava o seio. Cáius jazia adormecido num sono profundo, antes parecendo desmaiado. Os cabelos crespos e negros, em desordem, emolduravam-lhe o rosto contraído e de palidez cadavérica. Não fora um respiro rouco e sibilante, dir-se-ia morto.

Trêmula, mas de olhos enxutos, ela ajoelhou-se, tomou-lhe das mãos ardentes, beijou-as e de novo obsecrou ao Deus dos cristãos. A seguir, quis ver o pequenino Semprônius, e quando o menino, que era o retrato de Cáius, lhe estendeu as mãozinhas, a sorrir-lhe do fundo dos olhinhos negros, apertou-o convulsivamente ao peito e deixou que uma torrente de lágrimas lhe viesse aliviar o coração opresso.

Dali em diante, plantou-se à cabeceira do ferido, a velá-lo dia e noite com absoluto devotamento. O Deus ao qual orava tão fervorosamente, parecia abençoar aqueles cuidados, porque o estado do enfermo entrou a melhorar visivelmente, até que, certa manhã, pôde constatar no seu olhar a reintegração da consciência.

— Sempre que adoeço és tu, querida Drusila, quem vejo à minha cabeceira: mas, dize-me, porque não estou lá no meu quarto... E Virgília onde está?

O coração da jovem patrícia estremeceu; era-lhe preciso ocultar, fosse como fosse, a pavorosa realidade, até que o convalescente readquirisse forças para suportá-la sem perigos de uma recaída. Esboçou um sorriso contrafeito e disse, fingindo calma:

— À primeira pergunta é fácil de responder: é que Rutuba aqui preferiu trazer-te antes que levar-te a Micenes, por não ser possível ir além; estás, portanto, em casa de Agripa, que foi quem aqui me chamou para auxiliar a tua cura. Quanto a Virgília... acha-se indisposta.

— Doente? grave talvez; não me querem dizer...

— Não, absolutamente; deixa-me concluir. Foi Metela em pessoa quem se incumbiu de lhe comunicar o que te havia sucedido, mas, apesar de todas as precauções, o abalo foi tão forte que ela quase perdeu a razão. Essa crise passou, felizmente, mas Virgília ainda se mantém muito sensível e o médico receia uma recaída, no caso, por exemplo, que te visse assim desfigurado. E eis porque lhe foi imposto um regime de absoluto repouso e isolamento. Metela faz-lhe companhia lá em Micenes e ambas nos

---

[3] Espécie de viaturas semelhante à dos tempos de Luis XIV.

dão constantes notícias. Agora, basta de explicações por hoje e trata de ver se podes dormir.

*
* *

Também Metela conseguira triunfar da terrível enfermidade e entrara em lenta mas progressiva convalescença. Dominava-a, contudo, uma idéia fixa — a vingança, o castigo exemplar. Seu primeiro brado de consciência foi para reclamar a prisão de Nero. Supunham que a notícia da sua fuga pudesse ocasionar-lhe uma recaída; entretanto, ela não esmoreceu e até parece que revalidou energias para auxiliar a captura do criminoso. A instâncias dela, Agripa foi novamente ao pretor e instituiram-se prêmios valiosos a quem desse notícias do fugitivo. Interditaram a casa do tribuno e todos os seus escravos sofreram severo interrogatório. Trula informou que o amo ao regressar, acabrunhado e silencioso, se fechara no quarto por algum tempo e depois mandara selar um cavalo, partindo sem dizer para onde ia nem quando voltava. Só podia dizer que ele, Trula, lhe afi-velara na garupa um pesado alforje, que lhe parecia conter dinheiro.

Metela assistia em pessoa, com impaciência febril, a todos os trâmites do processo. Para ela, as palavras indulgência e perdão não existiam; seu intuitc era aniquilar o traiçoeiro assassino, saciar-se da sua humilhação e dos seus sofrimentos. Seria capaz até de exultar com o seu suplício. Ninguém supusera, assim vingativa, uma mulher pacífica, amante da filosofia, artista por temperamento.

Enquanto assim se desdobravam os fatos, Cáius melhorava e sua inquietação crescia na razão inversa das melhoras que experimentava.

— Porque Virgília não me escreve? — repetia a todo momento.

A fim de o tranqüilizar, Agripa simulou uma viagem a Micenes e trouxe uma carta de Metela, na qual dizia que a jovem estava quase completamente restabelecida e dentro de quinze dias lhe traria a esposa. Esta, no intuito de o pacientar, enviava-lhe o filho.

Essa carta e a presença do pequeno acalmaram-no um tanto, mas, continuou contando os dias e as horas, já fazendo projetos, já imergindo em profundos cismares.

Na véspera do dia fixado, o jovem patrício, enquanto almoçava, disse:

— Se soubesses, querida Drusila, o sonho que tive esta noite! Parecia-me estar lá em casa, já restabelecido e chegado de surpresa. Procurava Virgília por toda a casa, sem poder encontrá-la! Acabei encaminhando-me para o terraço, a cavaleiro do mar, e encostei-me no para-peito. De repente, vi flutuando, ao nível das águas, um vulto branco e, estupefato, nele reconheci Virgília. Ela parecia aproximar-se, embalando-se sobre as vagas. As águas como que se elevavam pouco a pouco, rugindo surdamente, até o nível do para-peito. Aí, já Virgília estava no terraço e caminhava ao meu encontro. Dos seus cabelos, das suas vestes, escorria água, tinha os lábios brancos e os olhos vítreos, que me fitavam com indizível tristeza... Abraçámo-nos, reconheci que estava gelada... Mas, que tens? Desmaias, Drusila?

— Nada, não é nada; estou apenas debilitada com estas vigílias.

— Tens razão, nem mesmo sei como ainda não adoe-ceste; entretanto, se algo te merece um pedido meu, peço-lhe que vás repousar. Manda-me aqui, por um pouco, a velha Semeie e, logo à noite, retomarás o posto.

Mal contendo a emoção, ela anuiu, mas, ao invés de se deitar, foi para o quarto de Metela, onde também se encontrava Agrina e contou-lhes o que acabava de ouvir.

— Pobre Virgília, sua sombra errática, privada de sepultura, procura os entes que lhe foram caros... Ah! que horrível desgraça nos acarretou aquele cão! — exclamou Agripa fechando os punhos, ao mesmo tempo que uma lágrima de piedade lhe brilhava

nos olhos. — Mas, eu vos direi, continuou, que é tempo de decidir e dizer a Cáius o que não podemos ocultar-lhe toda a vida. Ele vai bem, já se levanta, e qualquer acaso pode tudo revelar-lhe de um momento para outro. Hoje mesmo irei falar-lhe. Vou mandar chamar dois médicos, por prevenção, e a ti te pergunto, Metela, se terás coragem de assistir ao embate, visto que a tua presença, desacompanhada de Virgília, já seria para ele uma advertência.

A patrícia empalideceu, mas logo se reafirmou.

— Certo que irei, mesmo porque, considero um ato de fraqueza evitar o infortunado Cáius nesta conjuntura.

Algumas horas mais e Drusila foi reunir-se ao seu enfermo, que, recostado em almofadas, estava assentado junto da janela, aberta de par em par.

— Meu amigo, Metela acaba de chegar e aí vem... A porta abriu-se quase instantaneamente. Alegre,

sorridente, Cáius levantou-se, estendeu-lhe as mãos, mas logo tornou a sentar-se, exclamando angustiado:

— Vens só? E como estás descorada e magra! Onde está Virgília? Quero saber tudo, vejo que me ocultam alguma coisa... Mas, que há? Não me torturem mais...

— Justamente para dizer-te a verdade é que nós aqui estamos e apenas te pedimos ouvi-la corajosamente,, como quem és.

Isso dizia, mal abafando as lágrimas.

— Pois bem, meu amigo — atalhou Agripa —, ouve o que se passou e lembra-te de que ainda tens um filho que necessita do teu amparo.

Apertou-lhe a mão, relatou em termos claros e concisos o lutuoso acontecimento.

Mal contendo a respiração, Cáius tudo ouvia, petrificado. Pelo seu rosto passavam contrações alternadas de admiração, de raiva, de desespero. Por fim, levantou-se na ponta dos pés, enterrou as mãos na cabeleira em desordem e exclamou:

— Morta! assassinada covardemente, sem que lá me encontrasse para defendê-la!... Ah! caí na cilada como um parvo!...

Calou-se. Uma golfada de sangue lhe saltara da boca e ele tombou exânime nos braços do amigo.

Os dois médicos previamente chamados acorreram, pensaram-lhe o ferimento do peito, que se rompera ao esforço feito.

Ainda uma vez a força vital daquele organismo pareceu triunfar da enfermidade. As melhoras não falharam, mas, bem depressa compreenderam que só poderiam ser factícias. O jovem patrício tinha os seus dias contados.

Logo que pôde falar, manifestou desejos de regressar a Micenes.

— Não me julguem ingrato, mas sei que estou condenado e quero expirar lá naquele terraço onde disse a Virgília o meu último adeus, e tendo à vista o pélago que a tragou.

Deu depois algumas instruções, que Agripa de olhos molhados prometeu executar rigorosamente. Nessa mesma noite, o patrício partia para Micenes, onde, sob a sua enérgica direção, levantaram, como por encanto, um belo pavilhão contíguo ao terraço e ligado à vivenda por um passadiço coberto. Essa ligeira construção de madeira e leve alvenaria, constava de dois quartos e um gabinete mobilado com todo o conforto.

Logo que lhe foi possível, Cáius regressou aos pe-nates e se instalou definitivamente naquele pavilhão.

Agripa e Metela comprometeram-se a visitá-lo semanalmente e, quanto a Drusila, o marido lhe permitiu ficasse junto do primo até finalizar o tratamento. O bom do Cláudius ouvira, aliás, a opinião dos médicos, concordes em que o rapaz não iria longe e haveria de extinguir-se pouco a pouco, qual cera derretendo-se ao Sol. Natural, portanto, que testemunhasse ao moribundo a mais calorosa amizade, ao mesmo tempo

que lhe prometia amar o pequenino Semprônius como se fora seu filho. Isto posto, lá se foi para Roma, onde alegava ter negócios importantes a resolver.

Escusado dizer que comediava como verdadeiro artista, mas, no fundo, afagava risonhas esperanças.

Uma vez só naquele solar que ditoso lhe fora, agora definitiva e tragicamente enlutado por mão criminosa, as forças do pobre Cáius como que se debilitaram ainda mais. Silencioso, sonhador, passava horas e horas deitado no terraço, a contemplar o pélago e deixando-se adormecer ao ritmo das vagas. Profundas cogitações absorviam-lhe a mente; não se iludia com o futuro. Cada dia que se fechava no horizonte era um passo rápido para o mundo só atingível através da tumba... Contudo, qual a situação que lá o esperava? Até onde iria a sua alma quando, mergulhada naquele éter transparente, onde se poderia distinguir átomo por átomo? Lá deviam estar, certo, aqueles seres que os seus olhos corporais já não viam... E fitava, então, o céu, persuadido de que atrás das nuvens se grupavam os entes que tão caros lhe haviam sido na Terra. Quantas vezes cansava a vista procurando varar o azul profundo, esperando surpreender a todo momento, na aberta de uma nuvem, o rosto do pai, a cabeça loura de Virgília, ou a barba do monge caroável.

Mas, quando pensava em Nero, o sangue lhe es-fervia nas veias, os músculos se lhe retraíam, desejaria estrangular o covarde... E no entanto, oh! desespero — ali se via anquilosado, inerme, moribundo... Também quisera entregá-lo à justiça dos homens, mas Metela e o marido disso se encarregavam e, seja dito, com uma tenacidade implacável. A denúncia que deram fora até ao Imperador e por toda a Itália o tribuno estava sendo procurado. Nada obstante, todas as batidas redundavam inúteis, como se a terra houvesse engulido o criminoso.

Passada a crise, Cáius logo recaía em si e se envergonhava, lembrando-se que era cristão, que adorava o Redentor crucificado, aquele mesmo que perdoara aos seus algozes; vinham-lhe à mente as lições do eremita e imaginava qual não seria a angústia de seu pai presenciando o filho dileto esmagado pelo filho desprezado. Nesses momentos, voltava-se para Jesus, pedia-lhe com fervor que o amparasse, que o auxiliasse a repelir aqueles pensamentos ultrizes, para não odiar o irmão, já que não podia perdoar.

Drusila tinha para com o primo toda a solicitude engenhosa das mães. Sempre presente, sem nunca se tornar importuna, parecia adivinhar os pensamentos do enfermo; e Rutuba era a única pessoa que tinha permissão de substituí-la naquelas aturadas vigílias. Seu estado de espírito era deveras estranho, singular, oscilando entre a ventura e o desespero. Estar ali assim, constantemente junto dele, conchegar-lhe os travesseiros, ministrar-lhe os remédios, ler e cantar para distraí-lo, eis a felicidade... Mas, a idéia de que ele se extinguia lentamente à sua vista, e mau grado aos seus cuidados, eis o desespero... A estreitar-lhe no rosto descarnado, nos olhos inquietos, a aproximação do momento fatal, ela experimentava antecipadamente toda a desdita da perda irremediável. E, ainda por cima, havia que dissimular os sentimentos que lhe amargavam no íntimo; apenas demonstrar uma amizade fraterna, para não lhe dar a entender o seu amor... A verdade, entretanto, é que ele já de há muito lhe adivinhara o segredo.

Uma noite, insone como sempre, estava deitado e fingia-se adormecido para não incomodar os devotados enfermeiros. Primeiro, pôs-se a escutar a respiração forte, rítmica de Rutuba, e pouco a pouco cs pensamentos se foram encaminhando para o tema que o absorvia e atormentava — o desejo de ver um dos seres amados que o haviam precedido no túmulo. Sabia que isso não era impossível, pois a própria Metela lhe contara a visão de Virgília na véspera da sua morte, e o monge vira Jesus entre milhares

de seres flutuantes no espaço. Porque, então, não poderia ele obter a graça de ver um ente querido, desde que pedisse a Deus, com fervor? Ergueu-se com dificuldade, juntou as mãos, orou com aquele fervor dalma apaixonada que lhe era peculiar.

O rumor de uma respiração penosa e sibilante interrompeu-lhe a invocação. Voltou-se, fitou Drusila que, sentada numa poltrona junto do leito, parecia adormecida. Ã luz mortiça da lamparina, notou, então, que a jovem tinha mudado de posição: corpo retraído, cabeça inclinada, parecia debater-se sufocada...

Contudo, que centelhas seriam aquelas que lhe formigavam em torno e se concentravam por vezes em placas fosforescentes? Estupefato, surpreso, contemplava o estranho fenômeno quando, de repente, viu formar-se acima de Drusila uma nuvenzinha branca, que logo se transformou em coluna a tocar o assoalho, para logo condensar-se e iluminar os próprios contornos com uma claridade azulina e vacilante. Depois, daquela massa flo-cosa, surgiu gradualmente a silhueta de um homem alto, cingindo uma toga. A mesma luz azulada esbateu-se, então, a cabeça encanecida de Semprônius. Aqueles olhos pardos, brilhantes, fixavam-se nele com expressão de amor e de pesar.

Coração em sobressalto, acreditando ver, Cáius deixou-ae escorregar do leito e pôs-se de joelhos, braços estendidos para a aparição, sem ousar tocá-la.

— Pai! meu pai... atendeste ao meu chamado?

A figura inclinou-se, tomou-lhe da mão. Trêmulo, atônito e ao mesmo tempo alegre, sentiu o calor e a densidade da carne.

— Pai querido, tua mão... esta mão é de um vivo: estarei louco? Estarei sonhando quando te julgo morto?

— Não, filho; eu já não sou um habitante da Terra — respondeu Semprônius com voz nítida, se bem que um tanto abafada e como que longínqua —, mas grande é a bondade do Criador, que te inicia num dos mistérios mediante os quais se ligam os mundos visível e invisível. Não temas o momento da tua libertação do invólucro carnal, nós te esperamos. Ora por ti e por mim. Ainda voltarei a aparecer-te, adeus!

Cáius sentiu na testa o ósculo do espectro. Depois, ele elevou-se, esmaeceu afastando-se, como que se fundiu na parede. Deslumbrado e satisfeito, ergueu as mãos em fervor de graça e foi logo assaltado de súbito colapso, que o fêz tombar desfalecido à borda do leito.

Quando despertou, já o Sol alto e claro lhe inundava o aposento. Rutuba e Drusila, assustados, debruçavam-se a espreitá-lo.

— Oh! deuses poderosos! que susto nos pregaste — disse-lhe a prima com ares de recriminação —, pois não é que estavas de joelhos e de mãos postas, fora da cama? Essas preces te fatigam, evidentemente, mas também não sei como pude adormecer ao ponto de nada ter percebido!

— Não te incomodes, boa Drusila, pois esta noite tive uma grande esmola, que muito me tranqüiliza.

De fato, dali por diante, profunda mudança se operou nele. Suportava pacientemente os sofrimentos físicos e nos seus belos olhos negros transluzia uma serenidade indefinível, quando não uma fé entusiástica.

Nas horas de maior alívio, entretinha-se a brincar com o filhinho ou a conversar com a prima sobre os preceitos sublimes da doutrina redentora.

Certo dia, no terraço, todo se absorveu na contemplação do pequenino Semprônius, que dormia profundamente com a cabecinha loura e um sorriso ingênuo, a lembrarem a querida morta.

Longo suspiro lhe saiu do peito:

— Pobre criança! breve te deixarei duplamente órfão...

Sem o querer, seus olhos procuraram os de Drusila, já mareados de pranto. Não era de agora que notava o seu emagrecimento e a profunda melancolia da pobre moça, mas nunca, como naquele instante, a sua secreta mágoa se lhe evidenciara. Era a imagem mesma da dor e via-se-lhe no rosto o esforço que fazia para conter os singultos e as lágrimas.

Imensa vaga de piedade lhe assomou ao espírito, tomou a mão da prima e beijou-a.

— Drusila, há muito que venho notando o teu aca-brunhamento... Queres confiar-me as tuas mágoas para que te possa consolar? Meus ouvidos serão uma campa e as palavras sinceras de um amigo sempre aliviam as nossas penas; fala, pois, sem receio, porque também quero testemunhar-te o meu afeto e gratidão.

Ela estremeceu, baixou a cabeça.

— Oh! Cáius — disse —, és a última pessoa a quem quisera abrir meu coração e confessar minhas amarguras, mas, por quem és, deixa-me apenas que continue a assistir-te até recolher o teu derradeiro suspiro. Nada mais posso desejar.

Ele inclinou-se e o seu olhar carinhoso, fascinante, teve por instantes o brilho cambiante dos passados tempos.

— Alma fiel e incompreendida — prosseguiu, aper-tando-lhe mais fortemente a mão —, confessa ao homem amado o que negas ao amigo... Faze-o sem pejo, porque um sentimento que engendra abnegações qual as tens, honra tanto a quem o tem como a quem o inspira. Não podes atribuir-me pruridos de mesquinha fa-tuidade, absolutamente... Sou hoje cristão, amanhã serei pó. Mas, o que eu quero é libertar-te desse constrangimento tortuoso que a ti mesma impuseste. Acredita-me, Drusila, nunca te amei e venerei tanto como neste momento.

Ela calou-se, cobriu com as mãos o rosto inundado de lágrimas, debruçando-se à mesa. Depois, ergueu-se e encontrando os olhos serenos do primo a fitá-la com tristeza, estendeu-lhe a mão e disse:

— Adivinhaste, Cáius; se estivesses de saúde, se não te considerasse perdido, infelizmente, eu tudo negaria como tenho feito até aqui. Ao moribundo, porém, posso confessar que o amo. Como pôde este amor, a despeito da tua indiferença e da voz íntima da minha própria consciência avassalar todo o meu ser, é o que não posso explicar. Verdadeira fatalidade, em vão apelei para o meu decoro feminino, em vão me casei, esperando que os novos deveres e os encargos de um lar mudassem o curso dos meus sentimentos. Tudo, tudo em vão! Mais: Cláudius não era homem pelo qual pudesse esquécer-te e nem mesmo pude estimá-lo. Sou franca, como vês, e confesso que te amo louca, profundamente, mas também recuso toda e qualquer palavra de consolo que, a título de compensação, me queiras dar agora. Bem sabes que, por duas vezes, te vi casar, vi-te lamentar a perda de Virgília, sofri um ciúme infernal e, todavia, o teu Deus se tornou meu Deus e eu aqui estou à tua cabeceira para cerrar-te os olhos, se assim aprouver a esse mesmo Deus. Não me fales, portanto, de estima, de amizade, de amor fraternal; não procures consolar-me, pois tu, menos que ninguém, tens autoridade para fazê-lo. Se queres fazer a minha felicidade, uma só coisa te peço: — lega-me teu filho.

Pouco a pouco a sua voz se firmara, o olhar ani-mava-se-lhe:

— Sim, Cáius, deixa-me o teu retrato vivo, para que eu o crie e eduque. Os afetos, os impulsos que recalquei no coração, hão-de reflorir para o pequenino Semprônius, que será a menina dos meus olhos, o tesouro da minha alma. E um dia, quando ele me retribuir em sorrisos, gestos e olhares, que serão teus, o amor filial que lhe haveria de inspirar a própria mãe, nesse dia me julgarei ditosa. Entrega-me o pequeno, mas só ele e não a tutela. Cláudius é um jogador, um perdulário que está cavando a minha ruína, sem

que me sobre energia nem desejo de lho impedir. Ele não pode nem deve tocar no patrimônio do pequeno e, para que assim seja, só Agripa deve ser o tutor.

O patrício sentia-se grandemente comovido.

— Pois seja como desejas, boa Drusila. De resto, nossa entrevista nos levou a abordar um assunto que me vinha preocupando já de alguns dias. É indispensável pôr em ordem os meus negócios, tomar umas tantas disposições, pelo que te peço, desde já, escrevas a Agripa que venha passar alguns dias conosco e traga um escrivão e um magistrado, a fim de legalizar minhas últimas vontades.

Três dias depois, os fiéis amigos do patrício encontravam-se reunidos no salão. Calma e explicitamente, o enfermo ditava as suas disposições testamentárias. Depois de consideráveis legados aos filhos de Agripa e a Rutuba, era uma vasta lista de escravos a libertar, esmolas a distribuir, lembranças para os amigos. Ninguém, nem coisa alguma, foi esquecido; quem não tinha uma jóia, tinha um objeto de arte. Finalmente, Fabrí-cius Agripa era nomeado tutor, mas a educação do pequenino Semprônius ficava entregue à Drusila.

Em ouvindo esta cláusula, Metela corou e interveio:

— Espera aí, Cáius, permite-me uma observação: >— acho injusta e mesmo estranha essa tua resolução, pois é à família do tutor que compete a educação do tutelado. E, uma vez que o filho da minha pobre Virgília (criada, posso dizê-lo, quase em meus braços) seja confiado a outra pessoa, estou no direito de me opor formalmente à tutela de meu marido.

— Oh! Metela!... — exclamou Drusila já lacrimosa — então tu, esposa feliz e mãe venturosa, vais disputar-me o direito de criar esta criança que eu adoro como penhor de consolação para uma existência de sacrifícios?

— Estás moça, os deuses ainda podem dar-te filhos — disse Metela com brandura —, e, em consciência, não creio possas dar ao menino a educação que mais lhe pode convir, pois as crianças devem ser amadas mas nunca mimalhadas e enervadas num culto de perpétua adoração, e tu me pareces disposta a proceder doutra forma, precisamente porque amas cegamente. Uma segunda razão que me leva a contrariar-te é o gênio do teu marido: Cláudius (disse-o com voz de soberano desprezo) é tudo quando se pode imaginar de negativo para modelo de paternidade.

Cáius Lucílius ouvia comovido a controvérsia das duas senhoras, cujas provas de amizade lhe eram igualmente gratas e preciosas:

— Amigos de minha alma — interrompeu em tom magoado —, não ensombrem assim os últimos dias da minha precária e dolorosa existência; aceitai amigavelmente uma solução- que as palavras de Metela acabam de me sugerir. As provas de amizade, a mim e à pobre Virgília, quer de uma, quer de outra parte, são irre-fragáveis, não se discutem. Pois bem: apelo, em nome dessa amizade, para que você Agripa, e você Metela, se encarreguem da tutela de meu filho, visto que a vultosa fortuna que lhe deixo precisa ser administrada com pulso firme quanto hábil. Relativamente à permanência de Semprônius na companhia da minha cara Drusila, apenas quero aditar-lhe uma condição. Vocês compreendem que estou pagando com a própria vida o erro das predileções familiares e, neste caso, não quero que os filhos de Drusila, com pleno direito aos seus carinhos, possam a qualquer tempo inculpar o meu Semprônius de lhes roubar o maternal afeto. Determino, portanto, que, caso Drusila venha a ter um filho, Semprônius seja entregue a Metela, no pressuposto de que os pequenos Agripa e Valérius, já crescidos, não terão de que se queixarem.

Os dois citados meninos que lá estavam a brincar com o pequeno Semprônius, carregaram-no para o diva de Cáius e, interpelados, disseram à uma:

— Não, decerto; não só não lhe teremos inveja, como até te juramos. E não penses, Cáius — acrescentou o pequeno Agripa —, que eu não compreenda o valor de um juramento. Assim, eu juro que hei-de ver no Semproninho um irmão digno da minha proteção e do meu conselho. Podes ficar tranqüilo e certo de que também Valérius não pensa de outro modo.

— Sim, amiguinhos, estou tranqüilo e satisfeito, aceito a vossa promessa como se viesse de homens feitos.

Isto dizia, afagando a cabeleira negra do menino, legítimo herdeiro dos belos e nobres predicados de sua mãe, e cujo rostinho irradiava, então, generosidade e alegria.

— Suspendam agora o vosso irmãozinho para que eu o abrace, e depois vão brincar lá no jardim. Lembrem-se de que não o confio a vocês somente por hoje, mas, para sempre..

Quando as crianças se afastaram, Cáius voltou-se para as duas patrícias:

— Muito bem; aceitam as minhas condições? Metela, eu não creio te vás mostrar menos generosa do que teus filhos...

— Aceito — respondeu, já dominada pelo orgulho maternal e também pelo súplice olhar de Drusila.

— Obrigado. Volvamo-nos por conseguinte aos negócios. A vida de uma criança é sempre fragílima, por maiores cuidados que lhe dispensemos. Preciso, portanto, prever a hipótese da morte de meu filho, e neste caso lego-te a ti, minha boa Drusila, todo o meu patrimônio, inclusive esta casa cheia de recordações. Igualmente lego-te a fortuna que me proveio por herança materna, exceto os terrenos próximos de Palermo e as duas vilas que possuo em Pozuóli e Palermo, bens estes que destinarei aos seus irmãos adotivos, Agripa e Valérius.

Os pais destes quiseram protestar, mas Cáius tratou de confirmar e registrar o resolvido, sem demora.

Terminada a tarefa, selados e assinados os documentos, quando viu partir os funcionários estranhos, o doente desabafou num grande suspiro de alívio:

— Agora, concluídas todas estas coisas, displicentes e rebarbativas, resta-me agradecer o vosso concurso e convidar-vos para o triclínio, pois quero, hoje, presidir à refeição.

O pequeno grupo assentou-se à mesa ricamente servida. Todos procuravam conversar e distrair o anfitrião, que, por sua vez, também procurava ser jovial e distrair os comensais. Em vão, contudo, sucediam-se as iguarias mais finas e apetitosas, que mal eram tocadas. As taças permaneciam cheias. O ambiente estava como que saturado de pungentes recordações. E, contudo, não longe ia o tempo em que ali naquele mesmo salão e naquela mesma mesa assentados o ainda robusto e alegre Semprônius, a nobre Fábia e a irrequieta Virgília, desnubla-vam as frontes mais sombrias. Agora, aqueles lugares estavam vazios e não tardaria que o de Cáius Lucílius também o ficasse. Seus amigos contemplavam-no pálido, magro, abatido, como tendo já estampado na fisionomia o selo da morte. Quem poderia reconhecer nele o jovem atleta, exuberante de vida e cuja saúde fazia presumir uma segura longevidade? O duplo golpe desferido no sei-voso carvalho por mão fratricida, havia atingido o cerne, a fronde soberba, já desbotada, esfolhava-se e fletia para o solo.

E, contudo, poderia dizer-se que Cáius jamais fora tão belo como naquele último repasto! O rosto, de uma palidez transparente, conservara as linhas clássicas agora mais espiritualizadas. A boca, outrora risonha e de expressão algo irônica, tornara-se firme e acolhedora.

Mas aquele ágape foi uma imprudência. Cáius presumira muito das suas forças e, apesar do esforço que empregava, logo teve de ser carregado para o leito. Depois de

haver dormido algumas horas, acordou como que reconfortado e as melhoras foram tais que os seus amigos chegaram a presumir, senão a cura, pelo menos um prolongamento de vida.

Mais tranqüilos então, Agripa e sua mulher volveram a Nápoles, onde os aguardavam negócios urgentes, prometendo voltar dentro de quatro dias, a fim de auxiliar Drusila, cansada de tantas vigílias.

Na mesma noite da partida, o enfermo piorou subitamente, uma fraqueza e sonolência extremas se manifestaram, ao mesmo tempo que uma tosse seca lhe fazia aflorar aos lábios uma espuma sanguinosa.

Sobressaltados, pressentindo o desenlace próximo, Drusila e Rutuba não se despregaram da cabeceira do doente.

Na manhã do terceiro dia, já não podendo dominar a inquietação, Drusila expediu um portador, solicitando a Agripa regressasse o mais breve possível.

As horas escoavam-se sem alterações para melhor, mas, à noite, o enfermo pareceu reanimar-se, pediu água e lançou em torno um olhar claro e lúcido.

— Porque me fecham aqui? Falta-me o ar... Rutuba, abre essas janelas, vamos, afasta essas cortinas. Agora, arrastem a cama até lá, quero ver o mar... Se eu adormecer, não fechem as janelas, pois o ar puro me alivia... Muito bem... obrigado...

Instantes após, recaía num sono profundo, mas agitado. Glacial tremor agitava-lhe o corpo. De repente, acordou, ergueu-se nos cotovelos, circunvagou o olhar ansioso. Nunca se sentira tão mal. A luz mortiça da lâmpada de alabastro, pendente do teto, aclarava o rosto desfigurado de Drusila, repousada nas almofadas. Vencidos pelo cansaço, os dois fiéis atalaias tinham adormecido, um à cabeceira, outra aos pés do leito. A viração marinha arejava e refrescava o ambiente, mas a tonalidade pardacenta do céu e o desmaiado brilho das estrelas prenunciavam o dealbar da aurora. Mal podendo respirar, o moço patrício passou a mão pela fronte banhada de frio suor. Que poderia significar aquele peso que lhe invadia o corpo todo, sacudido em glaciais tremuras? — aquela opressão, aqueles precipitados batimentos do coração; enfim, aquela estranha angústia jamais sentida?

Seria a morte? Seria a aproximação do temido transe no qual o espírito quebra os laços do corpo para viver num outro mundo?

A custo, estendeu a mão, tomou de uma caixinha sobre a mesa de cabeceira, tirou uma cruz, beijou-a...

— Jesus, Mestre divino, alivia-me, perdoa os meus pecados, assim como perdôo aos meus inimigos...

E recaiu, exausto, nos travesseiros.

— Meu pai, vovó, Virgília, todos vós que me amas-tes, amparai-me nesta transição dolorosa que me deve conduzir a vós.

Seu olhar embaraçado cravou-se na porta do terraço repentinamente iluminado. Sonhava? Não. Via condensar-se, rápida, uma nuvem brancacenta, qual já uma vez presenciara. Uma luz azulada invadia o ambiente e parecia fundir na sua claridade todos os objetos adjacentes.

Ora se condensando, ora se dilatando, aquela nuvem se aproximava do leito, até que da sua massa se destacaram criaturas logo reconhecidas. Sim! Aí estavam Semprônius e junto dele Virgília, louça e risonha como outrora; atrás deles, o semblante de Fábia envolto num véu prateado como os seus cabelos em vida! Acima de todos, pairava o eremita, de mãos postas, elevando uma cruz luminosa, na qual podia ler esta legenda: — morrer para renascer e progredir sempre, tal é a lei.

Todas aquelas sombras o rodeavam, inclinavam-se para ele, amparavam-no, aliviavam-no, como que o envolvendo num vapor nebuloso a desprender centelhas

luminosas. Quis falar, estender-lhes os braços, mas, dores atrozes lhe contraíram os membros. Tinha a impressão de estar atravessando uma compacta massa crivada de espinhos. Súbito, flamígero clarão se projetou sobre ele e arremessou-o em trevas profundas, com a violência de um furacão que arrebatasse uma pluma. Então, tudo se fundiu, tudo se apagou diante e dentro dele! Perdeu a noção de si mesmo.

Ao sair desse estado indefinível, viu-se flutuante num ambiente de claridade prateada e, tímido, e perturbado, procurou examinar quanto o cercava. Era em baixo, a casa, o célebre terraço e o quarto onde adormecera; o Sol terrestre vinha repontando no horizonte e salpicava de rubis as ondas movediças ao mesmo passo que lhe clareava o quarto, e neste o rosto inerte de um homem adormecido, tendo entre as mãos hirtas, cruzadas sobre o peito, uma cruzinha de madeira. Aquela máscara irradiava a serenidade expressiva de um triunfo indefinível, última expressão do espírito vitorioso abandonando a matéria inerte.

Naquele momento, um raio de sol se esbateu no semblante de Drusila adormecida. Ela estremeceu, despertou e, fitando o cadáver, deu um grito agudo para tombar desfalecida junto do leito. Aquele grito acordou Rutuba, que, por sua vez petrificado, contemplou longamente o rosto do amo querido. A seguir, chorando como se fora uma criança, ajoelhou-se, beijou-lhe a mão gelada.

Extremamente comovido, Cáius tentou orar... Quisera falar, consolar os que lá se ficavam, e sofria por não poder fazê-lo. E foi quando, de repente, viu-se cercado de seres semelhantes, cujas fisionomias revelavam amor e ternura. Entre eles lobrigava todos os parentes e muitos amigos esquecidos durante a vida corporal.

— Meu pai, Virgília, amigos todos que aí estais, saú-do-vos de todo o meu coração e crede que este minuto de gozo me recompensa de todas as amarguras terrenas.

Dizendo-o, mergulhou no espaço, acompanhado dos seres amigos que o arrastavam para bem longe dos penosos espetáculos do mundo...

X

O réprobo

Entardecia. Pelas gargantas fundas das montanhas a sombra da noite descia rápida. Havia, porém, num planalto desnudo, lateralmente bordado de rochas parda-centas, um revérbero de luz avermelhada.

Tumular silêncio reinava por toda a parte, avolumando a melancolia daquelas paragens desertas.

A boca da caverna, outrora ocupada pelo eremita, antes se diria, agora, simples abertura de gigantesca marreta talhada na rocha por mão ciclópicas.

A cortina de lianas silvestres, que noutros tempos lhe disfarçava a entrada, fora arrancada pelos soldados quando lá penetraram, e os seus compridos cordões rastejavam mirrados, desbotados, formando aqui e ali tufos de amarelada folhagem.

No interior, menor não era a desolação. Os destroços do precário mobiliário do grabato lá jaziam no chão da primeira caverna em plena escuridade. Entretanto, no fundo do santuário, podia ver-se uma lâmpada oscilante, que dava ao altar em ruínas uns tons avermelhados. Lá, numa reentrância mais funda e mascarada por acidente natural, o nicho onde o monge guardava as melhores provisões, brilhava, naquele momento, uma candeia cuja chama fumarenta deixava entrever um homem re-clinado sobre uma pele de carneiro e embrulhado num manto escuro. Aquele homem, ali oculto e segregado do mundo, apresentava desolador aspecto: vestes rotas, cabeleira intonsa, pés barrentos, inchados. Mantinha, contudo, sobre os joelhos, em flagrante contraste de aparências, uma bela espada com punho de marfim e um punhal sírio, com cabo de ébano e incrustações de coral, pendia-lhe da cintura. Faces encovadas e olhar cansado davam a impressão de quem trouxesse nalma um pandemônio de remorsos e paixões. Certo, ninguém reconheceria naquele fugitivo esfarrapado o altaneiro e guapo oficial, filho do opulento Semprônius. E, no entanto, outro não era ele senão aquele mesmíssimo Nero, reduzido por seus crimes àquela situação de extrema penúria.

Depois de assassinar Virgília, entrara em casa completamente atônito e magoado: era a primeira vez que sentia a pua do remorso morder-lhe nalma. Acreditava estar vendo por toda parte o olhar apavorado da vítima e ouvindo-lhe o supremo grito de angústia. Não obstante, ainda lhe sobrava calma para compreender a gravidade da situação: as leis romanas não deixariam de punir um crime inaudito, que tivera três testemunhas. Concluiu, portanto, que, para evitar a prisão, não tinha tempo a perder.

A noção do perigo deu-lhe presença de espírito e arquitetou logo um plano que tinha probabilidades de êxito: resolvera montar a cavalo e ganhar qualquer pequeno porto longe de Nápoles, e de lá fretar uma embarcação que o transportasse a Massília. Naquela remota província, onde ninguém o procuraria, tencionava viver discretamente, até que, passada a tempestade, acalmados os ânimos e esquecidos seus crimes no turbilhão dos acontecimentos e de outros crimes, pudesse entender-se com o seu irmão Antônius, cujo ódio pela família paterna ele bem conhecia. Pedir-lhe-ia, então, que sondasse as autoridades quanto à oportunidade e possibilidades de um indulto.

E se a reabilitação não viesse, o irmão lhe mandaria recursos para comprar alhures, nos confins do Império, uma propriedade onde pudesse esperar melhores dias.

A princípio, tudo lhe correu à medida dos desejos; atingiu sem acidentes o porto escolhido, lá encontrando, contra toda a expectativa, um navio de saída para Massília. No albornaz já mencionado por Trula, também

havia dinheiro e valores bastantes para isentá-lo de cuidados até receber recursos do irmão.

Na manhã do terceiro dia da morte de Virgília, Nero contemplava, com relativa sensação de alívio, as costas da Itália a apagarem-se no horizonte. O dia manteve-se claro, o mar tranqüilo; mas, ao cair da noite, nuvens negras se encastelaram no firmamento e o vento soprou impetuoso e violento. Após uma luta desesperada acabaram por divisar, ao clarão dos relâmpagos, uma costa inçada de rochedos. Não tardou que o navio, levantado com violência, batesse num cachopo, desconjuntando-se com sinistro fragor. Homens e carga precipitados ao mar! E o mar, de tantas vítimas só recusou uma... Arrebatado por enorme vagalhão, o tribuno, desfalecido, foi arremessado à praia.

Quando abriu os olhos era dia alto, mas a região erma lhe pareceu absolutamente desconhecida. Nada sentia, de resto, a não ser uma contusão da rótula, que aliás lhe causava dores atrozes.

Fazendo grande esforço caminhou ao longo da costa, na esperança de encontrar algum povoado, e, depois de penosa marcha de algumas horas, atingiu finalmente, quase exânime, um rincão de pescadores e dentre eles um que se prestou a recebê-lo. O ferimento do joelho, por mal cuidado, reteve-o mais de um mês naquelas paragens, dando-lhe com isso lazeres para meditar na sua situação. Do seu espírito se apossara um supersticioso temor. Estranha fatalidade aquela, que o atirara para terras de Itália, quando delas procurava fugir! E porque, de toda a equipagem do sinistrado navio, só ele haveria de escapar? O mar tudo tragara e ele ali estava, sem nada mais que magra bolsa, com algumas parcas moedas. Era para desesperar... E por cúmulo do desespero, aquelas noites de insônia, aquelas alucina-ções que principiavam a salteá-lo.

Tanto que se viu restabelecido, resolveu ganhar sem demora a alta Itália, onde residia o irmão. Gratificou os pescadores e mandou comprar por um deles, na cidade mais próxima, a roupa indispensável. Ao regressar, o pescador contou que se falava na cidade de uma grande recompensa a quem prendesse um oficial de família patrícia, que assassinara a cunhada, e para o que davam também os seus sinais.

Em tal ouvindo, Nero sentiu esvurmar-se-lhe o coração como preso a um tornilho. Aqueles homens simples e rústicos nada suspeitaram, porém, de vez que nele viam apenas a vítima de um naufrágio constatado pelos destroços recolhidos, tanto quanto por dois cadáveres que eles mesmos enterraram.

Deixaram-no partir com votos de boa viagem. E ele foi-se, não sem atender às maiores precauções. Não tardou a compreender que impossível fora chegar até ao irmão. Com a argúcia do seu ódio, Metela previra que o assassino haveria de procurar o amparo de um aliado nato e espalhara atalaias por todas as estradas conducentes a Ravena, em cujos arredores residia Antônius. Qual veado que pressente a matilha, temendo o cerco a todo o instante e só se arriscando andar à noite por desvãos e atalhos, ao fim de três meses encontrou-se perto de Nápoles e enveredou para o lado das montanhas. Extenuado, trapejante, depois de vender o último anel com risco de ser preso, errou por aqueles sítios alpestres a esconder-se durante o dia, a tremer ao menor ruído, apavorado, louco. E como se isso não lhe bastara por expiação, as noites lhe chegavam para a tortura dos sonhos e visões alucinantes.

Quantas vezes já palpara a lâmina do punhal, disposto a acabar com aquela existência miserável. E certo já o teria feito, se um sentimento instintivo, algo mais forte que o seu desejo, não lhe amortecesse a mão.

Na véspera daquele dia, o acaso ou a fatalidade o conduzira àquela trilha pedregosa, que demandava a caverna do eremita. Rilhando os dentes o fugitivo galgou-a e, impossibilitado de prosseguir, refugiara-se no lutulento santuário do mesmo deus a quem traíra. Não era, pois, o templo de Júpiter que lhe facultava um abrigo. A cruz

despedaçada por sua ordem e cujos destroços ainda ali se viam, ainda o protegia naquela emergência, a despeito de tudo.

Pungente ironia do destino! Mas, como fugir-lhe se estava totalmente alquebrado? Ficaria... sim. A um canto, encontrou pequena lâmpada, uma ânfora de azeite, um saco de frutos secos e alguns restos de provisões. Mantendo acesa a lâmpada, por isso que a escuridão o apavorava, acabou por adormecer num sono febril e agitado. Algo reconfortado fisicamente, passou todo o dia seguinte acocorado junto da lâmpada, a pensar na tirania do seu destino. A sua retina espiritual, desenhava-se agora o passado irreparável. Entretanto, considerava, as coisas poderiam ter tomado outro rumo se não se houvesse deixado empolgar por vis paixões, que de todo lhe obliteraram a razão. E afinal que lucraria com a sacie-dade do seu ódio? Que demônio cruel e zombeteiro o teria inspirado e empurrado pouco a pouco para o abismo, transformando um homem tão bem nascido e aus-piciado à felicidade, num réprobo, num foragido, faminto, escorraçado da sociedade, monteado qual fera bravia e ali homiziado na gruta do mesmo ancião a quem traíra, e cuja agonia perturbara com um ato nefando — o assas-sínio do próprio irmão?

Não seria o sangue da vítima que ali estava a escorrer-lhe das mãos? O olhar suspeitoso, feroz, resvalou para o altar esbatido em meia sombra... Não fosse ali surgir o rosto descorado de Cáius Lucílius... Mas, não — era a balaustrada de mármore de um terraço e nele, de pé, um vulto gracioso de mulher... Virgília!

Sim, ela! E aqueles olhos de aço cravaram-se nos seus olhos... Não se enganava... Era bem dela a túnica flutuante e, agora, seus cabelos roçavam-lhe o rosto, tonteavam-no... Ergueu-se sobre o abismo planturoso, sentiu-lhe toda a angústia trágica daquele momento supremo, decisivo, cruel, ouviu um grito lúgubre e o baque do corpo mergulhado no abismo...

Oscilou das pernas, estendeu os braços como se procurasse tatear no vácuo um corpo invisível. Esbarrou na rocha e, como se despertasse de um sonho, fitou a parede nua, na qual refletia uma gigantesca silhueta negra! Será que também o eremita me vem maldizer? Mas, era a sua própria sombra. E, contudo, aquela companheira silenciosa causava-lhe pavor!

Trêmulo, a suar frio, deixou-se cair no grabato.

— Maldito, sim, maldito que sou! E porque prolongar esta existência inútil, perdida? No mundo não há mais lugar para mim, e por mim tiambém não tenho Deus no coração. Porque vacilo em esmagar de vez este coração que em mim palpita e me devora? — este cérebro que me sugere idéias infernais? que força será essa que, tantas vezes, me tem paralisado o braço? Serão as sombras ultrizes das minhas vítimas? Ou será o Deus criador que rege nossos destinos? Ah! se eu pudesse ter a certeza de que esse Deus existe... Se pudesse sondar o mistério... Ser ou não ser!

Aprumou-se e começou a andar de um lado para outro:

— Os cristãos juram que a imortalidade da alma é um fato inconcusso e que, pelos crimes que pratica, essa alma é relegada ao fogo eterno; também os nossos deuses consagram uma Nêmesis. Aquela tempestade que destruiu todos os meus planos não seria uma demonstração da cólera celeste? Mas, então, para onde fugir? Que fazer? O passado causa-me horror, o futuro me causa temor... Serei, porventura, condenado na Terra e condenado no céu?

Em crescente exaltação, lançou-se de joelhos defronte do altar:

— Jesus, filho de Deus único, perdoa-me. Não estás porventura bem vingado do meu perjúrio? Não estarei já suficientemente punido por haver conspurcado o teu altar com o sangue de um irmão? Dizem que, pregado na cruz, perdoaste os teus algozes e até oraste por eles; lança pois, sobre este réprobo, o teu olhar misericordioso, afasta as

sombras vingadoras que me perseguem, ensina-me a orar, a elevar-me ao teu sólio para pedir-te perdão e misericórdia. Se existes, dá-me prova de que meu espírito é flama divina, dirigida por ti, ouvindo-me esta súplica...

Calou-se, exausto, olhos fitos na abóbada da caverna, em atitude expectante... Tudo silente, tudo sombrio... Gargalhada selvagem lhe estalou então nos lábios:

— Mentira! É tudo mentira. Jesus é tão surdo como os nossos ídolos de pedra. Nada, absolutamente nada existe além da morte e bem andei em renegar todas essas divindades.

Rápido, desembainhou a espada, apontou-a ao coração, mas logo estremeceu e deixou pender o braço... Alguém lhe tocara no ombro e dizia gravemente:

— Pára! Não queiras, filho meu, ajuntar mais um crime aos muitos cometidos.

Voltou-se espantado e divisou à luz indecisa da lâmpada um velho alto, porém arqueado ao peso dos anos. Longa barba prateada enquadrava-lhe o semblante austero e doce. Com toda a brandura tomou-lhe a espada e enxugou-lhe a fronte suarenta.

— Pobre filho desvairado! Insultas a divindade, ga-bas-te de tê-la renegado, sem compreenderes que sofres justamente as conseqüências do teu ateísmo. Qualquer que seja o nome dessa divindade, não a rechaces do coração, por isso que nela reside todo o germe do bem, e, tanto que demore em tua alma, ela te encaminhará, protegerá, calmará paixões, reconciliar-te-á contigo mesmo, dar-te-á esperança, enfim. Essa divindade é quem te dita a virtude, inspira o perdão, conduz à prece. Em repelindo a fé, tua alma se torna em campo inculto, esterilizado pelos ventos da vingança, revolvido pelo temporal das paixões nunca saciadas. O mais endurecido dos criminosos só está perdido quando de todo perde a fé. Só o homem que desprezou essa âncora de salvação perecÉ, esmagado ao peso das próprias iniquidades. Guarda o que te digo, filho... E agora, ajoelhemo-nos, oremos juntos, vamos reconstruir em tua alma um novo altar para os teus votos e pensamentos.

Nero tudo ouvia silencioso, fascinado; as palavras que acabava de ouvir eram bem o eco de uma voz íntima que, muitas vezes, lhe dizia a mesma coisa. Sim! Ao abjurar a sua nova fé, ele havia desterrado para bem longe as lições do velho anacoreta, aquela dignidade do coração, que veda a aproximação do mal. Na sua traição bojava o castigo, o desencadear das paixões compeliram-no ao crime e arruinaram-lhe a existência.

— Quem és tu, venerando ancião, cujas palavras aliviam as úlceras do meu coração? — murmurou com voz trêmula e olhar agradecido.

Vejo que me deploras, e, no entanto, sou um criminoso, matei meu irmão, matei uma mulher em plena floração de vida e de esperanças; do meu ódio por ambos derivou o repúdio à fé do Cristo, a quem traí, conspurcando o seu altar. E tu não te horrorizas, não me repeles? Quem és, enfim? Ès um ser celeste que responde ao meu apelo extremo, ou és apenas um discípulo do Crucificado cuja misericórdia dizem infinita?

— Sou um homem como tu, cheio de erros e imperfeições; chamo-me Domítius, humilde cristão e discípulo de pai João, a quem devo a minha conversão. Aqui vim no intuito de orar sobre a sua sepultura, sem presumir que Deus me reservasse a alegria de poder consolar um irmão sofredor. Deixa-me dizer-te ainda uma coisa filho: — Não responsabilizes nunca uma causa pelo ódio que te inspiram os homens que a defendem. Tu podes riscar do coração os “que te ofenderam”, mas não enlamear o “ideal que adoraste”.

O homem que se vinga das suscetibilidades pessoais abrindo mão de verdades admitidas em foro íntimo, é um covarde indigno de apreço; rejeitando princípios que o ampararam sem nada adquirir em troca, ele cambaleia e basta um simples choque moral para torná-lo um criminoso.

Se é que minhas palavras tocaram teu coração; se verdadeiramente reconheces teu crime, feliz me considero e pronto estou a amparar-te na medida do possível. Não obstante, preciso é que encontres dentro de ti mesmo a força renovadora que te reconduza ao caminho da virtude. Por agora, aproxima-te de nosso pai celestial pela humildade e pela prece.

Feita esta, com sincero fervor, Nero levantou-se mais calmo.

— Filho, não abondones a âncora da salvação, ela te sustentará na prova — disse Domítius com doçura.

O discípulo de Jesus não considerava mais em Nero o réu da justiça humana e sim um desgraçado a debater-se na senda espinhosa da vida. Levado por instintivo impulso de afeição, cuja origem se perdia nos arcanos do passado, atraiu-o a si, abraçou-o, beijou-lhe a testa húmida.

Ignorava que, séculos dobados, o cavalheiro Teobal-do, movido pelos mesmos sentimentos, haveria de abrir os braços a Sométus, o monge sacrílego que, tal como fazia no momento, lhe reclinaria no peito a cabeça, murmurando: — "Deus há-de julgar-me, mas tu, pai, não me condenes."

— Agora, filho, assentemo-nos e vamos conversar: fala para que eu veja em quê e como te posso ser útil.

Quando Nero terminou a narrativa dos seus crimes e provações, Domítius disse, apertando-lhe a mão:

r— Não desesperes: o Pai celestial não quer a morte do ímpio e sim que ele se regenere. Penso que poderei salvar-te. Permanece oculto aqui, onde ninguém poderá descobrir-te. Amanhã, à noite, hei-de trazer-te alguma roupa e alimento reconfortante. Mais tarde, um amigo de inteira confiança se incumbirá de te transportar a Alexandria. Tenho lá um parente cristão, íntegro e caridoso, a quem te farei recomendado. Eusébio (é como se chama) te ajudará a empreender vida nova, pobre, laboriosa certamente, mas que aceitarás conformadamente, desde que sincero seja o teu arrependimento.

Depois da partida do seu novo amigo, Nero encheu-se de esperança. Deitou-se, dormiu um sono calmo como não tivera há meses. Todavia, quando acordou, sentiu-se muito indisposto, cabeça tonta, arrepios de frio alternados de intenso calor, os membros lassos... Aquela exaltação nervosa, que até ali o sustentara, desaparecera e dava-se a reação violenta do organismo debilitado por toda a sorte de privações e abalos morais. Quando voltou, Domítius o encontrou com febre ardente e delirante, a evocar as suas vítimas.

Profundamente aflito, instalou-se à sua cabeceira. O pobre rapaz, privado do luxo e conforto a que estava habituado, longe dos amigos e parentes, agonizava ali assim num miserável grabato.

Depressa se convenceu de que não havia esperança de cura. Ainda assim, como que esgotado da sua própria violência, a enfermidade parecia deixar à sua vítima um derradeiro minuto de espera: extenuado, agonizante, Nero abriu os olhos, absolutamente lúcido.

— Pai Domítius, diga-me: estarei irremediavelmente condenado e corrido da mansão divina? Pergunto, porque grandes foram meus crimes e tarde me arrependi.

— Filho — respondeu solenemente o velho —, quando uma árvore não dá fruto, o bom lavrador corta-lhe os galhos e a tranplanta para terreno mais propício ao seu crescimento; assim, também o divino Salvador dá ao culpado repeso uma nova posição, uma nova existência que lhe permita dar frutos de virtude.

— Possa a misericórdia do bom lavrador transplantar-me desse modo — balbuciou o moribundo, já dos pórticos da eternidade.

Alguns estremeções ainda lhe agitaram o corpo abandonado do princípio vital; depois, o rosto se lhe contraiu e distendeu para fixar-se naquela indefinível, misteriosa expressão de serenidade que os homens não contemplam sem tal ou qual temor...

Cnéius Semprônius Nero terminara a sua prova terrena.

O velho Domítius cerrou-lhe as pálpebras, encruzou-lhe as mãos, ajoelhou-se e orou com fervor por aquela alma sofredora e perturbada, que ia comparecer diante do seu juiz.

XI

O fim de Cláudius

Mais de um ano decorrido sobre o falecimento de Cáius Lucílius e ainda na sua vazia, quão silenciosa vi-venda, permanecia a fidelíssima Drusila com o pequenino Semprônius.

Quando soube que a tutela fora confiada a Agripa, o ambicioso Cláudius ficou fulo de raiva; contudo, as cláusulas testamentárias que asseguravam à sua mulher a herança, por morte do pequeno, foram de molde a calmá-lo, relativamente.

Já de todo aborrecido com a convivência doméstica, não se opôs a que a mulher ficasse residindo em Micenes.

Ela, por sua vez, considerou a prerrogativa como verdadeira esmola da Providência. Devotou-se ao pupilo com verdadeiro fanatismo e fêz da casa de Micenes o templo da saudade, começando por se instalar no pavilhão onde Cáius fechara os olhos, e venerando como relíquia sagrada tudo o qus lhe pertencera. Seu desespero diluía-se pouco a pouco em suave melancolia. Pensar no ídolo extinto, brincar com a criança naquele terraço pleno de recordações, era o que constituía toda a sua felicidade neste mundo. Também as freqüentes visitas de Metela e uma demorada estada em sua casa haviam reagido favoravelmente no seu moral.

Assim transcorreu todo um ano, quando a inesperada presença do marido veio perturbar a calma ainda mal reconquistada. O aspecto de Cláudius não deixou de surpreendê-la desagradàvelmente. Naquele homem pálido, prematuramente gasto por todos os excessos, ninguém reconhecia o musicista alegre, de faces coradas, que o velho Semprônius elegera para camarada do seu dileto Cáius. A jovem Drusila não pôde furtar-se a uma profunda repugnância por aquele perdulário debochado que, não contente com o dissipar-lhe a fortuna, ainda vinha perturbá-la no seu voluntário retiro. E aquela repugnância ainda aumentou para degenerar em ódio suspeitoso, quando surpreendeu, certa feita, os olhares de sub-reptícia maldade com que ele costumava fixar a imbele criança. Desde logo, tratou de o vigiar, e ai dele se ousasse tocar no seu ídolo!

Nada suspeitando dos pensamentos de sua mulher, Cláudius recolheu-se ao quarto pretextando fadiga. Mas, a verdade é que não chegou a deitar-se, e ainda alta noite continuava a errar de um lado para outro, esvaziando taças sobre taças de vinho.

Quem o visse naquele momento, não vacilaria em afirmar que todas as paixões violentas se lhe espelhavam no rosto, enquanto os olhos exprimiam cólera e inquietação simultâneas.

— Esta noite preciso, a todo custo, arranjar cem mil sestéricos... Mas, como fazer? Com Agripa? Do seu, já sei que me não dará cheta, e no patrimônio do pequeno não tocará, tão-pouco. Bem o conheço. Maldito pequeno, que me impede usufruir o que de direito me pertence.

Ah! é preciso que morras e hás-de morrer, olaré! A questão é poder tirar-te a vida sem levantar suspeitas... Só isso... E eu que não trate de agir já, já... Lucílius Sabínus dará o escândalo para toda a Roma... Mas esta neurastênica Drusila monta-lhe guarda tão fechada que eu mesmo não sei como acercar-me do pim-polho... Oh! deuses infernais, inspirai-me!

Aproximou-se da mesa e bebeu sucessivamente de um trago dois copázios de vinho. Vermelho de lacre, olhos congestos, continuou a trocar pernas. De repente, bateu na testa:

— Eureca! Admirável! Soberbo! Não há necessidade de cúmplices e dou à minha cara mulherzinha a satisfação de ser mesmo a herdeira do seu Cáius bem-amado — nos

olhos fulgiram-lhe sinistros lampejos e, como se aquela decisão lhe houvesse dissipado os vapores do álcool, perfilou-se com firmeza, foi lavar o rosto e recompor o vestuário. A seguir, tomou da bolsa e do manto, escuro como a sua alma. Cauto, por evitar qualquer rumor, esgueirou-se para o jardim e saiu ao campo em direção de pedregosa trilha, que começava costeando o mar e se perdia entre rochedos ab-ruptos.

Depois de andar uma hora, mais ou menos, parou como que procurando tomar alturas. Encontrava-se numa garganta agreste, circundada de pedras fantàsticamente configuradas, em cujos flancos se ostentavam tocas e fendas. A escuridão da noite e o silêncio reinante faziam mais tétricos aqueles sítios ermos e desolados.

Cláudius enxugou a fronte banhada de suor.

— É aqui... deve ser aqui mesmo a lura da feiticeira... Tolo que fui. Se tivesse pensado nisto lá em Roma, teria logo trazido o necessário. Em todo caso, ainda me dou por feliz de haver guardado a lembrarça destes sítios e da boa gente que neles vive.

Assim matutando, contornou grande penhasco e parou defronte de uma caverna, ao fundo da qual lucilava frouxamente o clarão de uma lanterna.

— Acteia! oh! diabo! — chamou baixinho, batendo com os pés no solo.

Logo uns passos arrastados se fizeram ouvir e uma velha corcovada, apoiando-se à bengala, surgiu na boca da caverna.

— Quem és tu que assim me procuras em hora tão imprópria?

— Preciso falar-te sem testemunhas: hei-de pagar-te bem, toma lá isto por conta — disse atirando-lhe uma moeda de ouro.

Com agilidade incrível, a velha aparou a moeda e, recuando um passo, disse com obsequioso servilismo:

— Dá-me tuas ordens.

Entraram. Ela ergueu a cortina que vedava o interior do antro e conduziu o visitante a um compartimento mais profundo, alumiado por um archote. Numa espécie de marmita, posta ao fogo, fervilhava uma caldo escuro a exalar um cheiro nauseabundo. A magera designou-lhe um escabelo e acocorou-se a um tronco, perto do fogaréu. Era uma criatura bizarra, cuja idade mal se poderia avaliar: corpo engelhado, dorso curvo, rosto amarelado, rugoso, refletia todas as paixões imagináveis. Cem anos, talvez... Nada obstante, o olhar negro, fulgurante, tinha a vivacidade e o vigor próprios da juventude.

— Afinal, que queres de mim? Um filtro amoroso? Tenho vários e... infalíveis.

— Nada disso, digna filha de Locusta: o que necessito é de um veneno e isto com a maior urgência, porque não tenho tempo a perder; mas esse veneno deve ser fulminante sem deixar vestígios. Estás habilitada a servir-me? Ou sim, ou não; mas, vê lá: qualquer traição custar-te-á simplesmente a vida.

Ela levantou a cabeça:

— Tenho o que queres, mas, custa caro.

Ele limitou-se a despregar do cinto a bolsa e mostrou-lha. Cúpido sorriso se esboçou no rosto magro da virago.

— Generoso, serás bem servido.

Levantou-se, desapareceu numa galeria de provável acesso a outra cava, para voltar com um pequeno frasco em que se via um líquido incolor.

— Isto mata sem deixar traço. Quem quer que tome duas gotinhas deste suco, morrerá dentro de uma hora, pela ruptura do coração.

Satisfeito, ele pegou do frasco, atirou-lhe com a bolsa e, dando-lhe um sinal de adeus, saiu apressado.

Uma hora depois, reentrava em casa sem que alguém suspeitasse daquela surtida tenebrosa. Escondeu o frasco e atirou-se ao leito, fatigadíssimo.

No dia seguinte, vamos encontrá-lo muito agitado, lá no terraço que dava para o jardim. Fora um dia de calor forte e todos procuravam gozar a frescura da tarde. Recostado numa cadeira de bronze, o patrício lia, ao mesmo tempo que sorvia a pequenos goles uma taça de vinho. Drusila conservava-se no jardim, entretida num trabalho de costura, a vigiar o pequeno Semprônius, que, ora apanhava flores para depositá-las num banco de mármore a seu lado, ora se entretinha a saltar e correr pela escada do terraço.

Cláudius, que o espreitava, aproveitou um momento em que se deteve a poucos passos dele, para descansar, chamou-o com um gesto e disse-lhe em tom carinhoso:

— Como estás cansadinho! Vem cá, toma um gole de vinho para refrescar.

O menino aproximou-se, risonho, pegou a taça com ambas as mãozinhas e bebeu avidamente, de um trago.

Se alguém pudesse, naquele instante, observar o patrício, haveria de lhe surpreender a palidez do semblante, o sinistro fulgor dos olhos, a tremura dos lábios.

A pobre criança é que nada poderia notar. Devolveu-lhe a taça fatídica e voltou às suas correrias e tra-quinadas pelo jardim.

Naquele comenos, surgiu Rufila à porta do terraço. A velha criada de Virgília também se dedicara a Drusila e ficara a lhe fazer companhia. Velava ciosamente pelo pequeno e tinha verdadeira afeição pela sua nobre e meiga patroa. Aproximando-se, então, anunciou que uma pobre mulher da vizinhança pedia instantemente para falar a Drusila.

— Vou já — disse esta levantando-se. — E tu, Semprônius, dá boa noite ao tio e vem comigo, pois é tempo de tomar banho e ir deitar.

— Mas eu queria brincar ainda um pouquinho... Rufila, entretanto, pô-lo ao colo e o levou consigo,

sem atender as lágrimas nem protestos do pimpolho, acostumado a ver satisfeitos todos os caprichos e fantasias.

Chegando ao grande quarto do pavilhão outrora ocupado por Cáius nos últimos dias da sua vida, Drusila lançou em torno um olhar desconfiado.

— Como! Onde está a velha Cláudia?

— Perdoa-me o te haver mentido, minha boa senhora — disse Rufila baixando a voz —, mas tudo não passou de pretexto para poder revelar-te um assunto grave que me chegou aos ouvidos. Lembra-te de Rêmus, aquele menino papudo a quem certa vez socorreste e que mora lá na gruta da sibila? Pois bem: ele teve um serviço aqui perto e aproveitou o ensejo para me vir contar que anteontem, à noite, o patrão lá esteve na caverna. O rapaz não pôde ouvir o que disseram, mas verificou que depois da entrevista a megera contava muitas moedas de ouro. Veio-me então a idéia de qualquer ameaça à tua vida e pensei na conveniência de passares algum tempo com Metela.

Drusila empalideceu e caiu trêmula numa cadeira.

— Obrigada pela tua dedicação, minha fiel Rufila: tu tens razão, eu irei com o menino. É por ele e não por mim, que eu temo. Contudo, para evitar suspeitas de Cláudius, vou escrever a Metela e provocar o convite. Entretém o menino enquanto vou escrever a carta e depois expedirás um portador e tratarás dos aprestos para a viagem.

Procurando dominar a emoção, aproximou-se de um armário e retirou o necessário para escrever. Terminada a carta, voltou para guardar o carimbo de ouro com que a selara e o olhar já lacrimoso se fixou nos utensílios evo-cativos de tantas saudades agridoces: eram anéis, broches, medalhas usadas por Cáius; a taça que lhe servira ainda na noite em que falecera e até o punhal com que Nero o ferira no dia do casamento com Virgília.

Absorta, enlevada naqueles pensamentos, deixou-se ficar até que um grito estridente fê-la despertar.

— Senhora! acuda! Veja o que tem o menino! Semprônius acabava de cair-lhe nos braços com os

lábios entreabertos, o olhar parado, já inconsciente. Um palor cadavérico tomava-lhe as feições e ligeiros tremores sacudiam-lhe o corpinho, crispando as mãos.

Fora de si, ela o sacudia, abraçava-o, tentava reani-má-lo à força de beijos, mas, tudo em vão! O corpinho esfriava rapidamente, a cabecinha anelada recaía inerte.

— Tem calma, minha patroa, ele está morto — repetia a serva soluçante.

Os braços da patrícia afrouxaram, o corpo da criança caiu por terra, inanimado.

— Morto! — exclamou, possuída de estranha serenidade! — Morto o meu filhinho adorado, a herança, o tesouro que Cáius me confiou! Sim! mas eu bem sei quem o matou!

Apertou a cabeça com as mãos, encostou-se à parede, olhos fixos, arregalados, a morder os lábios em trejeitos insólitos, desordenados, simplesmente terrificantes.

Parece que uma revolução se lhe havia operado no cérebro. Súbito, abriu o armário, colheu o punhal fratricida e disparou correndo.

Lesta e tênue qual sombra, atravessou a casa e dirigiu-se ao terraço onde estava o marido. Ã ombreira de uma porta em colunata que dava para o jardim, estacou por momentos: Cláudius lá permanecia assentado à mesa repleta de iguarias. É que a noite fechara e, para matar o tempo e a surda inquietação que o remoía, ele mandara servir o jantar, embora lhe minguasse o apetite. De ouvido alerta a cada rumor que lhe chegava, estremecia, tentando afogar no vinho as emoções que o perseguiam.

Um leve roçagar de panos chamou-lhe a atenção: virou-se e viu a mulher parada à porta, branca da cor do vestido, a fitá-lo com olhar feroz. Acreditou que tinha a defrontá-lo um demônio vingador, egresso dos reinos de Plutão!

— Que é, Drusila? que me queres? — ousou dizer levantando-se. Faltaram-lhe, porém, as pernas, a taça que empunhava espedaçou-se no ladrilho... — Que me queres? — repetiu assentando-se novamente.

— Bandido! assassino! — exclamou ela com voz si-bilante — enganas-te se é que pensas gozar o fruto do teu crime! Vai, miserável, vai juntar-te à tua vítima.

Num salto de jaguar, atirou-se a ele e, com energia e precisão surpreendentes, enterrou-lhe o punhal na garganta, até o cabo.

O ferido levantou-se, deu um grito surdo, levou a mão à boca, gorgolejando sangue. Cambaleou tentando alguns passos e caiu exânime. Morto...

Drusila inclinou-se para o cadáver e o examinou com olhar de fera saciada.

— Está morto e bem morto — murmurou — e agora é preciso arrasar também este teto maldito.

Deu uma gargalhada sinistra. Tomando uma das mechas de sobre a mesa, chegou fogo às vestes do morto e, seguidamente, aos tapetes e cortinas.

— É preciso queimar tudo... — repetia. De repente, o riso se transformou em pavor:

— Oh! o Vesúvio, o vulcão! — exclamou angustiada. E chamava Cáius, Drúsus, o pequeno Semprônius...

Aqueles gritos não tardaram a repercutir em toda a casa. Entretanto, que esforços humanos poderiam dominar o incêndio? Peristilos, colunas, galerias ardentes, braseadas espelhavam-se, pela última vez, nas águas profundas do golfo, para que o Sol da manhã não banhasse mais que um montão de escombros fumegantes, vestígios informes de paredes que testemunharam tantas desgraças e tantos crimes.

Um pouco afastados do braseiro, os servos mudos e consternados grupavam-se em torno do cadáver de Drusila, asfixiada antes que pudessem arrabatá-la, já demente, do turbilhão de fumo.

Dentro de poucas horas, um barco singrava as águas do golfo à força de remos. Iam levar a Agripa a triste nova dos trágicos eventos que, consumando uma estranha fatalidade, acabaram por destruir o último rebento do filho dileto do poderoso e nobre Titus Bálbus Semprônius.

Epílogo

AS SOMBRAS DA CIDADE MORTA

Noite. A Lua peneirava no ambiente a sua luz prateada, que se estendia qual lençol na planície pardacenta, uniforme, até a extrema do horizonte, onde se desenhava memento mori, a silhueta do Vesúvio com o seu penacho de fumo palhetada de cintilas.

Aquela planura desolada e coalhada de farpas e blocos de lava, sulcada de brechas profundas, era a mortalha das duas cidades. Debaixo do lençol de pedra e cinza dormiam Herculânum e Pompeia, afogadas de improviso, na plenitude da sua atividade coletiva, pelo velho gigante flamívomo, até então considerado inofensivo. Se fora dado a humanos olhos ver, no fundo daquele vasto sarcófago, um espetáculo porventura mais desolador ainda se lhe depararia. Lá veriam a cidade morta, com as suas ruas desertas e devastadas, as casas vazias e os templos arrombados. Na treva espessa daqueles lugares lúgubres erravam, ora isolados, ora agrupadas, pequenas flamas oscilantes como fogos fátuos. Rápidas e como que agitadas, aquelas luzes semelhantes a falenas ígneas voejavam sob as cúpulas das casas abandonadas e aclaravam alguma estátua ainda de pé, quando não um mon-tículo de cinza petrificada, sob o qual se conservava, para os séculos futuros, o selo do infeliz ali tão tragicamente amortalhado.

Numa casa outrora ricamente ornamentada, cheia de objetos preciosos e que havia excepcional e melhor-mente resistido à destruição, um grupo numeroso de pequenas flamas esvoaçavam agitadas, parando de quando em vez junto de um quarto, onde se viam dois esqueletos abraçados, para logo em seguida se deterem num corredor em que se comprimia um grupo ainda estranho. Todos aqueles fogos fátuos, brilhantes uns, esmaecidos outros, dirigiram-se, no seu curso oscilante, para um porão vasto e abobadado, cujas paredes guarnecidas de urnas funerárias testificavam a sua utilidade.

Pouco a pouco, o subterrâneo se aclarou de uma luz azulada e as borboletas ígneas se transformaram em nuvens brancacentas e logo em sombras vaporosas, atraídas reciprocamente pelas vozes da afeição ou da inimizade, até que se congregaram junto de uma grande urna de alabastro, na qual se recostava uma mulher de traços regulares, com uma bela cabeleira negra. Junto dela, desenhava-se nítida a cabeça grisalha de um homem alto, fisionomia enérgica, e o vulto atlético de um rapaz de olhos negros e brilhantes. Em torno dos três comprimiam-se os atores do drama terreno, que parecia encerrado com a morte, mas cujo desdobramento (ai deles) devia projetar-se por séculos futuros, a reclamar de cada qual, inexoravelmente, benefício por benefício e sofrimento por sofrimento. Todos aqueles semblantes espelhavam tristeza, remorso, amarguras.

— Oh! meus queridos pais — exprimiu o pensamento de Cáius Lucílius —, que terríveis angústias laceram o espírito do homem quando, de olhos abertos, ele sonda as suas encarnações passadas! Quantas faltas, quantos erros se poderiam evitar! E quantas ocasiões se perdem de praticar o bem e adquirir amigos!

— Eu sofro — suspirou Lívia — por haver repelido, com ciúme e orgulho, os filhos da minha rival... E agora Nero e Semprônia me vêm lançar em rosto, asfixian-do-me com seu ódio, o fim miserável que tiveram!

— Participo do teu sofrimento, Lívia — obtemperou Semprônius baixando a cabeça acabrunhado —, cego de egoísmo, escorracei para longe do lar e do coração os seres a mim confiados para os fazer progredir; não quis compreender que o amor se pode dilatar infinitamente, sem nunca se exaurir. Também tu, Cáius, terias sofrido menos se eu me houvera mostrado equânime para com todos os meus filhos. Foi a minha austera preferência

que te criou três inimigos, que agora me perseguem com o seu ódio.

Só aqui pude compreender que, em tornar-me cristão, iria adquirir um grande benefício, qual o de aliviar os derradeiros momentos da vida terrena; mas também compreendi que essa conversão por si só não bastava para escoimar-me dos meus crimes. As máximas sublimes do Cristianismo proclamadas em nome do Divino Missionário para lembrar aos homens as leis da caridade, esses preceitos sublimes, já os conhecia do mundo espiritual, mas, endurecido e rebelde, repelia-os por incômodos; agora, desiludido com a morte, vejo que não basta batizar o corpo e o que importa é retemperar o espírito na humildade e na oração, a fim de poder exemplificar em atos os mandamentos de Jesus.

Ah! filho querido, quão pouco a alma humana embotada na carne, orgulhosa do seu terrenal asilo, compreende a finalidade da vida! Ao invés de lutar contra as paixões e arrastamentos da materialidade, ela supõe que.um simples arrependimento de boca mendaz, per jura, blasfema, basta para torná-la pura; e que uma criatura farta de gozos, embora já incapaz de pecar, possa resgatar faltas repetindo ensinamentos que jamais praticou. Terrível o despertar aqui, onde vemos o caminho a percorrer, o formidável trabalho a realizar para nos domarmos e podermos retomar novo corpo, como legítimos discípulos de Jesus.

— Compreendo-te, meu pai, mas deixa que me acuse de maior culpa, visto que, convertido por minha livre e espontânea vontade, nem sequer tive o desejo de lutar a prol da minha nova fé e cheguei mesmo a renegá-la, covardemente, logo que me vi na iminência de comprometer interesses humanos.

Nesse instante, uma viva claridade inundou o subterrâneo com a irradiação de uma figura de suavíssima beleza. O olhar sereno daquela entidade superior fixou-se piedoso no grupo penitente.

— A fé no misericordioso Criador do Universo — parecia dizer em pensamento — não está num altar em que se deva imolar a carne de seus adeptos, nem é oferecendo o corpo à morte e a torturas inúteis que a Deus se glorifica. É só mediante provas rudes, em porfiadas lutas, que as almas adquirem a força de corresponder, por atos concretos ao bem, ao belo, ao verdadeiro. Mas essa grande força, que é emanação do próprio Deus, não se manifesta nem pode ser mesquinha e parcial, qual a entendem os homens. Ela pesa o espírito, não a letra, e é por isso, meu filho, que tua abjuração diante dos homens ser-te-á relevada. É que os preceitos de Jesus estavam no teu íntimo, visto haveres perdoado àquele que atentou contra a tua vida, bem como socorreste a pobre mãe do salteador da tua honra. Todas as religiões prescrevem fazer o bem e evitar o mal, pelo que são todas iguais à face de Deus. Assim, quaisquer que sejam os credos, seus prosélitos se farão igualmente amados do divino Mestre, desde que lhe cumpram o essencial preceito.

“Mas, não é apenas isso que vos venho dizer, oh! pobres espíritos vacilantes e perturbados, a fim de vos fortalecer e sustentar na rude ascensão. Estou autorizado a vos desvendar um futuro ainda longínquo no ambiente terreno. Tempo virá, no qual a religião de amor pregada por Jesus, visando a nobilitar a triste Humanidade, perderá a sua influência eficiente: descobertas científicas e desvendadoras de parcelas da sabedoria infinita, orgulharão os homens a ponto de negarem tudo que não possam pesar e medir na craveira dos seus instrumentos e processos de investigação. Deus não passará de hipótese absurda ou ilusão quimérica| Chasquearão da fé e, como derivativo lógico e inevitável de tais princípios, verdadeiros anjos decaídos, estultos e presunçosos, chegarão até à revolta contra o Criador e Pai. A Humanidade se animalizará, então, quebrará todos os freios e, nessa corrida cega de gozos a qualquer preço, o vício se altanará em virtude, a maldade reinará sobrena e milhões de inteligências, privadas do

senso moral, estrebucharão e procurarão no suicídio um remédio para a vacuidade que as tortura.

"Quem quer que nesses evos ainda conserve noções do bem, há-de tremer e mandar seu brado de angústia ao Criador, jamais surdo a uma prece sincera; mas, como nessas almas enceguecidas pelo orgulho, esterilizadas pelo egoísmo, nenhuma palavra pode frutificar, o Eterno em sua clemência dirá aos seus servos: "Baixai, misturai-vos com os vossos irmãos encarnados, provai-Ihes a sobrevivência, a imortalidade, a cadeia engendrada pelo mal e poupai-lhe, dessarte, um demorado arrependimento mediante tremendas expiações." A essa palavra de ordem, falanges se abalarão do Invisível e a Terra se coalhará de missionários obscuros, que, por suas faculdades, permitirão aos desencarnados manifestarem-se aos homens, deixando-se controlar de todos os modos. E, então, uma luta encarniçada se empenhará entre o cepticismo presunçoso e a verdade que não mais poderá ser abafada.

"Deveis visualizar, desde já, essa época de grandes lutas intelectuais, preparando-vos para atravessá-la em etapas sucessivas. Se, a esse tempo, tiverdes adquirido a força para o bom combate, ou seja, o domínio das próprias paixões, a fim de corresponder ao ataque do adversário, que não mais vos queimará o corpo mas há-de ulcerar-vos a alma — grande será a vossa recompensa e podereis, quem sabe, deixar este calabouço da Terra para ascenderdes a uma esfera melhor. Sonhai com esse futuro, caros irmãos atônitos, e trabalhai, pois áspero será o embate e... — ai de vós — "muitos serão os chamados e poucos os escolhidos".

Lançando sobre os espíritos ali reunidos um eflúvio vivificante, a entidade luminosa projetou-se no vácuo. Sua presença atraíra, contudo, numerosos ouvindes, que ali se comprimiam, amigos e inimigos.

Sacudidos pelos mais díspares sentimentos, as entidades mais odientas entreolharam-se mudas. O desejo de progredir, de não faltar à parada dos soldados da Verdade e adquirir o prometido galardão, a todos animava, mas nenhum se iludia quanto aos tropeços da tarefa.

— Amar os que me repudiaram, não mais invejar Cáius, perdoar a Cláudius a sua doblez covarde, poderei fazê-lo jamais? — exclamava Nero.

Vibrando, dilatando-se por momentos num círculo de fogo, o perispírito de Metela flutuava diante de uma sombra negra, da qual jorravam flamas espessas, fumosas, características de paixões rasteiras e violentas.

— Eras tu, então, Sálius, que o meu instinto farejou no invólucro de Flávius? Oh! ser odiento que, em tantas etapas, me arrastaste ao crime, como poderei amar-te, perdoar-te, trocar contigo o mal pelo bem? Esforço extremo que só a perspectiva da perfeição permite conceber...

— Mas, terás de o fazer se quiserdes alcandorar-te nas primeiras filas que imaginas únicas dignas de ti — satirizou, gargalhando, o espírito de Sálius...

E a sombra de Tibério trovejou surdamente:

— Hei-de domar-te, hás-de amar-me Virgília.

— Nunca! — respondeu esta — sofrerei tudo, hei-de progredir, mas nunca, nunca me aproximarei de ti; e enquanto apodreceres ligado a Foebe, cujos instintos ignóbeis hão-de reter-te no muladar do vício, eu subirei, eu lutarei pela boa causa, unida aos que me são caros.

A agitação propagava-se entre os culpados, uns procuravam reconciliar-se, outros se prometiam vinditas implacáveis. O turbilhão potente de uma vontade superior fêz cessar a querela e, como se fossem flocos de névoa, levíssimos, todos foram suspensos, arrastados e dispersos no Espaço, a fim de se prepararem pelo jejum e pela prece, para novas encarnações.

*
* *

O tempo, esse nada tão longo para o homem quanto incomputável para o espírito, havia dobado séculos na sua impassibilidade imutável. Insensivelmente, mais de 17 séculos haviam transcorrido, a caírem qual gotículas fugitivas no bojo hiante da Eternidade, onde os biliÕes de biliões de pérolas semelhantes nada representam.

Na trama desses séculos se haviam escoado muitas existências; os Espíritos, cuja história descrevemos, tinham lutado, pecado, expiado; uns se tornaram virtuosos e sábios, outros permaneceram estacionários. Chegara, enfim, o momento decisivo predito pelo Espírito superior nos subterrâneos de Herculânum. Ia começar a grande pugna do plano espiritual contra o ateísmo presunçoso. Antes de reencarnar, aqueles que primeiramente deveriam fazê-lo, procuraram reunir-se. Graves, concentrados, evocaram o passado e olhavam ansiosos para o futuro. Sairiam vitoriosos das provas que os aguardavam? Soleníssimo instante, aquele: o deslocamento das massas inteligentes ia graduar uns e rebaixar outros, retardatá-rios, a mundos inferiores, onde se prestariam a instrutores de humanidades mais incipientes.

Entre aqueles grupos numerosos encontrava-se Semprônius, que, antes de encarnar, se despedia de Cáius Lucílius.

— Temo — repetia — deixar-me empolgar ainda uma vez pelos interesses de ordem material, de vez que me vou novamente ligar a Lívia, mas, tendo por filhos os seres que conheces... E poderão eles amar-nos como lhes cumpre? E saberemos nós, por nossa vez, afeiçoá-los a nós mediante profundo afeto que nos identifique e escureça o passado? E Nero, de novo meu filho, poderei mantê-lo e conduzi-lo na senda do bem?

— Prometi-lhe apoio e penso que desta vez ele encontrará o coração e os braços de pai — respondeu Cáius. — Coragem, meu velho e fiel amigo, hás-de cumprir o teu dever, visto que Nero também cuidou de melhorar-se e está possuído das melhores intenções.

Eis que surge o Espírito de Nero, também aflito e agitado.

— Oh! Cáius, reconheço agora, de bom grado, a tua superioridade; quero lutar valorosamente pela nova fé, o que me permitirá aproximar-me de ti. Ajuda-me para não falir, para não experimentar pela beleza da tua alma aquele velho ódio que me inspiravam os teus dotes físicos. Eu vejo, eu sinto que o teu perdão é sincero, mas, ainda assim, posso tropeçar e, se me faltar a flama que me aclare o caminho, então, está visto, rolarei no abismo de uma existência inútil, pois, em mentindo à própria consciência, só poderei ser um falso sacerdote no ofício do Bem e da Verdade.

— Meu irmão, lembra-te de que a minha voz só pode ser ouvida sutilmente, fracamente, e que, por outro lado, as paixões humanas hão-de rugir no teu âmago; mas, tanto quanto me seja possível, ajudar-te-ei, procurarei esclarecer tua alma. Teu pai, a quem deveras levar a verdade pela crença espírita, também te será na Terra um sustentáculo.

— Bem o sei e, não obstante, tremo; mas, se eu vacilar, se me deixar sugestionar por inspirações pérfidas; se, obliterado pela carne, assediado por inimigos visíveis e invisíveis (olha que Cláudius vai encarnar a meu lado), não me mantiver firme e me afastar da luz, quem, a não ter tu, Cáius, poderá auxiliar-me?

— Ao demais, aquele a quem me cumpre oferecer a salvação, esse, pressinto-o, há-de amparar-te — disse Semprônius com vivacidade.

— Oh! — replicou Nero já tomado de forte agitação — teu espírito inflexível, de antes quebrar que torcer, não encontrará, talvez, brecha em meu coração. Serás capaz de recrutar mendigos da rua para beneficiá-los, mas ao mendigo espiritual que te será filho,

hás-de o entregar a si mesmo em sua luta moral e lhe dirás possivelmente — “assim o quiseste”. Atirar-me-ás, ainda uma vez, com o teu ouro, ao invés de me dispensares indulgente, paternal afeição? Serás capaz de sustentar o filho pródigo nos seus desfalecimentos? Repelido dos homens por mim ofendidos, amar-me-ás bastante para reconduzir-me à senda da verdade? Não, sem dúvida, pois eu prevejo que o nosso ódio se reacenderá para asfixiar todos os bons sentimentos e as aspirações generosas que também havemos de acalentar. Mas ao menos tu, Cáius, não te apartarás de mim?

O remoto convertido de “pai” João suspirou profundamente.

— Acreditas fácil a minha tarefa? Estás vendo esta falange de Espíritos que, gradualmente, vão encarnar para progredir, desbravando o terreno para germinação das verdades espíritas? Entre essa massa, quantos se detestam entre si? Quantas inteligências acanhadas, pre-sunçosas, invejosas? Pois bem, em conseqüência mesmo da pesada missão que pedi, todos esses seres de mim se aproximarão para solicitar conselhos, auxílio moral em suma; cegos na carne, eles não me conhecerão, mas eu os reconhecerei através da máscara carnal, com todos os vícios e falhas, ingratidões e covardias com que haverão de retribuir o meu devotamento. E nessa luta enervante, com a incredulidade jactanciosa, eivada de torpezas humanas, a mim só me cabe ser calmo, indulgente, equânime como a. própria verdade a proclamar. Hei-de ser o amigo, o conselheiro, o consolador de todos quantos para mim apelarem, sejam amigos ou inimigos, a todos servindo como operário humílimo, e ainda que certo de ter a calúnia e a traição por exclusiva recompensa... Repito: essa tarefa será rude, perigosa mesmo para o meu temperamento arrebatado. Trata pois, amigo, de não agravá-la mais ainda. De resto, meu irmão, seja qual for o futuro, e mesmo que, estimulado por velhas hostilidades, te venhas a separar de mim e do grupo de minha direção, não consideres uma tal deserção como decisiva para a tua fé. O homem pode a qualquer tempo tropeçar e cair, mas tende sempre a levantar-se e atingir a verdade noutro rumo. Deus está em tudo e por toda a parte e não são os homens, em si e por si, que fazem o Espiritismo, mas a sua convicção e os seus atos. Lembra-te de que, divorciados na Terra, acabamos sempre reencontrando-nos aqui...

Da falange em preparo de encarnação, destacou-se numeroso grupo que rodeava o Espírito de Cáius, a suplicar-lhe amparo, tendo em vista fraquezas e quedas pretéritas. Nesse grupo viam-se Cláudius, Túlia, Tibério, Dafné e muitos outros.

O fogo divino da caridade, o desejo de reparar passados erros, melhorando os seus semelhantes, repletou de luz a alma ardente e generosa do que fora Cáius Lucílius.

— Sim! quero perdoar a todos vós os sofrimentos que me infligiram, elevando bem alto a flama da Verdade, comprimindo ao peito a cruz — símbolo de eternidade e redenção — quero ensinar a todos o bem, abrir-lhes os olhos para as faltas cometidas, mostrar o caminho da perfeição. Pela palavra, pela pena e pelos atos, hei-de provar-vos a existência do além-túmulo e convencer-vos da imortalidade da alma; trabalharei sem descanso para desbravar e aclarar a vossa trilha.

Todos os que se achegarem a Rochester, encontrarão nele um auxílio, um conselheiro infatigável, sejam amigos ou inimigos. Quanto a ti, Dafné, preciso dizer-te algumas palavras em particular: — todas as tuas en-carnações não têm sido mais que uma trama de ignomínias, de sensualidade, de porfiadas teimosias. Encarnando sucessivamente Radamés, Dafné, Court, sempre te revelaste ingrata, desleal, perjura para comigo; e, contudo, a afeição que me inspiraste não se esgotou ainda. Considero-te, pois, contrapeso da bagagem de perfídia, ingratidão e ódio que me incumbe carregar por toda a parte. Sabes que os Espíritos elevados, que foram juizes da tua última encarnação, houveram por bem impor-te uma vida de miséria e humilhações... Eu tive pena de ti, retirei-te do charco, ofereci-me para ser o teu fiador e, graças a isto, obtive

condições de vida que, se me fores fiel, far-te-ão progredir sem tantos sofrimentos.. Toma, pois, mais sentido agora: se ainda uma vez traíres minha confiança e complicares a tarefa, abandonar-te-ei definitivamente aos teus inimigos e, portanto, a uma justa expiação que, por sua maior dureza, possa vencer tuas más paixões. Assumindo a responsabilidade do teu progresso e convicto de que só o sofrimento e a desdita poder-te-ão domar, velarei por ti e, tenaz quanto o tens sido na ingratidão e na maldade, hei de o ser na exação das tuas provas expiatórias, não te pouparei lágrimas nem dores morais que te purifiquem.

"Reflete, portanto, enquanto é tempo. Se te sentes fraca, desiste desta encarnação e vai preparar-te melhor para outra, que os teus juizes hão-de apontar-te."

O Espírito de Dafné agitou-se inquieto:

— Juro-te amor, fidelidade e obediência em tudo — murmurou, mas sem deixar de pensar, com a rapidez de um relâmpago, que sempre fora preferível poder esquivar-se, no momento, para ter vida folgada sob a égide de um protetor cuja eficiência e bondade houvera já experimentado tantas vezes.

Nos tempos propiciatórios ao advento do Espiritismo, seria mesmo da maior conveniência ligar-se à fortuna, tornar-se assim uma espécie de alfenim privilegiado de um Espírito poderoso qual Rochester, por sua energia e desenvolvimento intelectual, e cujo trabalho poderia mesmo produzir aquele metal fascinante que ela, Dafné, em todas as etapas terrenas se habituara a esbanjar.

E, ainda que fraquejasse e viesse a trair a confiança de Rochester, não lhe tinha ele já perdoado cem vezes os mais torpes perjúrios? Poderia contar com a sua indefectível indulgência... Como todo espírito atrasado e covarde, Dafné era incapaz de sondar uma alma qual a do seu protetor, para lhe avaliar os limites da paciência e, no ardor das suas conjeturas, não se precatava de que a inteligência superior estava a ler-lhe o pensamento.

— Estás enganada e desta feita terás de liquidar contas com o hoteleiro, — respondeu-lhe Cáius, ou Rochester (como queiramos chamar-lhe). Se me traíres, terei a punir mais que uma ofensa pessoal. Encarreguei-me de velar por tua evolução e hei-de reconduzir-te, regenerada, à presença dos teus juizes. Definitivamente convicto de seres um dos tais alunos a quem não aproveitam métodos de brandura, não vacilarei em tornar-me o ríspido mentor que reclamas.

E depois de trocar com Semprônius um derradeiro pensamento simpático, elevou-se, desapareceu no espaço...

*

*   *

Mais de meio século se computara na Terra após a reunião astral que acabámos de descrever.

Encarnados achavam-se já quase todos aqueles Espíritos convocados ao testemunho de solidariedade, conseqüente às resoluções já tomadas.

Chegara também para Cáius Lucílius a hora de cumprir sua missão de trabalho e abnegação.

Seguido de uma plêiáde de amigos devotados, mas também de inimigos indefessos, baixou ele das regiões infinitas, morada dos libertos, a fim de iniciar a pesada tarefa na espessa atmosfera terrena.

Densos, avermelhados fluidos sulcados de fagulhas elétricas envolveram-no como que num globo ígneo: era o material planetário destinado a religá-lo aos seus médiuns e ao ambiente material em que deveria operar.

A seu lado flutuava um Espírito, cuja diafaneidade luminosa atestava a mais alta hierarquia moral.

— Não é verdade, sábio e valoroso mestre, que me hás-de amparar na pesada tarefa? Bem sei que faltas e quedas me cumpre voluntariamente resgatar; e no entanto, à última hora, sinto-me acovardado, hesitante, temeroso. Encoraja-me, mestre! Terei a paciência de conservar-me fiel arauto da verdade entre homens pre-sunçosos, pérfidos, galvanizados na incredulidade por força dos gozos materiais? Oh! se eu pudesse ser poeta, escrever com caracteres de fogo os dramas do passado, esclarecer os encarnados sobre a vida de além-túmulo... Então, penso, nada macularia a limpidez da minha obra... Ligado, porém, aos homens, envolvido em suas lutas, interesses e ignomínias, não me deixarei assomar e apaixonar pelos pendores do meu espírito arrebatado, ao ponto de odiar e castigar como já me há sucedido? Agora, padre Amenófis, eu penso muitas vezes que, quando eu encarnava a personalidade de Mernéphta, tu me dizias constantemente que todo homem que atrofia e rebaixa, medir nte uma existência materialista, o princípio divino que o distingue, pode ser equiparado ao animal. Não vemos, na época atual, milhares de criaturas que, pervertidas no ateísmo, cegadas por um orgulho ridículo, ávidas de fortuna e gozos, levam existência instintiva de irracionais?

A esses, como conquistá-los? Como encontrar a pista de suas almas? Tu mesmo, tu, valoroso centurião que não há muito foste Allan Kardec; tu que na última encarna-ção te devotaste à fundação de uma doutrina que esclarece e consola a humanidade, quantos dissabores não amargas te?

— Não te importes, meu catecúmeno de antanho; — a tarefa que ora empreendes é pesada, mas também assaz nobre e bela para lhe devotares todas as energias do teu espírito resoluto e operoso. Trabalhar na grande obra da regeneração da humanidade demonstrando-lhe, com provas inconcussas, a imortalidade e responsabilidade do ser pensante, é missão digna de todo espírito generoso. Pensa nisso, meu amigo, e encontrarás energias para dominar os teus ímpetos violentos, e a tua palavra tocará e abrandará os corações endurecidos na carne. Precisarei assegurar-te o meu concurso? Não. Todavia, esperam-te muitas decepções, muitas deserções que, seja dito, não deverão desanimar-te, pois toda obra que se processa no meio humano é frágil e sujeita a mil vicissitudes. Que importa? O eterno e o verdadeiro acabam sempre por triunfar.

Vê a minha obra terrestre, na qual operei com toda a prudência e discernimento possíveis, por dar-lhe bases sólidas, entrosadas na verdade. Pois bem: desde que desencarnei — e muito pouco tempo há —, quantos negadores, detratores e acusadores não têm surgido, que pretendem refazer, emendar, melhorar e até trocar os princípios dessa obra? Desanimo ou me entristeço com isso? Não! Não, porque, naqueles pontos em que, porventura e malgrado minha boa vontade houver errado como homem, a verdade ressaltará, a todo tempo, e o que é verdadeiro e eterno permanecerá inexpugnável, superior a todos os ataques. Vai, pois, amigo, vai trabalhar também, sem precipitações nem desfalecimentos, vai continuar e complementar a minha obra.

À proporção que discorria, uma luz mais a mais intensa, reflexo de resoluções generosas, banhava o peris-pírito de Cáius Lucílius.

— Sim, como sempre, tens razão: — trabalharei, farei por dominar-me, beneficiar a Humanidade, continuar a tua obra; votar-me-ei a propagar a tua doutrina em toda a sua genuinídade, com todas as forças de minha alma e recursos de inteligência; combaterei sem tréguas pelos postulados de verdade que proclamaste, e o Criador de todas as coisas há-de amparar-me e bendizer os meus esforços e mágoas.

Um jato de fogo jorrou dos dois Espíritos e cintou-os num abraço cordial.

Depois, o Espírito de Kardec ascendeu aos paramos infinitos.

Sempre animado daquele generoso entusiasmo que acabara de experimentar, Cáius Lucílius (Rochester) continuava, com os seus companheiros, a aproximar-se da Terra. Bem depressa divisou uma grande cidade cujas ruas e casas estavam cobertas por um lençol de neve. Lançou, então, nq espaço, filetes luminosos que o atraíam e ligavam mais a criaturas que mal podiam suspeitar da sua presença invisível. Parou, por fim, diante de vasto, edifício em cuja portada se via uma águia de bronze, de asas abertas, a valer por símbolo de proteção aos que ali se abrigavam para o estudo e desenvolvimento do progresso.

Lançando em torno um olhar melancólico, o visitante espiritual penetrou um salão parcamente iluminado. Em linha de leitos paralelos, dormiam jovens criaturas inteiramente despreocupadas.

Era véspera de Ano-Novo, os asilados procuravam ler a sorte, tão curiosa sempre para os mortais, justamente porque a desconhecem.

O lugar diante do espelho estava, naquele momento, ocupado por uma rapariga nova, rosada, de traços infantis, cujos cabelos castanhos lhe caíam ondeantes sobre Hs espáduas nuas. Os olhos grandes, azuis, de estranho brilho, irradiavam esperança, um ingênuo otimismo da humanidade e da vida.

Mas, no mesmo instante, um jato de fogo lhe penetrou o corpo, flexando-lhe o coração. Ela estremeceu, seu olhar nublou-se e, pálida, comprimiu o seio com as mãos. O pressentimento das provas que aquele favor do céu havia de acarretar, fê-la dar um profundo suspiro. O Espírito acabava de ligar-se ao seu médium e dar-lhe, simultaneamente, a intuição do despeito, do ódio e do ciúme que o seu trabalho haveria de suscitar entre os homens.

Enleada, constringida pelo anel de fogo, a moça levantou-se mal disposta e atirou-se na cama. Rochester projetou sobre ela uma torrente de fluidos e logo o seu torpor se transformou em sono reparador.

“Descansa, filha, até ao momento em que devamos abrir a luta pela verdade. Assim me seja possível tornar-te calma, corajosa, indulgente, visto que a vida atual é um campo de batalha cujas conseqüências só na morte se podem avaliar...

Isto murmurou, enquanto se alçava ao espaço, obse-crando em prece ardente:

“Deus todo poderoso, ampara-me, sustenta-me na tarefa que me impus.”

ROCHESTER